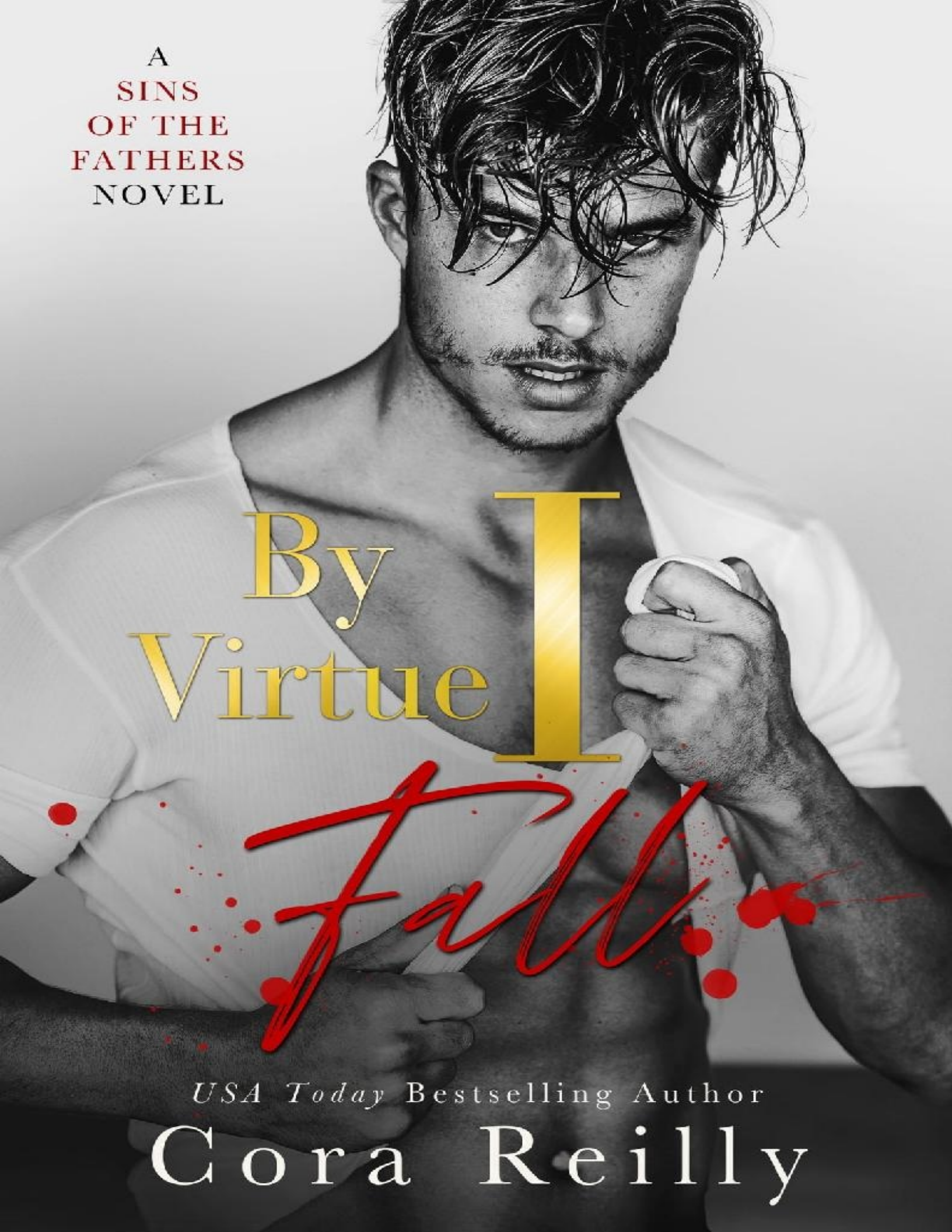

A
SINS
OF THE
FATHERS
NOVEL
By
Virtue
I
Fall
USA Today Bestselling Author
Cora Reilly



Família Wings

Tradução: Seraph

Revisão: Seraph e Angel

Leitura: Aurora

Formatação: Aurora e Angel

07/2022

Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo—os e disponibilizando—os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

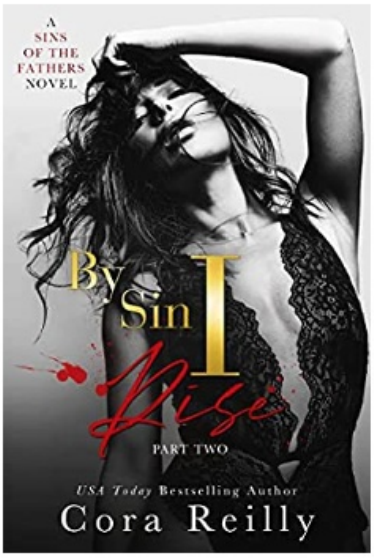
Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo—se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

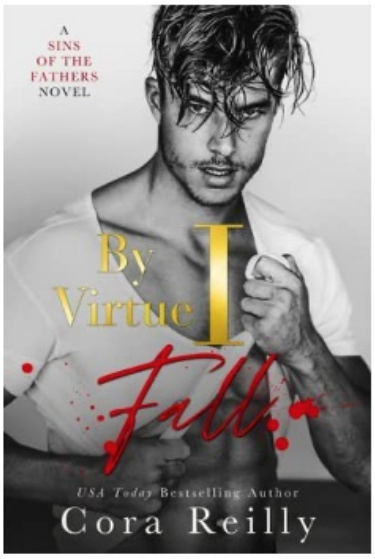
O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

A Série

Sins of the Fathers







Sinopse

O amor é um inconveniente para o qual Anna Cavallaro não tem tempo.

Ela só tem um objetivo: se tornar uma designer de moda. A elite de Chicago já copia seu estilo religiosamente, até porque ela é filha do notório chefe da máfia da cidade.

Quando ela é aceita em um instituto de moda mundialmente famoso em Paris, a condição de seu pai é levar seu guarda-costas junto.

Anna definitivamente não se importaria com algumas semanas de diversão sem compromisso com seu protetor taciturno

Santino Bianchi tornou-se o executor da Outfit porque gostava da emoção de caçar e matar.

Cuidar da filha de seu capo é uma tarefa honrosa que ele não pode recusar.

Seus pensamentos sobre Anna? Não tão honrados.

Santino ignorou o flerte persistente de Anna por anos. Agora, longe dos limites de casa eles começam a se confundir. Mas Santino não tem nenhuma intenção de ser o motivo de um noivado fracassado e do escândalo que se seguiria.

Uma aventura de verão em Paris.

Apenas duas coisas estão no caminho de Anna.

A vontade de ferro de Santino.

E... seu noivo.

By Virtue I Fall

USA Today Bestselling Author

Cora Reilly

Capítulo 01

SANTINO

Eu era um soldado leal.

Ser Executor para a Chicago Outfit tinha sido uma questão de orgulho. O fato de gostar de quebrar ossos e minha tarefa me permitir fazê-lo era um bônus adicional. Eu era bom nisso. Eu gostava.

O que eu não gostava era de ouvir a conversa fútil de uma adolescente.

Infelizmente, meus talentos brutais levaram meu Capo a me pedir para ser o segurança pessoal de sua filha.

Brincar de guarda-costas e babá de sua filha mais velha nunca foi minha ideia de servir à causa.

— Você não pode dizer não, — meu pai argumentou, seus olhos arregalados de alarme quando lhe disse que estava pensando em fazê-lo.

— Não sou como você, pai. Não tenho paciência para ficar ao lado de uma mulher da máfia mimada e ouvir suas reclamações sem fim com suas amigas. Sou um soldado, não uma babá.

— Você não pode dizer não ao seu Capo. É uma honra.

Balancei minha cabeça. — Quero trabalhar com as mãos. Quero quebrar ossos. Quero destruir nossos inimigos.

— Você deveria reconsiderar sua decisão, — papai disse implorando. — Se o seu Capo lhe pedir para se tornar o guarda-costas da filha dele, há apenas uma resposta viável, Santino, e é sim.

Não tinha absolutamente nenhuma intenção de reconsiderar minha decisão ou dizer sim, não importa o que papai dissesse. Arturo e eu formávamos uma boa equipe. Nós trabalhamos juntos como Executores por anos e ainda assim nunca ficou chato. Por que desistiria disso por um trabalho que, sem dúvida,

desprezaria?

Não importa o que Dante dissesse, me manteria firme e permaneceria como Executor.



— Por que você não vem até nossa casa para me falar sobre sua decisão? — Dante havia dito durante nossa breve ligação. —Cinco horas.

Ele desligou antes que pudesse lhe dar minha resposta pelo telefone. Suspirando, me resignei a uma reunião estranha com meu Capo. Dante tinha jeito com as palavras e uma sutil astúcia que fazia as pessoas fazerem o que ele queria.

Toquei a campainha, olhando para o meu Camaro preto 1969, esperando estar de volta dentro dele, correndo pelas ruas de Chicago em breve. Esses tipos de compromissos sociais eram a ruína da minha maldita existência e geralmente os evitava.

Não foi Dante quem abriu a porta, nem uma empregada. Na minha frente, sorrindo de maneira sofisticada e educada, estava Valentina Cavallaro. Ela era alta, com longos cabelos castanhos e olhos verdes que te prendiam como um gato fazia com um rato. Que ela pudesse me fazer sentir como uma dessas pequenas bolas de vermes me deixou ainda mais cauteloso para trabalhar em sua casa.

Dei-lhe um aceno de cabeça e recebi um sorriso educado em troca. — Seu marido me pediu para vir.

— Ah, eu sei, — disse ela. — Achei que seria uma ótima ideia que você encontrasse nossa filha imediatamente. Por que esperar?

Limpei a garganta, prestes a dizer o que vim dizer, quando Dante apareceu atrás de Valentina e colocou a mão em seu ombro. — Santino, — disse ele com um aceno curto.

— Estou feliz que Anna terá um guarda-costas tão capaz ao seu lado, —

disse Valentina, sem perder o ritmo, me dando o sorriso de uma mulher que tinha um jeito sutil de conseguir o que queria, e vendo isso soube exatamente por quê.

— A coisa é, — comecei enquanto Valentina me conduzia para dentro. Tanto Dante quanto Valentina olharam para mim.

— Sim? — Valentina perguntou.

As palavras do meu pai circularam o meu cérebro como uma mosca irritante que não se pode espantar. De pé na mansão dos Cavallaro e vendo seus rostos expectantes, percebi que não havia como recusar sua oferta. Pelo menos ainda não. Talvez pudesse trabalhar como guarda-costas por um ou dois anos e depois pedir a Dante para voltar a tarefa de torturar as pessoas para conseguir informações.

— As crianças geralmente não me suportam, — disse, o que não era realmente a verdade. As crianças eram atraídas por mim como moscas na merda, mas eu não tinha a paciência necessária para suportar sua presença.

Valentina riu. — Ah, não se preocupe. Anna se dá bem com todos. Ela é uma garota muito social e empática.

É claro. Porque os pais sempre achavam que seus filhos eram um presente de Deus para a humanidade, altruístas, altamente talentosos e bem comportados, quando a maioria deles eram pirralhos irritantes, mimados com tendências egocêntricas e uma propensão à honestidade que beirava a crueldade.

— Tenho certeza que ela é.

Passos soaram no andar de cima e um flash de cabelo castanho apareceu no topo da escada. Anna Cavallaro praticamente desceu as escadas brincando, seu rabo de cavalo balançando de um lado para o outro da maneira mais irritante possível. Como cereja no topo do bolo, ela estava usando um traje xadrez que até uma mulher na casa dos cinquenta se sentiria velha. Ela me deu um sorriso. Seus olhos brilhavam de excitação. Ela empurrou a mão na minha direção, olhando para mim. —Prazer em conhecê-lo.

Forcei um sorriso que parecia realmente congelar sobre a porra dos músculos do meu rosto. — Prazer, — soltei. Era uma mentira, mas pelo brilho

em seus olhos, ela não percebeu. Dante, no entanto, parecia enxergar através de mim. No entanto, ele não parecia descontente com a minha falta de entusiasmo ao conhecer sua filha. Ele sabia que minha capacidade de protegê-la não dependia de simpatia. Soltei sua pequena mão no segundo que a educação permitiu. Outra coisa que odiava pra caralho: ter que ser adequado. Agora que passaria meus dias por aí com a filha de Dante, meus xingamentos desenfreados e explosões de raiva eram coisas do passado.

— Vai ser divertido, — disse Anna.

Talvez ela achasse que seria seu amigo ou seu companheiro de brincadeiras pessoal. A garota teria uma surpresa desagradável esperando por ela. Eu a protegeria. Essa era a extensão do nosso vínculo.

— Então você vai me proteger com sua vida? — Ela perguntou com uma inclinação curiosa de sua cabeça, seus olhos azuis tentando me colocar no lugar e testar minha sinceridade.

E pela primeira vez hoje, não tive que mentir. — Vou te proteger até dar meu último suspiro.

Ou até que seu pai me mostre misericórdia e me tire da minha miséria.

Anna

A primeira vez que encontrei Santino, quase explodi de emoção. Só o tinha visto brevemente antes, mas mesmo assim, sua altura e rosto bonito fizeram meu estomago vibrar pela primeira vez na minha vida.

Estava animada por ele me proteger. Ele parecia ser divertido de estar por perto e não tão rígido com as regras. Achei que ele e eu nos daríamos bem.

Logo percebi que não seria o caso.

No começo, Santino ainda tentou disfarçar seu aborrecimento por ter que me proteger, mas ficou claro muito rapidamente. Ele não gostava de crianças, ou

de pessoas em geral. Ele não gostava quando falava com ele. Ou quando ria muito alto. Ou quando respirava muito perto dele. Ele mal tolerava minha existência.

E tinha certeza que apenas seu senso de dever o impedia de estrangular Leonas ou eu.



Eu estava com raiva. Realmente com raiva. Fui criada para ser bem comportada, educada e pensar antes de agir. Mamãe e papai eram ambos equilibrados e controlados em público. Eles eram o que eu aspirava ser.

Santino estava sentado à mesa na guarita com seu pai e o segundo guarda-costas de mamãe, Taft. Engoli em seco quando entrei na sala, mas tentei esconder meu nervosismo.

— Posso ter uma palavrinha com Santino? — Perguntei, minha voz firme. Senti-me orgulhosa de quão confiante e adulta tinha soado. As pessoas sempre me diziam que eu era uma velha alma escondida no corpo de uma criança de doze anos. Isso não os impedia de me tratar como uma criança.

A boca de Taft se contraiu e ele se levantou. — É claro.

O pai de Santino lhe lançou um olhar que não entendi antes de se levantar também. Com um breve sorriso para mim, os dois homens saíram. Santino recostou-se na cadeira, uma sobrancelha inclinada para cima de uma forma que provavelmente pretendia me insultar também. Aprendi a ler as contrações de seu rosto como uma forma de expressar o que ele não podia dizer em voz alta.

Não aguentava mais. — Se você me odeia tanto, por que concordou em se tornar meu guarda-costas? — Foi-se o equilíbrio e a confiança. Soava magoada e infantil, mas não pude evitar.

Santino soltou um suspiro momentâneo e praticamente pude ouvir seus pensamentos “Aqui vamos nós…”

— O que te faz pensar que te odeio?

— Porque você acha tudo que faço e digo irritante.

Ele não negou, e isso também doeu. Não tinha certeza de porque queria sua aprovação. Ele era apenas meu guarda-costas.

Santino se inclinou para frente, seus antebraços casualmente apoiados em suas coxas. — Você não sabe o que é ódio se acha que te odeio. E não te odeio.

— Mas você não gosta de mim.

— Não tenho que gostar de você para protegê-la.

Apertei meus lábios, sentindo uma ardência traiçoeira em meus olhos. — Você não deve proteger alguém que não gosta. Você deveria ter dito ‘não’ ao meu pai se odeia tanto o trabalho.

— Você não diz não se seu Capo te pede para proteger sua prole.

As pessoas raramente me diziam a verdade, a menos que fosse agradável ou mesmo lisonjeira.

Santino nunca poupou meus sentimentos. Era o que gostava nele, mas também detestava porque queria que ele fosse legal comigo porque também gostava de mim.

Afastei-me sem outra palavra. Não queria chorar na frente de Santino. Provavelmente só iria aborrecê-lo e me envergonhar, e já tinha feito o suficiente disso.

Passos pesados rondaram atrás de mim. — Anna, pare.

Não parei, nem reduzi a velocidade enquanto seguia pelo novo túnel subterrâneo que ligava nossa casa à guarita. Santino me alcançou em nosso porão, seus dedos agarrando meu braço. Parei e olhei para sua forma alta.

— Caso esteja preocupada que farei um trabalho ruim te protegendo porque não adoro o chão em que você pisa, não precisa se preocupar. Levo meu trabalho a sério. E vou te proteger com minha vida, mesmo se você me irritar.

— Isso é um consolo, — falei, deixando a zombaria que normalmente só mostrava para Leonas passar. Se Santino não se incomodasse em ser educado, eu também não o faria.

No começo, seu desinteresse por mim e sua falta de conversa me incomodaram, mas eventualmente aprendi como tirar uma reação dele, qualquer tipo de reação realmente. Tornou-se meu passatempo favorito irritar Santino até que ele não pudesse mais ignorar minha existência.

Capítulo 02

ANNA

Sentei-me na grama e arrastei o lápis sobre o papel. O sol da tarde aquecia minhas costas.

Levei horas convencendo Santino a me levar até a natureza para que pudesse desenhar algo além do interior de nossa casa ou quintal. Ele acabou me levando a um parque perto de casa e desde então agia como se eu fosse o ar.

Lancei outro olhar para ele. Ele estava alguns passos à minha direita com os braços cruzados enquanto observava nossos arredores. Qualquer um com meia mente saberia que ele era meu guarda-costas.

Risquei o lápis sobre o papel enquanto tentava acertar a linha afiada de sua mandíbula e a carranca de mau presságio. Santino já era meu modelo favorito há algum tempo, claro, ele não sabia. E podia imaginar o que ele diria se soubesse que todas as nossas viagens para locais diferentes tinham sido inúteis porque era sempre ele que eu desenhava. Às vezes tomava liberdade com suas roupas e as trocava por roupas de outro século fazendo minha criatividade fluir. Hoje escolhi um chapéu e botas de cowboy como sua roupa.

Seus olhos cortaram para mim e, como de costume, o brilho áspero neles enviou um arrepio agradável pelas minhas costas. Ninguém mais me fazia sentir assim, definitivamente não os meninos infantis da minha idade.

As pessoas queriam me agradar. E não tinha problemas para trazer as pessoas para o meu lado, mas minhas habilidades sociais eram completamente inúteis contra a teimosia de Santino. Ele queria odiar o trabalho e, assim, não gostar de mim, e não se permitiria sentir diferente.

Eu não era estúpida. Sabia que minha paixão por Santino era

completamente ridícula por vários motivos, o principal deles era que ele era dez anos mais velho que eu. Ainda assim, às vezes sonhava em como seria quando eu fosse mais velha.

Voltei meu foco para o meu desenho, sombreando as calças de caubói. Perdida em pensamentos, percebi tarde demais quando uma sombra caiu sobre mim. Minha cabeça disparou para encontrar Santino olhando para mim e meu desenho dele.

— Você não deveria me desenhar, — ele rosnou, arrancando o papel da minha prancheta.

— Você tem uma mandíbula muito proeminente. É um objeto atraente, — falei.

Pude ver que Santino achava que eu era louca. — E por que diabos você me fez parecer um caubói?

Dei de ombros. — Está ficando chato te desenhar de jeans, camisa e jaqueta de couro o tempo todo.

Santino balançou a cabeça, murmurando algo baixinho, e rasgou meu desenho.

— Ei! — Gritei enquanto pulava e tentava arrancar os restos do meu trabalho de suas mãos. Foi inútil. Santino simplesmente me bloqueou com seu lado e amassou calmamente os pedaços de papel em uma pequena bola. — Não me desenhe, Anna. Se tiver que responder ao seu pai porque ele encontrou desenhos meus em seu quarto, vou ficar chateado.

— E como isso é diferente do seu humor habitual? — Perguntei com altivez. — Você é praticamente Grumpy Cat[1] em forma de mafioso.

Santino apenas me encarou, mas estava acostumada com sua expressão sombria, e teimosamente olhei de volta. — Vamos voltar para casa agora e você vai me entregar todos os seus desenhos meus, entendido?

— Entendido.



De volta a casa, Santino me seguiu até meu quarto como uma sombra estrondosa e observou enquanto eu abria a gaveta superior da minha mesa, onde guardava a maioria dos meus desenhos de Santino. Entreguei-lhe cerca de duas dúzias de desenhos. Ele os folheou, balançando a cabeça ocasionalmente, e uma vez suas sobrancelhas subiram muito alto. Presumi que fosse o desenho dele no guarda-roupa de Luís XIV.

Ele nivelou os olhos em mim e os estreitou. — Há mais.

Fiz uma cara inocente.

Santino apontou para o desenho no topo da pilha. — Esse não é tão bom e detalhado quanto o desenho que vi hoje. Isso significa que você progrediu desde então e, como é um pouco perfeccionista, deve ter mantido seus melhores desenhos separados para admirá-los.

Corei e por um breve momento, meu olhar voou para minha mesa de cabeceira. Santino cambaleou em direção a ela e tentou abrir a gaveta, mas estava trancada. Não queria que Leonas conseguisse material de chantagem contra mim. Santino tateou debaixo da cama e então sorriu. Minha boca se abriu quando ele puxou a pequena chave que prendi na parte de baixo da armação da minha cama e abriu a gaveta.

— Isso é privado! — Assobiei, mas ele já tinha pego uma pilha de quinze desenhos dele. O de cima mostrava Santino de mãos dadas com meu eu adulto. Usei um aplicativo de computador para me envelhecer e depois me desenhei ao lado de Santino.

Realmente esperava que ele não me reconhecesse. O olhar que ele me deu esmagou minha esperança. — O que é isso?

Engoli em seco e dei de ombros.

— Sei que deveria ser você, Anna. Reconheço você, sem mencionar a ridícula roupa xadrez da Chanel que ninguém com menos de setenta anos usaria.

— Chanel é moda, não importa a idade, — disse indignada.

— Você não vai me desenhar nunca mais, entendeu? Este é o meu último aviso. — Ele saiu, sem esperar pela minha resposta.

O constrangimento ainda aquecia minhas bochechas e estava à beira de um grito de raiva quando percebi algo: Santino havia prestado atenção suficiente nos meus desenhos para notar as diferenças em meu progresso nos últimos meses.

Um sorriso se espalhou no meu rosto.

— Anna? — Mamãe chamou e empurrou a porta que Santino havia deixado entreaberta, enfiando a cabeça para dentro.

— Posso ter uma palavrinha com você?

Percebi a tensão ao redor da boca de mamãe. Ela compartilhava os mesmos lábios carnudos comigo, mas agora os dela pareciam uma linha dura. Santino tinha me delatado? Não podia imaginar. — Tem alguma coisa errada?

— Oh não, querida, — mamãe disse quando entrou e afundou no banco acolchoado no batente da janela.

Afundei ao lado dela, me perguntando o que era.

— Com seu décimo terceiro aniversário chegando muito em breve, seu pai e eu achamos que agora poderia ser um bom momento para discutir seu futuro com você.

Isso não era completamente inesperado. Como filha do Capo, todos esperavam com a respiração suspensa a quem eu seria prometida. — Sim?

— Seu pai e eu passamos os últimos meses pensando em um possível vínculo. Não queríamos apressar as coisas, principalmente porque o menino que temos em mente para você pode ser alguém inesperado.

Tinha ouvido rumores de que casaria com alguém da União da Córsega para fortalecer a Outfit, mas eu conhecia meu pai. Ele nunca permitiria que eu me tornasse parte de outra família mafiosa. Ele estaria muito preocupado com a minha segurança. Papai nem me deixava sair de Chicago, mesmo que isso limitasse drasticamente meus possíveis futuros maridos. O filho de um subchefe nunca iria querer deixar sua cidade por mim.

— Você conhece Clifford Clark, não é?

Minha boca formou um O. Ele não era alguém que tinha em mente quando se tratava de casamento. — Jogamos tênis juntos. — Juntos era um termo abstrato neste caso. Ele e eu nunca tínhamos jogado em dupla ou um contra o outro, mas jogávamos no mesmo clube e, de vez em quando, nosso treinador de tênis criava grupos de alunos para trabalhar certas habilidades. Algumas vezes Clifford e eu estivemos no mesmo grupo, mas além de um rápido ‘oi’, nunca tivemos uma conversa real. Ele sempre teve um grupo de amigos ao seu redor como uma comitiva.

— Seu pai está trabalhando com o pai dele. A cooperação é importante para a Outfit e estamos tentando criar um vínculo mais forte entre nossas famílias. Ter conexões com a elite política pode ser uma vantagem.

Quebrei meu cérebro tentando lembrar minha última memória dele. Foi há vários meses. Ele e alguns meninos estavam sentados nas arquibancadas enquanto Luisa e eu jogávamos tênis. Clifford era alto e loiro, meio bonito. Se ao menos meu cabelo fosse loiro, todas as pessoas que imploravam por um casal de ouro teriam um dia de glória. Ri, fazendo minha mãe me dar um olhar de perplexidade.

— Só achei que ele seria perfeito para satisfazer os entusiastas do casal de ouro. Mas Leonas provavelmente teria que tomar meu lugar.

Mamãe riu. — Esses rumores de casal de ouro nunca vão parar.

Sabia que muitos queriam que papai se casasse com alguém que não fosse a mamãe exatamente por esse motivo.

Mamãe colocou a mão sobre a minha. — Você está levando isso melhor do que achei que levaria.

Levantei minhas sobrancelhas. — Estou surpresa, mas não vejo por que deveria estar preocupada. Todo mundo tem um casamento arranjado. — Então apertei meus lábios, me perguntando por que mamãe estava preocupada. — Ou você acha que não vou mais pertencer à Outfit se me casar com um homem que não seja relacionado à máfia?

— Querida, você sempre fará parte da Outfit. Seu casamento com alguém como Clifford ajudaria a Outfit, o que todos apreciarão muito. Sua família é muito influente e se seu pai se tornar senador, isso só vai melhorar.

Balancei a cabeça. A Outfit seria intocável se tivéssemos o apoio de uma importante família política. Sabia que papai se preocupava muito com nossa segurança e a força da Outfit. Se pudesse ajudá-lo, por que não o faria?

— E você teria mais liberdade em um casamento com um homem de fora. Poderia estudar arte, talvez até trabalhar na área. Nossos homens não são tão liberais.

— Você e papai já concordaram com o casamento?

— Não, — mamãe disse imediatamente. — Queria falar com você primeiro.

Mordi meu lábio. Era estranho pensar em me casar com alguém que mal conhecia, ou pensar em casamento. Sempre que passava pela minha cabeça, era uma ideia muito distante. Agora virou realidade. — Posso falar com ele durante o treino amanhã? Quero ter uma ideia dele.

Mamãe sorriu. — Claro, mas ele não suspeita de nada. Sua família não quer divulgar nada a ele até que as coisas sejam mais concretas.

— Não vou dizer nada. Vou encontrar uma desculpa para conversar com ele.

— Você é uma garota inteligente. Tenho certeza de que ele não suspeitará de nada. — Mamãe beijou minha têmpora. — Conte-me como foi, ok?



Luisa parecia mais nervosa do que eu, como se tivesse que se casar com Clifford. Depois de nos vestirmos com nossas saias brancas de tênis e camisas combinando, ela e eu fomos para as quadras. Meu olhar percorreu o amplo espaço até encontrar Clifford na penúltima quadra, jogando contra um de seus

amigos, um garoto de ascendência asiática, cujo nome eu não sabia.

A quadra ao lado deles estava vazia, então levei Luisa até lá.

— Pare de olhar para eles como se tivesse algo a esconder, — murmurei quando entramos na quadra. Luisa não tinha um osso enganador em seu corpo. Ela era boa demais. Éramos como o bom policial e o mau policial.

Ela corou. — Não posso evitar!

— Concentre-se na bola, — disse e joguei uma bola de tênis para ela antes de me posicionar do outro lado da rede. Apenas uma barreira baixa separava nossa quadra de tênis da próxima, onde Clifford e o outro garoto estavam envolvidos em uma partida acalorada.

Luisa e eu jogamos de um lado para o outro por um tempo antes de eu atirar a bola para o lado de Clifford. Corri até a barreira. Clifford pegou a bola com uma carranca. — Ei, preste atenção onde está lançando sua bola. Você interrompeu nosso jogo.

Ele jogou a bola para mim, nem mesmo se preocupando em se aproximar. Apertei meus lábios. Rude. Ele era como me lembrava dele, alto, cabelo loiro ondulado e membros esguios.

Sua grosseria me atingiu do jeito errado. Virei-me em um humor azedo.

Luísa deu de ombros. Não me incomodei com outra tentativa de contato, e ouvir a conversa deles era discutível. Eles estavam muito focados em sua partida.

Mais tarde, no bar de sucos, tentei a sorte novamente e me acomodei em uma cadeira de bar perto de Clifford e seu amigo. A conversa deles sobre Lacrosse quase me fez adormecer. Logo mais dois meninos se juntaram a ele e seu amigo.

Nunca tinha prestado muita atenção em Clifford Clark, e agora sabia por quê. Nós não compartilhávamos as mesmas companhias ou interesses. Ele era o mauricinho, usando polos, tipo favorito do professor. Seus registros eram tão limpos quanto seu traje de tênis.

Eu sabia que seus pais tinham seus próprios segredos, mas eles não eram

tão sombrios quanto os que os meus carregavam. Clifford e eu vínhamos de mundos muito diferentes. Ele e seus amigos achavam que eram durões. Eu sabia como era a verdadeira dureza. Não tinha certeza se poderia gostar de alguém como ele, muito menos respeitá-lo.

Mamãe perguntou ontem se poderia me imaginar casando com Clifford um dia. Sempre soube que teria um casamento arranjado. Para a filha de um Capo, não havia outra opção. Neste momento, tinha dificuldade em considerar Clifford como qualquer coisa.

Os quatro meninos migraram para uma mesa na sala de jantar do clube de tênis, pedindo sanduíches, batatas fritas e refrigerantes. Pelo menos nesse aspecto, eles não eram tão pretensiosos quanto pareciam. Se Clifford tivesse pedido uma tigela de açaí ou sashimi de atum, teria traçado uma linha.

Santino apareceu na porta, obviamente cansado de esperar. — Por que você está demorando tanto? Não pode levar seus sucos verdes para viagem?

Revirei os olhos. — Precisamos relaxar após o treino. Dê-nos mais alguns minutos.

Santino se empoleirou em uma banqueta vazia. A garota que trabalhava no balcão imediatamente caminhou até ele, jogando o cabelo de forma sedutora. — O que posso fazer por você? Talvez uma boa vitamina com gengibre? É picante e lhe dará um estímulo extra.

A expressão de Santino quase me fez rir alto.

Santino consegue seus estímulos de uma maneira muito diferente, a maioria deles envolvendo facas e armas.

— Café preto, o mais forte possível.

Ela sorriu quase reprovadora. — Muita cafeína não é favorável à sua saúde.

Sabia o que ele estava pensando: *irritar-me também não...*

Luisa me cutucou, tirando meu foco de Santino e voltando para a mesa com meu possível futuro marido.

Ainda ouvia Santino e a garota enquanto Luisa e eu observávamos Clifford

discretamente.

— Estou bem, — Santino disse rispidamente quando a garota não parou de importuná-lo com sugestões de suco e finalmente entendeu a dica.

— Ele parece bem legal, — disse Luisa, olhando Clifford criticamente.

Ele não era feio. Ele era quase bonito demais para um menino. Dei de ombros. — Ele é um menino. Um menino rico.

— E você é uma garota rica, — comentou Santino.

Pulei, minhas bochechas em chamas. A indignação me encheu quando olhei por cima do ombro para Santino, que se esgueirou atrás de nós. Ele estava sempre perto, mas não pensei que ouviria nossa conversa.

— Ela é filha de um Capo, — Luisa disse quase chocada, então sorriu sem jeito.

— Obrigado pelo aviso, — Santino disse. Ele lançou os olhos para o céu, balançando a cabeça e murmurando algo baixinho. —Quanto tempo mais você vai levar para perseguir esses garotos? Não tenho paciência para paixões estranhas de pré-adolescentes.

Ele não se incomodou em baixar a voz. Clifford e os outros caras nos olharam e então o garoto asiático cutucou Clifford com um sorriso e todos começaram a rir.

Fiz uma careta para Santino. — Ótimo, agora ele acha que tenho uma queda por ele.

Pulei da banqueta e fui em direção ao carro, Luisa em meus calcanhares. Santino passeava atrás de nós, quase entediado. —Não é esse o caso?

Empurrei meus punhos em meus lados. — Não, não é. Mamãe e papai estão pensando em me casar com Clifford Clark, o menino loiro. Ele é filho de um político.

Santino me lançou um olhar, seu rosto refletindo tédio. —Tenho certeza de que eles têm suas razões, — disse ele de uma maneira que sugeria que não se importava com quem era, nem que eu me casasse.

Mordi o lábio e calei a boca. Santino tinha um jeito de me fazer sentir

estúpida e como uma criança sem realmente me insultar. Seu olhar dizia mais que mil palavras.

O estranho era que, enquanto a grosseria de Clifford hoje me fez querer ficar longe dele, a abrasividade de Santino só me deixava mais ansiosa para estar perto dele.



Quando mamãe entrou no meu quarto naquela noite para falar sobre Clifford, não lhe falei sobre minhas dúvidas. Sabia o quão importante seria para a Outfit e queria fazer minha parte ajudando.

— Isso não se tornará público por muito tempo. E pelo que percebi, os Clark não vão contar a Clifford agora. Eles querem esperar até que ele seja mais velho e possa entender as razões de sua decisão.

Balancei a cabeça. Para pessoas fora do nosso mundo mafioso, os casamentos arranjados eram raros. Seus pais provavelmente temiam que ele não fosse capaz de lidar com a situação ou deixasse algo escapar para os outros por acidente. Tinha que admitir que estava feliz por ele não saber até mais tarde. Dessa forma não teria que falar com ele novamente em breve.

Estava orgulhosa que meus pais sabiam que eu era forte o suficiente para lidar com meu futuro assim. E queria continuar deixando-os orgulhosos, mesmo que isso significasse aturar Clifford.

Capítulo 03

SANTINO

Cinco anos.

Cinco malditos anos.

Hoje era o aniversário do meu primeiro dia como guarda-costas de Anna Cavallaro, e como se ela tivesse marcado a data, fez o seu melhor para me irritar. Não que não fizesse isso em nenhum outro dia do ano, mas hoje ela foi além.

Podia ver seu rosto presunçoso no espelho retrovisor. Cerrando os dentes, concentrei-me no longo caminho que nos levava a casa do lago da família Cavallaro.

Sentia falta do meu Camaro, das vibrações sutis, do assento desconfortável, do zumbido impaciente do motor. Mas no trabalho, era forçado a dirigir uma Mercedes para que Anna e Leonas estivessem seguros e confortáveis. Não queriam que suas bundas mimadas sentissem a estrada esburacada.

— Você sabe se algum dos guardas fuma? — Perguntou Leonas.

— Acho que um dos guardas de Sofia fuma, — disse Anna, lançando um olhar para mim. Às vezes queria pegar a pirralha, jogá-la sobre minhas pernas e dar-lhe uma surra.

— Se pegar qualquer um de vocês fumando, vou bater nas duas bundas com a porra do meu cinto.

— Excêntrico, — Anna disse, e por um segundo, não tinha certeza se tinha ouvido direito.

Ela realmente disse isso?

Pisei no freio com mais força do que o necessário, fazendo o carro parar prematuramente antes das vagas de estacionamento.

Anna e Leonas saltaram para frente. O último batendo a cabeça contra o

banco do passageiro porque ignorou minha ordem de colocar o cinto.

— Porra, por que isso? — Leonas resmungou.

Saí sem dizer uma palavra antes que pudesse fazer algo que Dante me faria arrepender. O carro de Samuel e o guarda-costas pessoal de sua irmã Sofia, Carlo, já estavam estacionados em frente ao alojamento. Samuel era sobrinho de Dante e do tipo taciturno, então não teria que me preocupar com ele me dando nos nervos também.

Anna saiu também, erguendo uma sobrancelha para mim enquanto alisava aquela ridícula roupa xadrez da Chanel que ela usava. — Você parece no limite, Sonny.

Dei-lhe um sorriso afiado, engolindo uma resposta muito dura.

— Entrem. — Acenei com a cabeça em direção à porta da frente da grande cabana de madeira. — E levem sua própria bagagem.

Entrei, sem esperar por eles. Atrás de mim, podia ouvi-los brigando por causa da bagagem.

Vozes masculinas baixas vieram da sala e encontrei Samuel e Carlo lá dentro.

— Santino, — Samuel disse com um aceno curto. — Dia estressante? — Ele examinou meu rosto.

— Você não tem ideia.

Anna e Leonas entraram, o último carregando a mala dele e de Anna. Eu só tinha feito uma mala.

— Oi Samuel, — Anna disse com um sorriso brilhante e abraçou seu primo. Então ela deu um sorriso amigável para Carlo e apertou sua mão. Ela podia ser encantadora, tinha que lhe dar isso, a senhorita perfeita.

Passos trovejaram escada abaixo. Presumi que era Sofia, a cúmplice de Anna e irmã de Samuel.

Ela correu para a sala, e olhei duas vezes quando a vi. Ela estava usando um biquíni branco minúsculo e exibia curvas femininas. Quantos anos ela tinha?

Dezessete. Porra. Sempre esqueci que Anna faria dezessete em breve

também. Ainda a via como a garota irritante.

Cinco malditos anos e sem fim à vista. Enquanto ela não se casasse, eu seria seu guarda-costas. Realmente esperava que Cliffy tivesse sua própria equipe de segurança uma vez que os dois fechassem seu fadado vínculo.

— Esse biquíni parece quente em você. Boa escolha, — Anna disse quando se soltou do abraço de Sofia.

Leonas assentiu, recostando-se no sofá com um sorriso de comedor de merda. — Sim, você parece um pedaço de bunda quente.

— Cala a boca, — rosnei mesmo que o merdinha tivesse falado a verdade.

Samuel caminhou até Leonas e bateu na parte de trás de sua cabeça. — Cuidado. Você ainda não é Capo, então ainda podemos chutar sua bunda magrela até que suas bolas murchem para o tamanho de passas.

— Como se elas fossem maiores do que isso, — Anna murmurou, dando a Leonas um sorriso presunçoso.

Como se ela já tivesse visto as bolas de alguém. — Não me importa que vocês dois torturem um ao outro. A única coisa que me importa é que voltem para Chicago mais ou menos vivos e que não me fodam.

— Nossos outros guarda-costas não dizem foda porque nossa mãe odeia a palavra, — disse Leonas.

Estava perto de explodir. — Apresente um relatório oficial e veja se me importo. — Virei-me para Samuel e Carlo. — Estou indo para casa da guarda. Vou confiar que vocês os mantenham vivos.



Não voltei para a casa principal até o jantar, o que foi surpreendentemente agradável graças ao fato de que Anna estava ocupada conversando com Sofia e Emma, e não podia se incomodar em me irritar. Isso, e o fato de que não confiava que os outros guardas fizessem um bom trabalho vigiando todos os adolescentes sozinhos, foi por isso me juntei a eles depois que todos se

acomodaram ao redor da fogueira. Infelizmente, Anna sentou-se à minha frente e sua expressão prometia problemas.

— Quero dar um mergulho, — disse Leonas com um sorriso que eu conhecia muito bem. Esse garoto era a cara de Dante, mas suas maneiras de causar problemas estavam muito longe da atitude equilibrada do meu Capo. Quando concordei em me tornar o guarda-costas de Anna, não levei em consideração que seu irmão igualmente irritante faria parte do acordo também.

Samuel me deu uma olhada antes de se virar para Leonas. — Parece bom. Talvez uma criatura do lago te devore.

Anna encontrou meu olhar em desafio. — Poderíamos nadar pelados.

Quase disse vá em frente. Ela provavelmente teria um ataque cardíaco vendo toda a nudez com seus olhos virtuosos, mas até agora tinha evitado vê-la em qualquer estado de nudez e queria continuar assim. Terminei minha cerveja. — As roupas ficam, e vocês dois não vão brigar como crianças mal comportadas.

— Não sou uma criança, Sonny, — Anna murmurou.

Desejei que meu pai não tivesse me chamado de Sonny por acaso perto dela.

Ela nunca pararia de me irritar com o apelido odioso.

Leonas se levantou de sua cadeira e se despiu, ficando com uma cueca samba-canção. — Estou indo. Continuem batendo papo.

Ele correu pelo caminho até o convés inferior e se catapultou na água preta com uma bomba de bunda.

Samuel seguiu logo depois.

Anna ainda estava me observando com um sorriso ousado. Ela não tirou os olhos de mim quando se levantou e começou a desabotoar o vestido de verão que estava usando. Inclinei-me para trás, tentando manter minha expressão fria. Ela queria tirar uma reação de mim. Se ela achava que seu pequeno strip-tease me irritaria, estava enganada. O último botão se abriu e ela abriu o vestido deixando-o deslizar lentamente pelos ombros. Simplesmente olhei de volta para

o rosto dela. Não era um adolescente que coraria e riria porque a via de calcinha. Claro, ela parecia uma mulher, uma mulher bonita, mas era preciso mais do que isso para conseguir uma reação minha.

Seus olhos brilharam com raiva pela minha falta de reação antes que ela corresse em direção ao lago e mergulhasse.

Balançando a cabeça, levantei-me e puxei minha camisa para fora do meu jeans. — Vou pedir a porra de um aumento salarial assim que voltar a Chicago.

Emma riu como se achasse que era uma maldita piada. Meu rosto parecia que eu estava brincando?

Ignorando-a e a Danilo, desci para o convés inferior, seguindo o riso de Anna e Leonas.

Pulei de cabeça. Precisava me refrescar por várias razões e estava feliz pelo silêncio sob a superfície da água pela primeira vez. Quando emergi depois de quase um minuto, risos e gritos chegaram até mim. Flutuei de costas enquanto me certificava de ficar de olho nos meus dois encrenqueiros.

Meu momento de paz durou pouco quando Anna começou a nadar em minha direção.

— Você nunca se diverte? — Anna perguntou, pairando ao meu lado.

— Sim. Quando não estou trabalhando.

Anna começou a boiar ao meu lado, revelando muito de seu corpo. Lancei meus olhos para o céu. — Você quer dizer quando não tem que estar perto de mim.

Não disse nada. Seu corpo flutuou mais perto de mim e nossos braços se tocaram, e estourei. — Não sou seu amigo, Anna. Sou seu guarda-costas. Mesmo que você não possa agir profissionalmente para salvar sua maldita vida, tenho que fazê-lo.

A expressão de Anna ficou gelada, mas ela não teve a chance de retrucar porque Sofia começou a gritar. Endireitei-me na água, examinando a área enquanto agarrava o pulso de Anna. Ela também parou de flutuar e nadou ao meu lado.

Claro, acabou sendo a porra de uma alga marinha que se enrolou na perna de Sofia. Anna sorriu para mim. Por uma vez sem provocação. — Você imediatamente me agarrou para me proteger.

— Esse é o meu trabalho.

Ela assentiu, mas ainda me deu aquele sorriso estranho. Fiquei feliz quando ela nadou até Sofia para ter uma conversa de garotas.

Não estava mais com vontade de nadar, então fui até a escada. A essa altura, Sofia já havia saído e voltado para casa, deixando apenas Anna no convés. — Você deveria ir para a cama. Não quero ter que cuidá-la quando estiver resfriada, — murmurei.

Ana revirou os olhos. — Estava indo para o chalé de qualquer maneira. — Ela agarrou a escada.

— Deixe-me ir primeiro, — ordenei. Não queria ter sua bunda bem acima da minha cabeça enquanto ela saía. Anna soltou o corrimão com uma carranca e abriu espaço para que eu pudesse subir primeiro. Quando estava no convés e olhei para a água, Anna me deu um sorriso conhecedor. — Gostei muito da vista.

— Saia. — Fiz um gesto para Leonas. — Você também, — Leonas resmungou, mas nadou em nossa direção.

Anna agarrou o corrimão e subiu. Imediatamente arrepios passaram por sua pele. Estava frio pra caralho. Voltei para o convés superior onde deixamos as toalhas e peguei três, em seguida, voltei até Anna, que já estava na metade do convés. Deixei cair duas toalhas então desdobrei uma e a estendi para Anna. Ela me permitiu envolvê-la em seus ombros e inclinou seu corpo em minha direção enquanto olhava para mim com um sorriso suave. — Obrigada, Santino.

Soltei seus ombros rapidamente e balancei a cabeça enquanto dava um passo para trás. Desejei que papai não tivesse me ensinado a ser um cavalheiro. Na maioria das vezes, conseguia evitar agir como um. Anna não se mexeu, apenas olhou para mim, ainda aconchegada na toalha.

Arrastei meus olhos para longe dela, peguei as outras toalhas e joguei uma delas na cabeça de Leonas.

— Ei! — Ele protestou, então estreitou os olhos para mim. — Por que você não *me* aconchega com uma toalha?

— Não aconcheguei ninguém, então pare de falar merda, — rosnei. Leonas passou por mim, secando o cabelo com a toalha com um bufo.

Anna também finalmente começou a andar em direção ao chalé. A segui de perto, secando meu cabelo. Quando ela parou abruptamente e se virou, não consegui parar rápido o suficiente e esbarrei nela. Por sorte, ela estava com a toalha enrolada em si mesma.

— Você sabe, Santino, — ela disse com uma voz doce, me olhando através daqueles malditos cílios longos. — Papai não vai te matar por me secar. — Ela pressionou a palma da mão contra o meu peito nu. — Ele pode te matar por todas as outras coisas que faremos em breve.

Que porra? Agarrei seu pulso e empurrei para baixo, então dei um passo para trás. Este era um jogo que não jogaríamos. As apostas eram muito altas. — Nós não vamos fazer nada, Anna, e se me tocar assim de novo, vai se arrepender.

Ela segurou meu olhar e seu sorriso se alargou antes que se virasse e se dirigisse para a casa.

— Porra! — Rosnei. — Foda-se esse maldito trabalho. Foda-se tudo!

— Qual é o seu problema? — Perguntou Samuel.

Fiz uma careta para ele. Ele era primo de Anna, sobrinho de Dante e definitivamente não alguém em quem confiaria.

Este era um assunto delicado, e havia apenas duas pessoas com quem compartilhava esse tipo de coisa. Arturo e papai. Infelizmente, seus conselhos eram geralmente prejudicialmente opostos uns dos outros.



Encontrei-me com Arturo assim que voltamos a Chicago.

Como sempre, o conselho de Arturo era impraticável, então decidi conversar com alguém que não fosse louco e cuja bússola moral não estivesse

tão fora de controle. Papai ficou surpreso quando apareci uma tarde. Normalmente, só nos víamos no trabalho ou em festas de família. Como papai morava sozinho, não era como se ele alguma vez tivesse convidado a mim ou minha irmã para jantar ou tomar chá.

— Estou pensando em pedir demissão.

— Sua posição de guarda-costas? — Papai perguntou alarmado.

— Qual outra?

— Santino, — papai começou na mesma voz que usava comigo quando era uma criança pequena.

— Anna está empurrando todos os meus botões. Acho que ela está flertando comigo.

Os olhos de papai se arregalaram em choque, então ele me deu um sorriso incrédulo. — Anna é uma boa menina, Sonny. Ela nunca faria avanços em um homem antes do casamento.

— Ela engana todo mundo.

Papai balançou a cabeça novamente. — Talvez você esteja interpretando mal o comportamento dela. Ela é inexperiente em lidar com homens, então provavelmente não sabe o que está fazendo.

Dei-lhe um olhar. — Confie em mim, pai, ela sabe exatamente o que está fazendo.

A preocupação tomou conta de seu rosto. — Você não aceitou esses avanços, certo?

Ele ainda disse avanços como se eu os tivesse inventado. Porra, Anna era boa. Ela realmente enganava todo mundo. Aquela garota estava me usando para seu próprio entretenimento pessoal. Caramba.

— Claro que não, pai. Você deveria me conhecer melhor.

Ele me deu um olhar *oh, por favor*. — Você tomou decisões infelizes em relação as suas parceiras sexuais no passado.

Obrigado pelo voto de confiança…

— Ocasionalmente transo com mulheres casadas. Mas há duas grandes

diferenças entre elas e Anna. Elas não são minhas protegidas e são maiores de idade. São grandes diferenças para mim.

— Não tinha certeza, para ser honesto. Sua amizade com Arturo me deixa preocupado que você possa esquecer algumas das regras que lhe ensinei.

— Arturo gosta de matar e torturar. Isso não tem nada a ver com minhas preferências sexuais. — Falar de sexo com meu pai era estranho pra caralho, mas se ele não tivesse um problema, eu definitivamente não teria um. Quase nada neste planeta me envergonhava.

— Tenha cuidado, ok? Se você perder o controle, haverá provas.

Quase morri de rir. Provas? Papai realmente achava que eu era como uma cadela no cio. — Não se preocupe. Posso me controlar. Nunca haverá nada físico entre eu e ela.

Capítulo 04

ANNA

Ainda estava um pouco de ressaca da minha festa de aniversário de dezessete anos no dia anterior. O presente de Leonas foi um frasco com vodka que me deu uma boa sensação durante toda a minha festa controlada por adultos.

Infelizmente, hoje minha família e eu fomos convidados para jantar na casa dos Clark. Os pais de Clifford finalmente contaram ao filho sobre nosso futuro casamento e agora deveríamos nos encontrar oficialmente. Ele e eu não conversamos desde que Santino me envergonhou na frente dele anos atrás e nunca senti a necessidade de me aproximar dele. Eventualmente, não teríamos escolha, mas até então queria fingir que meu futuro ainda era um mistério.

Uma coisa era certa: não estava com disposição para esse tipo de jantar gelado, mas, como sempre, as obrigações sociais eram mais importantes do que as preferências pessoais. Nunca reclamava. Mamãe e papai também não, e sabia que eles tinham tanto interesse em passar a noite com os Clark quanto eu.

A casa dos Clark era uma mansão esplêndida para a qual haviam se mudado recentemente. O Sr. Clark provavelmente disse que foi o dinheiro da família de sua esposa ou seu salário de senador que lhe permitiu possuir um lugar como este na Costa Dourada de Chicago. Eu tinha minhas próprias suspeitas sobre seu recente aumento em fundos líquidos. Se havia uma coisa que a Outfit tinha mais do que suficiente, era dinheiro. Realmente esperava que papai não tivesse que subornar os Clark para casar Clifford comigo. Isso seria nojento.

Uma empregada de uniforme cinza claro abriu a porta quando tocamos a campainha e nos levou para uma grande sala de estar com carpete macio e elegantes sofás brancos. A família Clark inteira estava esperando por nós,

perfeitamente arrumada ao lado da lareira de mármore e toda vestida como se estivesse prestes a ir à ópera.

A Sra. Clark usava um elegante vestido roxo até o chão e o Sr. Clark um terno escuro de três peças. Clifford estava parado ao lado de seu pai. Ele era alguns centímetros mais alto que seu velho, mas usava um terno muito parecido com o dele. Apenas seus cabelos loiros escuros rebeldes se desviavam de sua aparência de político e lhe davam uma aparência de surfista. A cereja do bolo eram as irmãs gêmeas de Clifford. Alguém as havia forçado a usar vestidos brancos combinando e laços brancos amarrados em suas duas tranças laterais como se tivessem cinco anos e não doze. Ambas sorriam como bonecas assassinas assustadoras. Não que um único Clark dominasse um sorriso um tanto convincente.

Leonas trocou um olhar comigo, murmurando baixinho: — De que instituição as bonecas assassinas escaparam?

Quase ri, mas consegui manter uma cara séria. Às vezes era inquietante como nossas mentes funcionavam de forma semelhante.

— Ainda bem que Bea ficou em casa. Ela teria começado a chorar no segundo em que visse esses sorrisos assustadores, — Leonas continuou, alheio à expressão de advertência de mamãe.

O cutuquei. — Shhh.

Clifford não tirou os olhos de mim enquanto eu apertava a mão de seus pais e trocava gentilezas falsas com eles. Ele parecia quase... confuso, como se simplesmente não pudesse acreditar que eu era sua futura esposa. Perguntei-me se ele discutiu com seus pais. Ele não estava sujeito às mesmas regras que as pessoas em nosso mundo, então o que o impedia de se recusar a se casar comigo?

O Sr. Clark apontou para o filho com um sorriso benevolente. — Este é meu filho Clifford.

— Nós nos conhecemos do treino de tênis, — disse Clifford em uma voz que sugeria que não era a primeira vez que ele dizia isso a seu pai.

Balancei a cabeça e estendi minha mão, mesmo que fosse estranho cumprimentar meu futuro marido com um aperto de mão.

Depois disso, todos nos acomodamos à mesa. O clima estava tenso. Especialmente as irmãs de Clifford que obviamente desconfiavam de nós como se achassem que poderíamos puxar armas na mesa e atirar em todos eles.

Embora Clifford e eu nos sentássemos um de frente para o outro, não conversamos muito, exceto “Você se importaria de me passar a tigela?” e evitamos o contato visual. Mamãe tentou pegar meu olhar durante o jantar, sua expressão questionadora. Dei-lhe um sorriso rápido antes de me concentrar na sobremesa mais uma vez.

Quando a empregada empurrou um carrinho com garrafas digestivas para a mesa, disse a Clifford: — Este lugar parece muito grande. — Esperava que ele entendesse minha deixa.

— Você quer um tour pela casa? — Clifford perguntou com um sorriso agradável, finalmente encontrando meus olhos.

Tive a sensação de que ele queria escapar da atmosfera tensa e das críticas não tão veladas de seus pais tanto quanto eu.

— Sim, por favor.

Olhei para papai, que deu um aceno curto. Levantei-me e dei a Leonas um olhar ameaçador, para que ele não pensasse em se juntar a nós. Queria falar com Clifford a sós e não ter meu irmão metendo o nariz em coisas que não lhe diziam respeito.

Clifford fez um gesto convidativo em direção à porta. Voltei para o saguão, me sentindo mais leve a cada passo que me afastava do resto dos Clark. Era uma das poucas ocasiões fora de casa em que me permitiram ficar sem meus pais ou Santino, e isso também me fez sentir bem pela primeira vez.

— Você realmente quer um tour pela casa? — Clifford perguntou no momento em que a porta foi fechada.

Balancei minha cabeça. — Na verdade, não. Só queria escapar e não estou muito interessada em voltar tão cedo.

— Nem eu. Que tal irmos para o meu quarto? Ninguém vai nos incomodar lá.

— Lidere o caminho.

Clifford ainda mantinha seu sorriso público enquanto me conduzia pelo saguão. — As paredes têm ouvidos.

Dei a ele um olhar questionador.

— Tivemos alguns problemas com o pessoal no passado.

Assenti e segui Clifford por outro corredor que levava a um anexo.

— Esta era para ser a casa da piscina, mas meus pais transformaram em meus próprios aposentos.

Entramos na casa que tinha uma grande sala de estar com um sofá, uma enorme TV de tela plana, uma cozinha e uma mesa de sinuca. Tinha uma vista direta da piscina e dos jardins. Um caminho de seixos também levava da casa da piscina até a varanda da casa principal. Havia uma porta à minha esquerda, onde suspeitava que fosse o quarto. Fiquei feliz por Clifford não tê-lo mostrado para mim, porque isso sem dúvida teria se tornado estranho.

Clifford encostou-se à mesa de sinuca e finalmente abandonou o sorriso constante.

— Há quanto tempo você sabe sobre nós?

Sua voz não era hostil, mas peguei uma sugestão de acusação.

— Desde os treze anos. Lembra quando te olhei um dia e você e seus amigos riram? Foi um dia depois que descobri.

— Meus amigos acharam que você tinha uma queda por mim. — Ele riu e então me olhou com curiosidade. — Esse não é o caso, certo?

Desatei a rir. — Não, não é. E não é por isso que nossos pais decidiram nos combinar se é isso que você acha. Apenas razões táticas levaram à união, não emoções.

— Isso é um consolo, suponho? — Clifford disse ironicamente, seu rosto franzido em perplexidade óbvia. Pobre cara.

— Você foi muito rude comigo naquele dia.

— Fui? Deve ter sido ruim se você ainda se lembra depois de todo esse tempo.

— Tenho a memória de um elefante, especialmente quando se trata de pessoas sendo rudes comigo.

Clifford esfregou a parte de trás de sua cabeça, ainda desconfortável, mas eu podia dizer que ele estava lentamente se soltando. — O que eu fiz?

— Você ficou bravo porque interrompi sua partida de tênis.

— Ah, sou competitivo. Desculpe. Detesto perder, então posso ficar muito rude se as pessoas perturbarem minha concentração.

— Bom saber.

— Tomando notas para o nosso casamento?

— Definitivamente.

Clifford balançou a cabeça. — Isso é realmente estranho. Nenhum dos meus amigos está noivo ainda, ou sequer pensando nisso.

— Não posso dizer o mesmo. É comum em nosso mundo que as pessoas sejam prometidas quando crianças ou adolescentes.

— Isso foi o que ouvi.

Podia ouvir uma pitada de desaprovação em seu tom e isso me fez querer defender nosso modo de vida, mas me contive. Não queria uma discussão neste dia. — Mas ainda não estamos oficialmente noivos. Precisamos ter uma festa de noivado e um anúncio oficial.

— Meu pai quer esperar até que tenhamos dezoito anos.

Papai havia mencionado isso. Era incomum em nosso mundo esperar tanto tempo, especialmente se uma parte era tão importante quanto eu.

— Eles fazem parecer algum tipo de amor impossível. Aparentemente, é isso que venderá esse casamento aos céticos, — continuou Clifford.

— Quem pode resistir ao amor verdadeiro contra todas as probabilidades? — Os lábios de Clifford se curvaram.

— Você não acredita em amor verdadeiro?

— Só acredito em coisas que posso ver.

— Seus pais não se amam?

Clifford sorriu de forma desarmante. — Os seus se amam?

Sorri e olhei ao redor da sala. Meus pais definitivamente se amavam. Mas compartilhar segredos de família era muito pessoal para nós neste momento. No entanto, não tinha certeza se confiaria em Clifford o suficiente para divulgar quaisquer segredos importantes para ele. — Acho que isso é bom para festas e para receber garotas sem ser interrompido.

Clifford inclinou a cabeça, me observando atentamente. — Com ciúmes?

Ri. — Nem um pouco.

Era verdade. Não parecia que Clifford fosse meu e não sentia o desejo de reivindicá-lo como meu. Isso provavelmente aconteceria quando nos casássemos. Agora a palavra ciúme só trazia um nome: Santino.

Ele assentiu, mas não parou de olhar. Ele parecia querer me entender. Levaria anos para fazê-lo se eu permitisse.

— Você é virgem?

Não podia acreditar que ele perguntou isso. — O que? — Em nossos círculos, era ofensivo perguntar a uma garota algo assim e insinuar que ela poderia não ser virgem.

— Apenas curioso. Não é da minha conta de qualquer maneira.

— Não? — Perguntei curiosamente, andando até ele. — Você não deveria me proteger até a nossa noite de núpcias para que eu permaneça intocada?

— Claro que não, — exclamou Clifford, parecendo honestamente desanimado. — Esperar até o casamento, onde está a diversão? — Ele me examinou mais uma vez, demorando-se nas minhas pernas longas. Hoje escolhi uma roupa que eu mesma havia desenhado e então deixei uma de nossas empregadas, que era uma costureira talentosa, costurá-la para mim. Era um blazer bonitinho com mangas leves e fluidas e uma cintura estreita com um laço de seda e shorts combinando que parecia uma saia. Minhas pernas pareciam particularmente longas nele e meus saltos altos brancos só ajudavam.

— Ahh, você quer provar a mercadoria com antecedência.

— Quero provar muitos produtos, acredite, não apenas os seus. — Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Então você nem vai fingir ser fiel?

Clifford ficou sério. — Ouça, Anna, sei que você é de origem conservadora, mas não tenho intenção de me estabelecer com uma garota agora e definitivamente não vou permanecer celibatário até nos casarmos. No que me diz respeito, temos um pré-contrato, mas o contrato real não entrará em vigor até o dia do nosso casamento. Desse dia em diante podemos ser fiéis se é isso que você quer, mas até então não somos um casal e vou dormir por aí.

Não esperava que Clifford fosse tão direto. Eu gostei, mas não o que ele propôs. Mesmo que não estivesse com ciúmes, isso não significava que queria ser insultada sendo traída constantemente.

Ele deve ter visto minha fúria porque rapidamente continuou: — Você é livre para fazer o mesmo, é claro.

Meus lábios se separaram em choque. — Você quer que eu durma com outros homens?

Ele riu. — Bem, não diria assim, mas não me importo com o que faz até que estejamos casados, desde que você seja discreta e mantenha isso fora dos tabloides. Não quero dar à minha mãe mais motivos para comer suas pílulas como balas.

Poderia dizer que ele se arrependeu de suas palavras no segundo em que deixaram seus lábios. O abuso de pílulas era definitivamente um segredo que valia a pena arquivar para uso posterior.

— Você realmente não vai se sentir enganado se eu não for virgem em nossa primeira noite juntos? — Perguntei, desconfiada de seus motivos. Talvez ele estivesse tentando me atrair para uma armadilha e testar minha virtude. Talvez suas palavras sobre sua mãe tomando muitos comprimidos também fossem falsas e uma maneira de me fazer baixar a guarda.

Clifford balançou a cabeça, parecendo levemente nauseado. — Serei franco. Ficarei feliz se você não for virgem. Não estou no negócio de deflorar

meninas. E não gosto de sangue. Sem sexo durante a menstruação e sem virgens, que é basicamente a mesma coisa.

Desatei a rir. Remexi no bolso da saia, que estava discretamente escondido nas grandes pregas elegantes, à procura de um cigarro. — Posso? Ou você quer que eu vá lá para fora?

O choque cruzou o rosto de Clifford. — Você fuma?

Dei de ombros. — Às vezes. Quando estou estressada, principalmente.

— Eu te estresso?

— Você me pegou de surpresa. Achei que seria diferente.

— Muitas pessoas acham, — ele disse enigmaticamente, então apontou para o meu cigarro. — Vá em frente. — Ele puxou um maço de uma gaveta e acendeu um cigarro para si mesmo.

Depois que ele soltou a fumaça, falou: — A propósito, não sou virgem.

— Não perguntei, — disse com uma risada. — Mas obrigada pela informação.

Não estava nem curiosa quando ou com quem ele perdeu a virgindade, mas me fez querer perguntar a Santino sobre sua primeira vez. Não conseguia imaginar Santino como um virgem desajeitado.

Clifford me olhou atentamente. — E se você é virgem, então divirta-se. Apenas certifique-se de não me deixar no altar. Um escândalo raramente é um bom começo para uma carreira política.

— Ambicioso.

— Absolutamente.

Balancei a cabeça. — Isso é bom. Quero um homem que sabe o que quer.

— Eu sei. E quero ser presidente um dia, isso é tudo que me importa.

Tentei me ver ao lado de Clifford em alguns anos, sendo a esposa apaixonada do político. Seria uma vida cheia de deveres e poucas liberdades, mas esse seria o meu destino em qualquer casamento.



A festa de Natal estava a todo vapor. A música flutuava pela sala, um jazz otimista que fazia todos com mais de trinta anos balançarem de um lado para o outro como se fosse uma música de discoteca. Por alguma razão, todos achavam que o jazz era a música perfeita para uma festa. Sendo esta a minha quinta festa de Natal da temporada, e era só o início de dezembro, eu não aguentava mais. Hoje era a festa de Natal dos Alferas, um dos capitães de papai que cuidava das nossas entregas de drogas para o Canadá. Eu era uma das poucas convidadas com menos de dezoito anos, e nem Sofia nem Luisa foram convidadas. Como filha do Capo, sempre tinha que estar em eventos sociais, não importa o quanto fossem chatos. Todas as garotas que me invejavam por ir a tantas festas ao longo do ano nunca haviam sofrido com uma série interminável de piadas desajeitadas e música horrível.

Talvez achasse a música mais tolerável quando estivesse bêbada como muitos dos adultos. Examinei meus arredores. Mamãe e papai estavam conversando com a melhor amiga de mamãe, Bibiana, e seu marido, Dario, no pátio, e Santino havia desaparecido há quinze minutos, então não estava aqui para me impedir. Dominei a arte de colocar álcool nas minhas bebidas nas festas do Natal passado. Achava ridículo que devesse cumprir as leis do álcool quando as leis comuns praticamente não tinham significado em nosso mundo. De jeito nenhum esperaria quase quatro anos para beber álcool.

Minha mão se esgueirou até a tigela com ponche e rapidamente enchi meu copo com ele antes que alguém pudesse notar. Enquanto tomava minha bebida, permiti que meus olhos varressem os convidados. Depois de um tempo, fiquei entediada – conhecia todo mundo e não havia fofoca nova – e decidi encontrar Santino. Provocá-lo definitivamente me traria mais alegria do que qualquer outra coisa. Ele se irritava muito facilmente. Às vezes tinha certeza de que ele gostava tanto quanto eu. Outras vezes ficava preocupada com a minha segurança.

Tomando outro gole, saí da sala. Os sons da festa estavam muito altos para procurá-lo através do barulho, e ele era um mestre em se misturar. Andei pelo primeiro andar por um tempo, saboreando minha bebida, antes de seguir meu instinto até os fundos da casa. Santino provavelmente precisava de um pouco de silêncio. A conversa educada sempre o tornava homicida, então ele provavelmente precisava de tempo para si mesmo. Não me senti nem um pouco culpada por querer perturbá-lo. Sua raiva era a coisa mais quente que havia.

Um barulho estranho veio de trás de uma pesada porta de carvalho. Eu tinha feito um tour pela casa de Alfera no ano passado, então sabia que era a biblioteca. Entrei o mais silenciosamente que pude e fechei a porta atrás de mim.

Eu adorava livros, então levei um momento para me maravilhar com as muitas lombadas nas prateleiras, mesmo que a sala não fosse tão grande quanto a nossa. Tinha a sensação de que este não era um lugar usado com muita frequência. Muitas pessoas em nossos círculos tinham uma biblioteca como símbolo de status e não porque gostavam de literatura.

Um chiado chamou minha atenção e andei na ponta dos pés mais para dentro da sala.

Minha boca se abriu quando vi a parte superior do corpo de Santino espreitando atrás de uma prateleira. Santino tinha os dedos em volta da garganta de ninguém menos que a Sra. Alfera, a esposa do capitão do papai. Seus lábios estavam separados, seu rosto vermelho. Além da cabeça, vi apenas o antebraço e a mão, o resto estava escondido atrás da estante. A Sra. Alfera estava ajoelhada, a julgar pelos braços apoiados.

Ele tinha enlouquecido? Corri para frente e congelei, meus olhos se arregalando. — Ah porra.

No verdadeiro sentido da palavra. Santino não estava tentando matar a Sra. Alfera com as próprias mãos, pelo menos não no futuro imediato. Os dois estavam nus da cintura para baixo e Santino estava transando com ela, parecendo *querer* matá-la. *Morte por pau.*

Calor inundou meu corpo. Meus olhos dispararam de suas regiões

inferiores nuas de volta para a mão ao redor de sua garganta. Tudo isso aconteceu em um piscar de olhos, mas parecia a eternidade mais estranha da história.

A Sra. Alfera soltou um grito estrangulado, seus olhos se arregalando comicamente. Gritar porque alguém te pegou traindo enquanto estava a apenas algumas portas do seu marido não era a coisa mais inteligente se você me perguntasse. Santino soltou sua garganta e se ergueu. Claro, olhei para sua ereção. E puta merda, puta merda, estava surpresa que ele não tivesse matado a Sra. Alfera considerando o quão duro estava batendo nela com *isso*. Morte por pau mesmo. Uma risada borbulhou de mim, completamente inapropriada, mas não pude evitar.

Ele cambaleou em minha direção e considerando sua expressão furiosa e a situação geral, provavelmente deveria ter fugido da cena, mas não consegui. Ele agarrou meu braço com uma mão enquanto a outra tentava enfiar seu pau ainda muito ereto em suas calças, o que não estava funcionando. Parte de mim se preocupava que ele pudesse causar danos duradouros ao seu membro. Ainda assim, assisti em diversão. Tomei um gole da minha bebida, só aumentando a fúria de Santino.

— Pare de olhar, — ele rosnou.

— Eu poderia ajudá-lo com isso, — disse antes que pudesse pensar. Não quis dizer *isso*. Apesar de todas as provocações, nunca fui ousada o suficiente para flertar com Santino de maneira tão direta. Talvez porque revelaria demais, e provavelmente só irritaria Santino.

O aperto de Santino aumentou ainda mais. — Nem brinque com isso, garota. Não vou ser morto porque seu pai interpretou mal suas palavras. E especialmente não vou ser morto pelo relato desajeitado de uma virgem enclausurada.

Olhei para ele com os olhos arregalados, incapaz de acreditar em sua audácia. Estava acostumada com sua grosseria agora, mas isso levou a um novo nível. — Você sufoca todas as mulheres com quem transa ou apenas as mulheres

casadas para esconder evidências? — Assobiei.

— Ela queria que eu apertasse sua garganta. Algumas mulheres se excitam quando o suprimento de ar é cortado. Você não entenderia. — Ele finalmente conseguiu fechar a braguilha, mas ainda havia uma protuberância em suas calças.

— Se ela contar a alguém, estou arruinada, — Sra. Alfera choramingou, enfiando sua blusa de seda de volta em sua saia. Boa sorte com as rugas. Esperava que ela tivesse uma empregada discreta que passasse isso parar ela. — Silencie-a.

Santino lhe lançou um olhar aborrecido. — Volte para a festa.

Ela cambaleou mais perto. — Você tem que silenciá-la. Se ela contar a alguém...

— Cale a boca e deixe-me cuidar disso.

Ela finalmente foi embora.

— Espero que ela não tenha sugerido que você me mate, —disse sarcasticamente.

— Você não pode contar a ninguém, — disse ele em voz baixa.

— O que você vai fazer para me silenciar?

Ele revirou os olhos. — Pare de ser uma criança malcriada. Você sabe as consequências se a notícia sobre isso vazar.

— Foder com a esposa de um capitão definitivamente causaria um grande escândalo. Papai teria que agir. — Ele inclinou a cabeça, os olhos se estreitando. — Não vou contar a ninguém, — murmurei.

Santino assentiu, satisfeito. Seus olhos registraram minha bebida. — O que é isso?

— Nada que te preocupe. Você tem seus segredos, eu tenho os meus, certo? — Ele deu um passo para trás, flexionando a mandíbula.

— Não exagere, está bem?

Ignorei seu aviso. A balança pendia a meu favor por enquanto, mesmo que ele não gostasse.

Toquei minha garganta com uma carranca, tentando imaginar por que alguém acharia prazeroso ser incapaz de respirar. Santino seguiu o movimento e balançou a cabeça, parecendo ainda mais chateado.

— Não sei por que razão você está com raiva de mim, — murmurei, ficando mais irritada. — Você só garantiu que eu tenha pesadelos por meses, possivelmente anos. Bom trabalho violando meus olhos *virgens.*

Para ser honesta, provavelmente teria vários orgasmos muito bons enquanto imaginava Santino fazendo comigo o que fazia com a senhora Alfera.

Santino procurou meus olhos. — Não tome o que você viu como um exemplo de como é sempre Pode ser muito diferente. — Sua voz se tornou mais suave, quase reconfortante, o que era uma novidade tão grande que devo ter parecido ainda mais perturbada.

— Anna? — Santino murmurou, tocando meu ombro levemente.

Uma risada explodiu de mim. Não pude evitar. Ver Santino preocupado com meu bem-estar mental por causa de seu show bizarro com a Sra. Alfera era demais para aguentar.

Santino puxou a mão para trás, os lábios torcidos. Oh, alguém estava mal-humorado.

A porta rangeu, interrompendo qualquer coisa rude que ele tinha a dizer.

Vozes se aproximaram de nós. Santino agarrou meu braço e me puxou para trás de uma estante. Levei um momento para reconhecer a voz como sendo de Dario, que parecia estar falando ao telefone com alguém.

Olhei para Santino. — Você não acha que teria parecido menos suspeito se não tivesse me arrastado para trás da prateleira? Agora parece que estamos escondendo alguma coisa. — Mamãe definitivamente ficaria muito desconfiada se nos encontrasse, ou se Dario contasse ao papai, o que ele definitivamente faria.

Santino me silenciou com um olhar duro. Ficamos próximos enquanto esperávamos que a conversa terminasse. Nossos ombros se tocaram levemente e o calor de Santino parecia me queimar através do tecido sedoso do meu vestido.

Provavelmente teria apreciado mais a situação se não tivesse sentido o cheiro de um perfume feminino nele. Inclinei-me um pouco, murmurando, — Você provavelmente deveria lavar o fedor da Sra. Alfera antes de voltar para a festa. Duvido que o marido dela fique feliz sentindo o cheiro em você.

— Obrigado pela preocupação. Este não é o meu primeiro rodeio.

— Então você está criando o hábito de ser um destruidor de lares?

— Essa casa já estava sem alicerces, teria desabado de qualquer maneira.

Revirei os olhos. — Acho que é o que todos dizem.

— Talvez você não perceba, mas isso não é da sua conta, Anna. É melhor garantir que Cliff mantenha as mãos para si mesmo, em vez de se preocupar comigo.

O que isso deveria significar? Clifford e eu conversamos duas vezes desde o jantar em família quando ele descobriu sobre nosso futuro casamento, duas vezes durante o treino de tênis, e até agora Clifford havia demonstrado tanto interesse por mim quanto um monge. Ele estava focado na escola, na faculdade e em um futuro na política, e eu estava ocupada com a escola, desenhando roupas e... Santino.

Capítulo 05

SANTINO

— Você tem alguma coisa contra ela? — Arturo perguntou, apenas levemente interessado. As relações humanas não significavam nada para ele, e era por isso que gostava de sua companhia. Eu podia expressar qualquer besteira que passasse pela minha cabeça sem me preocupar em ofendê-lo.

— Nada, a menos que você se refira ao consumo ocasional de álcool. Duvido que seja suficiente.

— Ela te tem nas mãos.

Sim, Anna me tem. Desde que ela me pegou com a Sra. Alfera um mês atrás, nunca parou de me lembrar de sua nova vantagem, e apenas alguns dias atrás finalmente usou isso para me chantagear para que ela e sua melhor amiga Sofia entrassem na festa de aniversário de Danilo. Sabia que aquelas duas tinham algo mais planejado do que agitar suas botas ao ritmo, mas estava nas mãos de Anna, e ela sabia disso.



Como esperado, a festa acabou sendo um grande show de merda que terminou com Sofia chorando por algo que seu noivo Danilo tinha feito e Anna entrou em pânico por causa do estado de sua amiga. Eu estava muito chateado porque era apenas uma questão de tempo antes que alguém deixasse algo escapar para Dante. Papai já estava desconfiado também. Minha carreira estava prestes a ir pelo ralo, tudo graças à pequena Senhorita Perfeita.

Depois da festa, arrastei Anna até o quarto dela na cabana Cavallaro onde estávamos hospedados. — Fique neste quarto e não faça nada estúpido esta

noite. Estou cansado de lidar com isso.

Anna cruzou os braços sobre o peito. — Talvez você devesse ficar aqui comigo para ter certeza de que me comportarei.

— Não, obrigado. Não preciso de mais drama na minha vida do que já tenho. Tenho certeza que Danilo concordaria comigo.

Seus olhos brilharam e ela se aproximou de mim, o que parecia estranho em sua fantasia de Chucky, a boneca assassina que ela escolheu para a festa a fantasia.

— Talvez seja o tipo de drama que você gosta.

Levantei uma sobrancelha. Se Anna achava que poderia me seduzir vestida como uma boneca assassina, tinha que estar mais bêbada do que eu pensava, embora não a tivesse visto beber álcool. — Acho que você não tem nada a oferecer que eu goste.

Agora ela estava furiosa, o que combinava muito melhor com sua fantasia de boneca assassina do que a expressão sedutora. —Nós dois sabemos que isso não é verdade.

Não queria considerar o que Anna poderia ter a oferecer. Nem esta noite, nem nunca. — Vá dormir, Anna.

Virei-me, mas Anna agarrou meu braço. Cerrei os dentes. Ela estava testando minha paciência.

— Você não se importa em quebrar as regras, então por que não o faz comigo?

Olhei para ela. — Não estou interessado em você, Anna. E não vou deixar seu pai esfolar minhas bolas pelo flerte desleixado e inexperientemente desastrado de uma virgem.

— Quem disse que sou virgem?

Eu ri. Essa garota tinha escrito virgem por toda a testa sempre que dançava ao meu redor. — Porque tenho te guardado por anos e você nunca esteve sozinha com um cara sem supervisão.

— Isso não é verdade. Estive sozinha com Clifford quando nossas famílias

se conheceram. — Ela deixou as pontas dos dedos vagarem pelo meu peito até que empurrei sua mão para baixo. — Eu acho que ele diria que valho o drama.

Estava quase pensando em lhe dar uma dose de seu próprio remédio e jogá-la na cama. Talvez ela estivesse brincando, mas se tornaria a pequena virgem puritana no segundo em que estivesse na cama comigo. De jeito nenhum Clifford ousou se aproximar dela com Dante por perto. Anna era uma boa mentirosa, mas essa história era ridícula demais.

Respirei fundo pelo nariz, resistindo à vontade. Eu era a porra de um adulto e não deixaria a provocação de uma adolescente me levar a ações inapropriadas. A soltei como se ela tivesse me queimado. — Este é meu último aviso, se você não parar com essa merda, vou me demitir.

Seus lábios se separaram. — Você não faria isso.

Inclinei-me. — Me teste. Estou esperando por essa chance há anos.

— Se você se demitir, vou dizer a todos que você transou com a Sra. Alfera.

Eu perdi a cabeça. Entrei na cara dela. — Você quer que seu pai me mate, Anna? É isso? Tenho certeza de que se pedir com jeitinho, ele fará o favor à sua filhinha mesmo sem arrastar a Sra. Alfera para a sujeira comigo.

— Não te quero morto, Santino, — ela disse calmamente, pela primeira vez com seriedade, o que tornou sua roupa de boneca Chucky ainda menos adequada. — Quero que pare de me tratar como um fardo irritante.

— Então pare de ser um, — murmurei e fechei a porta na cara dela. Tomei outra respiração profunda. Anna acabaria desistindo.

ANNA

Desde a festa de Natal, imagens indesejadas de Santino transando com a Sra. Alfera surgiam em minha mente.

Em vez de me desencorajar, elas me fizeram querer experimentar o lado animalesco de Santino. Eu podia dizer que ele era apaixonado e não tinha controle. Só podia imaginar o que isso significaria no quarto. As palavras de Clifford sobre fazer algo sobre minha virgindade apenas reforçaram meu desejo de experimentar o prazer antes do casamento. Se Clifford me deu luz verde, o que me impedia?

Claro, eu tinha que ser discreta, não apenas por causa de Clifford. Mamãe e papai certamente não ficariam felizes se a fofoca de que eu era atrevida circulasse.

Dois grandes problemas me impediam de perseguir meu desejo:

Vigilância constante através da minha família ou Santino que me impedia de ficar sozinha com um cara.

Além do meu desejo irracional de experimentar sexo com Santino. Não conseguia tirá-lo da minha mente.

E ele era uma escolha razoável. Afinal, não tinha moral, como provava sua aventura com a Sra. Alfera, e era o único homem sem parentesco com quem ficava sozinha o tempo todo. Ele e eu poderíamos ficar atrevidos sem que ninguém descobrisse.

Era a solução ideal. Não poderia me apaixonar por alguém e fazer sexo com ele, afinal. Meu futuro casamento com Clifford tornaria um relacionamento muito difícil. Sem mencionar que não tinha tempo para um namorado. Estava ocupada com a escola e meus projetos. Qualquer coisa além de uma aventura estava fora de questão.



Alguns meses depois, quando Clifford me convidou para sua festa de fim de formatura, vi minha chance. Se Santino se recusava a me ver como mulher, teria que me contentar com outra pessoa, e quem seria melhor do que meu futuro

noivo?

Como minha mãe estava desesperada para que eu saísse com ele e possivelmente me apaixonasse, meu pai, de má vontade, permitiu que eu fosse à festa. Claro, ele insistiu que Santino me acompanhasse. Santino rapidamente me deixou sozinha e procurou um lugar em um canto com uma cerveja e seu telefone, tentando permanecer imperturbável. Ele com sua aparência, e sendo um cara gostoso, alguns anos mais velho, tinha garotas fervilhando ao seu redor em pouco tempo, é claro. Mas ele ignorou seus avanços como ignorava os meus todos esses meses.

Fui até Clifford, que estava conversando com uma garota muito bonita de pele escura. Como disse a ele, não estava com ciúmes. De qualquer forma, ninguém sabia do nosso noivado prestes a ser anunciado.

Quando Clifford me viu andando em sua direção, ele se desculpou e me encontrou no meio do caminho. Poderia dizer que ele já estava bêbado, não apenas porque colocou um braço em volta do meu ombro. Ele nunca tinha sido tão caloroso antes. —Que bom que você pode vir.

— Também acho, — disse. A expressão de Santino escureceu com a familiaridade de Clifford, mas logo ele desapareceu da minha vista quando mais dançarinos ficaram entre nós, e Clifford me levou para a sala ao lado. A mansão inteira parecia ter sido esvaziada de móveis.

— Não posso acreditar que seus pais permitem que você festeje na casa deles assim.

— Eles estão em nossa casa de férias na Flórida. Contanto que a equipe de limpeza garanta que tudo esteja completamente limpo quando eles retornarem, não se importam com o que faço.

Ele me levou para sua casa da piscina, que era o único lugar onde a festa não estava acontecendo.

Clifford caminhou até a mesa de sinuca comigo ao seu lado e se inclinou contra ela. — E? Você seguiu meu conselho?

— Conselho?

— De conseguir alguma ação?

Bufei. — Não é fácil se divertir quando sou eu. Meu guarda-costas garante que a diversão seja impossível. Você viu a cara azeda dele porque precisa estar nessa festa?

— Você não pode dizer a ele para lhe dar alguma privacidade de vez em quando? Quando quero ficar sozinho com uma garota, digo ao meu guarda-costas para me dar algum espaço e ele dá.

— Santino não segue minhas ordens, apenas as do meu pai e da minha mãe. E eles não vão ordenar que ele me dê um tempo sozinha com caras, confie em mim.

Clifford balançou a cabeça com uma risada. — Isso é tão arcaico. Você percebe como será estranho se lhe der seu primeiro beijo no dia do nosso casamento.

— Isso ainda está a alguns anos de distância.

— Mais do que alguns, espero.

Não queria estourar sua bolha, mas duvidava que meus pais quisessem esperar até que eu tivesse trinta anos para me casar. Simplesmente não era assim em nosso mundo.

— O que te faz pensar que terá mais chances de ficar sozinha com caras nos próximos anos?

— Nada... então me beije agora se for mais conveniente para você, — murmurei.

Um sorriso se espalhou no rosto de Clifford enquanto ele considerava isso, me pegando de surpresa. — Por que não?

Sorri. Se Santino não queria me beijar, poderia testar as águas com meu futuro marido. Ninguém poderia dizer nada contra isso, certo?

Clifford se afastou da mesa e parou na minha frente. Seu cabelo rebelde caiu em seus olhos e ele o empurrou para trás com um sorriso encantador enquanto se inclinava ligeiramente.

Clifford era bonito como o garoto da porta ao lado. Santino era uma fera

sexy e raivosa.

— Está pronta? — Clifford perguntou enquanto se inclinava mais. Ele segurou minha bochecha com um sorriso. Balancei a cabeça, mesmo quando meu estômago torceu com o nervosismo.

Os lábios de Clifford pressionaram contra os meus. Eles eram suaves, gentis, e seus olhos procuraram os meus para ver se eu estava bem com o que estava acontecendo. Foi bom e atencioso - e não o que eu queria. Ele aprofundou o beijo e se aproximou, sua palma pressionando minha bochecha e seu corpo inclinando sobre o meu.

Tentei entrar no beijo. Este era o meu futuro. Fechei os olhos e me tornei mais ativa no beijo, tentando me soltar e não me perder em meus pensamentos.

A porta se abriu. Clifford e eu nos viramos para o som. Santino apareceu na porta, parecendo um homicida. Ele entrou na sala. Clifford imediatamente se afastou de mim, alarmado. — O que...

Santino agarrou-o pelo colarinho, levantou-o para longe de mim e o empurrou para a porta. Clifford caiu no chão.

— Qual é o seu problema, cara? Este não é o Velho Oeste.

Santino zombou dele. Um dos guarda-costas de Clifford entrou cambaleando na sala, com a mão na arma. Quando seus olhos se fixaram em Clifford, Santino e em mim depois, ele abaixou a mão alguns centímetros. Sem tirar os olhos de Santino, ajudou Clifford a se levantar.

— Você chamou? — O guarda-costas perguntou.

Clifford me deu um sorriso tímido. Levantei minhas sobrancelhas. Ele puxou um pequeno controle remoto com um botão vermelho piscando e clicou nele até parar de piscar. — Meus pais me forçaram a carregar isso o tempo todo.

— Por causa do nosso vínculo?

— Ameaças à minha vida, — disse Clifford.

Balancei a cabeça. Tinha que admitir que me desencorajou ele ter pedido ajuda no momento em que Santino o agarrou. Santino nem sequer lhe causou danos corporais. Talvez meus padrões fossem apenas distorcidos porque fui

criada em torno de homens que estavam intimamente familiarizados com a violência e orgulhosos demais para pedir ajuda.

Santino agarrou meu braço e me arrastou para fora, mas o guarda-costas se interpôs em nosso caminho.

— Você não pode simplesmente ir embora. Você atacou o filho de um senador. Isso precisa ser relatado.

Santino me soltou e se aproximou do outro homem, batendo no peito dele e dando-lhe um olhar mortal. Santino não era um guarda-roupa ambulante como esse cara, mas era mais alto, e o brilho em seus olhos até me deu calafrios. — Isso é entre as famílias. Sem polícia. Sem porra de relatórios oficiais, entendeu?

O homem gargalhou. — Você acha que sua intimidação de gângster funciona comigo? Não me importo com o que você quer, Al Capone.

Santino deu-lhe um sorriso que eu sabia que significava perigo. Ele deu um soco no queixo do homem sem aviso prévio e com tanta força que o cara caiu para trás e no chão com um baque alto. Santino o chutou mais algumas vezes por precaução até que o cara não se mexeu mais.

Eu estava congelada. Clifford parecia completamente paralisado e como se pudesse vomitar a qualquer momento.

— Problema resolvido, — disse Santino simplesmente. — Ele não vai chamar a polícia hoje.

— Ele está morto? — Clifford pressionou.

Santino lhe lançou um olhar de pena. — Não. — Ele se aproximou de Clifford, que tropeçou para trás. Santino obviamente gostou do terror de Clifford a julgar pelo brilho animado em seus olhos. — E você mantenha suas mãos, língua, e especialmente seu pau, para si mesmo até a noite de núpcias, entendeu?

Clifford assentiu apressadamente.

— Santino, — protestei, mas ele veio em minha direção, agarrou meu braço e me arrastou para longe. As pessoas se viraram para nós de boca aberta quando nos apressamos em direção à porta da frente.

Santino praticamente me empurrou em direção ao carro e contornou o capô

em direção ao lado do motorista e entrou sem dizer uma palavra.

Sentei no banco do passageiro.

— Seu lugar é na parte de trás, — Santino murmurou, já ligando o motor.

— Sinto vontade de andar na frente hoje.

Ele pisou fundo no acelerador. Estava pressionada no banco e tive problemas para colocar meu cinto quando ele fez a primeira curva.

Assisti seu perfil. A única coisa que faltava era fumaça saindo de seus ouvidos, ele parecia tão chateado. Tive que reprimir um sorriso.

Ele me atirou uma carranca. — Não pareça tão satisfeita consigo mesma.

— Você ficou bravo porque beijei Clifford.

— Eu te protegi. Se seu pai descobrir que você beijou Cliffy no meu turno, não ficará satisfeito, noivo ou não.

Revirei os olhos. — Você me protegeu de Clifford?

A sugestão de diversão cruzou o rosto de Santino. — Suas mãos errantes são um perigo para sua virtude.

— Quando você diz virtude, soa tão estranho. Você é a pessoa menos virtuosa que conheço. Transou com uma mulher casada.

— Não fale assim, e isso não é da sua conta. Você deveria se preocupar com sua virtude, não com a minha.

— Clifford não se importa com virtude ou nossas regras. Ele mesmo me disse que não se importa se eu estiver com outros caras antes do nosso casamento.

Santino balançou a cabeça com um olhar de desgosto. — Idiota do caralho.

— Por quê?

Santino parou em um sinal vermelho e se virou para mim. — Porque se você estivesse prometida a mim, me certificaria de que nenhum outro cara chegasse a menos de um quilômetro de você.

— Então foi por isso que atacou Clifford? Por que você estava com ciúmes?

— Por que deveria estar com ciúmes, Anna? Você é minha protegida. Sua

proteção é a minha preocupação.

— Você poderia ter sido o primeiro a me beijar, mas não quis.

Santino acelerou. — Sou seu guarda-costas e você não é maior de idade.

— Vou ser maior de idade em alguns meses, Sonny. Não seja mais católico que o Papa.

— Por que diabos estamos discutindo isso? Não vou te beijar. Nem agora, nem nunca. Você é um trabalho, Anna.

Ele dizia uma coisa, mas seus olhos contavam outra história. Eu estava quebrando seu exterior pedregoso tijolo por tijolo nos últimos meses. Teria que aproveitar minha chance antes que Santino reconstruísse seus muros.

— Você deveria ter mais cuidado com Cliff. Seu pai é uma cobra, e mesmo que ele ainda pareça um idiota simpático e sentimental, isso pode ser um ato. A maçã não cai longe da árvore. Portanto, mesmo que ele não se importe com nossas regras e tradições, isso não significa que não as usará contra você. Se ele começar a se gabar de te beijar, nosso pessoal acabará ouvindo e te julgará pelos nossos padrões e não pelos de Cliffy.

— Ele está com muito medo de você para mencionar o beijo a alguém. — Santino sorriu.

Balancei minha cabeça. Então sorri discretamente e me inclinei ligeiramente para Santino. Ele me enviou um olhar de advertência tornando-se visivelmente tenso. Tinha que admitir que me deu um impulso. Santino nunca se esquivou do perigo ou da dor, mas meu flerte o deixava tenso.

— Sabe, Santino, eu queria que fosse você. Imaginei que fosse você. E você protegendo minha virtude como um cavaleiro assassino e louco de armadura brilhante foi a coisa mais gostosa que já vi.

Santino soltou um suspiro e apertou o volante. Inclinei-me para trás com um sorriso.

— Não me imagine quando beijar Cliff. O que ele considera beijar é um insulto para qualquer um com bolas. A expressão em seu rosto é aquele que minha avó tem quando beijo sua bochecha. Não é a expressão de uma mulher

sendo beijada por um homem de quem não é parente.

— Se você acha que pode fazer melhor do que Clifford, prove. Eu serei a juíza. Prometo que serei justa.

Santino deu uma risada seca. — Não tenho que provar nada.

— Se você diz. — Dei de ombros e olhei pela janela. Santino murmurou algo baixinho. Esperava poder provocá-lo para me beijar. Beijar Clifford me deixou... querendo. O beijo foi agradável e aposto que muitas garotas tiveram experiências piores no primeiro beijo, mas não era o que eu queria. Desejava fogos de artifício, borboletas causando estragos no meu estomago e coração acelerado. Agradável não funcionava comigo.

Santino não era agradável ou bom. Santino era o que eu desejava.

Até sua vontade de ferro tinha que ter seus limites e se alguém podia quebrá-la, era eu.

Capítulo 06

SANTINO

Anna praticamente subiu as escadas a caminho de seu quarto, provavelmente para conversar com suas melhores amigas sobre cada detalhe chato de seu beijo.

Meu pulso acelerou pensando no momento em que os encontrei.

Vendo os lábios de Clifford fundidos aos de Anna...

Queria matá-lo da maneira mais cruel possível. Eu já tinha imaginado ligar para Arturo e fazer uma escapadela de fim de semana para desmembrar Cliffy. Ele não era digno dela. Um homem deveria ser capaz de defender sua mulher. Cliff não conseguia nem se defender de uma criança do jardim de infância.

Disse a Anna que queria proteger sua virtude... o que era uma meia verdade. Queria proteger sua virtude de Cliff e de todos os outros caras para que eu mesmo pudesse tirá-la. Porra. Por alguns meses, as coisas foram ladeira abaixo. Minha mente não conseguia parar de ver Anna como a mulher que ela era. Uma mulher linda e muito tentadora que usava seus ativos de todas as maneiras certas. Foda-se, e ela sabia disso.

Eu era um morto andando.

— Santino, — a voz cortada de Dante me arrancou dos meus pensamentos inapropriados sobre sua filha. Virei-me ao som. Ele estava na frente de seu escritório no final do corredor com uma expressão que sugeria que tinha lido minha mente. Claro que eu sabia que não era por isso que sua expressão não era um bom presságio.

Andei em sua direção com uma expressão neutra.

— Gostaria de ter uma palavra com você em meu escritório, — Dante disse em uma voz tensa.

— É claro. — Entrei no escritório, em seguida, sentei em frente à mesa e esperei enquanto Dante se movia para trás dela, mas ele não se sentou. Ele olhou para mim. — O senador Clark me ligou.

— Clifford é um dedo-duro.

Dante estreitou os olhos. — Suponho que é verdade que você espancou um dos guarda-costas de Clifford e ameaçou o menino?

— O menino estava com a língua na boca de Anna. Ele tem sorte que não a cortei.

Os olhos de Dante brilharam com choque e fúria antes que sua máscara voltasse ao lugar. Ele olhou para a janela, obviamente tentando se recompor. Só podia imaginar o que ele estava sentindo ao descobrir que Cliff esteve com as patas em cima de Anna.

— Anna e Clifford estão prometidos um ao outro.

— Isso não lhe dá o direito de tocá-la.

— De fato.

— Essas pessoas não compartilham nossos valores. Eles não têm nenhuma honra. Ele pode tomar a virtude de Anna e depois decidir não se casar com ela.

Porra, ouça-me falando sobre virtude como se tivesse a menor ideia do que é. Anna estava certa. Virtude e eu éramos totalmente estranhos.

— Eu cuido dos Clark, e você se controle perto deles, especialmente perto do garoto. Não quero outra discussão com Maximo Clark. Ele me pediu para puni-lo severamente pela transgressão e removê-lo do cargo de guarda-costas de Anna.

Se Clark fosse um Homem Feito, ele poderia ter pedido a Dante para me remover como guarda-costas. Afinal, Anna seria da sua família. — Você concordou?

— Não. Ele não entende nossas regras, e não quero que ele tente estipular qualquer tipo de regra por si mesmo.

Balancei a cabeça. Muitas pessoas na Outfit estavam preocupadas que uma união com os Clark enfraqueceria nossas tradições e, em última análise,

representar um risco maior para a Outfit do que um benefício. Minha principal preocupação com o vínculo era que Anna merecia algo melhor.

Dante ainda me olhava, seus olhos praticamente me radiografando. — Quero ter certeza de que você protege Anna pelas razões certas.

Este era um terreno perigoso que eu estava pisando. — Eu a protejo por causa do meu juramento. Sempre servi a você e a Outfit com minha vida e isso não vai mudar.

Dante assentiu, mas não tinha certeza se o tinha convencido completamente.

Porra. Se ele começasse a suspeitar que Anna estava me provocando e que eu estava um pouco tentado a ceder, usaria minhas bolas como decoração de Natal.

Levantei-me quando ficou claro que nossa conversa havia terminado e saí de seu escritório e fui direto para o andar de cima. Precisava ter uma palavra com Anna. Ela precisava usar suas magníficas habilidades de mentira em seu pai. Eu não morreria por uma razão tão estúpida.

Bati meu punho contra a porta uma vez. Esse era todo o aviso que Anna receberia. Cansei de jogar bonito.

Anna estava esparramada na cama de bruços, enquanto falava no FaceTime com Luisa. A última frase que ouvi foi: "*Você deveria ter visto o brilho em seus olhos*."

Se ela começasse a sonhar acordada com os olhos de Cliffy, eu vomitaria.

Fui até ela, peguei o telefone de sua mão e desliguei. — Ei! — Anna disse enquanto se ajoelhava, tentando tirar o telefone da minha mão. Enfiei-o no bolso de trás.

Anna saltou para frente e agarrou meu cinto para me arrastar para mais perto e pegar seu telefone. Não esperava que ela fosse tão ousada. Achei que ela teria escrúpulos em me tocar assim. E obviamente estava muito errado. Seu rosto estava bem na minha virilha enquanto ela tentava alcançar meu bolso traseiro.

Agarrei seus ombros e a segurei no comprimento do braço. Ela olhou para

mim com um sorriso tímido.

— Você só precisa pedir se quiser que eu toque na sua bunda, Sonny.

Dei um grande passo para trás, estreitando os olhos para ela. — É exatamente por essa merda que vou ser morto.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Seu pai está suspeitando que há mais por trás de eu ter atacado Cliffy do que apenas meu senso de dever.

Anna ficou de pé. — Bem, ele está próximo da verdade, não é?

Reduzi a distância entre nós, rosnando. — Este não é um jogo de merda, Anna. Não vou ser morto porque você está jogando.

— Não, você não vai, — disse ela com altivez. — Você vai ser morto porque é incapaz de resistir aos meus jogos. Isso é problema seu, não meu.

Ela estava certa. Eu deveria ter mais autocontrole. Mas com Anna? O controle me iludia com mais frequência do que não. Ela me conhecia muito bem e pressionava todos os meus botões, e eu gostava muito disso.

— Isso acaba agora.

— Se você diz.

— E você pare de me provocar. E fique longe de Cliff.

Anna se aproximou ainda mais e seu cheiro, como primavera, mar e maldito sol, atingiu minhas narinas. — Por que você está realmente bravo, Santino? — Ela perguntou com um sorriso conhecedor. Ela era muito inteligente, muito astuta e muito bonita.



ANNA

Subi correndo as escadas e chamei Luisa no FaceTime no segundo em que cheguei ao meu quarto.

Deitada de bruços, contei a ela sobre o beijo, querendo deixar o melhor para o final.

— Então, como foi? — Luísa perguntou curiosa. Poderia dizer que ela estava sentada em seu piano. Não havia um dia sem música para ela. Por um tempo, tentei ser tão boa quanto ela, mas Luisa não apenas amava música, ela *vivia* a música e eu não. Eu adorava desenhar, especialmente humanos e roupas. A música era uma boa maneira de entrar no clima para fazer o que eu realmente gostava.

— Prazeroso.

Luisa fez uma cara de dor. — Isso não soa como se você tivesse gostado.

— Eu gostei. Foi legal mesmo. Como um passeio agradável em uma daquelas atrações aquáticas lentas naquele parque temático que visitamos uma vez.

— Você odiou. Você só andou nas montanhas-russas mais loucas depois.

Sorri, lembrando daquele dia e como Santino estava chateado porque *tinha* que ir em todos os brinquedos comigo. Mas algumas vezes captei sua empolgação. Ele só não queria que eu soubesse que ele gostava de qualquer coisa que eu fizesse. —Foi tudo bem. Clifford não fez nada de errado. E acho que ele beija muito bem.

Luisa me observou em silêncio. Ela suspirou. — Conheço você, Anna. Bem não é o que você está procurando.

Um sorriso surgiu no meu rosto. — Santino nos pegou. — Luisa fez uma

careta como se soubesse que eu tinha armado.

— E?

Mordi meu lábio, minha barriga explodindo com borboletas nervosas.

— Essa expressão... — Ela aponta para o meu rosto. —Deveria estar no seu rosto enquanto você falava sobre seu beijo com Clifford.

Acenei para ela. Isso não era sobre o beijo ou Clifford. —Santino perdeu completamente a cabeça. Por um momento pensei que ele mataria Clifford. Ele o agarrou pelo colarinho e o levantou de cima de mim.

— Ele estava em cima de você?

— Na verdade, não. Ele estava apenas se inclinando para mim, mas esse não é o ponto. Santino se importa.

— Você tem certeza que ele simplesmente não seguiu as ordens do seu pai?

Balancei minha cabeça, ainda incapaz de abafar meu sorriso ou excitação. — Você deveria ter visto o brilho em seus olhos.

Santino invadiu meu quarto como um louco. Os olhos de Luisa se arregalaram em alarme. Uma reação normal ao ver o olhar homicida no rosto de Santino. Meu corpo, no entanto, inundou de desejo por ele. Meu coração começou a acelerar e borboletas invadiram meu estomago. Essa era a reação que eu queria.



— Por que você está realmente bravo, Santino? — Perguntei.

Santino e eu estávamos próximos, perto o suficiente para sentir o cheiro de sua loção pós-barba, um cheiro familiar com o qual sempre sonhei desde que o cheirei anos atrás. Seus olhos castanhos estavam cheios de raiva, mas não era tudo o que havia.

Santino parecia estar dividido entre me beijar e me matar. Eu deveria ser

cautelosa com sua ira como qualquer pessoa sã seria, mas o desejo fervia em minhas veias. Nada se comparava à enxurrada de desejo que sentia sempre que via a expressão furiosa de Santino. Ele era como uma fera enjaulada: selvagem, furioso, indomável.

Ele era o passeio selvagem que eu precisava antes do casamento e da carreira política de Clifford me enjaular, antes que a vida se tornasse uma série de deveres e beijos agradáveis. Santino me desejava. Talvez não ousasse admitir para si mesmo, muito menos mostrar, mas podia ver em seus olhos. Em alguns meses, eu seria maior de idade, e sabia que lá no fundo todas as apostas seriam canceladas. Como Santino havia dito, eventualmente ele cederia. Era apenas uma questão de tempo e minha perseverança.

Baixei a voz para um sussurro sedutor. — Acho que é porque está chateado consigo mesmo por me querer. E está ainda mais chateado que Clifford me beijou primeiro.

Santino parecia prestes a explodir. — Você... — Ele se cortou. — Foda-se. — Ele agarrou meu pescoço e me puxou em direção ao seu corpo.

Nossos lábios se chocaram. Todo o ar deixou meus pulmões. O beijo foi esmagador. Uma montanha-russa selvagem de dentes, lábios, língua. Santino exigiu que o deixasse dirigir este louco passeio de alegria, e abandonei meu controle, sabendo que o passeio valeria a pena.

Seus olhos ardiam de fúria. Ele queria resistir. Mas não podia.

Seu aperto no meu pescoço aumentou e o beijo se tornou ainda mais violento. Seu corpo pressionado no meu, me forçando a dar um passo para trás, em direção à minha cama.

Minha mente acelerou e meu corpo encheu de nervosismo e excitação.

De repente Santino me soltou e quase caí de costas na cama.

Engasguei por ar quando seus lábios não me tocaram mais. Ele me encarou, os olhos encobertos e furiosos, os lábios entreabertos, respirando com dificuldade. — Isso é um beijo.

— Não, — respondi. Isso não foi apenas um beijo.

Santino estreitou os olhos.

— Isso foi uma fúria desenfreada embrulhada em um beijo. Isso foi uma revelação.

Santino balançou a cabeça. — Se você gosta de beijo com raiva, vai adorar foder com raiva. — Ele parou, uma expressão de arrependimento passando por seu rosto. Mas ele não podia retirar as palavras.

— Aposto que sim, — sussurrei. Ouvir Santino usar pela primeira vez a palavra no sentido real enviou um arrepio excitado pelo meu corpo.

Ele deu um passo para trás, sua mandíbula apertada. — Não vai acontecer de novo. Não deveria ter acontecido em primeiro lugar.

— Mas você queria que isso acontecesse, e o que realmente se arrepende é que não conseguiu meu primeiro beijo. Você não queria, então Clifford pegou.

Santino respirou fundo. — Ele é seu futuro marido.

— Clifford não se importa quem eu beijo, ou se faço mais antes do casamento.

— Não me importo com o que Cliff permite ou não. Sou um soldado da Outfit e sigo nossas regras.

Bufei. — Diga isso ao Sr. Alfera. — Ele transou com a esposa de um capitão e queria me falar sobre as regras?

— Isso é irrelevante. Não serei seu brinquedo até que sele o vínculo com Clifford.

— Por que não? Você já foi o brinquedo de mulheres casadas antes, mas não pode ser meu brinquedo? — Odiava a palavra, mas foi Santino quem começou. — Clifford está se divertindo antes do casamento, por que eu não deveria?

Santino balançou a cabeça com uma expressão congelada. — Certifique-se de tirar seu pai do nosso rastro. Faça-o acreditar que é uma boa menina e sou seu guarda-costas obediente.

— Provavelmente seria mais convincente antes de você transar com a minha boca.

— Suas habilidades em mentir estão acima da média. Você vai se sair bem, — ele murmurou, em seguida, virou-se e saiu, mas não antes de deixar cair meu celular no chão com um pesado baque.

Soltei um grito furioso. Então olhei para o teto, ouvindo meu pulso e meu coração acelerado, sentindo a umidade entre minhas pernas e o calor na minha barriga. Se era isso que um beijo de Santino fazia comigo, entendia por que a sra. Alfera arriscava a ira do marido por uma rapidinha com ele. Minha chance de liberdade tinha uma data de validade. O que quer que eu quisesse experimentar, precisava fazê-lo antes de me casar com Clifford. Precisava absorver todas as aventuras que pudesse. O amor não estava escrito nas minhas estrelas. Mas eu queria luxúria e excitação, perigo e alegria. E queria coletar uma infinidade de memórias antes que meu futuro me alcançasse.

Capítulo 07

ANNA

Estava desenhando no meu quarto, brincando com diferentes variações de um vestido de noite. O barulho do lápis no papel sempre me acalmava. Nosso beijo me deixou inquieta.

Eu queria mais. E também queria fazer Santino pagar por ser um idiota, o que estava em desacordo com o meu primeiro desejo, ou talvez não.

Amassei o papel. Não conseguia me concentrar no desenho. — Anna!

Gemi.

— Anna! — Passos semelhantes a um rinoceronte em investida, trovejaram escada acima e em direção à minha porta.

— Anna! — Suspirei.

A porta se abriu e Leonas apareceu na porta. — O que?

Ele sorriu e se inclinou contra o batente da porta, acenando com uma carta na frente dele.

Estreitei meus olhos. — O que é isso? — Ele deu de ombros com um sorriso triunfante.

Só olhei. Se eu lhe desse uma reação mais forte, ele só me irritaria mais. Depois da discussão com Santino ontem, não estava com vontade de jogar.

— É da França. — Me animei. — Um instituto de moda.

Pulei da minha cadeira e corri em direção a Leonas. — Me dê isto!

Seu sorriso se alargou e ele levantou a carta sobre a cabeça enquanto me segurava no comprimento do braço com a outra mão.

Lutei para pegar a carta, mas Leonas era mais alto e mais forte do que eu.

Foram-se os dias em que poderia chutar sua bunda magricela. — Leonas! — Assobiei.

— Quero algo em troca.

Parei de brigar com ele e cruzei os braços. — Fale logo.

— Quero participar da festa de aniversário de dezoito anos de Clifford.

— Papai te proibiu de ir a qualquer festa. Você não sabe quando parar.

— É por isso que ele não vai saber. Você vai levar escondido.

— Santino e Clifford vão reconhecê-lo, seu idiota. Então será apenas uma questão de tempo até papai saber também.

— Ah ah, — Leonas falou lentamente, abanando o dedo diante do meu rosto. Tive o desejo nauseante de mordê-lo. — Nós dois sabemos que Sonny e Cliff comem na sua mão, mana.

Inclinei-me contra o batente da porta em frente a ele. — Tudo bem.

— E Ricardo e RJ.

— De jeito nenhum! — Rosnei e pulei nele mais uma vez, tentando finalmente arrancar a carta de sua mão. Soquei seu estômago, o que o fez rir engasgado. Ele me empurrou para o chão e sentou no meu estômago.

— Está bem, está bem. Levarei três maconheiros para a festa, mas não vou te ajudar se você for pego. E não quero que vocês me sigam como cachorrinhos perdidos.

— Novidade, mana, podemos nos divertir sem a sua ajuda.

Como se não soubesse. Esses três era a perdição da minha existência. — Saia de cima de mim.

Leonas levantou e deixou cair a carta na minha barriga. Sentei-me e abri com as mãos trêmulas, em seguida, li rapidamente, depois outra vez para ter certeza de que entendi direito. Meu francês era bom, muito bom, mas estava nervosa demais para confiar no meu cérebro.

— Diga-me o que diz, — pressionei, segurando a carta para Leonas com a mão trêmula.

Leonas ergueu uma sobrancelha e pegou a carta, então gemeu. — Francês, sério?

— Leia!

Ele examinou a carta, a surpresa se espalhando em seu rosto. Meu coração estava acelerado.

— Diz que você foi aceita no seu programa de graduação em design de moda.

Uivei de excitação e tropecei em meus pés, abraçando Leonas. Ele me deu um olhar preocupado, como se achasse que eu estava enlouquecendo.

— Você quer estudar moda em Paris?

— Querer? É meu sonho há anos!

Não tinha contado a ninguém sobre minha inscrição, nem mesmo Luisa ou Sofia. Sentia-me insegura por até mesmo ousar sonhar em estudar moda em Paris. E agora que meu sonho poderia realmente se tornar realidade, um novo medo se instalou, e se não pudesse ir?

Leonas me devolveu a carta. — Papai nunca vai concordar, Anna. Ele não vai deixa-la se mudar para outra cidade, muito menos para outro país.

Engoli. Leonas estava certo. Ele expressou meus medos. Ser aceita no instituto era apenas a primeira batalha. O mais difícil ainda estava por vir: convencer papai a me deixar ir. Era por isso que não tinha lhe contado ou a mamãe sobre meus planos de me candidatar ao programa. Comigo já aceita no programa, minhas chances de convencer mamãe e papai cresciam exponencialmente, porque agora eles estariam me tirando algo. E poderia jogar a carta da culpa, se necessário.

— Posso ser convincente.

— Mesmo você não pode ser tão convincente. Durante anos, não teve permissão para frequentar a escola porque nossos pais queriam ter certeza de que você estava protegida, e espera que papai diga sim a isso?

— A guerra com a Camorra está adormecida há algum tempo. Nada de importante aconteceu desde que Serafina foi sequestrada.

— Diga ao papai, não a mim. — Sua voz deixou claro que ele não achava que funcionaria.

Virei-me e desci as escadas, mas não em direção ao escritório do papai, ele

provavelmente nem estava em casa, mas em direção ao escritório da mamãe. Ela trabalhava principalmente em casa para poder passar mais tempo conosco, especialmente Bea, que ainda precisava dela mais do que Leonas e eu. Se quisesse uma chance de convencer papai, precisava convencer mamãe primeiro.

Bati e esperei, meus dedos deixando marcas na carta. Não conseguia me lembrar da última vez que tive as mãos suadas.

— Entre, — mamãe falou.

Enfiei a cabeça com um sorriso tímido. — Você tem tempo para uma conversa?

Mamãe estava sentada atrás de sua mesa, um móvel moderno e branco que era apoiado apenas por uma perna diagonal. Era uma obra-prima de design. Mamãe e eu escolhemos juntas. Ela sorriu calorosamente. Mamãe sempre arrumava tempo para mim, não importa quão estressada estivesse. Eu sentiria falta de tê-la por perto.

Caminhei até ela e lhe estendi a carta. Ela a pegou com uma pequena carranca e então a examinou. Lentamente, ela a baixou para a mesa, em seguida, olhou para mim com uma expressão chocada. — Você se inscreveu em um instituto de moda em Paris?

— Não é qualquer instituto de moda, mãe. É uma das melhores escolas de design de moda do mundo.

— Mas você se inscreveu no Instituto da Escola de Artes?

— Sim. — Era o melhor lugar para estudar design de moda em Chicago. Não era Paris ou Nova York.

Mamãe assentiu e olhou para a carta novamente como se ainda não pudesse acreditar. — Paris. — Ela balançou a cabeça. — Anna.

— Mãe, — falei suplicante, agarrando sua mão. — Você sabe o quanto amo desenhar, o quanto amo ser criativa, o quanto quero desenhar moda, e Paris é o lugar para fazer isso. — Apontei para o vestido que tinha desenhado e estava usando no momento. Um vestido verde de efeito ombre com bolsos imperceptíveis na saia onde poderia guardar meu telefone ou qualquer outra

coisa que precisasse à mão.

— Eu sei, mas é longe e este não é apenas um programa curto de verão, este é um programa de graduação de três anos.

— Não é como se fosse obrigada a terminar. Poderia começar o programa e se você e papai acharem que é hora de eu voltar para Chicago, então voltarei. Mas pense dessa forma, o tempo no exterior, especialmente na França, impressionará todos os amigos arrogantes dos Clark.

Mamãe me deu um sorriso conhecedor. — Tente essa linha com seu pai mais tarde, talvez funcione.

Afundei diante de mamãe e coloquei minha cabeça em seu colo como fazia quando era pequena. — Sei quais são meus deveres. Vou me casar com Clifford para que a Outfit e nossa família se fortaleça ainda mais. Vou interpretar a esposa do político. Mas até lá quero ser eu, pelo menos por um tempo. Clifford não vai se importar. Ele não é como nossos homens. Eu poderia viver meu sonho por alguns anos antes de me tornar tudo o que a Outfit precisa que eu seja.

Mamãe acariciou meu cabelo e suspirou. — Quero que você seja você mesma, não apenas por alguns anos, mas para sempre. Talvez você possa ser assim com Clifford.

— Ele nunca poderá saber todos os segredos do nosso mundo, mãe, então sempre terei que manter parte de mim escondida.

— Você é muito sábia Anna. Sempre foi.

Fechei os olhos, saboreando a sensação dos dedos de mamãe massageando meu couro cabeludo.

— Paris é linda, — mamãe sussurrou. Papai e ela haviam comemorado seu último aniversário lá.

— Gostaria de poder ver com meus próprios olhos.

As mãos da mamãe pararam. — Sua proteção sempre será nossa principal prioridade.

— É por isso que nunca pedi para me inscrever no New York Fashion Institute. Mas Paris está longe dos conflitos do nosso mundo. Não vou dizer às

pessoas quem sou. Vou fingir que sou uma estudante normal. Vou me misturar. Essa é a melhor proteção.

— Você tem minha bênção, querida. Vamos resolver sobre sua proteção. — Ela riu. — Mas não sei como vamos convencer seu pai.



Mamãe entrou primeiro. Se alguém podia convencer papai, era ela.

Andei de um lado para o outro no corredor. Fiquei tentada a escutar, mas resisti ao impulso. As vozes atrás da porta eram muito baixas de qualquer maneira. Nem papai nem mamãe costumavam levantar a voz.

Depois do que pareceu uma eternidade, a porta se abriu e mamãe fez sinal para eu entrar. Sua expressão me dizia que a luta ainda não havia acabado.

Papai estava na frente da janela, com os braços atrás das costas. Dei-lhe um sorriso esperançoso.

Ele soltou um suspiro. — Você sabe como nosso mundo é perigoso.

— Mas Paris não é território de ninguém. É longe, sim, mas isso é uma vantagem.

Papai deu um sorriso tenso. — Essa é uma maneira de ver as coisas. Mas nossos conflitos não terminam em nenhuma fronteira.

— A Camorra não vai mandar ninguém para a França para me sequestrar. E a Famiglia nunca esteve no negócio de sequestrar mulheres.

O rosto de papai se contraiu como sempre acontecia quando a hora mais sombria da Outfit era mencionada. Duvidava que ele fosse superar isso.

— Você não acha que vou viajar pelo mundo uma vez que me case com Clifford? A família dele tem casas de veraneio na Europa.

— Os guarda-costas dos Clark vão protegê-la então.

— Posso levar Santino a Paris. Ele me protegeu por anos. Ele pode me manter segura em Paris.

As sobrancelhas do papai franziram. Para minha surpresa, foi mamãe que pareceu mais preocupada por causa da minha sugestão. Definitivamente precisava ser cuidadosa perto dela. Se ela descobrisse que eu cobiçava Santino, ela não só me proibiria de ir a Paris, mas também o mataria.

— Três anos é muito tempo, Anna.

— Volto a Chicago para os feriados e aniversários de todos e eventos sociais importantes, e você pode ir me visitar também.

— Estamos falando de um voo de dez horas, não de uma curta viagem de carro, — disse papai.

Andei em direção a ele, dando-lhe meus melhores olhos de cachorrinho. Papai era frio como gelo, mas esse olhar sempre o pegava, eventualmente.

— Nem preciso terminar, mas adoraria tentar, pelo menos por um tempo. Você sabe que nunca me meto em problemas, pai. Você pode confiar em mim. Serei boa. Apenas deixe-me viver um pouco.

Papai tocou minha bochecha. — Vou te proteger a qualquer custo.

— Eu sei, mas estarei segura.

— Mesmo que te deixe cursar ao programa por um tempo, você não pode começar neste outono. Concordamos em fazer sua festa de noivado logo após seu aniversário. O programa já terá começado então.

Mordi meu lábio. Minha festa de noivado... sempre esquecia. Apenas três meses. — Eu poderia vir de Paris para isso.

Papai balançou a cabeça. — Muitas reuniões sociais exigirão sua presença na época do noivado. Você pode começar na primavera.

— Ok, — disse baixinho, tentando não ficar muito desapontada. Papai até mesmo considerar Paris já era uma grande vitória. — Mas fui aceita para o semestre de outono. Não sei se me deixarão começar mais tarde.

— Vou lidar com isso. Temos alguns contatos na França. Tenho certeza de que há algo que possamos fazer. Três meses é muito pouco tempo para encontrar um apartamento seguro em Paris de qualquer maneira. Requer muito planejamento então a primavera é mais viável.

— Então poderei ir, depois do seu aniversário? — Perguntei, tentando forçar meu pai a uma data. Ele levantou uma sobrancelha loira, vendo através de mim.

— Vou falar com Santino. Se ele acha que pode mantê-la segura em Paris, posso considerar deixá-la ir em fevereiro até o próximo verão. Depois disso, terei que considerar novamente.

Fiquei na ponta dos pés e joguei meus braços em volta do pescoço de papai, em seguida, beijei sua bochecha, que normalmente estava impecavelmente barbeada. Nunca tinha visto papai com barba por fazer. — Muito obrigada, pai!

— Ainda não disse sim.

Sorri e sai correndo. No momento em que estava no corredor, a determinação me encheu. Santino nunca diria a papai que poderia me proteger em Paris. Não porque duvidasse de suas habilidades, mas porque não gostaria de ir a Paris comigo. Ele manteve distância desde o nosso beijo alguns dias atrás.

Tinha que falar com ele antes que ele falasse com papai. Fui em direção à guarita e Santino cruzou meu caminho, já a caminho para falar com papai.

Agarrei seu braço. Ele olhou para os meus dedos com desdém. — O que você está fazendo?

— Você tem que dizer ao meu pai que vai me proteger em Paris e que está confiante de que pode fazê-lo.

Seus olhos refletiam sua confusão. — O que você está falando?

Expliquei-lhe a situação rapidamente. Não tínhamos tempo a perder.

— Então deixe-me ver se entendi, — ele falou lentamente. —Você quer que eu vá para a França e te proteja lá, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Por três malditos anos.

— Provavelmente será só até o verão. Seis meses no máximo. Papai não vai permitir que eu fique no exterior por mais tempo.

Santino me deu um olhar que sugeria que eu estava cheia de merda. — França. E protege-la 24 horas por dia. Isso é um grande e gordo não.

— Você tem que dizer sim.

— Não.

Ele se livrou do meu aperto e se afastou. Corri atrás dele e o peguei no corredor do escritório do papai. — Você quer que papai descubra sobre a Sra. Alfera e o beijo que acabamos de compartilhar?

Os olhos de Santino brilharam de incredulidade, depois de fúria. — Você está tentando me chantagear?

— Não teria que chantageá-lo se você se importasse com meus sentimentos.

— Protejo seu corpo, não seus sentimentos.

— Talvez devesse fazer as duas coisas.

Sua mandíbula flexionou. Ele estava muito chateado. — Então deixe-me ver se entendi, você vai me delatar se não disser ao seu pai que manterei seu traseiro seguro em Paris?

— E que está muito confiante de que será capaz de manter minha segurança.

Se olhares pudessem matar, eu viraria cinzas. Consegui irritar Santino antes, mas acho que nunca o vi tão bravo.

Santino andou em direção ao escritório de papai sem outra palavra e bateu antes que eu pudesse dizer mais. Rapidamente me afastei para que papai não me visse. Agora tinha que esperar que Santino fizesse o que pedi. Qualquer pessoa sã mentiria para salvar sua vida. Mas Santino às vezes agia como um lunático.

Capítulo 08

ANNA

Esperei ansiosamente no meu quarto. Não queria invadir o escritório do papai tão cedo. Mas quanto mais demorava a espera, mais difícil era ficar parada.

Uma batida soou e praticamente voei em direção à porta e a abri.

Mamãe estava no corredor. — Posso entrar?

Seu rosto estava ilegível, o que fez meu coração afundar. Provavelmente choraria se Paris não desse certo. Parecia minha única chance de viver meus sonhos até que o casamento os esmagasse.

Dei um passo para trás. — É claro.

Mamãe entrou e afundou no meu sofá. Sentei ao lado dela. — E? — Perguntei, incapaz de me conter por mais tempo.

— Seu pai teve uma longa conversa com Santino. — Balancei a cabeça, pronta para explodir.

— Santino convenceu seu pai de que pode protegê-la em Paris, então seu pai e eu permitiremos que você comece seus estudos de design de moda...

Gritei e joguei meus braços em volta do pescoço da mamãe. Mamãe riu e deu um tapinha no meu braço.

— Deixe-me terminar, — ela pressionou, obviamente lutando para respirar por causa do meu abraço apertado.

Afastei-me, minhas bochechas coradas.

— Nós permitiremos que você comece, mas quanto tempo poderá ficar depende da situação geral de segurança e do seu comportamento. Se sentirmos a qualquer momento que sua segurança está em jogo, você retornará.

— Claro, mãe. Estarei no meu melhor comportamento.

Mamãe procurou meus olhos. — Seu pai confia nas habilidades de Santino. Ele é um soldado muito competente. — Ela fez uma pausa. — Eu, no entanto, não sei se gosto da ideia de você sozinha com ele em Paris.

Engoli em seco e fiz uma cara chocada. — Por quê? Ele me protege há anos.

— Sim, sim, — mamãe disse lentamente. — Sou sua mãe, mas também sou mulher e tenho olhos.

Tentei parecer tão inocente quanto humanamente possível.

A expressão de mamãe deixou claro que eu poderia deixar de lado a atuação. — Esse olhar funciona com homens, não com mães.

— Por quê?

— Porque os pais querem acreditar que suas filhas são o epítome da inocência e preferem preservá-la a vê-la desmoronar.

— Não quero fazer nada de ruim, mãe. Só quero viver um pouco, isso é tão ruim?

— Se você perguntar à maioria dos homens em nosso mundo, sim. Se me perguntar, depende.

Sabia que estava pisando em gelo fino confiando em mamãe sobre as liberdades que queria experimentar, mas mamãe era a pessoa mais compreensiva que conhecia. E apesar do nosso mundo, ela era feminista e queria oportunidades iguais para mulheres e homens.

— Quero me divertir um pouco antes de ter que me casar com Clifford.

— Sei que Clifford está se divertindo bastante e suspeito que não se conterá nas festas de fraternidade que participará nos próximos anos.

— Definitivamente não, — falei, então contei a mamãe sobre a estranha conversa que ele e eu tivemos um tempo atrás.

Ela tocou meu braço. — Como Clifford disse, discrição é a chave. Contanto que você use proteção, não me importo que se divirta. Com seu casamento com Clifford, você terá mais liberdades do que a maioria das mulheres em nosso mundo... — Ela parou. — A liberdade de escolha não

significa que devemos escolher todas as opções disponíveis. Algumas permanecem imprudentes.

Sabia que ela estava falando sobre Santino. Escolhi ficar em silêncio. Cada palavra que dissesse poderia revelar mais do que queria. Mamãe estava seguindo uma pista e não queria arruinar minhas chances de ir a Paris porque ela achava que eu tinha tesão por Santino.

— Quero que você fique longe de Santino. Essa é a minha condição. Se tiver a sensação de que há algo acontecendo entre você e ele, então estará no próximo voo de volta a Chicago e ele terá um novo emprego.

— Mãe, você realmente não precisa se preocupar. Santino não tem o menor interesse em mim. Ele mal consegue me tolerar e leva seu trabalho muito a sério.

Os olhos da mamãe pareciam me radiografar. — Você tem uma vontade de ferro e gosta de fazer o que quer, querida. Ambos pode ser uma vantagem, mas também pode causar problemas. Quero ter certeza de que você também mantenha a distância esperada de Santino. Isso refletiria mal para seu pai se o homem que ele escolheu para protegê-la o desrespeitar por conduta inadequada em relação a você.

Ai. Mamãe sabia como dar um golpe. — Isso é realmente sobre Santino ou você e papai preferem que eu permaneça virgem até o casamento?

— Isso é apenas sobre Santino. Ele tem uma responsabilidade por você e é muito mais velho e experiente. Você deve escolher um menino da sua idade se quiser desfrutar de suas liberdades temporárias.

Santino ser mais experiente era uma das razões pelas quais o achava sexy. Tinha a sensação de que Santino sabia como dar prazer a uma mulher. A Sra. Alfera provavelmente não arriscaria a ira de seu marido por um amante sem brilho.

Claro, não mencionei nada disso. — Papai é doze anos mais velho que você.

— Nossa situação era muito diferente. Eu já tinha sido casada antes e era

uma mulher adulta. Você é protegida por Santino, e ele a conhece há muito tempo, o que o coloca em desvantagem.

Isso mostrava como mamãe era tendenciosa como minha mãe. — Você tinha apenas vinte e três anos quando teve que se casar com papai. Em um casamento você está em maior desvantagem porque o marido detém todo o poder, especialmente se ele for Capo. Papai te conhecia de eventos sociais desde que você era muito mais jovem. E você mesma me disse que seu primeiro casamento nunca foi real, então realmente não estaríamos em níveis tão diferentes. Só que não sou casada com Santino, então ele não tem poder sobre mim.

— Discutir com você costumava ser mais fácil.

Sorri.

Mamãe ficou séria. — Tenho uma condição inegociável, Anna. Não quero que você e Santino aconteçam. Isso é tudo. Você pode se divertir, mas não com ele.

— Não se preocupe, mãe. Ele não está interessado em mim, e estou mais interessada em conhecer um cara artístico parisiense bonito. Não tenho nenhum interesse em Santino. Talvez tivesse uma pequena queda por ele quando tinha doze ou treze anos, mas não sou mais aquela garotinha.

Poderia dizer que mamãe não estava completamente convencida, mas ela assentiu de qualquer maneira.

SANTINO

Meu pulso estava batendo em minhas veias quando entrei no escritório de Dante. Não conseguia me lembrar da última vez que fiquei tão chateado. Anna tinha me encurralado e eu tinha apenas uma opção para sair disso, dizer a Dante

a verdade sobre meu caso com a Sra. Alfera e beijar Anna.

O primeiro era algo que só poderia levar à reprovação e a um aviso do meu Capo. O último, porém, poderia custar-me tudo, e não apenas a mim. Papai tinha trabalhado duro a vida toda e era muito respeitado. Mesmo se ele não tivesse nada a ver com a minha merda, provavelmente seria arrastado para a lama comigo.

— Santino, — Dante disse com um breve aceno de cabeça. Ele estava na frente da janela, os braços atrás das costas e uma expressão preocupada no rosto. Apesar de sua idade, ele exalava força, e sua autoridade certamente não havia diminuído ao longo dos anos. Ele era uma das poucas pessoas que eu realmente respeitava. Mentir para ele não me caia bem por várias razões.

— Pedi que você viesse ao meu escritório porque preciso da sua opinião honesta sobre um assunto.

— Tudo bem. Papai sempre me diz que posso ser brutalmente honesto, então isso não deve ser um problema, — disse, minha voz razoavelmente calma considerando a raiva ainda borbulhando sob a superfície.

Dante se virou para mim completamente, o que me fez trabalhar ainda mais para manter meu rosto controlado. — Anna foi aceita para frequentar uma escola de design de moda em Paris a partir deste outono e tenho que decidir se vou permitir que ela vá.

— Paris, — disse, surpreso, como se isso fosse novidade para mim. — Suponho que você não esteja falando sobre Paris, Texas.

Dante soltou uma risada seca. — Infelizmente, o sonho de Anna é um ano na França. Possivelmente mais tempo.

Ela realmente esperava que eu morasse na França por anos? Com certeza não aprenderia francês só para comer baguete com vista para a Torre Eiffel. Não podia acreditar que tinha permitido que Anna me chantageasse. Por que a beijei? O que diabos deu errado no meu cérebro? — É muito tempo longe de casa.

— De fato. Você é responsável pela segurança de Anna há anos e confio em seu julgamento. Preciso ter certeza de que Anna estará segura morando em

Paris. Isso exigiria, no mínimo, sua presença.

Respirei fundo. — Paris é provavelmente mais seguro do que Chicago para Anna, considerando que a Camorra e a Famiglia estão longe. Se garantirmos que a presença de Anna em Paris não seja amplamente conhecida e providenciarmos para que ela viva como uma estudante normal lá, duvido que enfrente mais perigos do que aqui.

— Para o período de estudos de Anna em Paris, você teria que mudar toda a sua vida. Só poderá visitar sua casa quando Anna voltar a Chicago para eventos sociais, o que acontecerá com frequência, mas ainda terá que desistir de sua vida por ela.

Que vida? Queria perguntar. Desde que me tornei guarda-costas de Anna, trabalhava quase todos os dias. E não era apenas um maldito trabalho das nove às cinco. Mais como das sete às dez da noite. E tinha que estar sempre disponível quando ela queria ir a qualquer lugar. Eu estava à sua disposição. Então, a única coisa que tornaria Paris uma experiência ainda mais difícil era que não sairia à noite e teria que dormir com os olhos abertos para ter certeza de que Anna não se esgueiraria para minha cama. — Não tenho esposa ou namorada, e minha irmã não está mais morando em casa. E tenho certeza de que verei meu pai sempre que você e Valentina visitarem ou quando Anna e eu voltarmos aos Estados Unidos.

— Você teria que viver uma mentira. Provavelmente seria viável fingir que é o irmão dela em público para explicar que vocês dois estão juntos o tempo todo.

Irmão? Claro, Dante não iria querer que fingíssemos ser um casal, o que provavelmente era o melhor de qualquer maneira. Cruzar os limites me trouxe aqui em primeiro lugar, então me colocar na mentalidade de ver Anna como firmemente fora dos limites novamente era fundamental.

— Você não pode ter nenhum dia de folga, nem mesmo uma noite, — Dante continuou, inconsciente dos meus pensamentos acelerados.

Balancei a cabeça. — Isso é verdade. Vai ser desafiador. — Limpei minha

garganta. — Farei isso e estou confiante de que posso mantê-la segura, mas depois de vigiar Anna em Paris, gostaria de me demitir como guarda-costas e voltar a trabalhar com Arturo. Sinto falta dessa linha de trabalho.

As sobrancelhas de Dante se juntaram. Não tinha certeza se era um bom ou mau sinal. Apesar de conhecer o homem há décadas, tinha dificuldade em lê-lo. Ele finalmente inclinou a cabeça. — Lhe dou minha palavra de que você se tornará Executor assim que voltar.

Foda-se sim!

Mal podia esperar para contar a Anna um dia, mas definitivamente não tão cedo. — Melhor não contar a Anna ainda. Não quero que ela pense que não vou trabalhar direito porque estou com a cabeça em outro lugar. — A pequena diabinha só encontraria uma maneira de convencer Dante a me manter como seu guarda-costas ou me chantagear para ficar. Depois de Paris, eu sairia. As coisas entre Anna e eu estavam saindo do controle, e Paris já era um risco ridiculamente alto.

— Eu disse a Anna que ela poderia partir em fevereiro. Temos que esperar que seu noivado e alguns eventos sociais importantes passem antes que ela possa ir.

— Os Clark vão concordar que ela vá para a França?

— Eles seguem regras muito diferentes das nossas, o que me leva ao próximo ponto.

Esperei. Tinha a sensação de que sabia onde isso estava indo, e provavelmente tinha a ver em parte comigo.

— Por causa de seu vínculo com Clifford, Anna tem mais liberdades do que a maioria das garotas em nosso mundo. Tenho certeza de que Clifford disse isso a ela. Ele não me parece alguém que se importa com o que ela faz antes do casamento e possivelmente nem depois.

A desaprovação na voz de Dante me surpreendeu. Ele e Valentina decidiram entrar no vínculo com os Clark, mas suponho que era tipo um acordo com o diabo. Necessário às vezes, mas não agradável. Dante não gostava de

Maximo Clark, nem mesmo de sua esposa.

— A fidelidade não é garantida no mundo deles, nem no nosso, — falei. Tive muitos casos com mulheres casadas que buscavam conforto nos braços de outro homem depois de anos sendo traídas e sofrendo em silêncio. Talvez fosse por isso que não acreditasse mais em casamento ou amor. Meus pais se amavam, e isso quase matou papai quando mamãe morreu. O amor te fodia de qualquer maneira.

— Em nosso mundo, qualquer homem saberia melhor do que trair Anna.

— Isso é verdade. — A maioria cagaria nas calças por medo de Dante. — Mas Anna é dura. Tenho certeza de que ela vai ter Clifford enrolado em seus dedos em pouco tempo. — As palavras realmente me custaram. Anna era um grande pé no saco e me enlouquecia quase todos os dias, mas ela também era uma princesa da máfia, orgulhosa e inteligente, para não mencionar linda. Ela merecia mais do que Clifford. Ela merecia um homem que soubesse seu valor, que realmente entendesse quem ela era e o peso que carregava em seus ombros. Clifford estava muito envolvido em seus problemas com papai e mamãe, sem mencionar o planejamento de sua futura carreira para perceber que tipo de joia recebeu sem nenhum trabalho próprio.

— Estou trazendo isso à tona porque, embora queira que Anna aproveite Paris, mesmo que participe de uma festa ocasional com você ao lado dela, ainda preciso que se certifique de que ela cumpra nossas regras e esteja segura.

— Suponho que você está falando de meninos.

— Se Clifford e os Clark decidirem romper o noivado por qualquer motivo, eles não estão vinculados por nossos juramentos e honra, então não vou descartar isso completamente, preciso ter certeza de que Anna não enfrentará um escândalo infeliz se tiver que se casar com um de nossos homens. Nosso mundo permanece antiquado a esse respeito e os esforços meus e de Valentina por uma mudança não foram bem-sucedidos, pelo menos nesse ponto.

— Vou garantir que Anna fique longe dos meninos, não se preocupe. — Adoraria bloquear qualquer cara que quisesse colocar as patas nela. Tentei não

me alongar sobre isso porque me causava uma porra de emoção.

— Aprecio isso, — Dante falou lentamente e lentamente se aproximou de mim. Agora estava chegando, o aviso que eu estava esperando. — Como pai, tento ignorar certos desenvolvimentos, mas não ignoro o fato de que Anna se tornou uma bela jovem que logo atingirá a maioridade, e você não está comprometido com alguém. Viver em locais tão próximos pode fazer com que Anna ou você esqueçam certos limites.

Ri como se isso fosse completamente irreal. — Confie em mim, nem Anna nem eu corremos o risco de perder de vista quaisquer limites. Anna é muito determinada e obediente. Ela vai se concentrar em seus estudos, e se ela se interessar por um menino, será algum francês que gosta de desenho e ópera. Mas mesmo que Anna de repente tivesse algum interesse em mim, não estou nem um pouco interessado nela. Sempre fui atraído por mulheres mais velhas. — Essa era a verdade absoluta. Todos os meus casos e até namoradas de curto prazo eram mais velhas. Arturo, em um raro momento de ser engraçado, me chamou de MILFinator[2] uma vez. Não tinha certeza do que havia de diferente em Anna, que me fazia mostrar o menor interesse por ela. Mas com certeza não seria o suficiente para me fazer pousar na cama com ela. Eu procuraria uma boa MILF francesa para me fazer companhia. — Meu pai estava mais preocupado comigo paquerando sua esposa do que Anna quando comecei a trabalhar aqui, — falei em um verdadeiro momento de meter os pés pelas mãos. Um dia acabaria com uma bala na cabeça, por causa do meu pau ou da minha boca.

Os olhos de Dante brilharam e ele ergueu uma sobrancelha. — Isso é certamente reconfortante, — disse ele em voz baixa.

Decidi manter minha boca fechada antes que vomitasse alguma merda ainda mais estúpida. Dante era um homem controlado e um Capo ainda mais controlado, o que salvou minha vida agora.

— Não acho que terei que lhe dizer o que acontecerá se descobrir que você agiu de alguma forma imprópria com Anna, ou minha esposa, em Paris ou em qualquer outro lugar.

— Fui seu Executor, Capo. Não precisa me dar detalhes. E conhecendo o cérebro esquisito de Arturo, ele provavelmente verá como um desafio ainda maior me torturar.

— Tenha certeza, eu mesmo lidaria com você neste caso.

Ri e assenti. — Embora seja uma honra morrer em suas mãos, garanto que não chegará a isso.

Capítulo 09

ANNA

Hoje era o aniversário de dezoito anos de Clifford, o que significava que era início de agosto e apenas mais dois meses antes do nosso noivado e seis meses até que me mudasse para Paris temporariamente.

Eu já tinha uma lista de eventos para os quais teria que voar para Chicago para cumprir minhas responsabilidades sociais, mas ainda estava animada.

Como prometido, levei Leonas, Rocco e Ricardo para a festa de Clifford. Clifford não se importou. Era uma grande festa com mais de duzentos convidados, então ninguém notaria três pré-adolescentes maconheiros.

Santino fingiu que não se importava. Ele mal falou uma palavra comigo desde que o fiz me ajudar com Paris algumas semanas atrás. Quando agradeci por me ajudar, ele me deu um olhar assassino e rosnou: — Não me agradeça. — Essa foi a nossa interação mais longa desde então.

As palavras de mamãe estavam se repetindo em minha mente constantemente. Bem, o aviso dela. Por isso respeitei o desejo de distância de Santino. Quebrar minha promessa para mamãe não era algo que pudesse fazer levianamente, e jurei a mim mesma pelo menos tentar ficar longe de Santino. Claro, isso só alimentou minhas fantasias noturnas com ele. Mas não havia nenhum mal nisso, certo?

Certo.

Estava determinada a me divertir o máximo possível na festa de Clifford, sem desperdiçar um único pensamento com Santino. Ele estava fora dos limites.

Fora dos limites.

Nós pegamos Luisa primeiro. Sorri quando ela entrou no banco de trás ao

meu lado e Leonas. Ela nunca tinha me acompanhado a uma festa antes e eu estava feliz por tê-la ao meu lado. Ela poderia colocar algum sentido em mim no caso de eu esquecer meus próprios limites...

Luisa estava, como sempre, um pouco tímida quando cumprimentou Santino. Ela era uma boa menina por completo, e a amava por isso. Desde que ela descobriu sobre nosso beijo proibido, teve ainda mais problemas para interagir com Santino, embora ele sempre a tenha intimidado. — Estou nervosa. Esta é a minha primeira festa de verdade.

Dei-lhe um sorriso encorajador. — Você vai ficar bem. Apenas se divirta. — Ela assentiu, segurando sua bolsa como se fosse sua tábua de salvação.

Santino foi para a mansão Scuderi em seguida. Era onde Riccardo e Rocco ainda moravam com a mãe depois da morte do pai. Eles já estavam esperando na frente da porta e desceram as escadas com grandes sorrisos. Claro, eles não precisaram fugir de casa como Leonas tinha feito. A mãe deles tinha o suficiente superando o trauma do casamento para cuidar deles adequadamente.

Não havia espaço para eles no banco de trás, e Santino rosnou para eles quando tentaram entrar no banco do passageiro, então eles não tiveram escolha a não ser sentar no espaço para as pernas à nossa frente. Riccardo sorriu e trocou um olhar com seu irmão quando ele pressionou minhas pernas por falta de espaço.

— É melhor você conter sua excitação, — Leonas murmurou.

— Ah, ele vai, — falei. — Ou vai descobrir quão afiados meus saltos são.

Riccardo trocou outro olhar com Rocco, mas eles não tiveram chance de dizer nada porque Santino acelerou.

Se ele achava que dirigir como um louco arruinaria a festa para mim, estava muito enganado.

Luisa e eu abandonamos os meninos assim que chegamos à mansão Clark, exceto pela nossa sombra: Santino, é claro.

Pegamos bebidas imediatamente e fomos em direção à pista de dança. Luisa tomou um gole hesitante da taça de vinho branco.

— Vá com calma, — disse a ela. Não queria ser responsável por ela desmaiar de tanto álcool. Nunca a tinha visto beber antes. Peguei meu telefone. — Hora da selfie. Quero enviar algumas fotos para Sofia para animá-la.

O casamento dela com o Danilo ainda estava um pouco tumultuado, e fiquei triste por ela não poder estar aqui conosco. Com ela agora morando em Indianápolis, dificilmente nos víamos com frequência, especialmente agora que tinha deveres de esposa. Fizemos caretas para a câmera e mandei as cinco mais ridículas para Sofia.

Estava feliz por não ter que me casar logo. Acho que tinha que agradecer a Clifford por isso. — Estou feliz que você ainda não se casou, — disse a Luisa.

Luisa fez uma careta e deu de ombros. — Não me importaria de me casar, mas mamãe está sendo super exigente quando se trata de possíveis maridos.

Não era de admirar, considerando sua história de fundo com um primeiro marido estuprador e abusivo. Não disse isso. Luisa nunca falava sobre seu pai biológico.

— Você vai se casar em breve. E você poderá escolher um marido sozinha. Duvido que sua mãe diria não se você se apaixonasse ou estivesse com tesão.

Luisa corou com a menção de tesão. Ri e a cutuquei. — Você realmente vai ser a virgem corada em sua noite de núpcias. Se fosse lesbica, casaria com você. Você é simplesmente muito fofa.

Luisa me cutucou de volta, parecendo ainda mais envergonhada. — Você conhece alguém?

Balancei minha cabeça em resposta. Mal conhecia ninguém, mas isso não era ruim. Dessa forma, poderia relaxar e não me preocupar muito com cada detalhe desta noite criando fofocas em nossos círculos e, eventualmente, encontrando o caminho para meus pais. Com Santino em minhas mãos, minha vida melhorou consideravelmente. Até mesmo seu mal humor crescente por causa do meu pequeno esquema de chantagem valia a pena.

— Onde está Santino? Ele não deveria estar nos vigiando? — Luisa perguntou preocupada enquanto olhava ao redor. Santino concordou em nos

vigiar esta noite para não chamarmos muita atenção para nós com um segundo guarda-costas. Bastou um pouco de convencimento da minha parte para a mãe de Luisa concordar. Os adultos sempre achavam que eu era a boa menina, então me davam o que eu queria, até a superprotetora Bibiana.

Permiti que meu olhar vasculhasse a pista de dança, em seguida, vaguei para o bar no pátio. A maioria dos convidados estava do lado de fora, aproveitando a noite quente de verão. Não vi Santino em lugar nenhum. Apenas Leonas e seus dois cumplices estavam conversando com algumas garotas. A suspeita me encheu. Luisa tinha razão, Santino tinha concordado em vigiar. No entanto, duvidava que alguém atacasse a casa de um senador para chegar até mim. Onde ele estava? Ou ele se escondeu no canto mais distante por alguns minutos de paz e sossego, ou... ele não ousaria... a maioria dos convidados era da minha idade e de Clifford, apenas alguns pareciam ser alguns anos mais velhos. Se Santino transasse com uma garota da minha idade, faria da vida dele um inferno.

Fora dos limites, me lembrei, mas meu coração ignorou meu cérebro.

Fiz sinal para Leonas que iria ao banheiro e ele apontou para o relógio, o que me fez revirar os olhos. Significava que ele iria me procurar se não voltasse em cinco minutos. Sempre que ele estava encarregado da minha proteção, se tornava esse cara mandão e super protetor.

Esta era uma festa de garotos ricos e mimados que já choraram quando um pedaço de chiclete ficou grudado sob suas botas. Em nosso mundo, você pedia ao seu irmão que lhe entregasse a faca para que pudesse tirá-lo e ainda usaria a lâmina para esfaquear alguém depois. Eu poderia lidar com qualquer garoto que ousasse se aproximar de mim. Os faria chorar em sua taça de vinho branco extravagante em qualquer momento.

— Vou procurar o Santino, — disse a Luisa. — Você quer vir comigo?

Luisa imediatamente balançou a cabeça. — Prefiro não me envolver em uma briga.

— Quem disse que vamos brigar? — Luisa me deu um olhar que dizia

realmente?

Sorri. — Somos uma combinação explosiva. — Então olhei ao redor. — Talvez você possa ir ficar com Leonas? Me sentiria melhor se não deixasse você sozinha aqui.

Luísa riu. — Sou tímida e não tão extrovertida quanto você, mas ficarei bem, Anna.

Não me movi.

Ela suspirou com um pequeno sorriso. — Tudo bem. Vou até o seu irmão.

— Serei rápida.

Mexi meus dedos para Leonas e fiz um gesto para Luisa, em seguida, saí. Vendo a quantidade de pessoas dançando no quintal ou na piscina, duvidei que Clifford tivesse convidado apenas duzentas pessoas. O lugar estava cheio de convidados. Mamãe me mataria se eu convidasse tantas pessoas para uma festa selvagem. Olhei para a casa da piscina, que estava banhada pela escuridão. Clifford foi esperto o suficiente para manter a bagunça fora de suas próprias paredes. Aquele era o lugar perfeito para Santino relaxar ou fazer outras coisas…

Corri em direção à porta de vidro. As persianas estavam todas fechadas então não podia olhar para dentro. Empurrei a maçaneta para baixo e fiquei surpresa ao encontrá-la aberta. Por que Clifford não a trancou?

Ou Santino tinha arrombado a fechadura? Realmente isso não o impediria. No momento em que entrei, ouvi risadinhas. O idiota.

Ele realmente escolheu uma garota para transar? Da próxima vez que me dissesse que eu era muito jovem, lhe daria um sermão. Como se alguns meses fizessem uma diferença tão grande!

Outra risadinha soou. Parecia absolutamente errada. E não conseguia identificar por que exatamente.

Segui o barulho em direção a uma porta atrás da qual suspeitei ser o quarto. A essa altura, o barulho havia se transformado em gemidos e suspiros abafados, misturados com ‘oh Deus’.

Abri a porta do quarto, tentando ficar quieta.

A primeira coisa que vi foi o rosto aterrado da Sra. Clark. Seus olhos estavam fechados, seus lábios entreabertos e ela estava suada. Seus seios balançavam na frente dela e o decote de seu vestido estava empurrado para baixo, envolvendo suas costelas. Sua calcinha vermelha pendia ao redor de seu tornozelo enquanto ela se ajoelhava estilo cachorrinho na cama de Clifford, a saia de seu vestido empurrada para cima em suas costas para que sua bunda estivesse apoiada na frente de ninguém menos que Santino.

Ela fez uma careta como se o espírito santo tivesse descido sobre ela e cantava oh Deus oh Deus, como se fosse subir aos portões do céu a qualquer momento. Ou Clark Sênior era o pior marido de todos os tempos, ou Santino tinha um pau mágico. Santino estava quase todo vestido, mas sua camisa estava desabotoada e suas calças estavam abertas enquanto ele se jogava na Sra. Clark com a determinação de uma britadeira novinha em folha.

Em uma decisão de momento, peguei meu telefone e tirei uma foto, em seguida, rapidamente o guardei de volta na minha bolsa.

Dei um passo para trás e as tábuas do piso rangeram. Os olhos de Santino voaram para mim e ele não parou. Apenas fez um movimento com a mão que sugeria que eu deveria ir embora.

Ele fez isso para me irritar. Para me punir por forçá-lo a ir para Paris.

Talvez até pelo nosso beijo. Ele estava chateado. Mas eu também estava.

Meus lábios se curvaram e me virei. Por tudo que me importava, ele poderia foder a mãe de Clifford até que seus cílios falsos e suas lentes de contato caíssem. Talvez ela o levasse para os portões do inferno com ela, porque Deus definitivamente não responderia ao seu cântico ridículo.

Eu estava fervendo. *Fervendo.*

Mas pior.

Pior.

Estava magoada e com ciúmes.

E isso me deixou ainda mais zangada porque não queria que Santino

tivesse o poder de me machucar. Queria que ele me fodesse. Era isso. Minhas emoções precisavam gentilmente ir se foder e me deixar em paz. Minha vida já estava complicada do jeito que estava, não precisava da minha paixão por Santino complicando ainda mais as coisas.

Não podia acreditar que ele tinha escolhido a Sra. Clark para transar. Esta era a sua maneira de se vingar.

Dois poderiam jogar este jogo.

Se ele agisse como um idiota, mostraria a ele que tipo de vadia eu poderia ser.

Verifiquei meus arredores procurando Clifford, mas só peguei a parte de trás de sua cabeça. Ele estava ocupado beijando uma morena que eu não conhecia.

Soltei uma respiração lenta, perto de estalar. O cara pelo qual deveria estar obcecada e o cara pelo qual eu estava realmente obcecada estavam fodendo outras mulheres.

Procurei meu irmão, seus dois ajudantes e Luisa. Em vez de encontrar os Beagle Boys ou minha amiga, só encontrei Rocco perto das portas francesas, parecendo inteiramente nada bem. O que significava que meu irmão e Riccardo provavelmente estavam em algum lugar lá fora, se encrencando, e se eu fosse particularmente azarada, me metendo em encrencas.

Luísa não estava em lugar nenhum. Hoje não era meu dia. Examinei a multidão novamente enquanto caminhava lentamente até Rocco, esperando desesperadamente que Luisa aparecesse novamente e não se deixasse arrastar para as travessuras do meu irmão. Precisava de uma conversa estimulante, ou alguém para me convencer a não fazer algo particularmente estúpido. Ela era boa em ambos, mas tinha muita prática com o último.

— Não me ponha em apuros, — disse em advertência quando cheguei ao lado de Rocco.

— Parece que você também está em apuros, — ele comentou com curiosidade e com aquela inclinação de cabeça e olhar de raio-x que sempre te

fazia acreditar que ele sabia mais do que deveria. Às vezes ele me assustava.

— Não estou em apuros, mas preciso de alguém para dar uns amassos. — Os olhos de Rocco se arregalaram.

Brincadeira.

Então ele deu um sorriso malicioso, e meus lábios se curvaram. — Não você, idiota, — murmurei.

Eu queria retribuir a Santino e não fazê-lo sentir pena de mim por beijar um garoto de quatorze anos. Sem mencionar que realmente precisava de um beijo espetacular que me fizesse querer cantar para o céu também. Talvez a Sra. Clark estivesse fingindo, mas não parecia ser esse o caso.

— Você e os outros Beagle Boys fiquem longe de problemas, entendeu? Não vou ajuda-los hoje, — rosnei.

— Esse é um apelido estúpido.

Dei-lhe um olhar que deixou claro que se encaixava perfeitamente antes que finalmente encontrasse Luisa parada no saguão. Ela estava segurando sua taça e dando aos dois garotos que estavam conversando com ela um sorriso desajeitado. Ao contrário de mim, os meninos não a reconheciam como uma princesa da máfia, então se atreveram a se aproximar dela. Ela se parecia com Bambi em forma humana, com enormes olhos castanhos e cílios longos, além de cabelos castanhos sedosos. Claro, ela também cheirava a inocência que parecia atrair ainda mais os meninos. Andei até ela e imediatamente o alívio cruzou seu rosto. Não vi meu irmão em lugar nenhum. Decidi não me importar por enquanto. Mais tarde, lhe daria uma surra por ter saído do lado de Luisa.

— Anna, — ela disse com um sorriso agradecido como se a tivesse salvado.

Ambos os meninos me verificaram como de costume, antes que o rosto do primeiro cara piscasse em reconhecimento e depois cautela.

— Essa é minha amiga Anna, — Luisa me apresentou.

Inclinei-me e sussurrei em seu ouvido enquanto decidia que minhas chances com o cara que ainda não tinha me reconhecido eram melhores. — Vou

fazer um movimento no cara da direita, ou você o escolheu?

Era uma pergunta retórica. Luisa estava determinada a esperar até o casamento para seu primeiro beijo.

— Ele é francês, — ela murmurou.

Era um sinal claro e explicava por que ele não sabia quem eu era.

Virei para ele com um sorriso encantador. — Você é da França? — Perguntei em francês.

Seu sorriso se iluminou. — Sim, de Paris. Estou aqui para melhorar meu inglês.

— Que coincidência. Estou procurando alguém para melhorar meu francês.

Beijando…

O cara sorriu como se soubesse o que não falei e se apresentou como Maurice. Falei sobre minha ida a Paris e logo estávamos imersos em uma conversa. Ele muitas vezes tocava meu braço e seus olhos corriam para meus lábios, então eu sabia que as coisas estavam indo na direção certa. — Que tal sairmos um pouco? Preciso de um pouco de ar fresco.

Antes de sair com ele, inclinei-me para Luisa. — Se você vir Santino, diga-lhe para não me procurar.

Ela balançou a cabeça com um olhar de advertência. — Não faça nada estúpido.

— Claro que não, — disse com uma risada.

Maurice e eu saímos para o quintal da mansão. Ainda estava quente e podia sentir o calor subindo pelas solas dos meus sapatos enquanto atravessávamos os caros azulejos de mármore que cercavam a área da piscina. A música estava tão alta que fiquei surpresa que nenhum dos vizinhos tivesse chamado a polícia ainda. Ou eles foram subornados ou a conexão de Clark com a Outfit estava surtindo efeito.

Maurice me levou para uma parte mais isolada do local, perto de um lago ladeado por algumas árvores altas. Um banco empoleirado na beira do lago.

Maurice e eu sentamos, nossas pernas se tocando. Conversamos um pouco, mas percebi que sua mente já estava em outra tarefa. Seu olhar estava agora praticamente colado aos meus lábios.

Pelo canto do olho, vi Santino sair para a varanda. Não tinha certeza se ele poderia nos ver de seu ponto de vista porque nossa parte do quintal não era tão iluminada quanto o resto.

Mas ele nos encontraria. Afinal, esse era o trabalho dele.

Bati meus cílios para Maurice e mordi meu lábio inferior. Ele não precisava de outro convite. Um de seus braços veio em volta das minhas costas e com o outro, ele segurou minha cabeça e me beijou. Ele não estava tão hesitante quanto Clifford e o beijo foi muito mais agradável. Claro, não podia se comparar ao beijo de Santino. Ainda assim, encontrei-me agradavelmente surpreendida. Me vingar de Santino pelo menos provou ser uma experiência agradável. Sua palma viajou pelas minhas costas até que descansou bem acima da minha bunda e nosso beijo ganhou ritmo. Meu corpo não ganhou vida como fez com Santino, mas podia imaginar entrar mais nele depois de um tempo.

De repente, Maurice foi arrancado de mim. Levei um momento para entender o que tinha acontecido. O beijo de Maurice realmente me fez esquecer o motivo do beijo em primeiro lugar.

Maurice sentou-se no chão com Santino de pé sobre ele. Maurice soltou uma série de xingamentos franceses e então atacou Santino. Meus olhos se arregalaram. Péssima ideia.

Em um minuto, Santino tinha Maurice de volta ao chão, de cara. O joelho de Santino pressionava as costas de Maurice, e sua expressão sugeria que ele queria quebrar sua coluna.

— Santino, — avisei. — Maurice não sabe quem eu sou.

O sorriso frio de Santino me atingiu e enviou um arrepio pelas minhas costas. — Talvez você devesse deixar os caras saberem antes de beijá-los que estão arriscando suas vidas ao tocá-la.

— Sai fora! — Maurice rosnou em inglês. Santino cravou o joelho mais

fundo nas suas costas, fazendo-o gemer de dor. —Você é o namorado dela?

— Guarda-costas, — disse rapidamente e me movi para o lado deles. Agarrei o ombro de Santino, sentindo seus músculos flexionarem sob meus dedos.

— Santino.

Santino se endireitou e finalmente soltou Maurice, que imediatamente se levantou, mas manteve distância de nós. — Guarda-costas? Você é famosa?

Santino zombou. — Ela é uma princesa da máfia, então fique longe dela, a menos que queira que eu quebre sua espinha.

Maurice parecia pensar que Santino estava brincando, mas um olhar para o meu rosto apologético fez seus olhos se arregalarem. Ele balançou a cabeça com outra série de maldições em francês. — Vocês americanos são completamente loucos. — Ele saiu sem outra palavra.

Santino agarrou meu braço e me arrastou para longe, mas não de volta para a festa, e sim para a entrada da garagem.

— O que você está fazendo? Ainda não é meia-noite! Não tive a chance de parabenizar Clifford.

— Se você acha que vou ficar mais um segundo nesta festa para que possa assisti-la deixar Clifford tirar uma casquinha como seu presente de aniversário, está muito enganada. Se você acha que se agarrar com adolescentes excitados é a maneira de me irritar, então não me conhece.

— Pelos seus padrões, provavelmente deveria seduzir Clark Sênior. Mas nunca vou afundar tão baixo quanto você, Santino.

— Dê um tempo, considerando seu comportamento nas últimas semanas, diria que você está no bom caminho.

— Você quer que eu seja uma boa garota? Então pare de ser tão idiota.

Chegamos ao carro. Luísa já estava lá dentro.

Santino inclinou-se, os olhos ardendo de raiva. — Quem disse que quero que você seja uma boa menina?

Oh puta merda. — Você quer que eu seja uma boa garota perto de outros

caras. — Aproximei-me ainda mais, agarrando sua camisa. — Mas no fundo quer que mantenha meu lado safado só para você.

Santino agarrou minha mão e a arrancou. — Não estou jogando seus jogos, Anna. E é melhor parar de jogá-los. Da próxima vez que eu te ver com outro cara, vou quebrar seus ossos, não importa quem ele seja, até mesmo Clark Sênior.

— Eu vou parar de beijar outros caras se você parar de transar com outras mulheres. — Ele riu sombriamente.

— Isso não é uma negociação.

— Então você acha que pode foder a Sra. Clark, e vou apenas sentar e assistir como uma boa garotinha.

— Nós não somos nada, Anna. Então eu foder quem quiser não é da sua conta.

— É se você estiver fazendo isso enquanto está no trabalho.

— Entre no carro, agora. Essa discussão acabou. Vou continuar fodendo a Sra. Clark e todas as outras mulheres que quiser, e você mantenha suas pernas fechadas até que Cliffy se sinta pronto para se casar e tirar sua virgindade.

Ele fechou a porta na minha cara e trancou as fechaduras. Soltei um grito enfurecido e dei-lhe o dedo.

Ele sorriu e se virou, voltando para a casa.

Luisa olhou para mim com os olhos arregalados de choque. — Uau. Vocês dois vão acabar se matando. Talvez devesse levar outro guarda-costas para Paris com você.

— De jeito nenhum. Não vou deixá-lo ir tão facilmente. Ele acha que pode me dar ordens. Eu sei que ele me quer. E não vou desistir até fazê-lo engolir suas palavras.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso. O que você quer fazer?

— Santino acha que sabe o jogo que estou jogando, mas ainda não comecei a jogar. Em Paris, todas as apostas estão canceladas.

— Estou realmente preocupada com você, Anna. Você ainda tem

sentimentos por ele. E se você se machucar?

— Não tenho sentimentos por Santino, não mais. Mas estou atraída por ele. Vou ter um caso com ele em Paris. Ele é como uma coceira. Só preciso coçá-lo.

— Minhas coceiras sempre pioram quando começo a me coçar, e geralmente não consigo parar até sangrar.

Balancei minha cabeça. — Tenho tudo sob controle, não se preocupe.

Capítulo 10

SANTINO

Não conseguia me lembrar da última vez que fiquei tão chateado.

Anna estava jogando um jogo perigoso e, infelizmente, eu era um otário e ficava sendo sugado para seus jogos.

Saí em busca de Leonas. Finalmente o encontrei em um dos quartos de hóspedes com uma garota de cabelos escuros ajoelhada na frente dele, dando-lhe um boquete. A sala cheirava a maconha, e a julgar pela expressão sentimental no rosto da garota e o sorriso de comedor de merda de Leonas, ambos fumaram.

As crianças Cavallaro seriam minha ruína. Eventualmente mataria um deles.

— Coloque seu pau de volta onde ele pertence, — rosnei.

O merdinha realmente me deu um sorriso que sugeria que estava exatamente onde pertencia. Peguei meu celular e tirei uma foto. — Vou mandar para sua mãe. Talvez ela possa falar com sua mente excitada e chapada.

Leonas cambaleou para trás da garota e tentou correr em minha direção. — Merda, cara. Isso não é brincadeira.

— Parece que estou brincando? Estou farto de você e Anna me dando nos nervos. Não me importo se você fode metade de Chicago, mas não faça isso no meu turno.

Enfiei o telefone no bolso de trás.

— Você enviou? — Leonas perguntou, preocupado enquanto levantava as calças.

Pelo menos, o merdinha tinha respeito suficiente por sua mãe para não querer que ela visse uma foto dele em uma situação como essa. Considerando o

quanto ele adorava provocar seu pai, provavelmente não teria reagido da mesma forma se tivesse ameaçado enviar para ele. Eu era do mesmo jeito. Esse é o problema se você ama seus filhos e não pode torturá-los para ver a razão. Meu pai tinha me dado uma surra algumas vezes, mas eu nunca fui uma maricas, então não teve o efeito desejado. Dante enfrentava o mesmo problema com Leonas. O garoto era duro como prego e obstinado, uma combinação de merda.

Agarrei seu colarinho e o empurrei para o corredor, depois passei por ele.

— Ainda não, mas vou guardá-la no caso de você me dar problemas no futuro. — Ele seguiu atrás de mim.

— Isso é chantagem.

Dei-lhe um olhar enquanto descíamos as escadas e passamos por adolescentes cada vez mais bêbados. — A chantagem é a moeda de escolha com sua irmã e você, — disse enquanto saía, feliz por estar longe da festa e da Sra. Clark. Poderia dizer que ela era um desses tipos solitários e pegajosos. Uma foda e ela achava que havia uma conexão profunda.

— Você não tem que descontar seus problemas com minha irmã em mim. Não dou a mínima se vocês dois estão fodendo, mas me deixe fora disso.

Anna olhou para mim do banco de trás. As mulheres geralmente me deixavam frio. Elas nunca faziam meu sangue ferver de raiva ou qualquer outro motivo, porque não me importava com elas. Mas Anna?

Porra. Ela era minha maldita gasolina.

— Entre no carro, ou vou mandar a foto e pare de falar merda, — ordenei antes de contornar o carro e deslizar atrás do volante e ligar o motor.

— E Riccardo e o RJ? — Leonas perguntou quando ele afundou ao lado de sua irmã.

— Eles não são meus protegidos, e se alguém perguntar, nunca os vi. Nem sabia que você estava na festa.

— Você é um idiota, — Leonas murmurou.

— Ele sabe e gosta disso, — acrescentou Anna, me dando um mau-olhado.

Pisei no acelerador. Precisava tirar Anna das minhas costas. Isso estava

ficando muito perigoso entre nós.

Enfiei a mão dentro da calça e encontrei o guardanapo onde Dolora Clark havia anotado o número de seu segundo celular. Abaixei a janela e joguei o pedaço de tecido branco para fora.

— O que é que era aquilo? — Anna perguntou arrogantemente.

— A calcinha de Dolora.

Anna me deu um olhar de nojo enquanto os olhos de sua amiga Luisa estavam tão grandes que temia que saltassem. — Elas eram vermelhas, apenas para sua informação.

Como diabos ela sabia que calcinha Dolora usava? Essa garota era a ruína da minha existência.

— Como Dolora Clark? — Perguntou Leonas. — Você transou com a Sra. Clark? — Não disse nada.

Leonas soltou um assobio, então sua expressão se tornou calculista. — Que tal apagar a foto e não contarei a ninguém que você é um destruidor de lares.

— Claro, traga um escândalo para a família que deveria trazer uma nova glória para a Outfit, — murmurei.

— Nós não precisamos de estranhos para trazer glória para a Outfit, — Leonas rosnou.

Não me diga, garoto.

— Uma vez que você for Capo, pode ajudar sua irmã a se livrar de Cliffy. Tenho certeza de que ela estará cansada de suas palhaçadas chatas.

Estacionei em frente à mansão e fiz sinal para Leonas sumir. — Agora não seja pego. Você cheira como uma fazenda de maconha.

Leonas saiu do carro e se esgueirou pela casa. Papai o veria pelas câmeras, mas eu lidaria com meu pai depois.

Saí do carro. Anna e Luisa ainda estavam lá dentro.

Virei as costas para elas. Não a deixaria me irritar novamente. Se ela queria dormir do lado de fora no carro, isso era problema dela.

Dirigi-me à guarita. Meu trabalho estava feito aqui, as meninas encontrariam o caminho para a porta elas mesmas. Anna apareceu na minha frente e quase a atropelei. Ela pressionou contra mim e apertou minha bunda, me pegando completamente de surpresa. — Que porra você está fazendo?

Dei um passo para trás, meu pulso batendo no meu peito. Será que ela percebeu quantas câmeras de segurança podem ter gravado isso? Papai me mataria.

Ela revirou os olhos. — Só queria te desejar uma boa noite. — Seu sorriso era puro problema.

— Entre.

Ela me deu um aceno, em seguida, dirigiu-se para Luisa, que esperava na porta, parecendo atordoada. Por que não poderia estar protegendo uma certinha como ela?

Rangendo os dentes, entrei na guarita. Como esperado, papai estava na frente dos monitores. Por sorte, seu foco estava no monitor que mostrava Leonas subindo em sua janela no segundo andar. — Acho que você não sabe onde o garoto passou a noite? — Papai disse como uma forma de saudação.

Dei de ombros. — Ele tem problemas escritos em si mesmo.

Papai me fixou com um olhar. — Você está adiantado. A festa não deveria durar mais? O aniversário do garoto Clark é agora.

— Anna e Luisa preferiram vir para casa. A festa foi um tédio.

Papai estreitou os olhos para mim. — E porque Leonas entrou sorrateiramente?

Balancei a cabeça, em seguida, peguei meu telefone no bolso de trás. Mas não estava lá. Em vez disso, toquei o tecido sedoso. O puxei para fora e olhei para uma calcinha verde escura. Soube imediatamente de quem era essa calcinha. Porra.

Papai arrancou a calcinha da minha mão e franziu a testa. — O que é isso?

— Sei que você está solteiro há um tempo, mas você ainda deve reconhecer roupas íntimas femininas.

Meu coração estava tentando pular para fora do meu peito. Porra.

Papai levantou, sem uma pitada de diversão em seu rosto. —Filho, de quem são essas malditas calcinhas? — Ele largou a calcinha na mesa e apontou para a pequena etiqueta dizendo Fleur du Mal. Levantei minhas sobrancelhas. — Essa é a marca que Valentina e sua filha compram.

Bufei. — Eu ainda quero saber por que você sabe disso? Não me diga que está tão sozinho que está roubando roupas íntimas?

Papai me bateu na cabeça. Eu era mais alto e mais forte, e era o único que tinha permissão para fazer isso. — Porque sou guarda-costas dos Cavallaros há décadas e presto atenção às suas sacolas de compras e às lojas que as deixo.

Papai agarrou minha camisa. — Como a calcinha de Anna foi parar no seu bolso, filho?

Papai parecia querer me esmurrar com os punhos. Ele tinha um jeito de me fazer sentir como um menino e não um homem de vinte e oito anos.

— Poderia muito bem ser de Valentina.

Papai me sacudiu, arrancando um dos botões da minha camisa. — Isso não é engraçado. — Ele me soltou e passou a mão pelo cabelo. — Tentei tanto te criar bem, mas sem sua mãe, simplesmente falhei.

— Você não falhou, pai. Você teve que criar dois filhos depois de perder sua esposa e ainda trabalhar como guarda-costas.

Papai olhou para mim com uma expressão preocupada. — Não posso te perder também, Sonny.

— Você não vai me perder.

Papai agarrou meu rosto como se eu fosse um garotinho. — Eu te amo, filho, e há apenas uma razão pela qual trairia meu dever, pela qual consideraria matar meu Capo e é se sua vida estivesse em risco.

— Pai, — disse, tirando suas mãos. — Pare de ser dramático. Ninguém vai ser morto. Não vou tocar em Anna.

— Diga a Dante que não pode acompanhar a garota a Paris.

Fiz uma careta. — Infelizmente, não posso fazer isso.

Papai fechou os olhos e afundou na cadeira. — Você já está com problemas, não está?

Toquei seu ombro. — Não se preocupe. Tenho tudo sob controle. — Papai me deu um olhar que sugeria que ele duvidava. — Você tem o turno da noite?

— Até as cinco, então Taft assume.

— Bom, porque preciso que você feche os olhos para mim subindo na janela de Anna. Ela tem algo que preciso de volta.

Papai me encarou. Não me incomodei em explicar, só iria piorar as coisas. Corri para a noite e dei a volta no prédio, me abaixando quando passei pelo escritório de Dante. No momento em que cheguei à janela de Anna, minha fúria reacendeu. Não podia acreditar que ela tinha roubado meu telefone e enfiado sua maldita calcinha no meu bolso.

Usei uma cadeira para alcançar o corrimão da varanda e me levantei. Infelizmente, este não era o quarto de Anna, mas sim de Leonas, então ainda tive que subir desajeitadamente para a próxima janela. Por sorte estava aberta. Anna sempre deixava o ar entrar antes de ir para a cama. Com um impulso, me joguei no parapeito da janela.

Luisa soltou um grito agudo, puxando os cobertores para se cobrir. Levantei uma sobrancelha. Ela estava de camisola, não nua. Não havia necessidade de tanto barulho.

Anna se virou, o corpo tenso, mas imediatamente relaxou ao me ver e um sorriso malicioso se espalhou em seu rosto. Não era a reação que eu queria. Claro, ela não fez absolutamente nenhum movimento para esconder qualquer parte de seu corpo escassamente coberto. Ela estava em algum tipo de baby-doll de seda com renda e uma chemise com um decote. Ela se aproximou de mim e me arrependi de não ter esperado até a manhã para confrontá-la por causa do meu celular.

Ela se encostou a parede ao lado da janela. O ar frio teve um efeito imediato em seu corpo e tive que forçar meus olhos para longe.

— Não imaginei você como o tipo romântico que subiria até a janela de

sua amada, — ela disse com um sorriso triunfante.

— Cadê? — Rosnei, pulando para o quarto. Luisa ainda agarrava os cobertores à sua frente.

— Vá para o banheiro. Esta é uma conversa privada. — Não podia suportar o olhar de choque e vergonha em seu rosto. Isso me lembrava de como as interações de Anna e minhas se tornaram inadequadas.

Luisa olhou para Anna, que assentiu, mas não tirou os olhos de mim como se eu fosse um animal selvagem querendo atacá-la. Anna muitas vezes me fazia sentir como um também, e não gostava nem um pouco. Luisa correu para o banheiro como se eu tivesse vindo para torturá-la. Se atacasse alguém, seria Anna.

— Cadê? — Olhei para Anna.

— Cadê o quê?

Soltei uma respiração lenta pelo nariz tentando não deixar o brilho travesso nos olhos azuis de Anna me irritar.

Irritar-me *ainda mais*.

— Meu maldito telefone, Anna. Não se faça de boba. Não combina com você.

— Alguém está particularmente mal-humorado hoje, — disse ela enquanto passava por mim, seu braço roçando o meu, sem dúvida de propósito, e se empoleirou na beirada da cama. — A querida Dolora não te ajudou a liberar alguma tensão reprimida?

Não queria estar em um quarto com Anna vestida assim enquanto ela estava perto de uma cama. Fiquei feliz com o som da água corrente no banheiro, lembrando a presença de Luisa.

Sentia-me um pouco desequilibrado hoje. Uma sensação que estava se tornando um problema constante em torno de Anna ultimamente, e ela sabia disso. Ela podia farejar essas coisas como um maldito cão de caça. Papai estava certo. Deveria dizer a Dante que não poderia acompanhar Anna a Paris. Mas tinha a sensação de que Anna me delataria depois de hoje, e parte de mim não

queria deixar Anna fora da minha vista. Este último me preocupava muito mais do que me tornar o centro da ira de Dante se Anna lhe contasse sobre minhas aventuras com mulheres casadas.

Estendi minha mão. — Dê-me o meu telefone ou vou procurar em cada centímetro do seu quarto, e não vou ter cuidado.

Anna revirou os olhos, então virou de bruços, apresentando sua bunda empinada para mim e pernas longas e magras, aparentemente continuando para sempre, apesar de sua forma pequena, enquanto ela se esticava para pegar algo debaixo do travesseiro.

Ela rolou de costas e segurou meu telefone. — Levante-se e me dê isso.

— Você tem que pegar se quiser.

Por que cada palavra de sua boca soava suja? Minha maldita mente estava me pregando peças.

Precisava acabar com essa loucura. Andei em direção a ela, a encarando enquanto ela se esparramava na cama. Seus lábios franziram em um sorriso tímido. Peguei o telefone, mas ela o deixou cair sobre sua cabeça, fora de alcance.

Eu estava feito. Coloquei um joelho na cama e me inclinei sobre ela para pegar o maldito celular. No momento em estava sobre ela, ela murmurou: — Poderia me acostumar com a visão de você acima de mim assim.

Estreitei meus olhos, e em um momento de insanidade, me abaixei e pressionei minha boca em seu ouvido. — Você não poderia lidar comigo, Anna. É por isso que escolho mulheres mais velhas e casadas, e não virgens desajeitadas e sensíveis como você.

Quando Anna estremeceu, sabia que minhas palavras atingiram seu alvo. Endireitei-me e empurrei meu telefone de volta no bolso.

Anna olhou para mim friamente. — Deletei a foto de Leonas caso procure por ela.

— Aposto que você enviou para o seu telefone primeiro, já que gosta tanto de chantagear os outros.

Ela se sentou e o brilho em seus olhos poderia ter congelado o inferno e não combinava com o doce sorriso torcendo aqueles lábios perigosos.

— Contanto que possa me divertir te chantageando, estou feliz.

Capítulo 11

ANNA

Gelado.

Essa era a palavra que descrevia minhas interações com Santino nas semanas seguintes.

Eu estava furiosa. Santino estava ainda mais furioso. Nenhum de nós recuaria. Como sempre.

Era por isso que não trocávamos uma palavra, exceto por gentilezas públicas quando meu noivado com Clifford chegou no início de outubro. Por sorte, estava ocupada com os preparativos para minha festa de noivado, festa de dezoito anos e minha mudança para Paris. Provocar Santino tinha sido a menor das minhas preocupações. E se realmente quisesse irritá-lo, ainda tinha a opção de lhe contar sobre a foto que tirei dele e da querida Dolora.

Comemoramos o noivado em nossa casa. Mesas altas e de bufê ainda estavam arrumadas em nossa sala de estar e no quintal da minha festa de dezoito anos no dia anterior. Embora festa fosse a palavra errada para a reunião social que meus pais haviam preparado. Era uma festa que exigia que eu sorrisse educadamente e me envolvesse em conversas fiadas. Definitivamente não era a festa que eu esperava. Prometi a mim mesma festejar uma vez que estivesse em Paris, longe de olhares indiscretos. Santino poderia ficar de mau humor o quanto quisesse, eu teria o melhor momento da minha vida em Paris.

Escolhi um vestido de festa branco para a ocasião, tentando bancar a boa princesa da máfia que todos queriam que eu fosse. Santino não reagiu à minha escolha de cor. Normalmente ele teria comentado sobre isso, mas estava sendo muito profissional atualmente.

Sua máscara vigilante não rachou nem um pouco quando a Sra. Clark entrou na sala ao lado do marido. Calor subiu pela minha garganta. Não tinha certeza se ela sabia que a peguei com Santino. E tinha certeza de que Clifford não sabia das atividades extraconjugais de sua mãe e eu não tinha intenção de contar a ele. Isso só lançaria uma luz ruim sobre a Outfit. Minha lealdade não estava com Clifford, mas com minha família, e duvidava que isso fosse mudar. Ele era um meio para um fim, e eu também era para ele.

Minha família cumprimentou os Clark sob o olhar atento de nossos convidados. Convidamos pessoas da elite política, bem como famílias importantes da Outfit. Claro, a imprensa também foi convidada. Clark Sênior insistiu nisso. Toda a sua vida se passava diante das câmeras.

Clifford me deu um sorriso tenso. Em seu terno sob medida, ele parecia muito elegante. Ele até cortou o cabelo como um bom filhinho de papai.

— Você cortou o cabelo, — murmurei.

— Meu pai achou que ficaria melhor na câmera.

Balancei a cabeça, embora não concordasse. Então meu olhar se arrastou para a Sra. Clark, que continuava olhando para Santino. Se ela continuasse, alguém acabaria percebendo que algo estava acontecendo entre eles. Realmente esperava que Santino tivesse a decência de manter as mãos para si mesmo hoje. Se ele ousasse transar com ela na minha festa de noivado, não teria que contar ao papai sobre as atividades sexuais de Santino, eu mesmo o mataria.

A fúria chiou em minha barriga.

Pensei que tinha superado minha raiva, mas vendo a Sra. Clark agora, percebi que meu ciúme ainda queimava intensamente. Era uma constatação muito séria.

Desviei o olhar e fiz sinal a Clifford para me seguir até a lareira. Papai e o Sr. Clark entraram na frente de nossos convidados e apertaram as mãos, então papai se dirigiu à multidão, anunciando oficialmente meu noivado com Clifford.

Sofia pegou meus olhos do outro lado da sala. Ela estava ao lado do marido Danilo. Eles pareciam ter superado algumas de suas dificuldades desde o

início do vínculo. Antes da minha festa de aniversário, não a tinha visto em quase dois meses. Podia dizer que ela estava ansiosa por uma conversa. Falar ao telefone era sempre arriscado, então ainda não pude compartilhar com ela detalhes de minhas interações recentes com Santino.

Depois de algumas fotos de nossas famílias, Clifford e eu de mãos dadas e sorrindo um para o outro, os convidados começaram a se aglomerar ao nosso redor para nos parabenizar. Havia curiosidade nos olhos de muitos, especialmente dos convidados políticos, enquanto a cautela permanecia nos rostos de muitos Homens Feitos e suas famílias. Sabia que meu casamento com Clifford era um assunto muito controverso na Outfit, mas confiava no julgamento de mamãe e papai sobre o vínculo.

Eventualmente, o aperto de mão constante e a conversa fiada ficaram avassaladores, mesmo para alguém tão acostumada a isso quanto eu.

Clifford me deu um olhar que sugeria que ele sentia o mesmo. — Os fotógrafos devem ter tirado um bilhão de fotos nossas agora.

— Tenho certeza que escolherão a menos favorável. Elas sempre contam as melhores histórias, — murmurei baixinho. Eu tinha uma relação de amor e ódio com a imprensa, especialmente depois que eles ridicularizaram um dos looks que montei alguns meses atrás e usei em um evento beneficente: um blazer oversized esvoaçante quase chegando aos joelhos, preso por um cinto largo e micro-shorts mais um bralette de renda por baixo. O que realmente eles haviam detonado foram as meias xadrez até o joelho combinando com o blazer e saltos ridiculamente altos.

Senti uma grande satisfação quando não muito tempo depois do artigo depreciativo, meninas não apenas do nosso círculo, mas também socialites de Chicago começaram a usar roupas semelhantes para festas e eventos públicos.

Clifford limpou a garganta ao falar mal da imprensa e uma pausa tensa se seguiu. Muitas pessoas estavam assistindo nossa interação, analisando cada expressão facial, tentando ler nossos lábios. Clifford era filho de um político. Irritar a imprensa provavelmente estava no topo de sua lista de coisas a evitar. —

Uma boa história de amor também vende.

Dei de ombros. Provavelmente sim, mas não tinha certeza se conseguiríamos convencê-los de que nossa história era de amor. Talvez fosse apenas minha mente pensativa demais, mas duvidava que alguém visse faíscas voando entre Clifford e eu.

Meu olhar encontrou Santino parado ao lado observando tudo com uma expressão entediada. Qualquer um que pensasse que só as meninas podiam ter uma cara de vadia nunca tinha visto Santino. Sua constante expressão irritada era lendária.

— Estou acostumada com atenção, mas hoje me sinto como um animal de zoológico, — sussurrei.

Clifford assentiu e sorriu como se eu tivesse dito algo bom. Ele sabia como jogar o jogo. Sorri por sua vez, mesmo que não estivesse com vontade.

— Que tal irmos a algum lugar mais privado?

— Eu adoraria, — disse imediatamente, precisando de um fôlego.

Clifford tocou levemente meu ombro enquanto me conduzia em direção à porta. Podia ver Santino nos observando do outro lado da sala onde ele pairava atrás de mamãe e papai e conversando com um dos guarda-costas de Clark que ele ainda não havia irritado.

Entramos no saguão, mas mesmo aqui algumas pessoas se misturavam para conversar. Demos-lhes sorrisos e acenei para trás. Clifford e eu fomos em direção à cozinha, que obviamente também estava cheia de funcionários. Mas a cozinha tinha acesso a uma parte da horta que normalmente só os funcionários usavam para seus intervalos. Agora, na hora mais movimentada da festa, nenhum deles estava lá fora, então Clifford e eu tivemos alguma privacidade quando a porta se fechou atrás de nós. Nós nos acomodamos nas cadeiras.

— Então agora estamos noivos, — disse Clifford incrédulo.

— Nós estamos.

Clifford tirou dois cigarros do bolso da calça e me ofereceu um, mas rapidamente balancei a cabeça. Mesmo que a equipe estivesse ocupada demais

para uma pausa, eles poderiam colocar a cabeça para fora para nos verificar e não queria que me vissem fumando. Isso sem dúvida chegaria aos ouvidos de meus pais em tempo recorde e então estaria em um mundo de problemas.

Clifford deu um sorriso conhecedor. — Manter as aparências, entendo. — Acendeu o cigarro e deu uma tragada profunda.

— Deixe-me dar uma tragada rápida, — disse.

Ele estendeu o cigarro para mim e dei uma tragada profunda antes que ele o colocasse de volta na boca. — Todo mundo provavelmente pensa que estamos trocando saliva de uma maneira diferente agora.

— Você prefere assim?

Clifford pensou sobre isso e balançou a cabeça. — A última vez foi um pouco desanimador, — disse ele com uma risada.

— Santino não vai agir assim de novo, especialmente na nossa festa de noivado.

— Estou saindo com alguém de qualquer maneira, então não posso beijar mais ninguém.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Você está namorando alguém. — Eu tinha levado em consideração dormir por aí, mas um relacionamento? Isso realmente representava o risco de Clifford entrar em nosso casamento apaixonado por outra pessoa. As probabilidades definitivamente não estariam a nosso favor então.

— Não namoro. Somos amigos com benefícios, mas concordamos em ser exclusivos por enquanto.

Apertei meus lábios. Minhas experiências com relacionamentos eram limitadas, mas isso soava como namoro, mesmo que eles não o chamassem por esse nome. Uma rosa com outro nome ainda é uma rosa, certo? — Então vocês estão se encontrando, fazem sexo e são fiéis um ao outro... isso é namoro de onde venho.

— Alguém no seu mundo realmente namora?

Estreitei meus olhos.

— Como disse, nós dois não queremos um relacionamento.

— Ela sabe sobre mim? Estará em todos os noticiários amanhã.

— Ela sabe.

— Você não contou a ela sobre o casamento arranjado, certo? — Afinal, isso era ultra secreto.

— Não, disse a ela que estamos em um relacionamento aberto porque sabemos que somos jovens demais para se comprometer totalmente, mas tão loucamente apaixonados que sabemos que ficaremos juntos no final.

Bufei, não pude evitar. — Espero que isso não saia pela culatra e você fique com o coração partido quando tiver que se casar comigo e estiver apaixonado por sua amiga com benefícios.

— Eu poderia dizer o mesmo para você, certo? Só que você tem um guarda-costas com benefícios.

Fiquei tensa. — Não há nada entre Santino e eu. — A expressão de Clifford deixou claro que ele não acreditava em mim. — Não estou mentindo. Nós não dormimos um com o outro e definitivamente não estamos apaixonados.

Tecnicamente, nem era mentira. Eu tinha uma pequena paixão que tinha toda a intenção de matar muito em breve.

— Talvez isso seja verdade. Mas me lembro do jeito que ele te olhou quando nos pegou nos beijando, e hoje de novo quando anunciamos nosso noivado. Ele te quer.

Balancei minha cabeça.

— Talvez ele não queira admitir porque você está fora dos limites, mas acredite em mim, ele te quer, e posso dizer que você não diria não.

Dei de ombros. — E daí, você disse que eu poderia me divertir.

— Definitivamente. Apenas certifique-se de que continue assim, apenas diversão.

— Não se preocupe.



Quando os convidados foram embora naquela noite, finalmente pude dar um suspiro de alívio. Tinha sido um longo dia. Não tinha certeza do que pensei que sentiria depois de ficar noiva de Clifford, talvez uma sensação mais forte de paz com meu futuro. Mas minha conversa com Clifford hoje não pôs de lado minhas preocupações. Ele e eu estávamos ligados pelo dever, não pelas emoções. Ele tinha alguém com quem gostava de passar o tempo e eu tinha que confiar que ele não se apegaria emocionalmente e cancelaria nosso casamento ou entraria nele apaixonado por outra pessoa.

Não tentei insistir na parte de mim que esperava que Clifford quebrasse nosso vínculo em algum momento. Isso não refletiria bem na Outfit. Coloquei meu pijama, mas estava muito inquieta para dormir, então escapuli do meu quarto, esperando não cruzar o caminho de mamãe e papai. Mamãe definitivamente iria querer falar comigo depois do meu noivado. Se hoje não tivesse sido tão ocupado como foi, ela provavelmente já teria me chamado de lado para uma conversa. Ela queria ter certeza de que eu estava bem, e não tinha certeza se estava em um estado de espírito para mentir tão convincentemente quanto uma conversa com mamãe sobre Clifford exigia.

Corri pelo corredor até o quarto de Leonas. Bati e esperei impaciente.

— Quem é?

— Sou eu, — assobiei, olhando de um lado para o outro no corredor nervosamente. Podia ouvir vozes lá embaixo. Mamãe e papai provavelmente ainda estavam discutindo os eventos do dia.

— Entre!

Entrei e fechei a porta.

Leonas estava empoleirado no parapeito da janela, as pernas penduradas do lado de fora, um cigarro na boca. Ele lançou um olhar por cima do ombro. Ele ainda estava com sua camisa social e calças elegantes, mas tinha deixado

cair a gravata e o paletó no chão.

— Se fosse papai, você estaria em apuros, — disse enquanto fechava a porta e caminhava em direção a ele.

— Papai sempre bate. Você é a única que não bate. — Ele deu outra tragada.

— Eu bati desta vez, — murmurei. Agora que Leonas estava ficando mais velho, estava me protegendo ao bater. Não queria pegá-lo fazendo coisas que nunca seria capaz de apagar da minha mente.

Subi no parapeito ao lado dele, mesmo que não gostasse muito da perspectiva de cair para a morte.

— Você não deveria fumar, — disse com um sorriso.

Leonas soprou fumaça no meu rosto, me fazendo tossir. —Você realmente quer jogar quem tem mais problemas com o papai?

— A partir de agora, não estou em apuros. Tenho sido boa até onde papai sabe. — Estendi minha mão. — Dê-me um cigarro.

Ele se atrapalhou tirando um do maço equilibrando em sua coxa, em seguida, me deu com aquele sorriso irritante. — Sim, você é melhor em esconder seus modos de procurar problemas.

Empurrei o cigarro na minha boca. — Para ser justa, você nem está tentando bancar o bom garoto na maioria dos dias.

Leonas deu de ombros. — Papai é mais rigoroso comigo de qualquer maneira.

— Vem com ser um menino, — disse em torno do cigarro na minha boca.

— Santino odeia quando você fuma.

— Eu sei, mas ele não está aqui agora, está, — disse. —Agora cale a boca e me dê o fogo.

Ele acendeu meu cigarro. — Cadela.

— Idiota. — Sorri docemente, dei uma tragada profunda e depois tossi. Leonas balançou a cabeça. — Você só está fazendo isso para irritá-lo.

— E você está fazendo metade da merda que faz para irritar o papai. —

Inclinei minha cabeça em seu ombro. — Deixe-me me divertir um pouco. — Dei outra tragada ainda mais profunda, tossi ainda mais forte e entreguei o cigarro a Leonas, que também o colocou na boca. Ele parecia ridículo com os dois cigarros na boca. Apenas as groupies sem cérebro que se apaixonam por ele achariam suas peculiaridades legais.

— Você pode ter toda a diversão que quiser, por tudo que me importa. Mamãe e papai provavelmente não verão dessa forma.

— Não vou contar se você não contar.

— Funciona para mim, mana.

Sorri, em seguida, dei outra tragada. Nunca gostei muito de fumar. Leonas estava certo, no começo, fazia isso para irritar o Santino. Agora se tornou um hábito estúpido sempre que estou ansiosa.

— Você percebe que papai vai caçar Santino se descobrir que há algo acontecendo entre vocês.

— Cale-se. O que você está falando? Não há nada acontecendo entre nós.

— Claro. Vou perguntar de novo em alguns meses.

— Fique fora da minha vida amorosa.

— Você não tem uma.

Olhei. — Bem, tenho toda a intenção de mudar isso.

— Boa sorte com isso.

Levantei uma sobrancelha. — Como meu irmão, você deveria me dizer para ficar longe dos homens. Você não está fazendo um bom trabalho sendo o Homem Feito superprotetor.

— Vou te proteger de perigos reais, não se preocupe, mas com certeza não vou proteger seu hímen, mana.

Fiz uma careta. — Faça-me um favor e nunca mais diga essa palavra.

— Estou me divertindo, então por que você não deveria? Clifford também não está esperando o casamento.

— Você sabe que a maioria das pessoas na Outfit não verá dessa forma. Se descobrirem que o perdi para qualquer um, menos para meu marido, haverá um

escândalo.

— Vou me certificar de causar um escândalo ainda maior para distraí-los de você.

Ri. — Tenho certeza que você teria sucesso.



As semanas e meses seguintes passaram em um piscar de olhos, e antes que eu percebesse, tinha participado dos meus dois últimos eventos sociais em janeiro, os aniversários de papai e Danilo. A melancolia me pegou de surpresa quando fechei minha mala um dia antes de partir para Paris. Era isso. Amanhã deixaria Chicago e minha família para trás por meses, possivelmente anos. Se tudo corresse conforme o planejado, ficaria fora por três anos.

Meu estômago revirou com o nervosismo.

Nunca estive separada da minha família por tanto tempo. Um fim de semana em nossa casa do lago tinha sido a extensão disso. De repente, fiquei apavorada. Estava acostumada a ter uma família unida e sempre alguém para conversar. No futuro, teria que pegar um telefone, e isso significava ter cuidado com o que dizia por que você nunca sabia quem estaria ouvindo. Engoli. Claro, haveria Santino... mas ele e eu não estávamos realmente nos falando agora. Tinha toda a intenção de mudar isso em Paris, mas não tinha certeza se nosso relacionamento chegaria a um nível que me faria sentir confortável em compartilhar problemas com ele.

Uma batida suave soou.

— Entre, — falei, mas nada aconteceu. Em vez disso, outra batida suave soou. Levantei-me e fui até a porta. Encontrei o rostinho de Bea olhando para mim quando abri a porta. Ela segurava seu bicho de pelúcia favorito em seus braços, uma porca rosa chamada Peppa. Assisti a muitos episódios da série com ela para sentir a mesma alegria ao ver o brinquedo tão amado que Bea sentia.

— Posso entrar? — Bea perguntou com um sorriso doce.

Abri a porta. — É claro.

Bea entrou na ponta dos pés quase timidamente, olhando minhas malas com cautela. Ela mordeu o lábio inferior, agarrando Peppa Pig ainda mais perto.

— Está tudo bem? — Perguntei, ficando de cócoras na frente da minha irmãzinha.

— Não quero que você vá. Vou sentir muito a sua falta.

Lágrimas brotaram em meus olhos. A abracei com força. Quando fiz planos para ir a Paris, não pensei no que isso significaria para Bea. Ela tinha apenas cinco anos. Eu sentiria tanta falta dela crescendo enquanto estivesse fora. Afastei-me e empurrei seu cabelo loiro de seus olhos. — Virei visitar com frequência. E talvez você possa me visitar em Paris também. Depois podemos ir à Torre Eiffel e tomar chocolate quente em um dos cafés artísticos perto de Montmartre.

— O que é isso?

— Uma bela parte de Paris em uma colina. Você vai amar.

Ela assentiu gravemente, então estendeu seu porco. — Isto é para você.

Peguei. — Para mim?

— Então você vai se lembrar de mim em Paris.

— Mas é o seu favorito.

Ela assentiu novamente, parecendo ainda mais séria. —Quero que você o leve para que não me esqueça.

— Bea, nunca poderia te esquecer. Ligarei com frequência e enviarei roupas bonitas para combinarmos, mesmo que não estejamos na mesma cidade.

Ela sorriu para mim. — Você vai voltar para o meu aniversário?

— Vou voltar antes disso. Tenho uma longa lista de eventos que ainda devo participar, então você vai me ver com muita frequência.

— Ok, — ela disse, soando um pouco apaziguada. —Podemos assistir Peppa Pig juntas?

Eram quase sete e meia, hora de dormir de Bea, mas concordei mesmo

assim. Nós nos acomodamos na cama juntas, Bea se aconchegou ao meu lado. Abri um episódio de Peppa Pig no meu iPad. Já havíamos assistido a um tempo atrás, mas duvidava que houvesse um único episódio que não tivéssemos assistido pelo menos duas vezes. Mamãe enfiou a cabeça alguns minutos depois, provavelmente querendo levar Bea para a cama.

Minha irmãzinha tinha adormecido ao meu lado. Mamãe sorriu, seus olhos brilhando.

— Não chore, — sussurrei.

Ela sorriu se desculpando enquanto se aproximava de nós e se sentava na beirada da cama. — Vou levá-la para o quarto dela.

— Deixe-a dormir aqui. — Fazia um tempo desde que ela passou a noite na minha cama. Principalmente porque ela dormia inquieta e eu não conseguia dormir com ela chutando e virando a noite toda. Mas esta noite, queria abraçá-la.

Mamãe assentiu, depois beijou a testa de Bea e a minha antes de sair. Realmente tive que segurar as lágrimas. Não pensei que me sentiria tão emocional deixando Chicago e minha família para trás. Não porque não os amasse ou não gostasse de estar com eles, mas porque estava ansiosa para experimentar algo novo.

E não era como se fosse estar sozinha em Paris. Sempre teria Santino ao meu lado. No entanto, se ele mantivesse seu humor azedo, essa provavelmente não seria a experiência mais agradável.

Capítulo 12

SANTINO

Papai veio ao meu apartamento para se despedir na noite anterior ao meu voo para Paris. Agora ele estava me observando fazer minha mala com um ar de desaprovação silenciosa que era um mestre.

— Você sabe o que penso sobre isso. Minha opinião não mudou, — papai disse enquanto tentava enfiar outra calça na minha mala já abarrotada. É claro que voaríamos na primeira classe, então poderia levar três malas comigo, mas estava com preguiça de arrumar tantas e então escolhi enfiar o máximo de coisas possível em uma única bagagem.

— Você não escondeu sua opinião, pai. E sabe que concordo com você. Não quero ir e provavelmente é uma má ideia, mas, como continuo dizendo, não tenho escolha.

— Nós sempre temos uma escolha.

Suspirei, desistindo de colocar a calça na mala. — Sim nós temos. Mas às vezes a escolha é apenas entre peste e cólera.

— Eu poderia ir em seu lugar. Valentina e Dante confiam em mim. Eles vão me deixar proteger Anna.

Anna faria tudo ao seu alcance para evitar isso. Ela me queria em Paris com ela, e da maneira habitual de Anna, encontraria uma maneira de conseguir o que queria. — Frederica precisa de você aqui. Você terá que se certificar de que ela não se esqueça de viver.

— Ela está ocupada, e você sabe que ela não vai me ouvir. Ela tem dezoito anos agora e com o caminho que escolheu, não posso interferir.

— Você poderia arranjar um casamento para ela e ignorar sua escolha.

Papai balançou a cabeça. — Nenhum padre concordaria em fazer a cerimônia.

Afundei na minha cama e me permiti uma última olhada ao redor do apartamento. O tinha comprado no ano passado com minhas economias. E me senti orgulhoso de ter meu próprio lugar que comprei com meu dinheiro suado. Papai se ofereceu para me dar dinheiro para que pudesse comprar um lugar mais cedo, mas queria fazer isso sozinho. Agora deixaria minha casa para trás para proteger Anna 24 horas por dia, 7 dias por semana. Nunca senti o desejo de viajar pelo mundo, de desenraizar minha vida e viver em outro lugar. Chicago era minha casa. Cresci nessas ruas, conhecia quase todas as esquinas, mesmo as mais notórias. Adorava ir ao mesmo café todas as manhãs onde sabia toda a história da família do barista, adorava ir ao meu restaurante favorito e poder pedir comida sem olhar o menu porque sabia de cor. Anna era diferente. Ela queria experimentar coisas novas, e agora estava me arrastando. Ela não se importava se eu queria isso ou não. Para ela, era um jogo. Ela não se importava se eu não quisesse arriscar jogar seu jogo. Claro, parte disso era minha culpa. O beijo que compartilhamos definitivamente lhe enviou a mensagem errada. Agora ela estaria ainda mais determinada a empurrar meus botões, e Paris era o lugar perfeito para isso.

Tinha jurado a mim mesmo não cair na armadilha de sua mente fodida novamente. E tinha muito autocontrole em geral. Nos últimos meses, tinha reforçado minhas paredes, tinha sido tão profissional em torno de Anna quanto humanamente possível, tinha soltado qualquer energia reprimida que tinha na academia ou com uma das esposas solitárias que queriam pau.

Anna tinha respeitado os novos limites que estabeleci, o que só podia significar uma coisa: ela estava esperando um momento melhor para atacar, e eu sabia exatamente quando seria. Em Paris, a maldita cidade do amor. Que besteira.



No dia seguinte, por volta da hora do almoço, papai e eu fomos para a mansão Cavallaro juntos em seu carro. Nosso voo estava marcado para o final da tarde, então tínhamos tempo.

Três malas esperavam no hall de entrada quando entramos na casa. Anna provavelmente ainda estava arrumando mais três malas em seu quarto.

Para minha surpresa, a vi na sala com sua irmã Bea no colo.

— Onde está o resto? — Apontei para as malas. — Meu pai e eu vamos colocá-las no carro agora.

— Isso é tudo, — disse Anna. — Mamãe tem uma mala e eu tenho duas.

— Só duas? Tem certeza de que está levando roupas suficientes?

Anna me deu um sorriso doce. — Paris é a casa da moda. Por que devo levar o que posso comprar lá ou criar eu mesma?

Dante saiu de seu escritório e se dirigiu em minha direção. — Vamos nos despedir aqui. Não quero chamar muita atenção para sua viagem a Paris.

— O que é razoável.

Olhei para o relógio. — Devemos sair em cerca de quinze minutos, só para ter certeza de que teremos bastante tempo.

Papai e eu levamos as malas para o carro e, quando voltamos, os Cavallaro já estavam se despedindo. Valentina segurava Bea em seus braços, que se agarrava firmemente à mãe. Anna estava envolta nos braços de seu pai e realmente chorando. Apesar de ter trabalhado para os Cavallaro por anos, não conseguia me lembrar da última vez que tinha visto Anna chorar. Ela era como seu pai nesse aspecto.

Dei um passo para fora para dar-lhes um pouco de privacidade, mas continuei olhando para dentro pelo canto do olho enquanto Anna abraçava seu irmão em seguida. Esses dois brigavam com frequência, mas dava para ver que eram próximos. Observando Anna sendo tão honestamente emocional e chorando, senti uma ponta de culpa por ser um idiota com ela na maior parte do tempo, mas era a única maneira de mantê-la à distância.

Realmente gostaria de não ter visto esse lado vulnerável de Anna. Porra. Agora teria ainda mais dificuldade em afastá-la.

Papai me observava, não mais desaprovador, mas com uma preocupação honesta. — Tudo vai ficar bem.

Ele assentiu, mas não acreditou. Com toda a honestidade, nem eu.

ANNA

Quando embarcamos no avião para Paris no final de janeiro, poderia ter dançado de alegria. Até o último momento estava preocupada que papai mudasse de ideia e não me deixasse ir para a França. A melancolia e a tristeza saíram dos meus ombros assim que saímos do chão.

Mamãe nos acompanhava e ficaria uma semana para me ajudar a me instalar e para se certificar de que tudo estava do seu agrado. Claro, sabia que ela também queria ter certeza de que Santino e eu não parecíamos muito próximos. Essa era a única vantagem da guerra fria entre Santino e eu no momento. Ninguém suspeitaria que poderia haver algo entre nós.

Quando entrei no apartamento que papai havia alugado para nós, meu coração deu um pulo. Ficava perto do Jardim do Trocadero e tinha vista parcial da Torre Eiffel da pequena sacada com seus corrimãos de ferro e vasos de flores. Uma pequena mesa redonda de metal e duas cadeiras combinando muito desconfortáveis preenchiam o espaço. Mal podia esperar para tomar café da manhã ali.

Era um lugar de dois quartos com tetos altos e pisos de madeira antigos. O interior era uma mistura de algumas peças antigas de art nouveau e móveis franceses modernos da Roche Bobois.

Eu estava no céu. Abracei minha mãe com força, completamente oprimida. — É perfeito!

— Seu pai e eu escolhemos juntos.

— Gostaria que papai pudesse estar aqui agora.

— Todos nós viremos visitá-la na Páscoa, Anna.

Ainda faltavam dois meses. Mordi meu lábio. — Espero que nada aconteça que obrigue papai a ficar em Chicago. — Papai era zeloso e não deixaria seus homens lidarem com os problemas sozinhos se algo importante acontecesse. Mas ele nunca perdia um de nossos feriados em família, nem aniversários, Natal ou Páscoa. E realmente esperava que desta vez não fosse diferente.

Olhei por cima do ombro para Santino que descansava no sofá colorido. Com sua expressão azeda, parecia deslocado em meio ao vermelho, laranja e amarelo do tecido Missoni do sofá Roche Bobois. Seus braços estavam esticados no encosto e suas pernas separadas em sua maneira usual de bad boy. Ele me lançou um olhar, sua expressão impenetrável.

— Você pode escolher um quarto, — disse a ele.

Ele se levantou sem dizer uma palavra e verificou os dois quartos.

Até mesmo o tratamento frio dele era quente.

Mamãe tocou meu ombro e encontrei seu olhar. — Ainda me preocupo com você estar sozinha neste lugar.

— Tenho Santino.

Os lábios da mamãe franziram. — Com um homem adulto sob o mesmo teto...

— Mãe, agora você soa como a vovó. — A mãe do papai era velha e suas opiniões também.

— Estou preocupada com você.

— Eu me viro sozinha. Estive sozinha com Santino antes e ele é um desmancha-prazeres muito obediente, você realmente não precisa se preocupar que eu me divirta muito. Ele vai impedir isso, confie em mim.

Mamãe riu, parecendo muito feliz com isso. — Seu pai vai ficar muito satisfeito.

— Tenho certeza de que ele conversou com Santino antes de sairmos de

Chicago.

— É claro.

Balancei minha cabeça.

Santino saiu do quarto da esquerda e mais perto da porta de entrada. — Vou ficar nesse.

Caminhei para o outro quarto. Não tinha vista para a Torre Eiffel como a sala de estar, apenas a fachada das casas do outro lado da rua, mas ainda amava o quarto por seu aconchego chique.

Então algo se registrou em mim. — Onde é o banheiro?

— Na Europa, banheiros privativos não são comuns, principalmente em prédios mais antigos. Só tem um banheiro compartilhado.

Santino odiaria isso, e não tinha certeza se gostava da situação do banheiro compartilhado. Santino e eu não estávamos em um ponto em nosso relacionamento onde eu queria que ele soubesse que tinha algum tipo de função corporal. No entanto, o banheiro compartilhado oferecia muitas oportunidades para nudez ‘acidental’.

A ideia de pegar Santino debaixo do chuveiro era definitivamente agradável.

Mamãe e eu dividiríamos minha cama queen-size durante a semana em que ela ficaria em Paris. Eu ainda tinha três semanas antes dos primeiros cursos introdutórios começarem, o que era perfeito para me aclimatar e me acostumar a falar francês. Minhas habilidades práticas estavam um pouco enferrujadas.

Gostei muito dos dias com a mamãe. Desde que Bea nasceu, raramente a tinha completamente para mim, então fazer compras na Avenue des Champs-Élysées juntas e passear por todos os belos cantos de Paris provou ser uma experiência maravilhosa. Santino conseguiu desaparecer em segundo plano, nos dando espaço enquanto nos observava atentamente, e realmente apreciei sua capacidade de nos presentear com um sentimento de normalidade.

Já me sentia mais livre do que em Chicago. Em Paris, ninguém nos conhecia e pelo jeito discreto de Santino nos vigiar, ninguém nem sabia que

estávamos sendo protegidas.

Em nossa última noite juntas antes de mamãe voltar para Chicago, ela e eu nos encostamos a cabeceira da minha cama, conversando por um longo tempo. Descansei minha cabeça em seu ombro, absorvendo seu cheiro reconfortante. — Você sente falta dos dias em que era mais jovem e não era a esposa de um Capo? A atenção de todos está sempre em você.

Mamãe não respondeu imediatamente. — Mesmo antes de me casar com seu pai, estava sendo julgada e tinha um certo nível de atenção em mim devido à minha história. Mas é claro que ser uma Cavallaro multiplica a pressão. Suponho que para mim o que ajudou a enfrentar a pressão do mundo exterior foi o apoio de seu pai. Sabia que ele me apoiava e em particular poderia ser eu mesma, sem a pressão das expectativas. Nossa família me deu a almofada necessária para cair.

Balancei a cabeça porque era assim que me sentia sobre nossa família também. — Espero que Clifford me proteja.

Mamãe pegou minha mão. — Uma vez que ele a conhecer melhor, ele vai. Ele vai perceber quão maravilhosa você é, como não poderia?

Ri. — Acho que você é tendenciosa.

— Quero que você seja feliz, Anna. Seu pai e eu escolhemos Clifford porque achamos que ele poderia lhe dar o tipo de vida que você deseja.

— Se estivesse prometida a um Homem Feito, não poderia estudar em Paris, então vocês fizeram a escolha certa.

Por enquanto, estar noiva de Clifford me dava mais liberdade do que jamais ousei sonhar. O que quer que fosse acontecer depois que me casasse com Clifford... cuidaria disso então.

SANTINO

Não conseguia dormir, então me acomodei na varanda apesar do frio.

Amanhã Valentina voaria de volta para casa e me deixaria sozinho com Anna. Nos últimos dias em Paris e mesmo antes disso, nas semanas que antecederam nossa viagem, Anna manteve distância e foi educadamente reservada. Não confiava em sua reserva repentina.

No momento em que Valentina se fosse, Anna atacaria. Praticamente podia sentir o cheiro de sua ânsia de apertar meus botões.

As tábuas do assoalho gemeram sob passos silenciosos. Fiquei surpreso quando Valentina se acomodou na cadeira ao meu lado, envolta em um casaco grosso de lã e ainda tremendo.

— Vejo que você também não consegue dormir, — ela disse agradavelmente, mas não perdi a tensão subjacente. Ela saiu com um propósito em mente. — Antes de voltar para casa amanhã, gostaria de dar uma palavrinha com você.

Inclinei-me para trás com um sorriso sardônico. — Seu marido já me deu um aviso muito impressionante antes de partirmos para Paris.

— Tenho certeza que sim, mas também tenho certeza de que Dante, como a maioria dos pais, não percebe os pequenos detalhes como as mães.

Esperei com expectativa. Duvidava que Anna compartilhasse de seu flerte excessivo ou chantagem com sua mãe. Anna era esperta demais para isso e, mesmo que confiasse na mãe, não arriscaria Paris por isso.

— Dez anos se tornam cada vez menos relevantes ao longo do tempo. Anna é maior de idade. Esse é um fato que definitivamente mudou as coisas, não apenas na mente dela, mas também na sua.

— Ser maior de idade não é o principal impedimento em nosso mundo. Anna é filha do meu Capo, isso é o que realmente importa.

— Pode ser. Mas você também está longe de casa e Anna sabe que esta é sua chance de liberdade. Você é a opção mais fácil para ela.

Ai. Essa era uma maneira de olhar para isso, e provavelmente não muito

longe da verdade. Anna queria diversão sem o risco de perder sua reputação de boa menina. Comigo, ela não teria que se preocupar com os rumores. Eu mastigaria meu próprio pau antes de espalhar rumores de que estava transando com ela. — Tenho que dizer, estou surpreso que você esteja tão empenhada em garantir que Anna não se divirta muito em Paris. Achei que você fosse uma das mais fortes defensoras de permitir que as meninas não fossem virgens até o casamento.

— Você me entendeu mal. Estou preocupada com a segurança de Anna. Não me importo se ela conhecer um garoto da idade dela e experimentar as mesmas coisas que Clifford, desde que saiba que ela está segura. Mas não quero que ela comece nada com você. Sei que Anna teve uma queda por você quando era mais jovem. Não tenho certeza sobre o estado atual das coisas porque ela se tornou melhor em mascarar suas emoções, mas como disse, você é uma opção segura e fácil para ela. E não quero que aceite nenhum avanço.

Então, um cara francês aleatório era bom o suficiente? Mas eu não era? Que porra?

Como se Valentina pudesse ler meus pensamentos, ela continuou imperturbável. — Qualquer garoto que ela conhecer aqui será esquecido quando ela voltar para Chicago, mas você estará por perto e isso é uma catástrofe prestes a acontecer. Quero sua palavra de que você não tocará em Anna e que me avisará se ela tentar alguma coisa para que possa enviar um novo guarda-costas ou leva-la de volta para casa.

Suspirei. — Te dou minha palavra.

Anna não era a única boa mentirosa porque no fundo sabia que não ligaria para Valentina não importa o que acontecesse.



Valentina desapareceu na área de verificação de segurança e Anna se virou para mim com um sorriso sereno que disparou meu alarme.

— Não tente nada, ou vou ligar para o seu pai, mesmo que isso me custe meu trabalho.

Ela sorriu daquele jeito inocente que não me enganava mais. — Não sei do que você está falando.

Porra, se ela não sabia. Essa garota tinha problemas escrito nela. Quando ela se acomodou no banco do passageiro em nosso carro alugado, meio que esperava que ela tentasse alguma coisa enquanto nos levava para casa, mas ela me surpreendeu ao olhar pela janela quase contemplativamente.

Talvez ela tivesse finalmente aceitado que não poderíamos acontecer. Era um pouco desconcertante que eu não sentisse a euforia que deveria.

— Devemos considerar devolver o carro e alugar uma Vespa. Poderíamos contornar o trânsito e não ficar presos nele, — disse ela enquanto rastejávamos pelo trânsito parisiense por quase uma hora.

Segui seu olhar em direção a uma Vespa cor de menta. O cara que dirigia a coisa usava um capacete combinando e calças apertadas que acentuavam as pernas longas e magras que deixariam a maioria das garotas com ciúmes. — Não sou metrossexual o suficiente para isso.

Ana revirou os olhos. — Ser viril não está ligado ao veículo que você dirige. É uma escolha prática.

— Onde está a graça nisso?

— Você ficaria surpreso com o quanto se divertiria fazendo o inesperado.

Capítulo 13

ANNA

Parte de mim ficou triste quando mamãe deixou Paris sete dias depois de nossa chegada, mas ela era necessária em Chicago. Mas a outra parte estava ansiosa para finalmente conhecer a cidade em meus próprios termos e ficar a sós com Santino.

Ele provavelmente teria preferido que minha mãe tivesse ficado. Ele sabia que todas as apostas seriam canceladas quando estivéssemos sozinhos, e estava preocupado. Por uma boa razão. Seu controle estava escorregando, e me certificaria de passar por ele como uma bola de demolição.

Mas primeiro queria aproveitar Paris em meus próprios termos, realmente absorver tudo. Pela primeira vez na minha vida, estava muito longe de casa sem meus pais, sem a pressão de ser filha de um Capo descansando em meus ombros. Santino conhecia meus defeitos. Ele certamente não esperava que eu agisse como a boa garota que todos esperavam que fosse, ele sabia que eu não era. Podia ser boa, mas às vezes só queria ser ruim, aproveitar a vida mais do que deveria, fazer todas as coisas que não deveria fazer. Uma delas era, claro, Santino, mas Paris primeiro.

— Vamos sair hoje à noite. Jantar chique, depois bebidas e um clube depois. Quero comemorar, — disse no momento em que entramos em nosso apartamento.

A expressão de Santino não exalava excitação. Se ele percebesse o quão sexy o conjunto sombrio de sua mandíbula o tornava, provavelmente tentaria sorrir com mais frequência ao meu redor.

— Vamos, — disse com um sorriso. — Você teve que permanecer no seu

melhor comportamento enquanto minha mãe estava aqui, não me diga que não gostaria de sair à noite.

— Você está negligenciando algo. Vou ter que te vigiar.

Revirei os olhos. — Vamos nos divertir.

Santino suspirou, mas depois assentiu. Para ser honesta, esperava mais resistência dele. Ou ele estava feliz por estar em público comigo ou realmente precisava de uma pausa. Não importava o motivo, estava super empolgada. Fiquei na ponta dos pés e joguei meus braços em volta do pescoço de Santino. —Obrigada! Prometo que vou me comportar!

Era bom estar tão perto dele, especialmente porque ele não tentou me empurrar imediatamente. Quando ele ficou tenso, me afastei.



Algumas horas depois, saí do banheiro, pronta para a noite, vestida com shorts pretos e um blazer preto justo com grandes botões dourados que faziam com que parecesse um uniforme naval. Por baixo, usava um top tomara que caia branco com mangas estreitas que deixavam meus ombros nus. Para deixar o look perfeito, usei uma touca fofa que arrematou o look de marinheiro. Os saltos dourados combinando com meus botões eram a cereja do bolo.

As sobrancelhas de Santino se ergueram quando ele me viu. — Quando vamos zarpar?

Virei-me para lhe mostrar o visual, sabendo que minha bunda estava espetacular nos shorts quentes. — Não sou alguém que quer seguir uma tendência. Quero ser a pessoa que cria uma. As roupas são mais para mim do que uma cobertura para o meu corpo. E quero que minha aparência faça uma declaração. É uma forma de me expressar.

— E você está tentando expressar seu interesse em ficar com um marinheiro e morar em um barco?

Santino se levantou. Ele se esforçou em suas roupas também. A calça preta terminava acima do tornozelo e criava um belo contraste com o tênis branco.

Felizmente, ele estava usando meias de tênis como qualquer pessoa com uma pitada de senso de moda. A camisa branca simples abraçava seu peito musculoso de uma maneira muito agradável e sua jaqueta a tornava perfeita.

— Você pode xingar como um marinheiro, — disse com um encolher de ombros. — Talvez seja uma mensagem para você.

Santino ignorou o comentário, mas sabia que flutuaria em seu cérebro por um tempo. Fomos a um pequeno restaurante perto de Sacre Coeur. Assim que nos sentamos à mesa, senti um breve momento de preocupação de que não teríamos nada para conversar e poderia ficar estranho, mas Santino acenou para um cara que usava calças chinos muito justas e chinelos com pelúcia dourada, e meias com forro de pele douradas combinando. Lembrei-me dos sapatos e meias do desfile da Balenciaga no outono.

— Explique isso para mim.

— Bem, — disse pensativamente enquanto tomava um gole do champanhe. — É ousado.

— Ele está usando chinelos no inverno, com meias. Como isso pode estar na moda na mente de alguém?

— A moda sempre tenta quebrar as regras, pelo menos se quiser ser progressiva. Nem tudo existe para durar, é claro. Mas alguém disse uma vez que você só se arrepende das coisas que não fez, e acho que isso também vale para a moda. Como designer, você não quer fazer o que todos fizeram antes de você. Você quer ser inovador e surpreender as pessoas. Isso se torna cada vez mais difícil ao longo dos anos, e especialmente com a moda sendo um negócio tão rápido.

— Se algo funcionou por anos, por que mudar? Por que não reinventar as velhas tendências da moda e não criar novas completamente insanas?

— É isso que espero fazer. Repensar tendências antigas e tentar criar algo novo e emocionante com peças de segunda mão. Pelo menos, espero que dê

certo. Não sei o que esperar.

— Você sempre faz suas coisas, Anna. Duvido que um professor de moda francês possa detê-la. E pelo que vi você sempre fica bem com suas peças de segunda mão.

— Obrigada, — disse, surpresa. — Muitas pessoas acham que sou louca por amar comprar em brechós porque podia comprar as peças mais caras.

— Você poderia, mas então se pareceria com todas as outras garotas ricas. Você sempre consegue se destacar.

Abaixei meu copo com um sorriso. — Estamos conseguindo ter uma conversa sem brigar?

— Não se acostume com isso. Tenho certeza de que encontraremos algo para brigar em breve.

— Tenho que dizer, gosto de ambos, da briga e da conversa.

Santino me olhou por um momento e não pude ler sua expressão, o que me deixou irracionalmente nervosa.

O garçom chegou com nossa entrada então, interrompendo nosso estranho momento de paz. Comemos em silêncio, mas não foi um silêncio desconfortável onde você está procurando um assunto para falar e cada arranhão dos talheres ecoava dolorosamente. Isso parecia aconchegante e agradável, nós dois apreciando a comida deliciosa e ocasionalmente trocando um olhar quando alguém com roupas estranhas chamava nossa atenção. Uma levantada de sobrancelha de Santino dizia mais do que mil palavras, e quando eu respondia com um revirar de olhos lhe dava sua resposta.

Depois do jantar, fomos para um bar que também tinha um clube no andar de baixo. Não pensei que Santino se juntaria a mim na pista de dança. Ao longo dos anos, ele sempre evitou dançar, mas desta vez ele me seguiu até o centro do clube, onde a batida tomava conta da multidão, transformando dezenas de corpos em uma massa pulsante. — Pensei que dançar não fazia parte da sua descrição de trabalho, — gritei no ouvido de Santino. Essa era uma de suas frases favoritas sempre que lhe pedia para fazer alguma coisa. *Não faz parte da descrição do*

meu trabalho…

Ele se abaixou para responder sobre a música. — Esta é uma situação extraordinária. Não se acostume. — Seus lábios roçaram minha orelha brevemente e estremeci agradavelmente. Nossos olhos se encontraram. Estávamos perto, perto demais para ser socialmente aceitável em nosso mundo, mas essas regras estavam suspensas por enquanto.

Perguntei-me se Santino percebeu isso também. Que neste momento, ele poderia ser quem quisesse ser, e não se limitar a ser meu guarda-costas. Ele se endireitou, colocando um pouco mais de distância entre nós, mas não tanto quanto teria no passado.

Dei de ombros e me permiti deixar a música ditar meus movimentos. Meus olhos se fecharam, aproveitando o aqui e agora. Raramente me solto. Dançar em eventos sociais em nossos círculos era uma declaração e um show para todos ao redor. Era julgada constantemente e agia de acordo, mas aqui, em meio a uma multidão de turistas ávidos por diversão e parisienses, não precisava fazer um show ou fingir. Poderia ser uma versão não filtrada de mim mesma.

Alguém esbarrou nas minhas costas, seguido pelo grunhido de advertência de Santino, e então senti uma mão forte e quente nas minhas costas. Não precisei abrir os olhos para saber que era Santino. Podia sentir sua presença protetora atrás de mim. Ainda assim, não pude resistir a uma rápida olhada para vê-lo enquanto ele dançava ao meu lado, alto e forte, me protegendo de todos ao redor, não apenas com seu corpo, mas também com sua expressão de advertência. Senti um pouco da adrenalina. Nossos olhos se encontraram e sorri. Não era para provocar ou atiçar, por uma vez só queria mostrar a Santino meu apreço, pela chance que ele estava me dando de fazer isso, mesmo que tivesse levado alguma coerção leve.

Talvez fosse minha imaginação, mas achei que ele acariciou levemente minhas costas em resposta, mesmo que seu rosto permanecesse imóvel. A música mudou, ficando mais lenta, e a pista de dança encheu ainda mais, forçando eu e Santino a ficar ainda mais próximos. Sua mão se moveu para o

meu lado levemente. O toque ainda era protetor, mas o sentia em todos os lugares. Inclinei-me para trás, pressionando minhas costas na frente de Santino e minha cabeça em seu peito.

— Anna, — Santino rosnou.

— Deixe-me aproveitar este momento. Vai acabar logo.

Santino apertou levemente meu quadril. Não tinha certeza se era um aviso ou um acordo, mas ele não deu um passo para trás e então nós balançamos na batida mais suave, corpo contra corpo, seu batimento cardíaco batendo contra mim. Seu calor me queimava, e o cheiro fresco de sua loção pós-barba inundou meu nariz. Poderia ter ficado neste momento para sempre, mas a música mudou mais uma vez, de volta para uma melodia rápida, e nos afastamos. Eventualmente, voltamos para o bar para outra bebida. Santino optou por algo sem álcool, sempre de plantão, mas optei por outro coquetel.

Já podia sentir o efeito do álcool, potencializando essa nova sensação de liberdade desenfreada.

Quando voltamos para casa nas primeiras horas da manhã, eu um pouco embriagada e Santino vigilante como sempre, percebi que algo parecia diferente entre nós. Talvez tenha sido que Santino por uma vez me tratou como uma mulher normal e não uma criança petulante e chata. Ele estava quase relaxado e também me sentia confortável de uma maneira que fazia com muito poucas pessoas. Santino parecia um pouco com a família, pela maneira que sabia que podia confiar nele e ser eu mesma perto dele. Mas definitivamente não de uma forma relacionada. Nada nos meus sentimentos por Santino era casto o suficiente para isso.

Quando chegamos ao nosso apartamento, Santino se acomodou no sofá com um copo de Pernod, finalmente de folga. Fiquei na sala de estar, sem vontade de me preparar para dormir, sem vontade de sair, sabendo que de manhã as coisas provavelmente voltariam ao normal, nós brigando e Santino mantendo distância e eu tentando romper com provocações.

— Posso tomar um? — Perguntei, apontando para a bebida branca leitosa.

Santino se levantou e me serviu uma pequena dose de Pernod em um copo longo antes de adicionar água, aparentemente a única maneira de desfrutar de Pernod.

Sentei-me ao lado dele no sofá, pegando o copo e cheirando. Nunca tinha tomado esta bebida antes e quando a forte nota de anis atingiu meu nariz, tinha certeza que esta seria uma experiência única na vida.

Santino me deu um sorriso sardônico. — Não é uma bebida fácil.

— Suponho que seja apropriado. Uma bebida complicada para um homem complicado. — Tomei um gole e estremeci com a forte nota de alcaçuz e álcool que queimou minha língua. Precisaria de pelo menos um galão de água para diluir o sabor. —Huh. — Soltei uma respiração profunda e suprimi outro estremecimento.

— É por isso que você e eu não somos uma boa ideia, — disse Santino, me surpreendendo.

Levantei uma sobrancelha. — Porque não gosto de Pernod.

— Você mesma disse. Sou tão complicado quanto essa bebida.

— Conheço você e posso lidar com isso.

Santino tomou outro gole, me observando da maneira mais estranha. Levei o copo aos lábios de novo também, tentando provar um ponto, o que, claro, levou a outra onda de estremecimentos quando o Pernod atingiu minhas papilas gustativas. Santino pegou o copo de mim. — É bom saber quando é suficiente, ou quando não deveria nem começar.

— Você nunca ouviu falar do termo gosto adquirido? Ao longo dos anos, isso aconteceu com você.

Santino riu e balançou a cabeça, murmurando algo baixinho. — Você é a maneira de Deus me punir na Terra, Anna.

— Bem, estou me divertindo muito, com certeza.

Ele riu um pouco mais e terminou seu Pernod, depois o meu. — Vá para a cama. — Em qualquer outro dia eu teria feito um comentário impróprio, mas este momento bem aqui, e toda a noite parecia muito especial para arruiná-la

com algo assim, então apenas me inclinei e dei um beijo na bochecha dele antes de me levantar.

— Bons sonhos, Santino.

Podia sentir seus olhos me seguindo enquanto me dirigia ao banheiro para me arrumar. Por dentro, respirei fundo, tentando suprimir a onda de solidão e saudade que sentia. Queria me aconchegar em Santino e conversar durante a noite. Isso era uma coisa tão estranha de querer, mas hoje me sentia mais perto dele do que nunca. Sempre fui fortemente atraída fisicamente por ele, mas agora outra camada foi adicionada, o que era desconcertante. Não tinha certeza se queria que esse novo sentimento durasse ou passasse. Este último era provavelmente a escolha mais sábia, considerando tudo. As emoções não eram práticas. Não quando elas representavam um risco para o futuro que estava à minha frente.



Santino já estava acordado quando saí do meu quarto por volta das nove da manhã seguinte. Apenas as sombras sob seus olhos e uma expressão ainda mais mal-humorada do que o habitual falavam de uma longa noite e um pouco de álcool. Não tinha certeza de quantos Pernods ele tinha desfrutado depois que fui para a cama.

— Preciso de comida, — gemi quando afundei na cadeira dura da cozinha em frente a Santino.

— Boa sorte com isso. Esquecemos de ir às compras ontem.

Fiz uma careta. Mamãe tinha nos lembrado de ir às compras antes de sair, mas é claro que esqueci logo depois. Nunca tive que ir às compras antes, sem mamãe.

— O que faremos agora? — Disse miseravelmente.

Santino sorriu. — Poderíamos ir às compras.

— Acho que vou desmaiar até lá. Realmente preciso comer.

— Você é uma rainha do drama.

Fiz uma careta.

— Que tal entrarmos em um desses pequenos cafés que você está sempre elogiando? Croissant e chocolate quente vão curar sua ressaca.

Dei-lhe um sorriso satisfeito. — Soa como um plano. Deixe-me preparar.

Coloquei um vestido fofo, um suéter de cashmere grande demais, polainas grossas de cashmere de tricô e botas de camurça, e fiz uma trança no cabelo antes de colocar uma boina.

Santino olhou para o relógio quando saí. — Trinta minutos? Achei que você precisava de comida o mais rápido possível.

— Estamos indo para um café em Paris. Não posso ir de calça de moletom.

Santino levantou-se. — Tudo beeeeeem.

Apesar de seus resmungos, não perdi a apreciação em seus olhos enquanto ele me examinava. Estava bonita, mesmo que ele nunca admitisse em voz alta.

Caminhamos lado a lado pela rua, o sol de inverno beijando nossos rostos. De vez em quando, nossos braços se tocavam e era maravilhoso. — Acho que somos muito bons juntos. Você pode dizer que as pessoas pensam que somos um casal fofo. — Foi um pensamento que não me deixou a noite toda.

Santino me lançou um olhar cansado. — Mas não somos.

Aparentemente, seus muros abaixados não estavam mais em vigor. Ele estava de volta a ser o guarda-costas distante.

Apontei para um pequeno café de esquina à nossa frente. Tinha visto uma recomendação dele em um artigo da Time Out sobre lugares para café da manhã em Paris. Quando entramos, um garçom nos deu um breve aceno de cabeça e nos cumprimentou em francês, então começou a perguntar se tínhamos uma reserva. Suas palavras foram dirigidas a Santino, que o olhava fixamente.

Eu respondi, antes que Santino pudesse pedir que ele falasse inglês e nos custasse qualquer chance de uma mesa. O rosto do garçom se iluminou quando falei com ele em francês fluente, provavelmente por isso que tivemos a sorte de

conseguir uma mesa. Alguém havia cancelado sua reserva e conseguimos uma pequena mesa redonda perto da janela com vista para a rua.

Acomodei-me na cadeira. Santino com seu corpo maior bateu os joelhos contra a parte de baixo da mesa. — Esses lugares são feitos para crianças?

— Nem todo mundo é tão alto quanto você. Se não se espalhar como homem, ficará bem. — Santino me deu um olhar irritado, então virou o cardápio, provavelmente procurando a versão em inglês, que não estava lá. Ele suspirou.

Santino estava tentando encontrar falhas em todos os tipos de coisas porque ele simplesmente não queria estar em Paris. Se ele quisesse, encontraria alegria nas diferenças.

— Você deveria considerar aprender francês. Isso amplia o horizonte, o que nunca é ruim, se você me perguntar.

— Não perguntei, — Santino rosnou. — E ao contrário de você, não tenho tempo livre.

— Os franceses não gostam de falar em inglês. Eles serão melhores se você pelo menos tentar falar a língua deles.

Uma garçonete se aproximou de nós e nos deu um sorriso de lábios apertados. Pedi um Americano e uma omelete de clara de ovo e estava prestes a pedir para Santino o que ele queria quando ela se virou para ele, me ignorando. Ele estava recostado em sua cadeira, estendendo-se em toda a sua glória musculosa e lhe dando um sorriso que sugeria que tinha um segredo para compartilhar com ela. A expressão me fez querer esfaquear alguém com um garfo, principalmente a garçonete estupidamente sorridente. — Você é americano?

— Italiano-americano, — disse Santino, ainda sorrindo, e me fazendo sentir ainda mais esfaqueada. — O que você pode recomendar do seu menu?

Ela fez ooh e ahhh por muito tempo antes de ler o cardápio inteiro para Santino, apesar de outros clientes esperando para serem servidos, e então começou a anotar o pedido de Santino em inglês sem pestanejar. Ela se virou sem outro olhar na minha direção.

— Você pediu metade do cardápio. Você convidou alguém que não conheço?

— Estou morrendo de fome.

— Só porque a garçonete estava dando em cima de você e, portanto, fazendo um esforço para falar em inglês não significa que não deva tentar aprender pelo menos um pouco de francês básico. É desrespeitoso viver em um país e não aprender a língua.

— Não foi minha escolha morar na França, foi?

— Isso não muda o fato de que você está aqui agora.

— Estou sendo legal com os locais, como a garçonete pode atestar, enquanto você lhe deu o mau-olhado.

Apertei meus lábios para me impedir de dizer algo muito mesquinho. Precisava de um café antes de embarcar em uma batalha verbal com Santino.

A garçonete voltou logo depois com nossas bebidas e parte do pedido de Santino, mas não minha omelete.

Tomei um gole profundo do meu café, em seguida, olhei de volta para a cozinha, esperando que minha comida chegasse logo. Minha barriga já estava roncando de raiva. Estava sempre morrendo de fome depois de beber muito álcool, uma das razões pelas quais tentei limitar minha ingestão.

Santino estendeu a cesta com croissants: simples e chocolate. — Pegue um. Eles são muito bons. — Ele enfatizou suas palavras dando uma mordida em um croissant simples depois de mergulhá-lo em geleia de framboesa.

— Tenho uma silhueta para manter. — As garotas em Paris eram magras e muito conscientes de seus corpos, e sabia que as garotas que estudavam design de moda seriam ainda piores.

Santino revirou os olhos. — Sua silhueta está bem. Coma um croissant.

Revirei os olhos por sua vez. — Tenho certeza de que minha omelete estará aqui a qualquer momento.

Santino arrancou um pedaço de seu croissant e o estendeu diante do meu rosto. — Vamos, seja uma boa menina pelo menos uma vez e dê uma mordida.

Ele realmente me disse para ser uma boa menina? Estava igualmente irritada e emocionada. Em vez de uma resposta rápida, me inclinei para frente e peguei um pedaço, meus lábios roçando seus dedos. Os olhos de Santino travaram nos meus. Ele provavelmente estava tão surpreso com minhas ações quanto eu. O gosto amanteigado do croissant encheu minha boca. Sentei-me, lambendo algumas migalhas dos meus lábios. Santino nunca tirou os olhos de mim.

A intensidade de seu olhar tinha uma nova qualidade. No passado, ele só atingia esse nível com pura fúria, mas não era fúria que via em seus olhos.

Capítulo 14

SANTINO

Meus dedos formigaram. Esqueça isso. Meu corpo inteiro formigava porque a filha do meu chefe havia tocado minha pele com seus lábios ousadamente sorridentes.

Ontem à noite, sonhei com ela. Não era a primeira vez, mas definitivamente tinha sido o sonho mais vívido e sujo. Realmente esperava que fosse um deslize único, e o resultado de muito Pernod, mas a forma como meu pulso acelerou enquanto observava Anna agora, nutria pouca esperança para mim.

Tomei um gole do meu café. Precisava mudar meu foco para outras coisas, outras mulheres de preferência. Anna era um trabalho, não uma mulher. Precisava internalizar isso até que a última fibra do meu corpo entendesse a mensagem.

— Sua expressão está muito tensa. O que está acontecendo? Não está feliz com o seu croissant? — Anna me deu um sorriso provocante.

Não tinha certeza do porquê, mas desde a nossa noite de ontem, a achei mais tolerável do que no passado. Provavelmente era uma sensação que passaria em breve. Podia-se contar com uma coisa, então era o talento de Anna para me deixar louco.

— Só estou tentando entender o fato de que vou morar na França por um tempo.

— Há lugares muito piores para se viver do que Paris.

Tinha que admitir que estava agradavelmente surpreso com Paris até agora, mas ainda preferia voltar para Chicago.

— Que tal fazermos algo que você quer hoje? — Anna sugeriu, me

surpreendendo.

Infelizmente, minha mente foi direto para uma cena do meu sonho na noite passada, o que definitivamente não era algo que aconteceria hoje.

Ou qualquer dia.

Não tinha feito muita pesquisa sobre Paris. Afinal, não era uma viagem de lazer, mas havia uma coisa que me chamou a atenção quando li sobre a cidade antes de nossa viagem. — As Catacumbas.



Visitar as Catacumbas em um dia frio de inverno e caminhar para casa na chuva de neve provavelmente não era a melhor escolha. Anna estava tremendo quando finalmente chegamos em casa.

— Admita, você estava tentando me fazer congelar até a morte para que pudesse voltar para Chicago.

— Se você congelar até a morte sob minha vigilância, é melhor não voltar para Chicago. Seu pai tornaria meus últimos dias na terra muito desagradáveis.

— Papai é um Capo justo.

Sorri sarcasticamente. Talvez ela tenha esquecido que eu tinha sido seu executor por anos. Sim, Dante era justo, mas isso não o tornava menos brutal e implacável do que qualquer outro Capo. Ele te julgava por seus padrões de moral e justiça. — Não acho que seria o caso se você estivesse envolvida.

— Então é melhor você se certificar de que eu me aqueça rapidamente, — disse Anna, tirando seu blazer encharcado. A blusa por baixo era transparente e grudava em seu corpo. Seu sutiã de renda me provocava através do tecido transparente.

— Tome um banho quente, — falei. Não sentia frio com facilidade, mas até eu estava ansioso por um banho quente mais tarde.

Anna se inclinou na porta do banheiro, flocos de neve derretendo em seu cabelo. — Podemos tomar um banho juntos. — Ela mordeu o lábio. — Ou você

pode começar aquecendo meus lábios com os seus.

Ela tinha esquecido que beijá-la me trouxe aqui em primeiro lugar? E o pior era que não conseguia parar de pensar nisso. —Por que te beijaria de novo? Para que possa me chantagear novamente? — Tirei meus sapatos molhados.

Ela suspirou, cruzando os braços na frente do peito. — Me desculpe por isso. Não deveria ter usado nosso beijo contra você, e juro que nunca farei isso de novo. Paris significava muito para mim.

— Mais do que minha segurança e sentimentos de qualquer maneira.

— Não sabia que você tinha sentimentos. Você é tão bom em escondê-los.

Apenas a encarei, nem um pouco divertido. E com certeza não começaria a compartilhar meus sentimentos com Anna, especialmente quando eles estavam por toda a parte nas últimas semanas.

— Não é verdade. E nunca teria contado nada ao papai, mesmo que você não tivesse feito o que eu queria.

— Eu deveria acreditar em sua palavra sobre isso?

Anna parecia honestamente magoada, mas não queria deixá-la ir facilmente. Ninguém nunca havia me chantageado antes. —Nunca delatei alguém quando realmente importava. Nem mesmo Leonas depois que ele me irritava.

— Acho que nunca saberemos. Estou aqui em Paris agora, então você realizou seu desejo.

Ela desviou o olhar. — Então não acredite em mim. — Ela desapareceu no banheiro e por algum motivo, senti uma ponta de culpa quando era realmente Anna que deveria se sentir assim. Essa mulher estava mexendo com a minha mente de novo!

Entrei no meu quarto e tirei minhas roupas molhadas e coloquei uma calça de moletom quente.

Um grito soou. Corri para fora do meu quarto, pegando minha arma no caminho e invadindo o banheiro, sem nem pensar nisso. Anna estava na frente do chuveiro, molhada e completamente nua.

Congelei, minha mente ficou em branco por um momento. Baixei minha arma. — O que aconteceu? — Minha voz estava estranhamente rouca. Os olhos de Anna observaram meu peito nu, e ela não se incomodou em se cobrir. Eu deveria ter desviado o olhar, mas simplesmente não consegui. Ela era absolutamente de tirar o fôlego. Minha imaginação, mesmo meus sonhos mais loucos não lhe fizeram justiça. Arrepios cobriram seu corpo inteiro. Seus mamilos eram rosados e estavam duros, seus seios perfeitamente redondos. Gotas de água desciam por sua barriga, parando em seu lindo umbigo, exceto por algumas gotas rebeldes que deslizaram para baixo até o triângulo aparado de cabelo escuro.

Forcei meu olhar para cima, apenas para encontrar o sorriso tímido de Anna. — Gosta do que está vendo?

Se gostei? Eu estava hipnotizado. — Por que você gritou?

— A água de repente ficou gelada.

Estreitei meus olhos enquanto me aproximava dela. Peguei uma toalha e a estendi para ela. Ela precisava se cobrir se eu quisesse me concentrar em qualquer coisa além de seu corpo. —Aqui. — Ela pegou a toalha com uma sobrancelha erguida, mas simplesmente a segurou em sua mão em vez de enrolá-la em volta de si mesma.

Rangendo os dentes, enfiei a mão sob o chuveiro apenas para sentir a água morna. — A água está quente.

Anna segurou os dedos sob o riacho. Realmente tentei ignorar o quão perto seu corpo nu estava do meu, quão bem ela cheirava, o quanto queria estender a mão e puxá-la contra mim. Seus lábios formaram um ‘O’ quando sentiu a água. Ela me deu um sorriso tímido. — Estava frio, juro.

— Eu disse para você parar seus jogos.

— Não estou jogando, Santino. Você está chateado em princípio porque não quer estar aqui.

Certo pra caralho. Dei um passo para trás, precisando de mais distância entre seu corpo nu tentador e eu.

As coisas estavam escapando do meu controle. Praticamente podia sentir isso. Odiava que Anna tivesse tanto poder sobre mim, e só queria recuperar meu controle. — Você já considerou que eu não queria deixar minha vida inteira, minha família e amigos, para trás? Tudo por você?

ANNA

Santino parecia absolutamente furioso. Engoli. Não tinha lhe perguntado, era verdade. Santino sendo minha sombra se tornou minha realidade. Dificilmente poderia lembrar de uma época em que ele não tinha sido meu protetor, e não queria imaginar uma época em que ele nunca mais seria.

— Você está certo, — disse baixinho. — E se estar em Paris para me proteger for demais para você, então vou pedir ao papai para trocá-lo por outro guarda-costas.

Santino fez um gesto de desprezo. — Não estou com disposição para um voo longo tão cedo novamente. Sem mencionar que nenhum dos outros guarda-costas seria capaz de tolerar seu humor.

Arregalei meus olhos. — Desculpe moi, você está constantemente no limite por causa do meu suposto humor. Duvido que alguém lidaria com ele pior do que você.

— Estou fazendo meu trabalho, só isso. Sou a única pessoa que não tenta te adular para cair nas graças do seu pai.

— Pena, — murmurei. Ele era uma das poucas pessoas que não me importaria de ser bajulada.

Ele balançou a cabeça novamente. — Tome um banho e vá para a cama. E se gritar de novo, não virei correndo. — Ele se virou, dando-me uma visão de suas costas fortes e bunda perfeitamente em forma na calça de moletom de cintura baixa.

Ele fechou a porta com mais força do que o necessário. Com um pequeno

sorriso, voltei para o chuveiro. Não tinha mentido quando disse que a água estava congelando, mas agora estava agradavelmente quente.

Recostei-me nos ladrilhos, fechando os olhos para poder repetir a expressão de admiração que tomou conta do rosto de Santino quando ele me viu nua. Minha barriga se apertou pensando em quão perto ele esteve, quão bem ele cheirava. E sua expressão furiosa?

Permiti que meus dedos deslizassem entre minhas pernas e encontrassem meu clitóris já carente. Uma expressão zangada de Santino me excitou mais do que beijar Maurice ou Clifford. Comecei a me acariciar, lamentando não ter encontrado tempo para desempacotar meus brinquedos ainda. Mas mesmo sem brinquedos, não demorei muito para chegar ao orgasmo.

Mas só me deixou querendo mais.

Santino estava sentado no sofá, assistindo à BBC na pequena TV quando saí do banheiro um pouco depois. Ele colocou uma camiseta. Eu estava na minha camisa de seda cor de rubi favorita e short combinando. Santino olhou brevemente em minha direção antes de voltar sua atenção para a tela.

Andei até ele e me sentei no braço ao seu lado.

— O que você quer?

Observei seu rosto, a linha dura de sua boca, o brilho cauteloso em seus olhos. — Nunca teria te considerado um covarde.

Ele ficou tenso. — Não sou um covarde, Cherie.

Meu coração disparou ao ouvi-lo me chamar pelo termo carinhoso francês. Ele não quis dizer isso de uma maneira gentil, mas amei o som do mesmo jeito. Dei de ombros. — Você está com medo de mim.

Santino me deu um sorriso condescendente.

— Você está. Você está com medo porque me quer.

— Desde quando você é especialista em detectar o desejo de um homem?

Odiava o quão abrasivo ele podia ser, a facilidade com que podia me ignorar quando eu sabia o que tinha visto no banheiro. — Quando beijei Maurice

e Clifford, pude ver o desejo deles por mim. A propósito, Clifford beija bem.

Não era uma mentira descarada. Presumi que Clifford beijava bem, considerando seu sucesso com as mulheres. Só porque não tinha gostado particularmente não significava que ele não beijava.

A fúria brilhou nos olhos de Santino. Ele poderia dizer o que quisesse, mas odiava que eu tivesse beijado outros caras.

— Você não quer transar comigo, mas parece chateado quando falo sobre beijar outros homens.

— Cliffy não é um homem, ele é um menino, e quando você estiver com um homem, saberá a diferença.

— Você está esquecendo de Maurice.

Santino zombou. — Ele também não é um homem.

— Quem disse que não estive com outra pessoa além de Clifford e Maurice? — Disse em frustração. — Você sabe que Clifford não se importa com nossas tradições. Ele não espera que eu me guarde até o casamento.

O rosto de Santino tornou-se pedra pura. — Bom para ele. — Em seguida, um sorriso zombeteiro puxou seus lábios. — Você pode fazer o que quiser, mas não vou te beijar novamente. Aprendi minha lição.

Poderia ter gritado de frustração. Por que ele tinha que ser tão teimoso? Decidi tentar outra abordagem mais honesta.

— Sou obediente como você Santino, mas quero viver antes de passar a vida sendo a boa esposa do político. Clifford se diverte, por que eu não deveria?

Ele apenas olhou. Gostaria de saber o que se passava na cabeça dele. — Você prefere que eu me divirta com outra pessoa?

— Seu pai me pediu para protegê-la e é isso que estou fazendo.

Bufei. — Do sexo.

Ele voltou a olhar para a TV. Levantei-me com um encolher de ombros. — Então vou gozar sem sua ajuda, como fiz no chuveiro.

Virei-me, sem esperar por sua resposta, e entrei no meu quarto, sem me preocupar em fechar a porta. — Você sabe onde me encontrar se tiver coragem.

Passos soaram atrás de mim e então Santino me agarrou pelos ombros e me girou para que ficasse de frente para ele.

Ele olhou para mim. — O que você realmente quer, Anna? Que eu perca o controle? Enlouqueça? Meu trabalho? Minha vida?

Sua voz era áspera e baixa, acariciando o fogo em minha barriga.

Ele era o homem mais sexy que já tinha visto. Ele era tudo que eu queria. — Quero que você perca o controle.

Santino rosnou e se afastou de mim, dando dois passos para trás. Sem outra palavra, ele saiu do meu quarto e fechou a porta.

Mordi o lábio e fechei os olhos, ouvindo as batidas furiosas do meu coração. Minha gaiola dourada me permitia poucos prazeres, ainda menos emoções. Mas provocar Santino sempre me dava vida.

Capítulo 15

ANNA

Nos dias seguintes, dei espaço a Santino e concentrei-me na minha agenda. Os cursos introdutórios estavam prestes a começar e queria ter certeza de que tinha tudo o que precisava. Também me inscrevi em um curso de costura adicional. Já tinha tido aulas de costura com nossa empregada nos meses que antecederam minha mudança para Paris, mas ainda estava longe de ser boa. Sabia que precisava melhorar se quisesse entender bem como as roupas eram feitas. Como você pode ser uma boa designer sem ser capaz de costurar uma peça de roupa?

Santino trabalhava no quarto dele enquanto eu ficava no meu. Eventualmente, saímos a pé até uma loja de segunda mão que também vendia máquinas de costura para pessoas que queriam reciclar itens.

— Minha mãe costumava costurar, — disse Santino quando pegamos um modelo mais antigo que ainda exigia muito trabalho manual.

Surpresa tomou conta de mim. Ele raramente falava sobre família e, se o fazia, era sobre seu pai. Não tinha certeza do que dizer, completamente pega de surpresa. Achei que ele ficaria em silêncio por mais alguns dias para me punir por minha provocação. — É uma habilidade útil.

Santino assentiu simplesmente e o silêncio caiu sobre nós mais uma vez enquanto ele carregava a máquina pesada quando voltávamos para casa. Enquanto esperávamos na calçada que as luzes de pedestres ficassem verdes, um grupo de freiras veio em nossa direção. Dei um passo para trás com um pequeno sorriso. Santino, porém, deixou as freiras passarem com uma expressão hostil, como se o tivessem ofendido pessoalmente.

— Qual é o seu problema com freiras? — Perguntei quando finalmente

atravessamos a rua. A calçada aqui era estreita, então Santino e eu tínhamos que andar de braços colados, o que era bom. Santino parou de andar alguns passos atrás de mim, já que estávamos sozinhos em Paris. Parecia cada vez menos uma relação de trabalho.

— Não tenho problemas com freiras, — ele disse indiferente. A quem ele estava tentando enganar? Eu o conhecia há anos e o vi em seu pior e melhor, principalmente no pior.

Sabia quando ele estava mentindo.

Fiz uma cara que deixou claro que não acreditava nele. — Certo. Você deu em cima de uma freira e ela recusou seus avanços?

Isso era algo que podia imaginar vividamente. Santino era do tipo que fazia isso, apenas por diversão.

Desgosto roçou seus lábios. — Por que daria em cima de uma freira?

— A emoção da caça e do proibido? Só por despeito? Ou talvez até tédio?

— Desde que você entrou na minha vida, o tédio é o menor dos meus problemas.

Lhe dei um sorriso arrogante. — Obrigada.

— Isso não foi um elogio.

— Com certeza soou como um. Presumo.

Santino balançou a cabeça, mas podia dizer que ele estava lutando contra um sorriso. Realmente queria que ele o deixasse vencer mais vezes. O sol estava brilhando o dia todo, e quase parecia primavera. Considerando o quão frio estava alguns dias antes, isso me pegou completamente desprevenida. — Vamos entrar no parque e aproveitar um pouco o sol.

Santino assentiu e juntos nos dirigimos para o gramado na base da Torre Eiffel. Para minha surpresa, não éramos as únicas pessoas. Várias pessoas colocaram cobertores e sentaram na grama, bebendo vinho e conversando.

— Vamos fazer o mesmo.

— Nós não temos um cobertor.

Apontei para um dos vendedores ambulantes que vendiam de tudo, desde

pequenas torres Eiffel bregas, relógios Cartier falsos e guarda-chuvas MCM, até cobertores com o logotipo da Louis Vuitton. Santino foi até o homem e negociou por quase dez minutos até conseguirmos o cobertor pela metade do preço e um guarda-chuva de graça. Nós nos acomodamos no cobertor. O chão ainda estava frio, ainda não aquecido pelo sol, mas não me importei. Só queria aproveitar o sol na minha pele, mesmo que minha bunda congelasse.

— Poderia ser pior, — murmurei. — A maioria das pessoas mataria pelo seu trabalho.

Santino afundou ao meu lado. — Hoje foi um dos meus melhores dias de trabalho.

Ri e deitei de costas, adorando a visão da Torre Eiffel se erguendo acima de nós com o sol espreitando atrás dela. A coisa com as freiras não saía da minha cabeça. Havia uma história a ser contada. Podia sentir isso.

Deitei de barriga para baixo, me apoiei nos cotovelos e apoiei meu queixo na coxa de Santino.

— O que você está fazendo? — Ele perguntou em uma voz baixa e tensa. Ele endireitou as costas, pronto para saltar, e eu podia sentir os músculos de sua coxa flexionando sob meu queixo.

— Relaxe. Estou apenas ficando confortável. Não vou violenta-lo no meio de um parque.

Santino não abriu um sorriso, mas não pude deixar de sorrir diabolicamente. Adorava quando podia perturbá-lo. Muito pouco perturbava Santino, mas eu o fazia, sucesso.

Ele estreitou os olhos. — Você percebe que os paparazzi teriam um dia de campo se tirassem uma foto nossa assim. Daria manchetes.

— Ninguém sabe que estamos aqui, e papai impediria isso.

— Provavelmente. Ele também assaria minhas bolas em um churrasco.

Deixei escapar um suspiro satisfeito enquanto me movia para que minha bochecha descansasse na coxa de Santino. Meu pulso acelerou estando tão perto de Santino e da parte dele que tinha toda a intenção de conhecer em breve.

— Anna.

O zumbido baixo de advertência na voz profunda de Santino enviou um arrepio agradável pelas minhas costas.

Fechei meus olhos. — Você pode esfregar minhas costas? Estou com vontade de cochilar.

— Anna.

Abri um olho. — Que tal isso: você me diz o que as freiras te fizeram e me sento ao seu lado como uma boa menina?

Santino considerou por quase um minuto antes de soltar um suspiro. — Tudo bem. Mas levante-se primeiro.

— Não, você vai primeiro. Você vai fugir se eu levantar a cabeça.

Ele riu. — Às vezes realmente não sei o que se passa na sua cabeça.

— Isso se chama caos criativo.

— Minha irmã é freira.

Sentei-me, meus lábios entreabertos. — Sério?

— Sim. Ela é uma noviça desde julho passado.

— Uau. Mas por quê? — Soltei uma risada atordoada. — Ela espera pagar seus pecados?

Santino olhou para um grupo de pessoas, sua expressão séria. Fiquei séria imediatamente, percebendo que isso realmente o incomodava.

— Não meus pecados, não.

Toquei sua mão, que repousava sobre o cobertor. — Santino?

Seus olhos encontraram os meus e meu coração se apertou. Queria envolver meus braços ao redor dele, beijá-lo, abraçá-lo.

— Culpa equivocada, eu suponho, — ele disse calmamente.

revirei meu cérebro pela história da família dos Bianchis, mas tudo que eu sabia era que a mãe de Santino tinha morrido quando eu era muito jovem. Não sabia por que, nunca tinha perguntado. Não sabia nada sobre sua irmã. Nem tinha certeza se a conhecia.

— O que aconteceu? Tem algo a ver com sua mãe?

O corpo de Santino ficou mais tenso. Esperava que ele se afastasse e dissesse algo desdenhoso. Santino não demonstrava emoções. Não emoções profundas, pelo menos. — Minha mãe morreu ao dar à luz minha irmã Frederica quando eu tinha onze anos.

Nem sabia que Frederica tinha a minha idade, apenas um ano mais nova. — Eu sinto muito.

Santino assentiu. — Frederica se culpa por isso. Ela nega, mas posso dizer. Minha mãe sofreu uma parada cardíaca. Ela tinha um defeito cardíaco não diagnosticado. Poderia ter acontecido em qualquer outro momento, mas como aconteceu durante o trabalho de parto, Frederica se culpou.

— Seu pobre pai, e você era apenas um menino, deve ter sido uma experiência horrível.

Me perguntei se Santino tinha algum tipo de complexo de Édipo estranho porque havia perdido a mãe tão cedo e era por isso que sempre escolhia mulheres casadas mais velhas.

— Mas não foi culpa dela. Seu pai alguma vez a culpou?

— Não, — disse Santino com firmeza. — Papai a tratava como uma princesa.

— Mas ele continuou trabalhando para meus pais, como ele conseguiu com dois filhos?

— Uma de suas irmãs nos ajudou, e quando Frederica ficou um pouco mais velha, eu cuidava dela quando papai não estava em casa. Mais tarde, quando comecei a trabalhar para a Outfit, minha tia assumiu a maior parte do tempo.

Respirei fundo e entrelacei meus dedos com os de Santino, mesmo temendo que ele se afastasse. — Realmente sinto muito por sua perda. E lamento que sua irmã esteja sofrendo por causa disso. Talvez ser freira a ajude a perceber que não é culpa dela.

— Ela não vive. Ela está apenas existindo. Ela deve aproveitar a vida, não pedir perdão por algo que não é culpa dela.

Balancei a cabeça. Depois disso, sentamos em silêncio um ao lado do outro, nossos dedos ainda entrelaçados. Eu teria encostado a cabeça no ombro de Santino, se não tivesse medo de assustá-lo. Estava contente em segurar sua mão. Era mais do que ousei esperar. A sensação de paz e contentamento que sentia ao estar perto de Santino de uma maneira tão inocente me mostrou que meu coração ainda não tinha desistido, mesmo quando minha mente se contentou com uma aventura.

Eventualmente Santino removeu sua mão e se endireitou, sua expressão tornando-se dura novamente. Nosso momento acabou.

— Devemos ir para casa.

Santino não disse uma palavra enquanto caminhávamos pelas ruas escuras. Estava ficando cada vez mais frio agora que o sol se fora.

Meu telefone tocou e olhei para baixo. A surpresa arregalou meus olhos.

Ei Anna, sou eu Maurice. Estou de volta a Paris e seu irmão me disse que você também está. Por que não nos encontramos? Não gosto de como nosso último encontro terminou.

— Quem é? — Perguntou Santino.

— Maurice, — disse antes que pudesse pensar.

— Diga-lhe que não. Não importa o que ele queira, a resposta é não.

Fiz uma careta ao seu tom de comando. — Talvez ele só queira conversar porque você o agrediu da última vez.

— É melhor ele se certificar de que não o agrida novamente.

— Tenho permissão para sair com garotos. Você ouviu o que mamãe disse.

— Duvido que seu pai esteja envolvido nessa decisão.

— Qual é realmente o seu problema, Santino? Você diz que não me quer, mas não quer que eu saia com outros garotos.

— Não sou um garoto, Anna. O garoto Maurice provavelmente não se importará em te dar uma mordida, mesmo que o bolo esteja prometido a outro,

mas não quero uma porra de mordida. Eu quero comer o bolo todo.

— Isso é ridículo.

— Você não vai encontrar Maurice. Fim da história.

Eu olhei, mas ele me ignorou e abriu a porta da frente do nosso prédio enquanto segurava minha máquina de costura debaixo do outro braço.

Nossa subida foi interrompida pela nossa vizinha de baixo. Ela era uma mulher casada de quarenta e poucos anos, com dois filhos e um marido que trabalhava em uma plataforma de petróleo. Como muitas mães francesas, ela não se parecia com uma. Ela estava sempre impecavelmente vestida, tinha uma figura esbelta e um sorriso sedutor que era completamente inadequado para uma mulher casada.

Desde que nos mudamos, ela estava de olho em Santino, e ele imediatamente me apresentou como sua irmã, o que só despertou seu interesse.

— Santino, — ela disse em seu sotaque pesado. — Preciso da sua ajuda.

E nós dois sabíamos que ajuda ela precisava. O fato de seu marido estar fora por seis meses a cada ano provavelmente a deixava particularmente excitada.

Santino não perdeu o ritmo enquanto se encostava na parede e lhe deu um sorriso lento e sujo.

Ciúme me atravessou.

Era quase como se ele estivesse tentando apagar nossa conversa significativa com uma foda sem sentido. Eu odiava isso, odiava que ele preferisse transar com uma garota francesa a nos dar uma chance.

Você vai se casar.

Poderíamos ter algo especial por um tempo. Isso era melhor do que nunca ter algo especial. E mesmo que fosse apenas sexo.

— Talvez você possa vir mais tarde e me ajudar com a minha janela?

— Claro, — disse Santino, e do jeito que disse isso e pelo brilho em seus olhos, sabia que ele estava transando com ela. — Só deixe-me levar minha irmãzinha e sua máquina de costura até o apartamento.

Segui até o próximo andar e entrei em nosso apartamento. Santino entrou logo depois.

— Se você acha que vou para a cama, enquanto você desce para consertar a Sra. Vadia-Francesa com o pau, está louco.

— Vadia-Francesa?

O encarei.

— Está tarde. Meus deveres acabam em algum momento. Vou te cobrir e então estarei livre para fazer o que eu quiser.

— Tudo bem, — disse com um sorriso fino. Invadi meu quarto e fechei a porta, sem me importar com quão infantil isso me fazia parecer. Depois do momento que compartilhamos no parque, o flerte de Santino com aquela mulher doeu ainda mais.

Mandei uma mensagem para Maurice no segundo em que fiquei sozinha no meu quarto.

Você tem tempo para me encontrar agora?

Claro. Que tal nos encontrarmos no Sena?

Combinado. Dê-me trinta minutos.

Peguei minha camisola e saí do meu quarto. Santino estava encostado ao balcão da cozinha, bebendo um expresso, provavelmente por um pouco de energia extra para satisfazer a francesa. Ele me observou enquanto eu me dirigia ao banheiro para ‘me preparar para dormir’. Liguei a água, mas em vez de começar minha rotina noturna, atualizei minha maquiagem para ficar apresentável para meu encontro com Maurice. Se Santino ia se divertir com a Vadia-Francesa, aproveitaria o resto da noite com Maurice. Cansei de esperar Santino ceder. Não sabia quanto tempo tinha em Paris, mas o que sabia era que minha liberdade tinha prazo de validade, e aproveitaria até lá, com ou sem a ajuda de Santino.

Ouvi a porta da frente abrir e fechar, então o som da fechadura. Não podia acreditar em sua audácia.

Talvez ele tivesse prometido ao papai me manter longe da diversão, mas não me deixaria ser trancada. Esperei um pouco mais antes de abrir a porta e espiar. Santino definitivamente se foi.

Ele provavelmente achou que uma porta trancada me impediria. Com um irmão como Leonas, arrombar fechaduras era uma tarefa fácil.

Armada com um grampo de cabelo, comecei a trabalhar na fechadura. Depois de um pouco de dificuldade, a fechadura finalmente clicou. Mais uma vez, abri a porta com cuidado e espiei para fora, depois escutei as vozes do andar de baixo. O corredor estava silencioso, então Santino já estava dentro do apartamento da Vadia-Francesa.

Praticamente passei correndo pela porta dela na minha descida. Não queria ser pega, e não podia suportar a ideia de ouvi-los se pegando. Não sabia por que o pensamento de ouvi-los era demais para mim quando já tinha visto Santino transar com a Sra. Alfera e a Sra. Clark. Talvez porque senti que estávamos nos aproximando nas últimas semanas, especialmente hoje.

Peguei um táxi para Notre Dame e paguei em dinheiro, caso Santino estivesse rastreando meu cartão de crédito. Reconheci Maurice imediatamente. Ele estava encostado na parede de pedra na margem do Sena. Estava usando calça jeans escura e uma camiseta branca, e segurava uma garrafa de vinho na mão.

Sorri e o cumprimentei com o número habitual de três beijos. A ‘Faire la bise’ como os franceses chamavam.

— Você está linda, — disse Maurice.

— Obrigada.

Ele olhou para trás com um sorriso irônico. — Onde está seu guarda-costas?

— Ocupado com uma francesa solitária e casada.

Ele riu. — Ele vai estar ocupado por um tempo então, hein?

Ri também porque seria estranho se tivesse agido irritada. Aos meus ouvidos, soou terrivelmente falso, mas Maurice não pareceu notar.

— Vou mantê-la ocupada, — disse ele com um sorriso lento, levantando a garrafa com Viognier, um dos meus vinhos favoritos.

— Estou contando com isso.

Capítulo 16

SANTINO

Bati na porta de Veronique. Quando ela a abriu, fez uma careta de falsa surpresa, fechando um roupão de banho sobre seu corpo muito nu. Era um corpo adorável, para o qual poucos homens diriam não, mas me deixou irritantemente frio.

— Oh, não te esperava tão cedo. Tomei um banho.

— Devo voltar mais tarde? — Perguntei, mesmo sabendo a resposta.

Ela agarrou meu braço com uma risada desdenhosa. — Oh não. Não seja ridículo.

Entrei no corredor do apartamento dela. Era menor do que o que eu compartilhava com Anna, mas ainda não era barato. Seu marido provavelmente ganhava um bom dinheiro naquela plataforma de petróleo enquanto sua esposa solitária procurava a companhia de homens como eu.

— Entre, — disse ela, levando-me para a cozinha. — Talvez você possa dar uma olhada na minha mesa também? Está vacilante.

Balancei a cabeça e me agachei para inspecionar a mesa. Veronique se posicionou bem ao meu lado, seu roupão lentamente se abrindo e revelando pernas compridas e a sugestão de uma boceta raspada.

Olhei para o rosto dela. Falava uma linguagem clara. Ela queria uma noite cheia de sexo quente, e sabia que eu era um homem que poderia proporcionar isso.

O problema era que minha cabeça não estava aqui. Não conseguia parar de pensar em Anna, na conversa que compartilhamos, e na forma como meu pulso acelerava sempre que ela flertava comigo. Anna também me queria pela diversão que eu podia proporcionar. Nunca me importei em ser esse tipo de cara, mas com

Anna, a ideia simplesmente não caia bem para mim.

Veronique tocou meu ombro. — Santino?

Olhei para sua boceta mais uma vez. Poderia passar a noite transando com uma mulher solitária e cheia de tesão, ou poderia voltar para o andar de cima. Para que?

Não tinha mais certeza do que queria. Anna. Definitivamente. Esse era o maldito problema.

Levantei. — A mesa está boa. Deixe-me verificar a janela agora.

Andei em direção à janela, que estava emperrada, mas não conseguia ver como poderia consertá-la.

— Você quer uma taça de vinho?

Balancei minha cabeça. — Eu devo ir.

Sem esperar resposta, saí do apartamento e subi as escadas.

Anna tinha se tornado meu bloqueio.

Fui abrir a porta, mas ela não estava mais trancada. Empurrei a porta e entrei. Anna não estava no banheiro. Só encontrei a camisola dela jogada sobre a borda da banheira. Me virei e verifiquei seu quarto, mesmo sabendo que não a encontraria lá também. O que encontrei foi o celular dela. Ela provavelmente suspeitou do rastreador que colocamos nele. Será que percebeu o quão perigoso era fugir sem uma maneira de entrar em contato comigo?

— Caramba! — Rugi enquanto descia correndo as escadas e batia na porta de Veronique. Ela abriu um momento depois, parecendo confusa. — Preciso da sua Vespa. Minha irmã fugiu e preciso procurá-la.

Ela pegou a chave de um gancho na parede. — Você quer que chame a polícia?

— Não, —cortei quando peguei a chave da porra da Vespa e desci correndo as escadas. Pegar um carro levaria mais tempo, então mesmo que odiasse a coisa amarela, me serviria melhor se quisesse encontrar Anna o mais rápido possível.

Dirigi pelo trânsito, me arrependendo de não ter verificado as mensagens

de Anna. Para onde um Casanova francês como Maurice levaria Anna? Provavelmente algum recanto aconchegante onde pudesse colocar as patas em cima dela.

Porra, e se algo acontecesse com ela? Nunca me perdoaria.

Fui primeiro para a Torre Eiffel. Muitas pessoas estavam reunidas na grama abaixo da construção de aço, bebendo vinho e conversando apesar do frio. Não vi Anna em lugar nenhum. Pulei de volta na Vespa e corri para longe. Um dos lugares mais românticos à noite era a área ao redor de Notre Dame, especialmente a margem do Sena.

Quando desci da Vespa no meu destino, segui meu instinto. Não demorei muito para encontrar um lugar com vista para a igreja e para o Sena onde muitos casais se reuniam.

Não vi Anna em qualquer lugar, no entanto. Procurei na área por mais uma hora até desistir e seguir em direção a Montmartre. Mas também não a encontrei lá. O pânico estava começando a se instalar.

Se não encontrasse Anna até de manhã, teria que pensar em ligar para Dante para que ele pudesse organizar ajuda. Não podia arriscar esperar muito antes de acionar o alarme. Se ela tivesse sido sequestrada, cada hora importava. E chamar a polícia estava fora de questão.

Eram quatro da manhã quando voltei para o apartamento. Minha camisa grudava no meu corpo suado e minhas veias ainda pulsavam com adrenalina.

Estacionei a Vespa na rua e congelei quando vi Anna na frente do prédio. Ela não tinha as chaves, então é claro que teve que esperar na frente dele. Andei em direção a ela, dividido entre o alívio esmagador e a fúria.

Os lábios de Anna estavam inchados como se ela tivesse passado a noite grudada nos lábios de Maurice, ou pior... A mera ideia fez meu sangue bombear com ciúme e raiva.

— Você tem sorte que devo protegê-la, ou eu te mataria! — Rosnei quando agarrei seu braço, destranquei a porta e a arrastei para cima.

Para minha surpresa, Anna me seguiu sem muito protesto.

A soltei uma vez que estávamos em nosso apartamento e longe de olhos curiosos. — Onde diabos você estava?

— Você está de mau humor. A francesa não te animou? Ela lhe deu sua Vespa como agradecimento, suponho.

— Onde diabos você estava? — Entrei na cara dela, muito perto de explodir.

Imediatamente senti o cheiro de álcool em seu hálito.

— Você está bêbada?

Ela sorriu. — Pode ser. Acho que dividimos duas garrafas de um vinho muito delicioso.

Cerrei os dentes. — Você se encontrou com Maurice?

— Sim. Por que você deveria ser o único a se divertir?

Encontraria o filho da puta e cortaria sua cabeça. — O que aconteceu?

Nem sabia por que estava perguntando. Os lábios de Anna estavam inchados, seu cabelo despenteado e sua blusa abotoada do jeito errado. Até um idiota podia adivinhar o que ela estava fazendo com Maurice. Talvez eu devesse ter esperado isso. Anna era uma jovem de dezoito anos que finalmente experimentou a liberdade. Ela esteve tentando me seduzir por semanas, inferno, meses agora, é claro que eventualmente encontraria alguém que apagaria seu fogo.

Arrependimento tinha um gosto amargo na minha boca. Por que não aceitei sua oferta? Por que tinha que agir como um nobre quando decididamente não era?

Anna sorriu torto. — É a cidade do amor, o que você acha que aconteceu?

Assenti, reprimindo minha raiva o mais profundamente que pude, mesmo quando queria rugir. Anna não era minha, nunca foi e nunca seria, mas meu coração não se importava. Eu estava com ciúmes.

— Espero que tenha valido a pena me irritar. Porque a partir deste dia, não vou deixa-la fora da minha vista por um segundo.

— É verdade?

Não disse nada, apenas a encarei, mesmo que doesse olhá-la quando a prova do que ela tinha feito com Maurice gritava para mim. Eu não ficava com ninguém há mais de um mês porque Anna tinha se infiltrado na minha cabeça e não queria sair.

Anna deu de ombros. — Tudo bem. — Ela começou a desabotoar a camisa.

— O que você está fazendo?

— Se você vai me seguir aonde quer que eu vá, é melhor me despir aqui mesmo.

Ela ainda não tinha terminado de jogar?

Eu não reagi.

Anna abriu a blusa, revelando um daqueles sutiãs de renda que eu sempre via no banheiro. Ela então abaixou o zíper na parte de trás de sua saia e deixou a peça de roupa cair no chão. Apenas em sua calcinha, ela era um espetáculo a ser visto. Mas não lhe dei a satisfação de verificar cada centímetro de seu corpo, mesmo que quisesse. Eu a tinha visto nua, tinha memorizado cada centímetro de seu corpo.

— Estou indo para o banheiro agora, — disse ela, virando-se, apresentando globos redondos para mim. Ela se inclinou para pegar a saia. O fio de sua calcinha entre suas nádegas me provocava e mal cobria sua boceta.

Eu poderia ter isso, se não estivesse tentando ser um idiota virtuoso. Agora Maurice esteve com as patas em cima dessa bunda incrível, e empurrei Veronique para longe.

Talvez devesse ir até ela. Ela provavelmente ainda me deixaria entrar para uma foda, mesmo depois que a recusei antes. Eu poderia foder a raiva do meu sistema, poderia foder Anna do meu sistema.

Anna entrou no banheiro e deixou a porta aberta. Não a segui, mas a observei pela porta aberta. Ela desabotoou o sutiã moldados nos seios perfeitos que encheriam minhas mãos se os amassasse. Apesar de sua figura esbelta, Anna não tinha seios pequenos. Ela finalmente tirou a tanga e a jogou no cesto de

roupa suja. A ideia de que Maurice a tinha visto assim era demais.

Me virei e entrei no meu quarto. Anna sempre foi de Clifford, sempre foi de outra pessoa, e por isso que ela era proibida para mim. Isso nunca me incomodou porque, por agora, ela era quase minha, mesmo que nunca a tivesse tido em primeiro lugar. Compartilhá-la com alguém agora era fodido demais para mim.

Tirei minhas roupas e me deitei. Escutei o som do chuveiro, sentindo um arrependimento ainda mais profundo.

Eu desejava Anna. E ainda a queria.

Por que ainda estava me segurando?

Capítulo 17

SANTINO

Levantei uma sobrancelha. Anna se inclinou no batente da porta com o que parecia ser uma camisa grande demais e um cinto de couro largo acentuando sua cintura estreita. Ela não estava usando sapatos ou meia-calça, e os botões de cima estavam abertos.

Ela segurava uma caixa de sapatos na mão. — Preciso de pilhas.

Levantei da mesa da cozinha onde estive digitando e apagando minha carta de demissão para Dante pela última hora. Também não era a primeira vez que fazia isso. Perdi a conta do número de cartas de demissão que escrevi e apaguei até agora. Desde a noite em que Anna escapou com Maurice duas semanas atrás, estava pensando em largar o emprego. Sabia o que deveria fazer, mas não consegui apertar enviar. Por semanas estava lutando comigo mesmo. Não conseguia parar de pensar em Anna, em seu corpo, em seu sorriso tímido. Sobre como deixei Maurice tê-la. Eu senti o cheiro de sua loção pós-barba nela outra vez depois que ela saiu da escola de moda. Ele provavelmente se esgueirou e a encontrou para uma rapidinha em um banheiro. Anna não negou nada, e tentei reprimir meu ciúme e fúria irracionais.

— Santino? — Anna andou até mim e, claro, fiquei tenso. Fechei o laptop. Se ela descobrisse que eu queria sair, encontraria uma maneira de me fazer ficar e tinha a sensação de que permitiria com prazer que ela o fizesse.

— Não tenha medo. Vou ser legal, — ela disse com o sorriso provocante que me fez quere subir a parede.

— Você é intolerável.

— A maioria das pessoas me acha charmosa.

— Isso é porque você é encantadora com eles e mantém seu eu intolerável

para mim.

— Isso é porque você é uma das poucas pessoas com quem posso ser eu mesma. Você já não gosta muito de mim. Não é como se pudesse impressioná-lo.

Se ela soubesse...

— Para que você precisa das pilhas? — Perguntei quando me levantei e abri uma das gavetas da cozinha onde peguei um pacote de pilhas.

Anna abriu sua caixa de sapatos. Minhas sobrancelhas se ergueram e meu pau deu uma pequena contração. Dentro da caixa havia três brinquedinhos sexuais. Um parecia um mouse de computador vermelho com uma ventosa.

— Confie em mim, uma boca pode fazer isso muito melhor, — disse.

Ela pegou o brinquedo vermelho. — Eu sei, mas se não tiver uma boca à mão, posso usar isto para me divertir.

— Suponho que mesmo com a boca de Maurice por perto, você ainda precisa dessa coisa para se divertir.

Ela ignorou meu comentário sarcástico e ligou a coisa e apontou para a pequena parte de sucção. — Existem diferentes níveis de intensidade. E posso levá-lo para a banheira comigo. Isso não é algo que um homem possa fazer, não importa o quão talentosa sua boca seja, a menos que ele possa respirar debaixo d'água.

Tinha quase certeza de que me afogaria feliz se isso acontecesse enquanto chupava o doce clitóris de Anna.

Ela tinha mais dois brinquedos em sua caixa de sapatos. Um vibrador branco, liso e levemente curvo e um vibrador que também tinha um mecanismo de sucção.

— São todos muito bons.

— Suponho que é uma coisa boa não ter que se preocupar com Cliffy ficando chateado se não pode romper seu hímen com o pau dele, considerando que Maurice e seus vibradores chegaram lá primeiro.

Ela simplesmente sorriu, nem um pouco perturbada pelas minhas palavras. Só de pensar que Maurice poderia ter sido o cara que tirou sua virgindade duas

semanas atrás me deixava louco. Realmente queria encontrar o cara e matá-lo.

Anna apontou para o brinquedo vermelho. Uma luz estava piscando em vermelho e então a sucção parou. — Preciso de pilhas para este.

— Por que você não liga para Maurice e pede para ele tomar o lugar do brinquedo?

— Porque você o mataria se ele aparecesse.

Lhe dei um sorriso afiado. — Nunca se sabe.

Anna deu de ombros. — Não vou arriscar. Mas se você está tão preocupado com o desempenho do meu brinquedo, por que não toma o lugar dele e me mostra o quão talentoso é?

Ela não esperou pela minha resposta, apenas pegou algumas pilhas e sua caixa de sapatos antes de voltar para seu quarto.

Me inclinei para trás contra a cadeira e olhei para o teto, debatendo se deveria simplesmente seguir Anna e dar-lhe a chupada de sua vida. Ela nunca elogiaria aquela porra de brinquedo, ou Maurice, novamente. Respirei fundo, lembrando do e-mail preocupado de papai de ontem e as palavras de advertência de Dante e Valentina. Peguei meu laptop e entrei no meu quarto, para que Anna não saísse nua.

Estava prestes a escrever para meu pai quando o zumbido no quarto de Anna me fez largar o laptop com um gemido. Sua cama ficava bem na parede contra a qual minha cama estava. O zumbido ficou mais alto e logo o gemido suave de Anna se misturou com os sons traiçoeiros de seu pequeno dispositivo de sucção. Me perguntei qual de seus dispositivos de prazer estava funcionando. O pequeno dispositivo de sucção rosa não criava tanto zumbido, então ela definitivamente tinha um vibrador na mão também. A imagem de Anna empurrando um vibrador em sua boceta imediatamente enviou sangue para o meu pau.

Esta era a mais pura tortura. E não tinha certeza porque ainda estava me segurando. As coisas entre Anna e eu já haviam se tornado antiprofissionais há muito tempo. Eu podia muito bem foder aquela boceta doce e impedir sua boca

sarcástica de jorrar mais provocação.

Anna me queria. Ela queria algumas fodas sem sentido sem o risco de apego. Eu era o homem para isso. Ou costumava ser. Com Anna as coisas eram mais complicadas, mas por que deveria me negar sexo com a mulher que eu desejava apenas porque alguns sentimentos complicados foram jogados na mistura? A maioria deles era aborrecimento de qualquer maneira.



Como se Anna pudesse sentir minha determinação escorregando, continuou pressionando todos os meus botões. Ela estava indo para a matança e eu estava pronto para ser sua vítima.

Porra, estávamos a milhares de quilômetros de casa, longe do meu Capo. Eu transei com mulheres casadas com seus maridos dormindo no quarto ao lado e prosperei com a emoção, mas com Anna era diferente. Principalmente por causa de Dante.

Já era tarde, depois do jantar, quando Anna saiu do banheiro com uma camisa masculina. Não podia dizer se ela estava usando alguma coisa por baixo e o pensamento foi o suficiente para me deixar louco. Não tinha certeza se era uma camisa que ela tinha comprado no departamento masculino de uma loja de segunda mão ou se Maurice tinha lhe dado durante outro encontro na escola de moda de Anna. Não senti o cheiro dele nela novamente, e tentei dizer a mim mesmo que ela não o estava vendo mais. Tentei ficar de olho nela o máximo possível, mas nem sempre era possível durante suas aulas de moda e Anna usava todas as chances que teve para me despistar.

— Isso é de Maurice?

Eu era um otário por punição. Nem queria saber a resposta.

Anna olhou para si mesma e deu de ombros. — E se eu disser que sim?

— Você deveria ter cuidado. Maurice sabe quem você é. Ele poderia arruinar sua reputação.

— Duvido que esteja preocupado com minha reputação, Sonny. Você pode simplesmente parar com a porra da palhaçada e admitir que quer me foder e que se arrepende de Maurice ter me tido primeiro?

Ela sabia exatamente quando usar o apelido odiado para me irritar.

— Sinto muito se você se arrepende de suas escolhas passadas, mas não vou sentar e esperar por você enquanto está ocupado transando com nossas vizinhas casadas.

Desejei ter realmente fodido uma das nossas vizinhas, mas Anna me segurou em seu aperto de ferro provocante.

Ela me deu um sorriso de piedade. — Aposto que você gostaria de poder voltar no tempo agora. Mas ainda não é tarde demais, Sonny. Você pode me ter agora. Estou livre esta noite. Maurice tem outros planos. Não somos exclusivos, sabe?

Ela se inclinou para pegar um grampo de cabelo que ela ‘acidentalmente’ deixou cair, fazendo com que a camisa subisse, revelando suas nádegas e uma pequena tanga vermelha.

E foda-se, eu podia ver um ponto mais escuro. Ela estava excitada. Irritar-me a deixou molhada. Minhas narinas se dilataram de raiva e desejo.

Algo estalou em mim. Me controlei por muito tempo, deixei Maurice provar algo que ansiei por muitos meses. Estava cansado de me segurar, cansado de bancar o nobre quando não era. Andei em direção a ela, agarrei seu braço e a empurrei contra a mesa da cozinha.

Seus olhos fitaram os meus, e um brilho de conhecimento os encheu.

Ela seria minha ruína. Um dia, morreria por causa de Anna Cavallaro.

Ela abriu a boca, mas estava cansado de sua provocação. Agarrei sua cintura estreita e a levantei sobre a mesa. Caí de joelhos, rasguei sua pequena tanga e mergulhei entre suas pernas. Eu a lambi de sua bunda firme até seu clitóris inchado, saboreando sua doce excitação. Ela gritou como se já estivesse perto de gozar, mas ela sofreria primeiro.

Enfiei minha língua em sua boceta apertada e comecei a fodê-la com ela,

adorando o aperto firme de seus músculos. Ela tinha gosto de puro pecado. Eu chupei um lábio liso em minha boca, apreciando a contração e o gemido ofegante de Anna. Seus dedos agarraram a borda da mesa e seus olhos estavam arregalados de surpresa.

Sorri contra sua carne pingando. Ela empurrou os dedos no meu cabelo e puxou com força enquanto eu admirava sua carne molhada. Seu feixe de nervos estava pulsando com sangue, desesperado por um pouco de amor. Respirei fundo seu perfume inebriante, memorizando-o. Meu pau estava duro como pedra na minha boxer, pronto para explodir de nossas brincadeiras.

Sua mão no meu cabelo apertou e ela me puxou de volta contra sua boceta. Eu aceitei o convite, mas agarrei sua mão e a arranquei da minha cabeça. Ela não estaria no controle desta vez.

Mergulhei minha língua ainda mais fundo em sua boceta. Ela gritou novamente, suas pernas se abrindo mais e os dedos dos pés se curvando. A fodi com minha língua enquanto minhas mãos seguravam suas nádegas, enviando mensagens para elas. Sua bunda me provocava enquanto estava espalhada diante de mim. Quando enterrei minha língua dentro dela mais uma vez, empurrei a ponta do meu polegar em sua bunda apertada. Era uma parte primordial de mim querendo reivindicar uma parte de Anna primeiro, e mesmo que Maurice tivesse tomado todo o resto, ele não me parecia do tipo que sabia o que fazer com a bunda de uma mulher.

— Santino, — ela gritou. Os músculos de sua bunda lutando contra a intrusão, mas sua boceta implorava por mais.

Esfreguei minha língua ao longo de sua costura uma e outra vez, enquanto meu polegar continuava circulando seu outro buraco. O rosto de Anna estava vermelho e seu cabelo normalmente imaculado estava todo espalhado. Eu nunca quis parar de devorá-la. Ela provavelmente teria queimaduras pela minha barba amanhã, e eu sabia que adoraria vê-la. Pressionei ainda mais, apertando a parte plana da minha língua contra sua abertura antes de sacudir a ponta para cima. Suas pernas se abriram completamente quando ela se soltou, e me entregou o

controle pela primeira vez.

— Boa menina, — murmurei contra sua boceta, sorrindo ao seu som de protesto, mas minha língua circulou seu clitóris, silenciando-a.

E então fechei meus lábios ao redor de sua protuberância inchada e chupei. Anna explodiu como um foguete. Ela quase pulou da mesa. Sua boceta pulsava contra minha boca quando ela gozou duro. Ela balançou e gemeu alto o suficiente para que os vizinhos do outro lado da rua provavelmente pudessem ouvi-la também. Lambi sua liberação ansiosamente, quase delirando pela reação de seu corpo. Porra, ela era explosiva.

Eu a observei e lentamente tirei meu polegar daquela bunda apertada, ansioso para substituí-lo pelo meu pau.

Ela me deu um sorriso triunfante como se tivesse conseguido exatamente o que queria. Esta mulher era problema, puro problema.

Levantei, inclinando-me sobre ela. — Você me mostrou sua bunda por semanas agora, porque não se curva e me deixa reivindicar sua bunda apertada com meu pau.

Suas sobrancelhas subiram. Eu não conseguia ler a emoção em seus olhos. Definitivamente a peguei desprevenida. O que? Será que ela achava que não falaria obscenidades com a princesa? Nós cruzamos essa linha na primeira vez que ela andou na minha frente seminua.

Porra, eu queria beijá-la. Mas sabia que todas as apostas estariam fora se beijasse esses lábios sorridentes agora. Anna já me tinha enrolado em seus dedos, e eu esperava que ela nunca descobrisse.

— Você vai ter que se contentar com a minha boca, — disse ela com um sorriso provocante.

A raiva surgiu através de mim. Claro, ela ainda queria estipular as condições das nossas sessões de foda. Sempre no controle. Sempre me provocando.

— Então vou fodê-la como foderia sua bunda, — rosnei.

— É toda sua. — Um canto de seus lábios disparou para cima. Ela estava

suada e um rubor ainda se espalhava entre seus seios. A parte interna das suas coxas estava vermelha da minha barba por fazer e sua boceta estava brilhando convidativamente.

Mais cedo ou mais tarde, eu perderia a cabeça.

Anna pulou da mesa com um sorriso. Indícios de sua luxúria permaneceram na superfície de madeira. Levantei minhas sobrancelhas para ela.

— Por quanto tempo mais você pretende me fazer esperar por sua boca?

— Você esperou tanto por este momento, Santino. Não finja o contrário. E agora que me provou, vai me desejar ainda mais.

Ela estava certa. Enlouqueceria se ela chegasse perto de outro cara de novo porque queria tudo dela para mim. Apenas o conhecimento de que alguém como Cliffy e aquele maldito filho da puta do Maurice tiveram qualquer parte dela antes de mim era o suficiente para me levar ao limite. Eu queria fodê-los para fora de seu sistema impulso por impulso.

Anna se aproximou de mim, me olhando com um sorriso tímido. — Você me quer de joelhos?

— Te quero de costas.

A confusão cintilou em seus olhos. Agarrei-a pela cintura e a carreguei até o sofá, onde a deixei cair esticada de forma tentadora e sua cabeça repousando no braço.

Olhei para ela e abri meu jeans. Tive problemas para libertar meu pau porque estava muito duro. Agarrei o encosto sobre a cabeça de Anna e me inclinei sobre ela, meu pau balançando sobre seu rosto.

Surpresa brilhou em seus olhos quando ela percebeu o que eu queria.

— Não está pronta para ter sua boca fodida?

Sua expressão tornou-se provocante. — Não sou a virgem adequada, lembra? Você não é o primeiro a reclamar minha boca.

Ela moveu a cabeça mais para trás, esticando sua garganta estreita e olhando para mim ousadamente através de seus longos cílios. — Se é isso que você quer, é sua.

Queria muito mais, mas pegaria isso antes que não conseguisse nada. Dobrei meus joelhos levemente enquanto guiava meu pau para a boca ainda sorridente de Anna. Minha ponta roçou seus lábios, revestindo-os com meu desejo por ela antes de separá-los. Meu aperto no braço aumentou quando meu pau deslizou mais fundo em sua boca. Ela olhou para mim, mas não consegui lê-la pela primeira vez.

— Preparada?

Ela sorriu ao redor do meu pau.

Comecei a deslizar para dentro e para fora de sua boca, inclinando-me ainda mais sobre ela. Logo minhas estocadas aceleraram, tomando mais de sua boca. Ela respirava pesadamente pelo nariz, engolindo em seco ao redor da minha circunferência.

Seus dedos cravaram no sofá, tentando se firmar enquanto me levava em sua boca.

— Aposto que Maurice nunca fez isso. Muito decente para foder corretamente, certo? — Rosnei. Anna se afastou, saliva escorrendo pelo queixo.

— Cale a boca, Sonny, e continue fodendo minha boca.

— Você está pronta para me levar goela abaixo?

— Mais do que pronta, — ela rosnou, seus olhos cheios de desafio e raiva.

ANNA

Santino e eu estávamos nos empurrando cada vez mais nos últimos dias. Desde que voltei para casa da minha noite com Maurice. Talvez Santino tenha tentado minimizar sua raiva e ciúme ao descobrir sobre mim e Maurice, mas estava escrito por todo o seu rosto. Isso me deu um incentivo, especialmente porque até agora sempre era eu com ciúmes, da Sra. Alfera, Sra. Clark e da francesa. Era bom inverter nossas posições uma vez.

Finalmente o levei ao limite. Com uma mentira, ou uma omissão pela qual confirmei suas suposições.

Meu clitóris ainda latejava com resquícios do meu orgasmo. Tudo parecia inchado e úmido. Nunca pensei que pudesse sentir essa veemência durante um orgasmo. Eu ainda mal podia acreditar que Santino tinha me chupado. Embora chamar assim não fizesse justiça, nem um pouco. Santino me devorou, me fez sentir suja e venerada. Mal consegui me impedir de clamar aos céus como a Sra. Clark tinha feito há muito tempo.

A expressão de Santino era dura quando ele deslizou seu pau na minha boca. Eu só vi a linha dura de sua boca porque ele estava inclinado sobre mim tomando minha boca. Era estranho estar com minha cabeça inclinada para trás para que Santino pudesse foder minha boca.

Não é que não gostasse, ou não teria gostado em outras circunstâncias, mas a tensão entre nós agora era tóxica, então parecia que ele estava me punindo. Talvez meu próprio jogo estivesse lentamente me alcançando, e eu odiava isso.

Santino inclinou a cabeça para poder encontrar meus olhos e rapidamente sorri ao redor de seu pau. Ele devolveu o sorriso e acelerou ainda mais. Ele estendeu a mão, seus dedos roçando meu clitóris, que ganhou vida imediatamente. O dedo de Santino brincou com minhas dobras, então ele empurrou um dedo em mim e começou a me tocar forte e rápido, a palma de sua mão pressionando meu clitóris.

Abri as pernas e fechei os olhos, entregando-me completamente ao meu corpo, permitindo que o prazer me guiasse e não permitisse que meus sentimentos confusos por Santino atrapalhasse.

Eu tinha problemas para respirar em torno de seu comprimento e minha garganta começou a doer de suas estocadas. Na ocasião, engasguei, mas agarrei suas coxas para me equilibrar. Não admitiria a Santino que isso era demais para mim. Não recuaria. As batidas da mão de Santino contra minha boceta se misturaram com minha respiração pesada e engasgos. Ele acrescentou um segundo dedo, me fazendo estremecer brevemente. Por sorte Santino não

percebeu e logo o prazer baniu a pontada.

Meus músculos se contraíram firmemente em torno dos dedos de Santino e minha boca se alargou em um grito lascivo que foi abafado pelo pênis de Santino quando ele mergulhou em mim ainda mais fundo deixando escapar um gemido gutural. Algo atingiu a parte de trás da minha garganta e minha língua quando Santino deslizou para frente e para trás em movimentos bruscos. Engoli rapidamente quando se tornou demais.

Santino desacelerou, em seguida, acalmou e puxou seu pau para fora de mim. Dei-lhe um sorriso tenso, minha boca cheia com o último jorro de seu esperma. Uma leve dor bateu entre minhas pernas quando Santino removeu os dedos. Levantei-me e cuspi sua porra em seu copo de Pernod na mesa da sala antes de entrar no banheiro e fechar a porta atrás de mim.

Lágrimas ardiam em meus olhos, o que era absolutamente estúpido, porque finalmente consegui o que queria. Me encarei no espelho. Meus lábios estavam vermelhos e inchados, um pouco do meu rímel manchado e meu cabelo estava uma bagunça completa. Um pulsar selvagem se espalhou entre minhas pernas. Ainda estava sensível e meus mamilos ainda estavam eretos, meu corpo ainda em modo de orgasmo.

Encostei-me à porta, meu corpo ansiando por algo que Santino provavelmente nunca me daria, por algo que deveria querer de Clifford. Queria que ele me envolvesse em seus braços, me abraçasse enquanto eu dormia. Queria coisas que só poderiam ser temporariamente minhas. Talvez fosse melhor se nunca as experimentasse em primeiro lugar. O que Santino e eu tínhamos era seguro, e tudo o que ainda teríamos no futuro seria prazeroso. As emoções só atrapalhariam e complicariam as coisas.

Me endireitei com um suspiro resoluto. Peguei uma toalhinha para me limpar e congelei quando ficou rosa claro.

Eu me encolhi e fechei os olhos, pressionando meus lábios para impedir que um grito furioso escapasse. Só podia esperar que Santino não notasse. Não queria que ele me ridicularizasse por ser uma virgem desajeitada.

Fiz o possível para convencê-lo do contrário. Se dependesse de Maurice, nem seria mais uma. Nós nos beijamos muito naquela noite, nos tocamos através de nossas roupas, mas não consegui fazer mais. Ele me queria, mas não consegui tirar Santino da cabeça. Não importa quantas vezes tentasse me convencer do contrário, Santino era o homem que eu queria agora.

Capítulo 18

SANTINO

Respirei pesadamente, minha cabeça pendendo para frente, minhas bolas ainda pulsando do meu orgasmo. Isso foi... foda-se. Um passeio selvagem. Foder a boca de Anna, isso era algo que nunca esqueceria. Não era o que eu queria, nem de perto, mas era tudo que podia ter. Anna foi tomada, e eu tinha que lidar com isso.

Abri meus olhos. Anna ainda estava no banheiro. Ela provavelmente estava chateada por algum motivo. Olhei para a porta. Senti o desejo irresistível de ir até ela. Eu a queria perto. Com outras mulheres, queria ficar longe delas o mais rápido possível assim que o sexo acabasse.

Mas ainda ansiava por Anna, por mais do que tínhamos acabado de ter, e não apenas no nível físico. Eu era um idiota. Anna me via como seu brinquedo, como uma boa maneira de se divertir até ter que se casar com Cliffy. Eu era uma escolha confortável. Estava sempre disponível e como um bônus adicional ela podia me chantagear. E eu com certeza era um cara melhor do que Maurice, isso era certo.

Balancei minha cabeça e arrastei meus olhos para longe da porta. Não correria atrás de Anna, não importa o quanto a quisesse por perto. Não me tornaria mais tolo do que já era. Tinha que traçar uma linha em algum lugar.

Peguei um lenço de papel para limpar meus dedos e pau e fiz uma pausa quando o branco saiu rosa. Olhei para meus dedos e imediatamente meu olhar disparou para a porta do banheiro.

— Foda-se, — gemi. Anna tinha me enganado, tinha me feito acreditar em sua pequena mentira.

Caramba. A fodi com o dedo com tanta força que tirei sua virgindade.

Passei a mão pelo meu cabelo. Eu deveria dizer algo. Aproximei-me do banheiro.

— Anna? — Chamei. Caramba. Não só tinha acabado de fodê-la com o dedo. Praticamente fodi sua boca também.

Eu iria para o inferno. Não que isso fosse novidade, mas hoje tinha cimentado um lugar aconchegante no inferno para sempre.

Anna não reagiu.

— Anna, precisamos conversar! — Levantei minhas calças e as fechei, mas não me incomodei em empurrar minha camisa de volta. — Anna, vamos lá.

A porta se abriu e Anna saiu de camisola. Ela não estava usando maquiagem e se não estivesse enganado, seus olhos estavam levemente vermelhos. Meu coração despencou. Eu a encarei, procurando algo para dizer. Anna tinha jogado comigo tantas vezes, mas sabia que as lágrimas que ela chorou no banheiro não eram falsas.

Quebrei meu cérebro por algo gentil para dizer, talvez até pedir desculpas, mesmo que Anna quisesse o que tínhamos feito, praticamente me seduzindo. Ainda assim, senti como se tivesse feito algo errado.

Limpei a garganta, deixando minha voz tão gentil quanto era capaz, o que ainda não era muito. Ser gentil não era meu forte. — Nós deveríamos conversar.

Anna passou por mim. — Não estou com vontade de conversar. Você me deu o que eu queria, agora quero dormir.

Ela se afastou e entrou em seu quarto antes que tivesse a chance de dizer outra palavra, então fechou a porta audivelmente.

Fiquei onde estava por um tempo. Parte de mim queria segui-la, mas o que eu diria?

E talvez fosse melhor se não a procurasse agora porque também estava com raiva. Com raiva porque ela fingiu ser algo que não era. Se soubesse que ela não tinha transado com Maurice, poderia ter conseguido manter meu escasso controle.

Porra, quem estava enganando? Eu teria cedido eventualmente.

Decidi esperar até de manhã para confrontar Anna novamente. Nós dois precisávamos de tempo para limpar nossas cabeças.

Claro, não consegui dormir naquela noite. Tudo o que conseguia pensar era em Anna deitada em sua cama e possivelmente chorando. Queria protegê-la. Ao longo dos anos, meu dever se tornou um desejo profundo. Eu queria mantê-la segura, mesmo que ela conseguisse me fazer querer matá-la metade do tempo.



Devo ter cochilado quando ouvi barulho no corredor. Meus olhos dispararam para a porta, que se abriu um segundo depois. A forma esguia de Anna apareceu na porta. Ela se inclinou contra ela, olhando para mim. A luz da rua me permitiu distinguir um pouco mais do que contornos.

— Não consigo dormir, — ela disse. Sua voz calma e clara.

Sentei-me, as cobertas amontoadas na minha cintura.

— Também não consigo dormir. — O silêncio se estabeleceu entre nós. — Você quer conversar?

Anna assentiu e entrou. Ela se empoleirou na cama, e levantei minhas cobertas, nem mesmo pensando nisso. Ela parecia que precisava ser consolada e eu queria ser o único a fazê-lo. Não podia lutar contra isso. Queria tê-la perto, mesmo que estivesse chateado.

Um sorriso breve cruzou o rosto de Anna, não o seu habitual sorriso provocante ou desafiador, era um pequeno sorriso doce, um que fez meu pulso acelerar de uma forma que nunca aconteceu por causa de uma mulher antes. Ela rastejou para debaixo das cobertas e se sentou ao meu lado com as costas contra a cabeceira da cama. Então olhou para mim. Ela não disse nada, apenas olhou para mim. Quase me inclinei para frente e a beijei novamente. Tê-la na minha cama certamente levaria a mais eventos infelizes.

— Você deveria ter me dito a verdade e não fingido ser experiente.

— Quem disse que não sou experiente? — Ela perguntou com altivez.

Acendi o abajur na mesa de cabeceira, querendo ver a expressão em seu rosto. — Corte os jogos, Anna. Havia sangue nos meus dedos.

Seu olhar se afastou e a sugestão de um rubor percorreu sua garganta. Anna raramente evitava contato visual. Ela sempre segurou meu olhar, não importa o quão furioso eu estivesse. Eu admirava isso nela. Ela era dura e inteligente, astuta mesmo, o que me fez esquecer que ela costumava ser uma garota sensível. Ela aprendeu a esconder esse seu lado ao longo dos anos. Eu não era muito inocente sobre esse desenvolvimento.

Ela deu de ombros como se fosse irrelevante. — Nunca estive com Clifford, ou Maurice, ou qualquer um. O que aconteceu entre nós ontem à noite foi o máximo que já fiz. Sempre quis que fosse você quem me beijasse, me tocasse... — Ela deu de ombros novamente. — E consegui o que queria.

Fiquei muito quieto.

— Agora você sabe, — disse ela.

— Droga, Anna, — rosnei, concentrando-me na minha raiva. A admissão de Anna causou estragos em minhas entranhas. — Você deveria ter me dito antes.

— Não muda nada.

— Isso muda as coisas.

— Não. Não faça um grande negócio disso. Eu não estou. Só quero um pouco de diversão, e sei que dormir com você será divertido.

— É um grande negócio. E nós não dormimos um com o outro e não vamos.

Foda-se, mas eu queria. Queria esquecer meus deveres e os de Anna, e apenas ouvir meu corpo. E meu coração.

— Que tal foder? É assim que você chamou até agora.

— Se tirar sua virgindade, não farei isso te fodendo. Toda vez depois disso será foder.

Realmente acabei de sugerir tirar sua virgindade? Deveria pedir a Anna para sair da minha cama e tentar voltar a uma distância educada apropriada. Mas

quando tivemos uma distância educada?

— Haverá mais de uma vez? — Anna perguntou, inclinando seu corpo para mim. Ela cheirava a Yasmine e... a mim. Essa percepção selou meu destino. Possessividade e desejo me inundaram.

— Não haverá sequer uma, — menti, mesmo quando meu corpo ganhou vida, enquanto imaginava fazê-la minha pelo menos temporariamente. Nenhuma outra mulher jamais me fez sentir uma miríade de emoções, e com tanta intensidade, ainda por cima. Com Anna, a vida era uma montanha-russa. Com ela, não sentia falta de meus dias como Executor, nunca sentia tédio.

— Você não parece convencido, — disse ela.

— Porque não estou, — admiti.

— Bem, você ainda pode foder a francesa de novo se não gostar da minha performance.

Do que diabos ela estava falando?

— Não me importo com o seu desempenho e pelo que presenciei algumas horas atrás, diria que será excelente, mas deixe-me esclarecer uma coisa, não fodi a Veronique ou qualquer outra pessoa desde que chegamos a Paris.

— Por que não? — Perguntou Anna.

Estreitei meus olhos. — Não se faça de boba, Anna. Você é inteligente demais para ser convincente.

— Por que não? — Ela repetiu com mais firmeza desta vez.

— Por sua causa, foda-se. Você está na minha cabeça e não consigo tirá-la. Te quero como nunca quis nada na minha vida antes.

— Gosto do som disso, — ela sussurrou, sorrindo ligeiramente, e se inclinou para mais perto. Ela olhou para mim e meu olhar permaneceu em seus lábios. Nos lábios que me deram prazer ontem à noite. Vendo-a agora, sem maquiagem e sorrindo docemente, não podia imaginar foder sua boca, mas sabia que havia outra Anna. E queria as duas. A boa menina Anna e a safada Anna.

— Eu quero isso. Eu quero nós, neste momento. Como disse, eu não sou obrigada a permanecer virgem.

— Tenho certeza de que seus pais discordariam disso. — Como se ainda importasse. O que já havia acontecido entre Anna e eu era o suficiente para fazer Dante me matar. Duvidava que ele diferenciasse entre eu foder a boca de Anna ou sua boceta. Eu era um homem morto de qualquer maneira. Não pude resistir mais e passei minha palma sobre seu braço e costas. Anna imediatamente pressionou contra mim, uma mão no meu peito.

— Nós dois somos adultos. Se quisermos nos divertir, isso é problema nosso. Não seja nobre, Santino.

— Eu não sou, — disse com um sorriso. Ela realmente achava que alguma coisa sobre mim era nobre? Depois do que aconteceu na noite passada? — Mas nós dois não agimos como adultos responsáveis quando estamos perto um do outro. Preciso fingir jogar pelas regras, pelo menos. Você parece perder qualquer senso de autopreservação ao meu redor.

Porra. Fodi sua boca e mergulhei meu polegar em sua bunda antes mesmo de tirar sua virgindade. Eu tinha uma passagem de primeira classe para o inferno.

Anna apertou os lábios. — O que isso deveria significar?

— Você manteve a farsa de ser experiente apenas para provar um ponto.

Ela não disse nada. Gostaria de saber o que ela realmente estava pensando sobre o que aconteceu entre nós. Ela aproximou nossos rostos. — Não contei por que sabia que isso teria reforçado sua vontade de permanecer profissional. Você não teria perdido o controle se sua veia protetora tivesse vencido.

Balancei minha cabeça. Ela me tinha enrolado em seu dedo mindinho.

— Estou bem, de verdade.

— Você chorou. — Ainda me sentia um pouco doente pensando nisso.

Ela realmente revirou os olhos. — Por causa de nossas brigas constantes, porque parecia que você queria me punir por estar com Maurice.

— Não porque você fingiu ter dormido com Maurice. Eu vou ser honesto, odiei a ideia dele estar com você, mas não foi por isso que fodi sua boca com raiva ontem. Estava cansado de sua provocação, mas principalmente estava chateado comigo mesmo por minha incapacidade de ficar calmo e resistir a você.

— Ok, — ela disse simplesmente.

— Ainda não posso acreditar que ontem foi a primeira vez. — Alguém fodeu sua boca. Com Anna sorrindo tão docemente para mim, não conseguia nem dizer as palavras, muito menos deixar as ações seguirem.

Anna se abaixou até que descansou o queixo no meu peito, um sorriso provocante brincando em seus lábios. — Minha primeira vez com um pau na boca?

A impertinente Anna estava de volta, e foda-se, senti falta dela.

— Um pau em sua boca, e dedos em sua bunda e boceta.

— Eu tive dedos na minha boceta antes. — Ela tocou o lábio superior com a ponta da língua, obviamente gostando da minha reação facial, a pequena megera. — Meus próprios. Os seus foram um pouco melhor.

— Um pouco, hein?

Ela deu de ombros, então se levantou sobre os cotovelos. Seu rosto pairou na minha frente. — Quero passar a noite.

Eu sabia que se ela passasse a noite, não dormiríamos apenas, mas tinha perdido a luta hoje. Eu queria mais. Segurei seu rosto e a puxei para mais perto até que nossos lábios pressionaram um contra o outro. Anna imediatamente se inclinou ao toque, seu corpo amolecendo contra o meu. Sua suavidade contra meus músculos duros era uma sensação que memorizaria para sempre.

— Se você ficar, sabe o que vai acontecer.

— O que? — Ela sussurrou contra meus lábios, mas sua mão já viajou para o meu cós, onde encontrou meu pau sobre o tecido.

A beijei novamente. — Vou te fazer minha. Você não vai dormir.

— N quero dormir. Quero você.

Nos rolei, pressionando entre suas pernas enquanto a beijava mais forte. O que quer que acontecesse esta noite, ainda poderia me arrepender amanhã. Eu já tinha perdido o controle uma vez. Eu queria Anna, queria antes que qualquer outra pessoa pudesse tê-la. Queria antes que Clifford a tomasse.

Porra, simplesmente a queria.

Anna envolveu suas pernas em volta da minha cintura e pressionou sua boceta contra meu pau através de nossas roupas. Ela começou a empurrar minha calça de moletom para baixo e permiti que ela fizesse isso levantando meus quadris e ficando de joelhos. Eu não estava usando boxers, então meu pau saltou livre. Ela envolveu seus dedos ao redor dele, dando-me alguns golpes firmes. Ela pegou suas calcinhas de seda e as empurrou para baixo também, então tentou me puxar para baixo sobre ela. Eu me abaixei, considerando a urgência no rosto de Anna.

Ela alcançou meu pau e o guiou para sua abertura. Ela parecia ansiosa para acabar com isso. Ela estava preocupada que eu mudasse de ideia? Nada neste planeta me faria mudar de ideia agora. Minha ponta deslizou sobre a abertura de Anna, que estava escorregadia, mas não tão molhada quanto a queria, e sufoquei um gemido de quão bom foi o contato breve.

— Por que a pressa? — Murmurei enquanto passava meus lábios em sua clavícula e garganta. Não que não estivesse ansioso para foder Anna, mas ela já sangrou com dois dedos, então duvidava que enfiar meu pau nela sem muita preparação fosse uma escolha sábia. — Temos a noite toda.

— Por que desperdiçar tempo na minha primeira vez quando poderíamos fazer sexo várias vezes? — Ela disse com seu sorriso provocante de marca registrada.

Eu deslizei minha mão entre nossos corpos, acariciando sua carne sensível, meu polegar desenhando pequenos círculos em seu clitóris. Anna me beijou impaciente.

— Estou pronta. Eu quero isso. Não se segure só porque acha que precisa. Trate-me como faria com qualquer outra mulher.

Mas ela não era como qualquer outra mulher.

Eu a beijei, em seguida, segui suas exigências enquanto enganchava sua perna sobre minha cintura e me acomodava entre suas pernas, minha ponta pressionando sua abertura. Sabia que isso não dar certo, mas quando Anna queria algo, ela não parava até conseguir.

Mudei meus quadris, empurrando minha ponta nela. Anna estremeceu, suas unhas cravando em meus braços. Sua expressão era cheia de dor e seu corpo se contraiu não apenas visivelmente. Suas paredes me tiraram a vida, o que me causou um misto de prazer intenso e leve desconforto.

— Eu te disse.

Ela fez uma careta. — Não banque o espertinho agora. — Ela soltou a respiração, em seguida, balançou a cabeça. — Ok, você está certo, mas achei que seria fácil porque seus dedos já fizeram a maior parte do trabalho ontem.

Sorri ironicamente. — Meu pau é maior que dois dedos.

— Sim.

Ela não podia mais fingir. E não queria que ela o fizesse. Anna ainda queria provar um ponto, para me mostrar que era toda mulher. Mas agora era a minha vez de lhe mostrar que eu era um homem que se certificaria de que a garota com quem estava gostasse do passeio. Puxei para fora dela lentamente.

— Eu sei que gosta das coisas do seu jeito, mas agora é minha vez de estar no controle, e você seguirá minha liderança. Sem mais argumentos. Você vai fazer o que eu disser pela primeira vez.

— Sim, senhor, — Anna disse com uma risada.

Eu ri, em seguida, me apoie em meus cotovelos. Ajudei Anna a se sentar antes de deslizar sua camisa pela cabeça, revelando seus lindos seios. Baixei a cabeça, pegando um mamilo entre os lábios. Anna suspirou, sua mão segurando minha cabeça enquanto eu adorava seu seio. Sua pele era lisa e cheirava maravilhosamente. Eu não conseguia o suficiente disso, dela. De seus gemidos, suas contrações. Lambi um traço até o outro seio, dando-lhe a mesma atenção que dei ao primeiro.

Meu pau esfregava as cobertas de forma torturante, lamentando a perda do aperto de Anna, mas porra, cumpriria minha palavra e daria a Anna um momento maravilhoso. Arrastei minha mão por sua barriga, sobre seu triângulo marrom até sua boceta. Seus lábios estavam escorregadios de excitação, muito mais do que antes, e afastei suas pernas para ter melhor acesso. Meus lábios

encontraram os dela em um beijo profundo quando comecei a acariciá-la lentamente, realmente tomando meu tempo para fazê-la sentir cada golpe. Os olhos de Anna se encheram de desejo quando encontraram os meus. Suas bochechas estavam coradas e ela estava começando a suar enquanto nossos corpos ganhavam calor com nossa proximidade. Passei um dedo sobre sua abertura sensível, e ela respondeu com uma inclinação de cabeça, buscando penetração. Continuei provocando-a, meus dedos roçando suas dobras e sua abertura levemente.

Então finalmente deslizei meu dedo médio nela enquanto meus outros dedos pressionavam contra suas dobras, massageando-as. Ela agarrou meus braços, sua respiração ficando mais difícil. Eu a fodi lentamente, saboreando o momento. Não tinha feito o suficiente ontem. Baixei minha boca para seu mamilo duro mais uma vez, provocando-o com meus lábios e língua, enquanto minhas estocadas aceleravam. Anna me encontrou impulso por impulso, desesperada por liberação.

Adicionei um segundo dedo e desacelerei brevemente até que ela relaxou ao meu redor. A essa altura, Anna estava perto, seu corpo tenso como a corda de um arco enquanto se aproximava da borda. Pressionei meu polegar contra seu clitóris enquanto empurrava nela e Anna arqueou para cima, seus olhos se fechando enquanto gritava. Levantei minha cabeça para observá-la, mas nunca diminuí meus dedos, que deslizavam para dentro e para fora dela facilmente agora. Quando Anna parou, também parei e gentilmente tirei meus dedos. Desta vez não havia sangue. Sorri e me abaixei em cima dela mais uma vez. Traçando meu nariz ao longo de sua bochecha, inalei seu cheiro mais uma vez. Agora ela cheirava ainda mais inebriante, mais doce e mais parecida comigo.

Quase minha.

Anna e eu nos beijamos por alguns minutos, as pernas entrelaçadas, nossos corpos suados encostados um no outro. Meu pau estava aninhado entre as coxas de Anna, minha ponta deslizando ao longo do clitóris de Anna enquanto movia meus quadris. Ela gemeu baixinho.

— Tente novamente.

Ri de sua impaciência, então balancei minha cabeça.

— Ainda não. Não vale a pena apressar isso, confie em mim. Quero seu corpo desesperado por mais, pronto para tomar tudo de mim.

— Estou pronta para tomar tudo de você, — ela murmurou teimosamente.

— O que lhe disse?

— Para ser uma boa menina e obedecer?

Fechei os olhos com um gemido, então balancei a cabeça. — O que devo fazer com você?

— Leve-me.

Ri novamente, em seguida, abri meus olhos e desci pelo seu corpo até que estava aninhado entre suas pernas abertas. — Logo, mas primeiro... — Beijei os lábios inchados de sua boceta, então escovei seu clitóris com a ponta da minha língua. —…isto. — Congratulei-me com a salinidade sutil enquanto arrastava minha língua sobre sua boceta inchada. Estava um pouco vermelha e machucada do meu dedo e minha ponta. Pressionei minha bochecha contra a parte interna de sua coxa, abaixando minha cabeça confortavelmente antes de começar a lambê-la. Anna ainda estava sensível por causa de seu orgasmo, então levei meu tempo. Desta vez não a devorei com fúria. A saboreei como minha última refeição e fui recompensado com gemidos e ainda mais excitação.

Logo, até eu não conseguia mais me conter, desesperado demais para finalmente tê-la.

Subi de volta, peguei uma camisinha na minha gaveta e a coloquei no meu pau antes de me abaixar em cima de Anna.

— Fui boa o suficiente para ser recompensada? — Perguntou Ana.

— Mais do que boa, — disse em voz baixa, então acrescentei grosseiramente. — Quero a verdadeira você. Sem pretensão, sem jogos. Seja você quando eu estiver dentro. Dê-me a verdadeira Anna.

Anna engoliu em seco, mas suavizou ainda mais. Me abaixei para outro beijo e desloquei meus quadris, deslizando nela. Ela parecia a perfeição, e tão

molhada como estava seu corpo me acolheu prontamente. Quando ela ficou tensa, fui ainda mais devagar, permitindo que seu corpo se adaptasse.

Quando me acomodei completamente nela, nós nos encaramos, nossa respiração ofegante. Isso parecia certo de uma maneira que nunca seria capaz de colocar em palavras.

Anna nunca tirou os olhos de mim quando comecei a me mover dentro dela, lento e controlado no início, mas logo me contive menos, deixando os gemidos de Anna guiarem meus movimentos. Alguns fios grudavam em sua testa suada e ela agarrava meu bíceps toda vez que eu empurrava. Seus quadris subiram para encontrar meus impulsos com gemidos sôfregos que soavam como música para meus ouvidos. Logo meu controle começou a escorregar e apesar dos gemidos de Anna e sua ânsia eu podia dizer que ela não gozaria novamente, então me soltei, realmente me permitindo focar na sensação das paredes de Anna ao redor do meu pau.

Quando gozei, ela me segurou mais forte e pressionei meu nariz em sua garganta enquanto sucumbia a uma onda de prazer. Anna passou os dedos pelo meu cabelo, suas unhas raspando meu couro cabeludo de uma forma que enviou outro arrepio agradável pelo meu corpo, mesmo quando meu pau ainda se contorcia dentro dela. Isso tinha sido... uau.

Quando me acalmei, Anna também. Ela lançou um pequeno sorriso feliz, parecendo quase aliviada, o que me fez rir também. Levantei minha cabeça com um sorriso sardônico. — Ainda bem que acabou?

Ela deu aquele sorriso atrevido que eu normalmente desprezava, mas agora achava quase cativante.

— Longe disso.

— Bom, — murmurei. Porque não havia como ficar longe de Anna agora.

Capítulo 19

ANNA

Santino saiu lentamente e sentou-se de cócoras. A camisinha que ele estava usando tinha sangue, o que me fez sentir constrangida. Por alguma razão, ainda sentia como se tivesse que provar meu valor a Santino.

Ele tirou a camisinha e se levantou. Sem uma palavra, saiu do quarto, então ouvi o som da lixeira se abrindo e se fechando novamente.

Não tinha certeza do que fazer agora. Devo levantar e ir para o meu quarto? Tínhamos transado, mas isso significava que deveria passar a noite? Ou isso tornaria as coisas muito pessoais?

Por outro lado, fizemos sexo. Poderia ser mais pessoal do que isso? No nível físico, não, mas emocionalmente, definitivamente. E isso era algo que tanto Santino quanto eu não queríamos... ou não podíamos arriscar. Minhas emoções estavam definitivamente por toda a parte agora, mas tinha certeza que Santino poderia lidar muito bem com sexo sem distanciamento emocional, comprovado por suas aventuras passadas com mulheres casadas.

Quando Santino voltou com uma garrafa de água, ainda estava empoleirada na beira da cama, dividida entre sair e ficar.

Santino franziu o cenho. — Você já está indo embora?

Não conseguia ler as emoções em seu rosto, o que só aumentava minha incerteza. Odiava essa sensação. Dei de ombros.

Santino afundou ao meu lado. Nós não nos tocamos. Ele estendeu a garrafa. — Você deveria se hidratar.

— Por quê? Você planejou alguma atividade atlética que eu não saiba? — Brinquei e peguei a garrafa dele antes de tomar um grande gole.

Santino sorriu. — Tinha mais atividades planejadas para a noite, sim. —

Sua expressão não deixou espaço para suposições. Santino ainda estava com tesão e pronto para mais uma rodada.

Amaldiçoei meu corpo dolorido. Baixei a garrafa lentamente, considerando fingir que minha boceta não parecia ter levado uma surra. Eventualmente, balancei a cabeça. Precisava aceitar os limites do meu corpo, mesmo que isso significasse que teria que voltar para o meu quarto e não aproveitar mais esse momento de proximidade com Santino. Era para melhor de qualquer maneira.

— Não acho que meu corpo suportaria outra vez. Preciso de um tempo.

Podia sentir minhas bochechas esquentarem com a minha admissão. Aborrecimento pela traição do meu corpo me atravessou. Dei de ombros como se não importasse. Me levantei.

— O que você está fazendo? — Santino perguntou, suas sobrancelhas se unindo.

— Eu achei... — Meu rosto esquentou ainda mais. Queria rugir de frustração. Apontei para a porta. — Posso retornar pela manhã quando meu corpo estiver recuperado.

A expressão de Santino dizia que eu estava completamente fora de mim. — Você com certeza não vai para o seu quarto agora. Vai passar a noite na minha cama.

— Sério? — Perguntei, surpresa, feliz por poder mascarar meu alívio. — Você sempre faz festas do pijama com seus casos, mesmo que não tenha outra rodada?

Santino franziu o cenho e recuou até estar apoiado em seu travesseiro. — Isso é diferente. Agora volte para a cama.

Diferente como? Eu queria perguntar, mas mantive minha boca fechada. Voltei para a cama e me encolhi de lado, observando Santino com cautela. Ele me puxou contra ele e imediatamente me aconcheguei. Não entendia o que estava acontecendo ou quanto tempo duraria, mas saboreava a sensação de Santino contra mim. Santino passou a palma da mão pela minha espinha, me

pegando desprevenida.

Ele poderia ser um idiota, mas agora não estava sendo. Não que não gostasse do seu eu idiota, mas essa... essa versão atenciosa também era legal.

— Isso é porque você tirou minha virgindade?

— Esse termo é uma completa besteira. Parece estar sendo concedido acesso a um clube VIP.

— É um clube muito exclusivo, Santino, — disse. — Até agora você é o único convidado.

— E é assim que vai continuar, — Santino rosnou, me atordoando completamente.

— Oh? — Inclinei minha cabeça.

Os lábios de Santino se apertaram e um músculo de sua garganta se esticou. — Não vou compartilhá-la. Se quiser estar com os outros, então a decisão é sua, mas terei que partir então. Não posso ficar parado e assistir.

Engoli em seco. — Santino, — disse baixinho. Ele havia se esquecido de Clifford? Ou achava que cancelaria meu noivado só porque dormi com ele? Eu não podia, mesmo que parte de mim considerasse isso.

— Não estou falando sobre seu noivado. Sei que você vai se casar em alguns anos. Mas agora não está vinculada a ele. E enquanto não estiver, quero que você seja minha.

Pisquei. — Você quer que sejamos exclusivos? — Odiava como meu coração batia descontroladamente com suas sugestões, como borboletas dançavam no meu estomago.

— Exclusivos, — repetiu Santino com uma risada. — Talvez seja antiquado, mas costumava ser chamado de fieis.

— Pensei que fidelidade era para quando as pessoas estavam em um relacionamento real com sentimentos emocionais profundos, não para o que temos.

— Sexo sujo, — disse Santino em uma voz que não conseguia ler.

Dei de ombros e um estranho silêncio se estabeleceu entre nós. Limpei

minha garganta. — Mas quero que você seja exclusivo também. Se sou sua agora, quero que você seja meu também.

— Eu sou seu, — disse ele em voz baixa.

Forcei um sorriso. Não tinha certeza porque nossa conversa parecia tão carregada de repente. — Você terá que ser meu segredo sujo.

— Confie em mim, Anna, estou muito ciente das limitações do nosso vínculo. Não tenho intenção de morrer pelas mãos de seu pai nem de ser o motivo de um escândalo que prejudique a Outfit. Nosso vínculo será confinado ao quarto.

Por alguma razão, isso também não me caiu bem. O que eu queria e o que poderia ter estavam em desacordo agora.

Santino limpou a garganta. — Como você está se sentindo?

Por um momento tive certeza que ele quis dizer emocionalmente, e essa era uma pergunta que não poderia responder honestamente, mas então sua mão deslizou até meu abdômen.

— Não tão ruim. Estarei pronta para atos sujos em breve.

Devo ter cochilado logo depois, porque quando voltei a mim o céu estava ficando cinza lá fora. Ainda estava nos braços de Santino. Escutei sua respiração, mas logo percebi que não parecia que ele estava dormindo. — Você está acordada?

— Não consegue dormir?

— Hum.

— Esperando ansiosamente que eu esteja pronta para o segundo round? — Provoquei. Estar nos braços de Santino parecia íntimo e certo. Assustou-me um pouco.

— Mais do que ansioso.

Ri e levantei minha cabeça do peito de Santino. Nossos rostos estavam próximos, e lentamente sua expressão entrou em foco. Ele não estava sorrindo, mas sua expressão era mais suave do que o habitual.

— Você não está preocupado em criar sentimentos por mim se ficarmos

abraçados a noite toda? — Tentei quebrar o momento de ternura, preocupada que fosse gostar demais.

Santino deu um tapa na minha bunda levemente, me fazendo pular. Qualquer tipo de sonolência desapareceu em um piscar de olhos. Levantei minhas sobrancelhas.

— Realmente gostaria que sua boca estivesse dolorida também.

Mostrei minha língua para ele. — Talvez você precise foder com raiva de novo como fez ontem.

Santino franziu o cenho. Oh, alguém estava de mau humor. Era quase cativante como ele estava preocupado comigo. — Anna. Não me lembre.

Tracei seus peitorais com um dedo bem cuidado. Sorri secretamente. — Não me diga que se sente culpado porque eu era virgem.

Santino olhou para o teto. — Porra. Deveria ter percebido isso. Conheço você há anos. Mas você não agiu como se não soubesse o que estava fazendo.

— Queria te impressionar.

Santino nivelou seus olhos castanhos com os meus. — Você impressionou. — Ele fez uma pausa. — Mas isso foi muito para uma primeira experiência.

Mordi meu lábio. — Sim. Aprendi mais do que esperava. — Ri nervosamente. E odiava o som. — Especialmente seu polegar na minha bunda.

Ele balançou a cabeça. — Você está bem com isso?

Inclinei-me, sorrindo. — E se eu disser que não?

Santino não sorriu.

— Você se desculparia por foder minha boca?

— Você sabe que odeio quando você fala assim.

— Eu sei.

Santino rosnou, agarrou meus quadris e me jogou de costas. Então se pressionou entre minhas pernas e empurrou meus braços acima da minha cabeça, seus dedos apertados em volta dos meus pulsos. Seus quadris me pressionaram e sua ponta entrou em mim. Parei de respirar, minha carne dolorida com a intrusão.

Santino parou, seu toque no meu pulso se tornando mais suave.

— Não pare, — sussurrei.

Ele balançou a cabeça com uma risada baixa. Ele não saiu, mas também não me penetrou mais. Seu polegar acariciou ao longo do meu ponto de pulso quando sua cabeça mergulhou e ele agarrou meu mamilo entre os dentes. Eu fiquei tensa, em seguida, gemi quando sua língua circulou minha protuberância enrugada. Por muito tempo, os lábios e a língua de Santino se esbanjaram com meus seios e apenas nossa respiração baixa podia ser ouvida no quarto. Logo ele deslizou a mão entre nós e guiou sua ponta para frente e para trás sobre minha abertura e clitóris. Eu ofegava com os pequenos choques de prazer que irradiavam através de mim com a pressão firme contra minha protuberância sensível.

Logo estava lisa de excitação e ofegante por mais. Santino ergueu os olhos de meus seios. — Você quer mais?

— Tudo de você, — disse.

Seu sorriso se alargou, tornando-se mais faminto e mais possessivo. Ele nos virou, me fazendo gritar de surpresa quando de repente me encontrei em cima dele, montada em seus quadris. Seu pau pressionando minha boceta, sua ponta cravando na minha barriga insistentemente. Suas bolas também pressionadas contra minha boceta, e isso era estranhamente erótico.

Endireitei minhas costas, minhas palmas pressionadas contra o abdômen de Santino enquanto olhava para ele.

— Pronta para me montar? — Santino perguntou com um sorriso sujo.

Meu núcleo se apertou. Sobrepondo qualquer nervosismo que sentia, levantei meus quadris com um sorriso de resposta até a ponta de Santino se aninhar entre minhas dobras. Santino me olhava como se eu fosse o centro do mundo, como se fosse tudo o que ele desejava e isso me deu um impulso de confiança. Me abaixei muito lentamente. O pau de Santino violou minha abertura. Fiquei tensa brevemente com a sensação de plenitude e dor.

Santino molhou o polegar e começou a esfregar meu clitóris, embora eu

estivesse bastante excitada. Ainda assim, gostei de ver a mão forte de Santino me dando prazer. Assisti com os olhos semicerrados enquanto ele me acariciava levemente. Meus mamilos estavam quase dolorosamente duros com luxúria e estendi a mão e comecei a puxá-los. Santino soltou um gemido baixo que só me impulsionou. Puxei e girei meus mamilos enquanto girava meus quadris lentamente e me abaixava até que o pau de Santino estivesse todo dentro de mim. Enrijeci e relaxei, minha língua saindo para molhar meus lábios secos.

Santino estava ofegante, seu abdômen contraído e sua expressão cheia de desejo. Seu polegar esfregou meu clitóris mais rápido, e enrijeci novamente.

— Solte-se, — disse Santino. Não tinha certeza do que ele queria dizer, mas decidi me concentrar nas sensações dele me enchendo, de seu polegar circulando meu clitóris escorregadio, de meus dedos puxando meus mamilos.

Não movi meus quadris, apenas permiti que minhas paredes se apertassem ao redor da circunferência de Santino, e então meu clitóris pulsou e a sensação percorreu meu corpo. Gritei, apertando ainda mais e beliscando meus mamilos quase dolorosamente quando gozei.

— Assim mesmo, — Santino retumbou, acariciando meu clitóris suavemente enquanto descia do meu orgasmo. Deixei cair minhas mãos e me apoiei em seu peito, ofegante como se tivesse montado em um rodeio. Santino segurou minhas nádegas e apertou. — Agora você está pronta para me montar.

Estava mais do que pronta. Se possível, meu orgasmo me deixou ainda mais excitada. Senti-me excessivamente estimulada e pronta para gozar novamente. Era uma sensação eletrizante que eu não conseguia o suficiente. Com minhas mãos ainda pressionadas em seu peito, comecei a levantar meus quadris lentamente, deixando o pau de Santino deslizar quase todo para fora de mim antes de afundar novamente. Logo peguei ritmo e adicionei rotação, até que a expressão de Santino estava torcida com luxúria.

— Gosto de sentir que estou no controle de você, — pressionei enquanto me apertava ao redor dele, fazendo com que ele soltasse um gemido áspero.

Santino me deu um olhar que eu não entendi e seus dedos na minha bunda

apertaram. Inclinei-me para baixo, pegando seus lábios em um beijo. Santino segurou minha cabeça, aprofundando o beijo sem hesitação.

Eu amei como a pélvis de Santino esfregava meu clitóris nesta posição.

Isso parecia mais intenso, mas também mais íntimo. Por muito tempo, Santino e eu nos encaramos enquanto meus quadris se moviam lentamente.

— Você disse que toda vez que isso acontecesse seria foder, —sussurrei asperamente. — Isso não parece foder ainda.

Um brilho de conhecimento encheu os olhos de Santino antes de um canto de sua boca se erguer em um sorriso arrogante. — Posso te dar toda a foda que quiser, não se preocupe.

Não tinha certeza de que era o que u queria, nem tudo que eu queria, mas era o que tinha que me contentar.

Santino agarrou meus quadris e começou a empurrar para cima com golpes duros e profundos que ecoaram pelo meu corpo como um terremoto. Doeu e me fez sentir incrivelmente bem ao mesmo tempo.

Agarrei seus antebraços, precisando me firmar enquanto ele batia em mim uma e outra vez, seu peitoral e abdômen esticando com o esforço, sua expressão dura e lasciva.

— Diga-me se for demais, — ele resmungou.

Balancei a cabeça, mas não lhe diria, porque essa foda dura, esse lado de Santino era mais seguro para o meu coração, e essa era uma parte minha que eu queria proteger mais do que uma boceta dolorida.

Quando Santino gozou alguns minutos depois, me levou ao limite com ele e eu caí em seu peito em um monte sem fôlego. Seu coração batia furiosamente sob minha cabeça e o meu se igualava ao dele em intensidade. As mãos de Santino deslizaram de meus quadris para acariciar minhas costas e me permiti desfrutar da sensação antes de me endireitar. A essa altura já estava claro lá fora. Olhei para o relógio na mesa de cabeceira de Santino.

— Preciso me preparar para as aulas.

Santino assentiu.

Saí de cima dele. Ele tirou o preservativo. — Você quer que eu jogue fora? Estou indo para o banheiro de qualquer maneira.

— Vou colocar na lixeira da cozinha.

Balancei a cabeça, então peguei minhas roupas do chão e corri para o banheiro. Quando entrei no chuveiro e permiti que a água morna massageasse meu corpo dolorido, fiquei dividida. Estava em êxtase com o que tinha acontecido, mas, ao mesmo tempo, me perguntava como faríamos isso funcionar. Sexo sem apego. Compromisso com prazo de validade. Exclusividade ou fidelidade?

Eu queria mais do que Santino e eu tínhamos, mas sabia que às vezes mais era demais.

Capítulo 20

SANTINO

Quando escrevi meu e-mail diário para Dante e Valentina na manhã depois de dormir com Anna, ainda sentia uma sensação de descrença sobre o que tinha acontecido.

Nós fodemos. Duas vezes.

Eu tirei a virgindade de Anna e pedi exclusividade, como ela disse. Não tinha certeza do que deu em mim. Nunca me importei se alguma das mulheres com quem estive dormisse com outros. Naturalmente, elas eram casadas, afinal. Mas com Anna? A mera ideia de que ela poderia estar com outra pessoa me fez querer matar essa pessoa.

Apenas o pensamento de que ela seria de Cliffy um dia me fez querer matar o filho da puta agora.

Parte de mim considerou confessar tudo para Dante. Não porque estava tentando ser nobre e confessar ao meu Capo. Simplesmente esperava que ele decidisse cancelar o noivado de Anna com Clifford.

Claro que a autopreservação e a racionalidade me fizeram optar pela mentira. Quando Anna se casasse com Clifford em alguns anos, ela e eu provavelmente haveríamos perdido o interesse um pelo outro. Arriscar sua reputação e minha vida só porque estava obcecado por ela agora era absolutamente idiota.

Esperei por ela no carro na frente de sua escola de moda como de costume, mas quando ela entrou no banco do passageiro desta vez, nossa interação foi tensa. Normalmente, ela diria algo provocante e eu responderia por sua vez, mas desta vez ela apenas sorriu tensa e eu também não consegui pensar em algo espirituoso. Porra, esta era a primeira vez que eu agia como um idiota em torno

de uma mulher depois do sexo.

Liguei o carro, feliz pelo som do motor. Nós não conversamos durante todo o trajeto. De volta ao nosso apartamento, preparei um café forte para nós.

Anna limpou a garganta. —Não gosto disso. Quero que as coisas voltem a ser como eram antes de fazermos sexo.

Por um momento pensei que ela queria que voltássemos a não fazer sexo, e definitivamente não era a favor disso.

Anna revirou os olhos. Suponho que minha expressão deve ter revelado meus sentimentos. — Nossas provocações e brincadeiras. Não quero que fique estranho entre nós só porque estamos fazendo sexo regularmente.

— Estamos fazendo sexo regularmente?

— Espero que esse seja o caso. Não é?

A puxei contra mim. — Você ainda tem que perguntar?

Ela me deu um sorriso. — Então está tudo resolvido? Agiremos como costumávamos, mas com o bônus adicional de sexo regular?

— Tudo bem por mim, — falei lentamente, deslizando minha mão por sua saia e em sua calcinha. Comecei a tocá-la. — Talvez devêssemos definir regular, — murmurei, apreciando a sensação de Anna ficando escorregadia em meus dedos.

— Diariamente, — ela disse sem fôlego.

— Diariamente, — assenti antes de iça-la em cima da mesa para um acesso mais fácil a sua boceta.

Depois de uma rodada de sexo na cozinha, jantamos, antes de optarmos por uma segunda rodada na cama.

Eram quase nove horas quando relaxamos um ao lado do outro, ambos suados e exaustos de uma sessão particularmente longa e intensa tomando Anna no estilo cachorrinho.

Anna bocejou.

— Cansada?

— Não dormi muito na noite passada, não é?

— Esperava que fosse da mesma maneira esta noite?

Anna balançou a cabeça com uma risada. — Não posso com mais uma rodada. Estou muito cansada e preciso estar em forma amanhã. Receberemos nossa primeira atribuição semestral em design de moda criativa. Será responsável por um terço da nota do curso.

— Estou aqui se você mudar de ideia, — disse enquanto cruzava meus braços atrás da minha cabeça.

A expressão de Anna mudou, mas não tinha certeza do porquê. Ela se sentou e deslizou para a borda do colchão.

— O que você está fazendo?

Ela riu como se a resposta fosse óbvia. — Vou para a cama.

Não disse nada. Achei que ela passaria a noite e agora que não iria eu me senti... decepcionado.

— Dormir na mesma cama só vai tornar isso estranho, certo? — Ela riu novamente.

— Provavelmente.

— Como era com as outras mulheres?

Particularmente não gostava de falar sobre outras mulheres com Anna. Parecia estranhamente desrespeitoso, o que era uma completa besteira, considerando que Anna me pegou em flagrante. — Elas dividiam suas camas com seus maridos, então o assunto nunca veio à tona.

Anna deu de ombros. — Ainda não tenho marido, então teoricamente poderíamos dividir a cama se isso é algo que você quer.

— O que você quer?

Nenhum de nós queria dar o primeiro passo. — Estou bem de qualquer maneira.

— Eu também.

Anna assentiu resolutamente e então se levantou. — Acho que então vou para minha cama. Será mais fácil manter simples e descomplicado, certo?

— Certo.

Ela pegou seu roupão do chão e se dirigiu para a porta.

Rosnei, muito cansado de nossos jogos. — Pare.

Ela se virou com as sobrancelhas levantadas. — O que?

— Volte para a cama.

— Por quê?

— Volte. Para. A. Porra. Da. Cama.

Anna revirou os olhos, mas voltou correndo e praticamente pulou para debaixo das cobertas. — Tudo bem. Não precisa enlouquecer.

Estendi meu braço e Anna se pressionou contra mim.

— Talvez precisemos discutir regras adicionais do nosso caso. — Chamar isso de caso não me caiu bem, mas não tinha absolutamente nenhuma ideia de como mais chamar. Nós não estávamos em um relacionamento. Você não poderia entrar em um relacionamento com uma data de término definida. E eu não era o tipo de ter relacionamentos, nunca fui.

— Que regras? — Anna perguntou em voz baixa que eu podia sentir em todos os lugares.

Mesmo que as palavras machucassem, tinha que dizê-las. — Que nunca esqueçamos que você é de Clifford. Não é minha.

— Não vou esquecer, não se preocupe, — Anna disse calmamente. — Mas isso pode ser seu, este momento, e quantas noites pudermos arranjar até eu me casar.

— Não apenas noites, Anna. Se eu começar a te foder, vou querer fazer isso a cada hora do dia.

Ela me deu um olhar de advertência. — Eu disse que não posso ir de novo esta noite. Não sei de onde você tira a energia. Você é dez anos mais velho. Isso é algum tipo de coisa de homem?

— É uma coisa minha. Sou o perpetuum mobile em forma humana.

— Você poderia ser mais convencido?

Ela balançou a cabeça com uma risada, em seguida, deu um tapa no meu peito.

— Eu posso tentar.

— Acordamos diariamente, não de hora em hora.

— Não deixei uma impressão duradoura.

Ela estreitou os olhos de uma forma que achava mais divertida a cada dia. — Você sabe que isso não é verdade, mas não espere que eu acaricie seu ego.

Suspirei. — Encontrei uma garota durona.

Anna ficou em silêncio, e percebi como isso deve ter soado. — Isso tem que parar quando voltarmos a Chicago, — ela sussurrou. — Não importa quando seja. Não podemos continuar com isso pelas costas da minha família. É diferente enquanto estamos tão longe.

— Sim, — disse Santino. — Seu pai me mataria.

— Então nós dois concordamos que isso só pode continuar enquanto estivermos em Paris?

— Absolutamente. — Não mencionei que renunciaria como guarda-costas dela no momento em que voltássemos de qualquer maneira. Quando pedi esse favor a Dante, foi por outras razões, mas agora estava feliz por ter a opção de colocar distância entre Anna e eu quando voltássemos.

Anna mordeu o lábio inferior de uma forma que fez meu pau se contorcer. Levantei uma sobrancelha.

Ela se inclinou para frente, sussurrando: — Talvez eu aguente outra rodada se você fizer o que fez na primeira vez que fomos travessos.

— Você tem que ser mais específica. — Ela não podia estar falando sobre eu foder sua boca porque sua reação depois disso não tinha realmente gritado por uma repetição do desempenho, e foi por isso que não a deixei me chupar novamente desde então.

Anna acariciou meu peito, em seguida, mais baixo, suas unhas provocando os cumes do meu abdômen e a parte interna das minhas coxas de uma forma muito perturbadora.

— Foi meio quente, tê-lo em cima de mim, tomando minha boca, sendo todo dominante e irritado.

O sangue disparou no meu pau enquanto as imagens daquela primeira noite passavam pelo meu cérebro. — Não diga algo assim.

— Por que não?

— Porque me dá todos os tipos de ideias para as quais você não está pronta.

— Estou mais do que pronta. Eu te disse. Achei quente.

— Você desapareceu no banheiro depois para chorar.

— Você não sabe se chorei.

— Seus olhos estavam vermelhos e inchados. E com certeza não farei algo que cause esse tipo de reação de você, cherie.

Anna pareceu surpresa. Pela primeira vez não disse cherie para irritá-la. Percebi a diferença também.

— Gosto quando você me chama de cherie como se falasse sério.

Eu falei sério. Tinha falado sério antes também, mesmo que estivesse escondido atrás de provocações e sarcasmo. Anna me irritou muito no passado, e ainda irritava na maioria dos dias, mas com o tempo percebi que gostava disso.

— Quero dizer. Achei quente. Corri para o banheiro depois porque queria ser mais do que uma foda irritada.

— Você nunca poderia ser apenas uma foda irritada e sabe disso. — Nossos olhos se encontraram, e de repente isso parecia muito íntimo. Não teria tolerado tanto quanto tolerei com qualquer outra pessoa. Me importava com Anna, demais, que era o principal problema da minha existência. Adicionar sexo à mistura era um risco. Nunca me apaixonei por uma mulher com quem dormi, mas tinha a sensação de que Anna poderia mudar isso, e eu não deveria arriscar. Gostar dela por sua coragem era bom, mas qualquer coisa que além disso seria fatal.

Anna deu de ombros. — Você é mais do que uma foda irritada também. Meio que gosto de você, Santino. Você dá à minha vida o tempero necessário.

Ri. — Idem, chérie. Idem.

— Então, que tal uma repetição daquela primeira noite impertinente?

Balancei a cabeça com um rosnado e a puxei contra mim para um beijo.

— Como poderia dizer não?

ANNA

Agora que Santino e eu tínhamos estipulado certas regras, me sentia muito melhor. Claro, ninguém sabia melhor do que eu que uma coisa era ter regras e outra era segui-las.

No entanto, estava disposta a correr o risco porque estar com Santino era bom demais para desistir. E não apenas no sentido físico, embora isso fosse absolutamente alucinante. Ainda sentia arrepios e um formigamento agradável entre as pernas quando pensava em nossa vida sexual nas últimas semanas. A única vez que Maurice tentou entrar em contato comigo, lhe disse que não estava mais no mercado. Estar com Santino era mais do que gratificante. Não podia imaginar estar com mais ninguém neste momento.

Era final de março e o tempo esteve ensolarado e quente durante toda a semana, o que nos permitiu conhecer mais a cidade a pé quando não estava ocupada com meus estudos.

Santino e eu passamos por pequenos grupos sentados na grama com a Torre Eiffel acima de suas cabeças. Quase todos eram turistas ou intercambistas. A maioria dos parisienses evitava a área ao redor do marco de sua cidade.

Ainda não tinha me cansado de passear por aqui, mas até eu procurava muitas vezes os lugares mais isolados da cidade.

Estava com o celular na mão, buscando inspiração em tudo. Raramente tirava fotos dos pontos turísticos em si. Fiz isso na primeira vez que os vi, mas agora estava procurando o particular no comum.

Um movimento no chão perto de um arbusto chamou minha atenção. Imediatamente comecei a tirar fotos. Em uma aglomeração, vários pombos

estavam comendo alevinos quando um rato enfiou a cabeça para fora e atacou, arrancando o pedaço de comida do pássaro confuso e correu de volta para o arbusto. Tirei o dedo da tela do meu telefone, mas permaneci vigilante no caso de outra esquisitice acontecer.

Levei um momento para perceber que Santino estava me observando. — Outras pessoas fazem vídeos da Torre Eiffel, você de um rato brigando com um pombo por um pedaço de baguete, — Santino murmurou, mas apesar de sua expressão mal-humorada, podia dizer que ele estava se divertindo.

— Uma coisa te leva aos vídeos mais assistidos do TikTok, a outra não.

Santino estreitou os olhos. — Não me diga que você usa esta plataforma inútil. Há apenas adolescentes seminuas dançando rap de merda lá. — Ele deu de ombros com um sorriso. — Suponho que essa é a sua turma.

— Sabe, Sonny, o TikTok é baseado em algoritmos. Diz mais sobre você do que sobre o TikTok se os únicos vídeos sugeridos para você são garotas seminuas.

— Direi isso ao seu querido irmão. Foi a conta dele no TikTok que verifiquei quando confisquei seu telefone da última vez.

— Claro, — disse, sufocando um sorriso. Nossa brincadeira me dava vida. Apesar de nossos encontros sexuais frequentes, muito frequentes, ainda provocávamos um ao outro sem piedade.

— E tenho a adolescente mais linda piscando a bunda para mim todas as manhãs e noites em uma tentativa desesperada de me seduzir, não preciso do TikTok para isso.

— Lembrete, não é uma tentativa se for bem-sucedida.

Seu sorriso malicioso em resposta aqueceu minha barriga mais do que o melhor chocolate quente da cidade. Cutuquei seu braço com o meu, meu sorriso se alargando. — Estou morrendo de fome. Alimente me.

Santino me lançou um olhar muito sujo que me fez desejar um lugar menos público. — Eu te alimentei ontem à noite.

Dei um tapa em seu braço, minhas bochechas aquecendo e desejo

queimando minha barriga quando me lembrei de como ele tinha tomado minha boca na noite passada, mas banquei a alheia. — Acho que estou com vontade de um bom patê de pato e uma salada.

— Não é o que estou com vontade.

Apesar de suas palavras, ele me levou a um pequeno restaurante parisiense com velhas vitrinas com couve lombarda e chicória feita de porcelana como decoração. Tornou-se um dos nossos favoritos. O dono era peculiar e um pouco confuso, mas falava inglês, o que deixou Santino feliz, e serviram o mais delicioso patê de pato com pepinos caseiros e pão rústico. Nós nos acomodamos em uma pequena mesa ao lado da porta com vista para o animado bairro.

— Duas taças de champanhe, — disse Santino, em seguida, ergueu as sobrancelhas para o garçom. — Se vocês não beberam de novo.

Na última vez que almoçamos no local, o proprietário e sua equipe haviam bebido todo o champanhe na noite anterior enquanto assistiam ao futebol, então não tinham nenhum para nós.

Com um sorriso tímido, ele nos serviu duas taças de champanhe.

— Estamos comemorando alguma coisa? — Perguntei enquanto pegava a taça.

— Só que a vida está boa agora.

— E que você finalmente tirou minha virgindade? — Sussurrei, sorrindo timidamente para ele.

— Isso foi semanas atrás.

Fiz beicinho. — Então é uma notícia velha, suponho.

Ele sorriu. — Prefiro comemorar ter lhe dando três orgasmos esta manhã.

— Saúde, — disse, batendo em sua taça antes de tomar um gole. Então um pensamento passou pela minha cabeça e quase engasguei com o riso. — Tenho certeza de que papai não ficará feliz se suas despesas incluírem champanhe por me dar orgasmos.

A expressão de Santino escureceu imediatamente. — Quando pago para nós, é com meu próprio dinheiro. É isso que um homem de verdade faz quando

sai com uma mulher.

— Realmente gosto do você bad boy, mas o cavalheiro é muito fofo também.

Santino resmungou algo e tomou outro gole. Ele nem gostava particularmente de champanhe e só fazia isso porque eu odiava beber sozinha.

— Você sabe, — disse quando estávamos quase terminando o jantar. — Estou com tesão desde a Torre Eiffel.

— O rato fez isso por você? — Santino disse secamente, mas o brilho lascivo em seus olhos não passou despercebido.

— Ah sim, isso é coisa minha. Especialmente se eles se deliciarem com batatas fritas. Aliás, era isso, não um pedaço de baguete.

— Você adora estar certa.

— Geralmente estou certa, — corrigi. — Mas eu também amo.

Santino acenou para o dono pedindo a conta, mas em vez de ser rápido para que pudéssemos fazer algo sobre meu tesão, ele conversou como se não tivesse nada melhor para fazer.

Cerrei os dentes. Santino estava fazendo isso como uma forma de punição por todas as minhas provocações do passado.

Quando saímos, deixei meu olhar vagar sobre cada homem meio atraente. — Talvez devesse escolher um deles para apagar o meu fogo. Eles não perderão tempo conversando.

Santino me deu um sorriso áspero. — Temo que isso não seja mais uma opção. — Seu tom possessivo só me fez desejá-lo mais.

Ainda assim, senti vontade de inclinar a balança de volta a meu favor, então, quando chegamos ao nosso apartamento, fui direto para o meu quarto e o tranquei antes de pegar meu pequeno vibrador favorito de seu lugar na minha gaveta e ligá-lo.

Santino deu um murro na porta. — Deixe-me entrar.

— Talvez mais tarde. Tenho um fogo para apagar.

— Vou derrubar a porta.

Caminhei até a cama e me estiquei nela, em seguida, deslizei minha calcinha encharcada para baixo. Provoquei minhas dobras com a ponta do meu vibrador, gemendo baixinho.

— Anna, você tem mais três segundos antes de eu chutar a porta.

Mordi o lábio com um sorriso e aumentei a vibração antes de empurrar a ponta do vibrador na minha boceta. Gemi. Um estrondo soou e a porta se abriu, então bateu contra a parede atrás dela. Lascas de madeira e gesso caíram no chão.

Gritei de surpresa e me sentei, meus olhos arregalados.

Santino interveio. — Eu avisei.

Seus olhos dispararam para o vibrador que eu ainda estava segurando e que ainda estava meio enterrado dentro de mim.

— Foda-se, — ele resmungou.

Me deitei mais uma vez. — Vamos ver como você explica isso ao nosso senhorio.

— Você realmente acha que dou a mínima para ele quando te vejo fodendo sua boceta doce com um vibrador?

Dei de ombros e enfiei o vibrador lentamente mais fundo. Santino me observava com olhos escurecidos pela fome. Ele abriu as calças e tirou seu pau, que estava ansioso para participar da ação.

Fiquei com água na boca ao vê-lo, mas continuei me dando prazer com meu brinquedo como se não estivesse morrendo de vontade de sentir Santino dentro de mim. Quando ele começou a se acariciar, perdi o controle.

Joguei o vibrador para o lado. Santino não precisou de outro convite. Ele correu em direção à cama com um sorriso e agarrou meus tornozelos, então me puxou para a beirada da cama antes de mergulhar em mim. Gritei e quase gozei imediatamente.

Não tinha certeza de quanto tempo ficamos perdidos um no outro assim quando a campainha de repente nos interrompeu.

Poucas pessoas tocavam a campainha, então fiquei um pouco confusa,

especialmente quando tocou novamente. Santino deslizou para fora de mim com uma expressão vigilante. Ele pegou sua arma e saiu correndo do quarto.

Quando ele voltou pouco depois, sua expressão não era um bom presságio. Sentei-me imediatamente, temendo o pior. Se meus pais chegassem agora, nós dois estaríamos condenados. Meu quarto provavelmente cheirava a sexo e meu estado desgrenhado não ajudava muito.

— Quem é? — Perguntei enquanto me levantava, pegando minha calcinha do chão e arrumando meu vestido.

— Seu noivo.

Capítulo 21

ANNA

Congelei. — Clifford?

— Você tem outro noivo que não conheço? — Santino cortou, parecendo furioso.

— O que ele está fazendo aqui?

— Pergunte a ele. Ainda não abri a porta para descobrir.

Engoli. Não podia mandá-lo embora sem falar com ele. E se ele dissesse aos meus pais que não pode me ver? Talvez pudesse fingir que não estava em casa? — Você pode deixá-lo entrar enquanto tento me tornar apresentável?

— Claro, — Santino rosnou.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, ele se afastou. Entrei no banheiro e rapidamente me lavei e passei perfume para cobrir o cheiro de Santino. Meu cabelo ainda não estava tão liso quanto gostava, mas não podia fazer nada sobre isso agora, pelo menos não parecia que estava transando com meu guarda-costas.

Respirando fundo, saí do banheiro. Santino e Clifford estavam na sala de estar. Clifford estava parado desajeitadamente ao lado do sofá, como se não tivesse certeza se era seguro sentar. O que era compreensível dada a expressão de Santino. Ele estava na porta da cozinha com um olhar assassino, os braços cruzados.

Dei um sorriso tenso, ainda completamente atordoada pela chegada de Clifford. Achei que não nos veríamos novamente até que voltasse a Chicago para a próxima reunião social. Meu pulso ainda estava acelerado. Desta vez, porém, por uma razão muito diferente de quinze minutos atrás.

Só podia esperar que Clifford não percebesse o que Santino e eu estávamos

fazendo. Se ele deixasse escapar alguma coisa para seus pais e eles falassem com os meus... Paris acabaria e Santino estaria com grandes problemas.

— Ei, — disse enquanto andava até Clifford. Nós nos abraçamos brevemente, o que foi completamente estranho, especialmente porque Santino estava nos observando.

— Você está aqui, — disse desnecessariamente.

— Queria te fazer uma surpresa.

— Estou surpresa, — disse, rindo nervosamente.

Apontei para a nossa varanda. — Por que não sentamos lá fora? O tempo ainda está bom.

Clifford olhou para Santino e assentiu. — Parece uma boa ideia.

Assim como Clifford, estava ansiosa para me afastar de Santino, que parecia pronto para matar meu noivo. E não apenas isso, me sentia estranhamente culpada por Santino. Como se o estivesse traindo falando com Clifford quando deveria ser o contrário.

— Você não parece feliz. Estou interrompendo alguma coisa? — Clifford perguntou olhando para Santino enquanto nos sentávamos nas cadeiras do lado de fora. Como estava escurecendo e era março, a temperatura havia caído consideravelmente do meu passeio com Santino mais cedo. Estremeci, mas preferia congelar até a morte a suportar a atmosfera tensa com Santino e Clifford em uma sala.

— Claro que não. Estou ocupada com a escola de moda, só isso. — Nem estava tão ocupada ainda. A maioria dos meus cursos até agora eram introdutórios porque o semestre da primavera estava apenas começando.

Clifford me deu um sorriso de menino. Talvez fosse porque passava tanto tempo com Santino, mas Clifford parecia muito jovem. — É por isso que vim em um fim de semana. Achei que surpreender minha noiva desse jeito era um bom começo para um casamento.

Provavelmente seria em um casamento por amor, o que o nosso decididamente não era. O homem por quem estava perto de me apaixonar nos

observava do lado de fora e nunca seria meu marido. E temia que o homem que se tornaria meu marido e eu deveria amar, nunca seria dono do meu coração, não da maneira que Santino já era. Não era amor porque não me permitiria me sentir assim, mas meu coração estava definitivamente batendo por Santino de uma forma que não era saudável considerando o meu futuro planejado.

Clifford deu de ombros. — Acho que estava errado. Não se preocupe. Vou me manter ocupado até meu voo sair na segunda-feira.

Ele realmente voou dos Estados Unidos por um fim de semana para me visitar? Era meio doce. Não pude deixar de me sentir culpada por não ser uma noiva de verdade. — Achei que você estava saindo com alguém e sendo exclusivo. Não é estranho vier me visitar?

Embora talvez ela não se importasse. Afinal, eles não estavam namorando e ela sabia que ele era meu noivo, o que era estranho em si, mas enfim.

— Decidimos não nos ver mais. Ficou estranho com você agora oficialmente em cena. Não queria arriscar que as emoções ficassem no caminho dela. Uma mulher desprezada é uma mulher perigosa.

Meu olhar disparou para Santino. Com ele, não tinha que me preocupar os rumores. Ele estava acostumado a ser o homem nas sombras, mas podia dizer que ele não gostava de ser lembrado disso. Ele não estava mais nos observando e sim preparando um café expresso, mas eu sabia que ele estava muito atento ao que acontecia aqui fora e não gostava nem um pouco. Sempre apreciei seus breves momentos de ciúmes, mas não hoje.

— Podemos almoçar amanhã, se quiser. Afinal, você veio até aqui.

— Um encontro de piedade? — Clifford perguntou, soando como se estivesse brincando. Mas ele tinha um ponto. Era por piedade.

— Não, — menti. — Onde você está hospedado? Talvez eu possa ir almoçar no restaurante do hotel?

— No Four Seasons.

Claro. — Vamos nos encontrar no saguão ao meio dia?

Queria tirar Clifford do apartamento o mais rápido possível. Parecia muito

estranho.

Ele assentiu e ficou parado com um brilho de conhecimento em seus olhos. — Bom. Então nos encontramos lá.

Não estava realmente ansiosa para passar o dia com ele, especialmente porque sabia o quão chateado Santino ficaria nos próximos dias.

Acompanhei Clifford até a porta e Clifford deu um beijo na minha bochecha.

— Espero que ele não almoce conosco.

Ri com força. — Não se preocupe, vou lhe pedir para esperar no carro. — Fechei a porta e dei um suspiro de alívio.

— Você vai me pedir para esperar no carro? O que sou, um cachorro que você pode dar ordens?

Bufei. — Eu tinha que dizer alguma coisa. Não podemos arriscar deixar Clifford desconfiado.

Santino assentiu, sua mandíbula apertada. Ele estava com raiva, mas podia dizer que não era tudo. Ele parecia ciumento e chateado. Nem queria imaginar estar no lugar dele. Provavelmente enlouqueceria se Santino fosse prometido a uma mulher e a encontrasse para almoçar, mas não sabia mais o que fazer.

— Achei que ele não se importasse se você fodesse outros homens.

Não gostei do quão insensível ele soou de repente. — Você e eu nos conhecemos há muito tempo. Clifford perceberia que é mais do que sexo.

— E é?

Fui até ele e toquei seu peito. Ele não suavizou, nem seu corpo ou expressão. — Vamos, não fique assim. Você sabia que eu estava prometida a Clifford quando começamos a dormir juntos. Não era um segredo. Achei que preferia o sexo sem compromisso.

Santino não disse nada.

Mordi meu lábio timidamente e fiquei de joelhos na frente dele. — Deixe-me compensá-lo.

Ele fez uma careta para mim. — Você realmente acha que um boquete e

sexo vão melhorar tudo? Sou mais do que meu pau.

Meu coração apertou. Ele era muito mais para mim, mas não podia ser. — Você sabe que Clifford é meu noivo. Não posso mandá-lo embora sem passar um pouco de tempo com ele depois dele ter cruzado o Atlântico para me ver.

Santino agarrou meus braços e me puxou para cima. — Preciso recuperar o sono.

Sem outra palavra, ele entrou em seu quarto. Passamos todas as noites juntos nas últimas semanas, mas podia sentir que não era bem-vinda em sua cama esta noite, então fui para o meu quarto.

Talvez fosse minha memória, mas ainda podia sentir o cheiro de sexo.

Afundei na cama, me sentindo dividida. Santino e eu tínhamos acabado de começar a dormir um com o outro e poderia dizer que já havia mudado como nos sentíamos um pelo outro. Santino tornou-se possessivo e eu definitivamente me sentia emocionalmente ligada a ele. Quão pior seria daqui a alguns meses? Ou em um ano?

Poderíamos mesmo continuar arriscando?



Meu almoço com Clifford foi agradável e surpreendentemente tranquilo. Se ele notou a tensão persistente entre eu e Santino, manteve seus pensamentos para si mesmo. Eu estava contente. Realmente não queria discutir meu relacionamento complicado com Santino com meu noivo.

Por sorte, Clifford tinha um primo que estudava na Sorbonne e planejava passar o resto do dia com ele. Saber que ele tinha outras pessoas que queria visitar na cidade me fez sentir menos obrigada a passar tempo com ele, o que era bom porque só conseguia pensar em Santino de qualquer maneira.

Ele mal falou comigo durante toda a manhã, me tratando como no passado.

Isso me incomodou, o que por sua vez me fez pensar como seria uma vez

que fôssemos forçados a voltar a um relacionamento exclusivamente profissional.

Em nosso caminho de volta para o apartamento depois do meu almoço com Clifford, me virei para ele. — O que estamos fazendo, Santino? Deveríamos nos divertir. Se você ficar constantemente chateado porque tenho que interagir com Clifford, então vai ser muito difícil para nós dois. Você sabe que não posso ignorá-lo. Não vou beijá-lo ou fazer qualquer outra coisa.

— Eu sei, — Santino resmungou.

— Então por que você está sendo tão hostil comigo?

— Estou chateado.

Arregalei meus olhos comicamente. Ele achou que eu não tinha notado?

Ele suspirou, seus dedos ao redor do volante ficando brancos com a pressão.

— Sei que você tem que falar com ele. Sei que ele é seu noivo e seu futuro. Estou principalmente chateado comigo mesmo porque não achei que isso me incomodaria tanto. Mas realmente não gosto da ideia de compartilhá-la.

— Você não está me compartilhando agora.

— Acho que não, mas eventualmente irei.

— Na verdade não, — disse baixinho. — Porque uma vez que eu me case, não poderemos mais ficar juntos. — Percebi que não pensava mais em parar quando voltássemos a Chicago…

— Isso é um consolo, — Santino murmurou.

Fechei os olhos e encostei a cabeça na janela. Talvez fosse melhor se parássemos com isso agora.

— Vou tentar me controlar, está bem? Vai ser difícil, mas farei o possível para ignorar a existência de Cliff.

Abri os olhos e sorri levemente. — Bom, porque não quero desistir do que temos ainda.



Apesar da nossa conversa, nosso relacionamento permaneceu tenso nos dias que se seguiram ao meu encontro com Clifford. Eu queria que voltasse a ser como era.

Sentia falta das brincadeiras e do sexo desinibido. Nossa última transa tinha sido exatamente assim. Uma foda educada.

Inclinei-me na porta do quarto de Santino enquanto ele fazia flexões. — Sabe, Sonny, nunca teria te imaginado como um boceta que deixa as emoções arruinarem uma vida sexual perfeitamente boa.

Sufoquei um sorriso com a expressão no rosto de Santino.

Ele levantou, seu moletom pendurado baixo em seus quadris e suor brilhando sedutoramente na parte superior de seu corpo. — Você acabou de me chamar de boceta?

Dei de ombros com um sorriso provocante. Isso era bom, mais seguro.

Santino andou na minha direção e me virei, mas antes que pudesse fugir, ele passou um braço em volta da minha cintura e deu um tapa forte na minha bunda. Engasguei, mas ele simplesmente me levantou e me carregou até a cama onde me colocou sobre seu colo. A palma de Santino bateu contra minha bunda novamente, ainda mais forte. Saltei com um grito, meus olhos arregalados de choque disparando para o rosto de Santino. — Você está lou-?

Santino empurrou minha calcinha e eu gemi, minha cabeça caindo para frente quando ele deslizou dois dedos em mim. Como de costume, nossa brincadeira já havia me preparado bem e meus músculos o receberam com prazer.

— Se soubesse que isso te calaria, teria te fodido no meu colo mais cedo.

Me pendurei frouxamente sobre suas pernas fortes enquanto ele enfiava seus longos dedos dentro e fora. Sua outra mão massageou minha bunda.

Respirei pelo nariz, meus olhos se fechando.

— Você nunca vai me chamar de boceta novamente.

Murmurei em acordo. Com os dedos de Santino batendo em todos os pontos certos, teria concordado com qualquer coisa.

A respiração quente de Santino atingiu minha pele um segundo antes de ele morder minha bunda levemente, me fazendo gemer ainda mais alto.

— Você pode ser uma boa garota quando está com tesão. Vou me lembrar disso.

— Como deixa-lo me foder em seu colo quando estou noiva de outro homem me faz uma boa garota?

A palma de Santino bateu forte na minha bunda. Saltei então gritei quando ele beliscou meu clitóris e quase gozei.

— Você é só minha agora, e quero que se lembre disso.

Minha cabeça pendeu para frente mais uma vez com um aceno fraco enquanto os dedos de Santino se moviam tortuosamente lentos, acariciando minhas paredes internas deliciosamente, se movendo tão fundo que seus dedos pressionavam contra meu clitóris.

— Agora quero que você goze duro como uma boa menina.

Teria revirado os olhos se Santino não tivesse começado a enfiar os dedos em mim em um ritmo que me fez agarrar suas pernas e meus dedos dos pés cravarem no chão porque estava perdendo a noção do que estava acima e abaixo.

— Oh Deus, — engasguei. — Oh Deus.

Não tinha certeza se poderia aguentar muito mais. Meu corpo estava elevado ao máximo, meu clitóris inchado e dolorido, desesperado por liberação.

Santino esmagou sua palma contra minha bunda quando seus dedos estavam enterrados em mim e atingiram meu clitóris.

Gritei quando gozei com um estremecimento violento. Uma série de palavras ininteligíveis, um pouco de francês, um pouco de italiano, saiu dos meus lábios enquanto pressionava meu rosto contra a panturrilha de Santino e sentia a umidade escorrer pelas minhas coxas.

Confusão me encheu, mas estava muito sobrecarregada e exausta para

reagir a isso.

Santino ronronou como um leão enquanto acariciava minha bunda, seus dedos ainda deslizando dentro e fora de mim.

Ele se abaixou e deu um beijo na minha nádega esquerda e depois na direita antes de puxar os dedos e beijar minha carne sensível. Gemi novamente. Sua língua arrastou sobre minha coxa.

Levantei a cabeça, certa de que meu cabelo estava pior que um ninho de pássaro. — Não tenho certeza se gosto de você me batendo como uma colegial travessa.

Santino olhou para mim por cima da minha bunda, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — Seu corpo sim. Você esguichou como uma boa menina.

Minhas bochechas aqueceram. Por alguma razão, isso parecia algo anormal de se fazer. Nunca tinha feito isso antes.

— Confie em mim, fazer uma garota esguichar é uma medalha de honra que todo homem usa com orgulho, — disse Santino, lendo-me como de costume. Ficar deitada sobre suas pernas estava se tornado cada vez mais desconfortável devido à sua ereção cravando insistentemente em minha barriga.

Seu sorriso se alargou, tornando-se quase lupino. — Vamos ver se consigo ganhar outra medalha.

Santino agarrou meus quadris e me jogou na cama. Soltei um gemido, sentindo-me desossada.

— Sem descanso para os perversos, Cherie, vou te dar uma surra de verdade agora.

Santino me posicionou para que eu ficasse esparramada na cama com o rosto virado para as barras de madeira da cabeceira.

— É melhor segurar firme. Isso vai ser difícil.

Mordi meu lábio inferior para abafar um sorriso. Santino ergueu minha bunda ligeiramente, em seguida, agachou-se atrás de mim. Estava prestes a comentar sobre a posição quando ele me bateu. Suas mãos apertaram meus

quadris enquanto ele me penetrava. Minhas mãos dispararam, dedos desesperadamente agarrados às barras da cama.

— Oh puta merda, — engasguei no travesseiro.

As estocadas de Santino me atingiram tão profundamente e me encheram tão completamente que estrelas explodiram diante dos meus olhos com as sensações. Os sons de tapas de suas coxas batendo na minha bunda se misturaram com nossos gemidos. A cama vibrou, batendo contra a parede uma e outra vez. Realmente esperava que nossos vizinhos não chamassem a polícia.

Gozei com um grito, meus dedos agarrando as barras e meus dentes afundando no travesseiro. Isso era quase demais. Santino não desacelerou. Ele estava me fodendo com raiva. Nunca tinha realmente entendido o termo, mas agora entendia, e era viciante.

Ele se inclinou. — Aproveite cada segundo. Um dia, a lembrança disso será a única coisa que te fará passar pela cutucada insatisfatória que Cliffy considera sexo.

— Idiota, — gritei, tentando levantar, mas as estocadas de Santino me mantiveram de bruços.

— Isso mesmo, — Santino rosnou, me beijando duramente. Respondi seu beijo com o mesmo fervor.

Perdi a noção do tempo, mas a dor em meu corpo quando Santino e eu gozamos me disse que poderíamos ter estabelecido um novo recorde pessoal.

Rolei de costas, suor escorrendo pelo meu peito. Estava completamente exausta. Um zumbido baixo soou em meu corpo, um eco de prazer que parecia relutante em ir. Fechei os olhos, aproveitando esse sentimento. Podia ouvir Santino se mexer e o som molhado da camisinha batendo na lixeira. Lentamente, meus olhos se abriram enquanto Santino estava ao lado da cama, me observando.

Dei-lhe um sorriso preguiçoso. — Gosto da sua forma de punição.

— Ainda bem que me apresentei para sua satisfação.

Ele não voltou para a cama e isso me fez pensar se ele queria que eu fosse para o meu quarto. Nós ainda não tínhamos passado a noite juntos desde a

aparição de Clifford e eu sentia falta disso. — Você não vai se deitar? Sinto vontade de adormecer ao seu lado novamente.

Não me importava se admitir isso enfraquecesse minha posição. Santino estava com ciúmes, então também deveria sentir mais por mim do que luxúria.

— Você acha que é uma boa ideia?

Definitivamente não era. Nada sobre isso era uma boa ideia.

— Não me importo.

Santino riu sarcasticamente. Ele se esticou ao meu lado e me puxou contra ele. — Um dia, vou me arrepender disso, mas como você diz, não me importo.

Capítulo 22

SANTINO

Esta era a primeira vez que eu enfrentaria a família de Anna novamente depois que começamos nosso caso, ou o que quer que tivéssemos. Neste ponto, era difícil dizer. Fosse o que fosse, era limitado, e se Anna e eu não conseguíssemos esconder nosso relacionamento pouco profissional de sua família, ele terminaria muito antes de Anna entrar no vínculo sagrado do casamento com Cliffy: por minha morte cruel nas mãos de Valentina e Dante. Tinha certeza que ambos se juntariam ao desmembramento nesta ocasião especial.

— Você parece tenso, — disse Anna enquanto esperávamos no aeroporto.

Uma das minhas sobrancelhas se ergueu. Mesmo que ela gostasse de fingir o contrário, sua farra excessiva de limpeza nos últimos dias me disse que estava muito nervosa com a visita de sua família. Ela limpou todas as superfícies onde fizemos sexo nos últimos meses pelo menos duas vezes.

— Não diga. Você não deveria estar nervosa também? Você percebe que nós dois traímos sua família nos últimos cinco meses?

Anna tinha terminado seu primeiro semestre e deveríamos voar de volta para Chicago no verão, mas primeiro os Cavallaro passariam uma semana em Paris para comemorar o aniversário de Valentina.

— Traição é uma palavra forte para o que fizemos.

— Como você chamaria isso? Nós dois demos a seus pais nossa palavra de que nunca haveria nada entre nós.

— Eles não vão descobrir. Nós concordamos que não dormiríamos juntos enquanto eles estivessem aqui.

Seria mais fácil fingir que não estávamos dormindo juntos se

mantivéssemos uma distância física, mas seria difícil. Anna e eu mal conseguimos ficar longe um do outro nos últimos meses. Agora teríamos que ficar sem sexo por semanas, porque mesmo depois da visita dos Cavallaro a Paris, ainda teríamos que passar algumas semanas em Chicago antes que nós dois voltássemos a Paris sozinhos.

Dante, Leonas, Beatrice e Valentina, seguidos por meu pai, entraram na sala de espera do Aeroporto Charles de Gaulle.

Enquanto Anna corria em direção a sua família, fui até meu pai para cumprimentá-lo. Nós nos abraçamos brevemente antes que ele se afastasse para olhar para mim. — Tudo bem?

— Claro, — disse. Ninguém sabia do meu caso com Anna, nem mesmo Arturo, e muito menos papai. Embora ele provavelmente ainda suspeitasse de algo.

Não tinha certeza se Anna havia compartilhado alguma coisa com uma de suas amigas. Falar sobre algo assim pelo telefone era definitivamente muito perigoso, então suspeitava que ela também não. Claro, sabia que ela revelaria todos os detalhes do nosso caso a Sofia e Luisa assim que as encontrasse pessoalmente.

Dante veio até mim e apertou minha mão. Sua expressão não mostrava uma pitada de raiva ou hostilidade, então ele não suspeitava de nada. Nós apenas teríamos que mantê-lo assim.

— Devo dizer que estou muito satisfeito com seu trabalho até agora. Seus relatórios diários foram muito informativos.

E principalmente merda inventada. Tive que deixar de fora metade das atividades em que Anna e eu embarcamos.

— Estou feliz.

Valentina veio em seguida, e até ela parecia menos desconfiada do que da última vez.

— É bom ver Anna tão feliz. Obrigada por garantir que ela esteja segura enquanto vive seu sonho.

— É uma honra, — disse.

— Por que você e seu pai não se juntam a nós para jantar esta noite? Dante reservou uma mesa no restaurante cinco estrelas do hotel e tenho certeza que eles podem abrir espaço para mais duas pessoas.

— Prefiro ter um jantar tranquilo com meu filho esta noite, se você não se importar, — papai disse educadamente.

Ele provavelmente só queria me interrogar sobre cada pequeno detalhe dos últimos meses, mas realmente não me importava. Queria manter minhas interações com Anna limitadas enquanto estivéssemos perto de sua família.

— Claro, — Valentina disse imediatamente.

Nós nos dividimos em dois carros porque um não era suficiente para todos e seguimos para o Four Seasons, onde Dante e a família passariam a semana antes de todos voarmos de volta para Chicago. Anna estava em um carro com sua mãe, Bea, e meu pai, enquanto Leonas, Dante e eu seguimos em outro carro.

— Realmente senti falta de te irritar, — disse Leonas com um sorriso malicioso. Quase dezesseis anos e ainda tão irritante quanto me lembrava.

— Leonas, — Dante disse em um tom afiado. — Santino é o guarda-costas de Anna e deve ser tratado com o devido respeito.

— Como se Anna sempre o tratasse com respeito.

Dante me deu um olhar interrogativo. Dei de ombros, desejando poder dar um tapa na cabeça de Leonas.

— Quando adolescente, ela teve seus momentos difíceis, mas cresceu nos últimos dois anos. Não posso reclamar.

Uma imagem de Anna me acordando com um boquete muito agradável esta manhã veio à minha mente, mas rapidamente a afastei.

Leonas balançou a cabeça e me deu um olhar condescendente pelo espelho retrovisor. O merdinha sabia demais.

Papai e eu escolhemos um restaurante aconchegante a uma curta distância do Four Seasons para o caso de surgir uma emergência. Mas com Leonas e Dante lá, Valentina, Anna e Bea estavam bem protegidas. Mesmo que Leonas

pudesse ser um pirralho irritante, era um bom atirador e sabia como lidar com sua faca. Ainda assim, era estranho deixar Anna fora da minha vista pela primeira vez em seis meses. Passamos tanto tempo juntos, estar separados parecia estranho.

— Como estão as coisas entre você e Anna? — Papai perguntou no momento em que nos sentamos à nossa mesa.

— Bem.

— Bem como?

— Você veio a Paris para me interrogar ou porque sentiu minha falta?

— Ambos.

Lhe dei um olhar duvidoso. Por sorte, a garçonete apareceu naquele momento com os menus. Peguei um deles com agradeci rapidamente antes de examinar a seleção de vinhos.

— Você nem olhou para ela.

Levantei minha cabeça. — Perdão?

— Você nem olhou para a garçonete.

— Claro que sim. E até agradeci.

Papai apontou para a mulher que agora servia outra mesa. — Olhe para ela. Ela é atraente. O filho que me lembro a teria examinado.

Não pude deixar de rir.

— Ainda sou esse filho. Você faz parecer que eu pulava em todas as mulheres que via. Posso garantir que não é o caso. Talvez devesse considerar mergulhar os dedos dos pés na lagoa do namoro novamente se minha vida amorosa o preocupa tanto.

— Isso não é brincadeira.

— Pai, se está preocupado comigo, pare de ver coisas que não existem. Você só agirá de forma suspeita e isso, por sua vez, deixará os Cavallaro desconfiados e realmente me colocará em apuros.

Papai suspirou. Dei um tapinha em seu ombro.

— Pare de se preocupar tanto. Consiga uma vida e viva um pouco. Vou

ficar bem.

Não que não soubesse do perigo que corria. Se Anna deixasse algo escapar, eu estaria morto. Mas Anna era inteligente. Eu confiava nela para proteger nosso segredo. Não apenas por minha causa, mas também porque ela queria evitar a reação também.

ANNA

Santino estava ainda mais nervoso com a visita da minha família do que eu. Talvez ele se preocupasse que eu deixasse algo escapar, mas aprendi desde cedo a colocar uma máscara em público. Agora só usaria esse talento para colocar uma máscara para a minha família. Isso não significava que não me sentisse culpada porque me sentia, especialmente quando olhava mamãe e papai nos olhos. Mas não tinha outra escolha se quisesse ficar em Paris e proteger Santino.

Talvez a culpa persistente fosse porque fiquei feliz quando a visita da minha família a Paris acabou e todos nós voamos para Chicago. Era estranho voltar para casa quando tanta coisa havia mudado. Os últimos meses em Paris foram libertadores, emocionantes, e comecei a aceitar essa liberdade recém-descoberta como certa. Em Chicago, novamente, com suas limitações, percebi que a liberdade que me embriagou seria tirada de mim em alguns anos. O que Santino e eu tínhamos em Paris estava condenado.

Juntei-me ao meu pai em seu escritório alguns dias depois que chegamos a Chicago.

Mamãe já estava lá também, parada ao lado de papai na janela, e parecia que eles estavam discutindo.

— Gostaria de discutir seu futuro com você, — papai disse calmamente.

Sempre presumi que mamãe e papai me permitiriam voltar a Paris para o meu segundo semestre. Eles nunca disseram o contrário, mas as palavras de

papai me fizeram duvidar, e fiquei apavorada. Não queria ficar em Chicago, ainda não. Queria viver um pouco mais, aproveitar mais tempo com Santino. Ele e eu mal nos vimos em duas semanas. Nós não tínhamos compartilhado um único beijo, muito menos algo mais. Meu corpo ansiava por sua proximidade.

— Ok, — disse hesitante. — Pensei que Santino e eu voltaríamos a Paris depois do aniversário de Bea em agosto?

Mamãe e papai trocaram um olhar que me deixou cada vez mais nervosa. Mamãe veio em minha direção e tocou meu ombro.

— Se é o que você quer?

Assenti com veemência. — É claro. Por que não iria? Amo a cidade e meus estudos de moda. É o meu sonho realizado.

Mamãe tocou minha bochecha brevemente. — Seu pai e eu tivemos preocupações no começo, mas temos que dizer que você provou que estávamos errados.

— Ainda assim, — papai disse. — As pessoas estão começando a se perguntar onde você está.

— Eles sabem que estou estudando no exterior. Eles não entendem que temos que manter isso em segredo por razões de segurança?

— Oh, eles entendem, — mamãe disse com um aceno de cabeça. — Acho que o que mais os preocupa é que você saiu do radar de fofocas deles.

Eu adorava a honestidade de mamãe. Ela odiava quão julgadoras algumas pessoas em nosso mundo eram. Ela também foi submetida às palavras cruéis deles no início de seu casamento com papai.

— Se as pessoas não sabem a verdade, inventam sua versão dela, — disse papai.

Revirei os olhos. — Que tipo de rumores estão espalhando agora?

— Que você está grávida do filho de Clifford e essa é a razão pela qual está noiva dele. Que está grávida do filho de outra pessoa. Que você fugiu com alguém.

— Eu voltei. Se tivesse fugido, não estaria aqui, certo?

— É por isso que precisamos garantir que continue participando de eventos sociais. E é por isso que gostaríamos que você ficasse até o início do semestre.

— Ok. — Isso era apenas duas semanas a mais do que pensava. Isso não era tão ruim. Claro que significava que Santino e eu teríamos que ficar longe um do outro por dois meses... Eu provavelmente entraria em combustão.

— Já existe uma data para o meu casamento?

Mamãe e papai trocaram um olhar. — Bem, enquanto os Clarks estão dispostos a esperar, temos que nos certificar de não ofendermos os conservadores da Outfit. Sua mãe e eu achamos que um casamento no verão depois que você terminar sua escola de moda seria aconselhável.

— Oh. — Engoli em seco. Isso seria em três anos, o que realmente não era tão cedo, mas ao mesmo tempo mais cedo do que eu gostaria. — Isso soa como um bom plano. Os pais de Clifford concordam?

— Eles concordam. Clifford terminará seus estudos de graduação até então e na faculdade de direito, então eles acham que as crianças devem esperar um pouco mais.

Quase ri. Havia alguma coisa que Clifford e eu poderíamos decidir por conta própria?

Mamãe tocou meu ombro. — Tudo bem pra você?

— É claro.

Três anos.

Isso era o suficiente para me divertir, minha liberdade, Santino.

Quando saí do escritório, mandei uma mensagem para Santino lhe dizendo quando voltaríamos a Paris, mas deixei de fora a parte do casamento.

Nossos textos eram sempre profissionais, sem emoticons fofos ou carinhos, e definitivamente sem sexo.

— Não tinha certeza se voltaríamos a Paris, — disse Santino de repente, me assustando até a morte.

Me virei com os olhos arregalados e toquei meu peito. — Você me

assustou.

Os olhos de Santino queimaram nos meus e um pequeno arrepio passou pela minha espinha. Olhei de relance para a porta do escritório de papai, que ficava no final do corredor, e engoli em seco. Santino estava perto, e eu queria preencher a distância restante entre nós.

— O que você está fazendo aqui?

— Seus pais me pediram para vir conversar.

— Eles vão te contar sobre Paris.

Eles mencionariam o casamento também? Realmente esperava que guardassem para si mesmos por enquanto. Não queria que as coisas ficassem tensas entre Santino e eu novamente.

— Tenho certeza que eles irão, — Santino murmurou.

Dei um passo para trás antes que pudesse fazer algo ainda mais estúpido. — Talvez você possa ir até o meu quarto mais tarde e me contar o que lhe disseram?

Santino levantou uma sobrancelha. — Acho que seria uma ideia melhor se você fosse até a guarita. Estarei no turno da noite e não posso abandonar minha posição na frente dos monitores. Se vier às dez, terei tempo para uma conversa rápida sobre Paris.

Sufoquei um sorriso. Isso significava que ele estaria sozinho na guarita?

— Aprecio isso, — falei educadamente, e diversão torceu os lábios de Santino.

— Tenho certeza que sim.

Me virei, tentando não ficar muito tonta.



Depois de um banho e uma depilação completa, coloco um vestido de verão simples sem mangas para facilitar o acesso. Não me incomodei com

roupas íntimas. Não tinha certeza de quanto tempo teríamos, então queria evitar perder tempo.

Atravessei o corredor subterrâneo em direção à guarita e bati. Meu pulso acelerou em antecipação.

Santino abriu a porta e fez sinal, agindo profissionalmente, e como se não estivéssemos nos encontrando para transar. Pelo menos esperava que fosse isso.

Ele fechou a porta e olhou minha roupa. Ele provavelmente podia ver que não estava usando sutiã porque meus mamilos já estavam ficando duros.

— Como esperado, seus pais me disseram que voltaríamos a Paris no início de setembro.

Meu rosto deixou claro que eu não me importava. Sentei-me na beirada da mesa com os monitores. — Não é por isso que estou aqui.

— Não?

Estreitei meus olhos, em seguida, abri bem minhas pernas para que meu vestido subisse, revelando que não usava nada por baixo.

Santino encostou-se à porta com um gemido. — Você vai com tudo.

— Não temos tempo a perder.

Santino riu. — Não posso trancar a porta, então isso é muito perigoso.

— Achei que você tinha o turno da noite sozinho?

— Estou sozinho na guarita, mas há outros guarda-costas no perímetro como sempre. Meu pai é um deles.

— Ele não te deduraria, certo?

Santino se afastou da porta e se aproximou. — Nós não concordamos em ficar longe um do outro enquanto estivéssemos em Chicago? — Sua expressão me dizia que ele tinha outros planos.

— Você quer ficar longe de mim por dois meses?

Santino me alcançou e agarrou minhas coxas, olhando para mim com olhos cobertos de luxúria. — Foda-se não. Mas isso é loucura, Anna. Se formos pegos…

O agarrei através de suas roupas. — Não seremos.

Santino soltou um suspiro agudo e então seu olhar varreu os monitores.

— Tudo limpo, mas isso terá que ser rápido e sujo.

Ri. — Perfeito.

Ajudei Santino a libertar seu pau, desesperada por ele.

— Não tenho camisinha comigo, — ele resmungou, arrependimento torcendo suas feições.

— Nem eu. Eu poderia pedir uma ao meu irmão. — Eu ri, não pude evitar. Santino não parecia divertido. Ele gemeu e pressionou sua testa contra meu ombro.

Mordi meu lábio. — Nós não precisamos de uma.

Santino levantou a cabeça com uma expressão confusa.

— Uma semana antes da minha família ir para Paris, fui a um médico e pedi anticoncepcionais. Estou tomando desde então e agora eles são eficazes.

— Você não me contou.

Dei de ombros. De alguma forma, isso parecia mais monumental do que deveria. Afinal, era apenas uma questão prática... — Estou limpa, obviamente. E você não está com mais ninguém desde dezembro passado, certo?

— Sim, e nunca transei sem camisinha.

— Então estamos prontos.

Santino parecia quase espantado. Ele se inclinou e beijou meus lábios suavemente antes que seus dedos encontrassem minha abertura para testar minha prontidão. Eu estava mais do que pronta. Agarrando minhas nádegas, Santino me arrastou para a borda da mesa antes de mergulhar em mim com um impulso duro. Seus lábios colidiram com os meus, engolindo meu gemido. Os monitores tremiam a cada impulso. Agarrei-me a Santino quase desesperadamente, minhas pernas em volta de seus quadris. Ele empurrou para baixo o topo do meu vestido e beliscou meu mamilo.

Estava chegando cada vez mais perto quando Santino ficou tenso. — Seu irmão está no jardim.

— Ele provavelmente está só procurando seu estoque de tabaco e maconha

que mantém enterrado sob os arbustos. Não pare. Estou quase lá.

O aperto de Santino na minha bunda aumentou e ele acelerou ainda mais. — Você vai ser minha ruína.

Agarrei seus ombros quando minha liberação explodiu através de mim. Santino seguiu logo depois, e parecia diferente de antes. Uma intimidade que eu não conseguia definir.

Não tivemos muito tempo para aproveitar as sensações. Depois de um rápido beijo de boa noite, arrumei minhas roupas e corri de volta pelo corredor.

Pisei na entrada da nossa mansão e fiquei cara a cara com Leonas, que estava se esgueirando também. Ele definitivamente cheirava a maconha.

—Você deveria parar de fumar essa merda.

— Todos nós temos maus hábitos que não podemos quebrar, certo? — Leonas disse com um sorriso malicioso.

Estreitei meus olhos. — Não sei do que você está falando.

— Você e Santino estão transando, — disse Leonas com naturalidade.

Olhei ao redor nervosamente e cravei minhas unhas em seu antebraço. — Cale-se. Você não sabe o que está falando.

Leonas zombou. — Que tal irmos para o meu quarto antes que você mije nas calças?

Ele se afastou e não tive escolha a não ser segui-lo escada acima. Tinha que descobrir se ele sabia mais do que deveria.

No segundo em que entramos no quarto dele, disse: — Por que você diria algo assim?

Leonas pegou um maço de cigarros debaixo da cama. — Corte o ato, mana. Não sou cego nem estúpido.

— Se continuar usando maconha, você será em breve, — murmurei.

Leonas afundou no parapeito da janela, erguendo as sobrancelhas com expectativa. — Clifford me abordou depois de sua visita romântica a Paris.

— O que? Quando? — Tropecei em direção a ele e me sentei ao seu lado, meu pulso acelerando.

— Numa festa. Ele me perguntou se eu sabia o que estava acontecendo entre você e Santino.

A cor sumiu do meu rosto. Se Clifford começasse a fazer perguntas assim, Santino e eu estaríamos condenados. — O que você disse para ele?

— Eu disse que ele não sabia o que estava falando e que você era uma mulher honrada. Também o avisei para ficar de boca fechada se soubesse o que era bom para ele.

— Obrigada.

Leonas sorriu ironicamente. — De nada. Mas transar com seu guarda-costas, mana, sério?

Dei um tapa no braço dele. — Cale-se. Se alguém descobrir, Santino está morto e serei o motivo de um escândalo.

— Por que sempre sou eu quem causa um escândalo?

— Porque você é bom nisso e sua reputação já está em frangalhos.

— Obrigado por suas palavras calorosas, mana, — ele disse enquanto colocava um cigarro na boca. — Minha reputação serve a um propósito. Gosto quando as pessoas me subestimam. Isso faz com que vencê-los seja ainda mais doce.

Balancei a cabeça com uma risada.

— E Clifford?

— O que tem ele?

— Você vai trocá-lo por Santino?

Dei a Leonas um olhar incrédulo e levantei minha mão com o enorme anel de noivado de Clifford. — Eu honro minhas promessas.

Leonas deu de ombros. — Há promessas que você deve honrar e outras que deve abandonar. Clifford é o último caso.

Revirei os olhos, em seguida, peguei o cigarro de sua mão e dei uma tragada. — Você percebe que tipo de escândalo causaria se não me casasse com Clifford? Nossas famílias fizeram um acordo. Nossos pais estão contando comigo.

Leonas deu de ombros. — Te prometer a Clifford foi um erro. Os Clark nunca farão parte da nossa família. Você sempre terá que ter cuidado com o que diz perto deles, mesmo Clifford. Você é um meio para um fim para eles.

— Mas Clifford também é para nossa família, — argumentei, apertando os olhos para a escuridão do lado de fora da janela.

— Uma base de merda para um casamento.

— A maioria dos casamentos arranjados são construídos sobre uma base de merda.

— Se você diz. Você é quem vai ter que dividir a cama com Clifford.

A voz de Leonas deixou claro que ele desaprovava.

— Posso lidar com isso. E posso lidar com ele.

— Se você acha que sim. Apenas saiba que vou te proteger, não importa o que aconteça.

Engoli em seco. — Obrigada.

Leonas deu de ombros. — É para isso que serve a família. Apenas me prometa que terá cuidado.

Não disse nada em troca, apenas assenti. Abrimos a janela e balançamos as pernas sobre o parapeito, olhando para a noite. Sabia que, em última análise, minha família sempre me apoiaria. Como seria me ver em um casamento que não fosse assim?

Capítulo 23

SANTINO

Nunca pensei que chegaria o dia em que ficaria aliviado por deixar Chicago e retornar a Paris, mas as escapadelas e o sigilo me davam nos nervos. Depois da nossa rapidinha na guarita, Anna e eu só conseguimos nos encontrar para fazer sexo mais uma vez. Duas fodas apressadas em dois meses. Uma cota triste. Eu sentia falta de tocar Anna sempre que queria, pelo menos na segurança do nosso apartamento. Senti falta de passar tempo com ela. Embora tivéssemos o cuidado de não agir como um casal em público em Paris, ainda estávamos muito mais próximos do que poderíamos arriscar em Chicago.

Quando pousamos, já podia sentir um peso enorme saindo dos meus ombros.

— Isso é como voltar para casa, — disse Anna no caminho de volta para o apartamento em nosso carro. Toquei sua coxa e apertei. De uma forma estranha, aconteceu. Chicago ainda era minha casa e sempre seria, mas também parecia uma prisão agora. Anna entrelaçou nossos dedos.

Papai tinha me avisado para ter cuidado antes de sair. Ele não sabia sobre Anna e eu, mas suspeitava de algo. Entrelaçar as mãos em plena luz do dia provavelmente não era ter cuidado, mesmo que um oceano se estendesse entre nós e os olhos atentos da Outfit.

Eu apertei a mão dela. Precisávamos ter cuidado. Não havia nenhuma dúvida sobre isso. Mas retornar a Paris me fez perceber novamente que nossa união era limitada. Eu queria aproveitar o tempo que tínhamos. Paris me permitia fazer isso e esquecer Clifford.



Sentamos em nosso local favorito para o café da manhã, uma pequena cafeteria na esquina do nosso apartamento. Tomávamos café da manhã aqui todos os domingos e passávamos horas observando as pessoas.

Os donos achavam que éramos um casal. Nós nunca os corrigimos e eventualmente começamos a dar as mãos, como fazíamos agora. Nós nos tornamos descuidados com o tempo, ou talvez fosse apenas porque manter uma distância profissional se tornou mais difícil ao longo dos anos.

— Achei que poderíamos passar algumas semanas em Provence neste verão, — disse Anna em uma manhã de domingo no início de maio.

— Não teremos que voltar para Chicago?

Como no primeiro verão, Anna e eu voltamos para Chicago no verão passado também, e presumi que seria o caso neste verão.

— É nosso último verão na França, — ela disse suavemente, seus olhos estranhamente melancólicos.

Nosso último verão aqui. Isso me atingiu de repente. Anna se formaria em fevereiro próximo e depois era esperado que voltássemos a Chicago indefinidamente. Porra. Tentei ignorar a verdade, mas agora ela me encarava.

— É verdade.

— Perguntei aos meus pais se poderia passar pelo menos parte dele viajando pela França e eles concordaram. Temos as três primeiras semanas de julho.

— Um último verão de liberdade antes de você se casar com Clifford no próximo outubro.

A expressão de Anna se contorceu em choque. Ela realmente achou que eu não sabia? Não tinha mencionado isso porque não queria pensar sobre isso. A ideia de que teria que desistir de Anna logo parecia uma flecha em chamas no meu peito.

— Meus pais acham que não devemos esperar muito mais.

Balancei a cabeça. Dante ter permitido que Anna estudasse no exterior e

que se casasse com um homem de fora já eram pílulas amargas de engolir para os conservadores na Outfit. Anna faria vinte e dois anos em setembro próximo. Hora de se casar em nosso mundo.

Anna olhou para nossas mãos unidas, em seguida, de volta para o meu rosto. Tentei manter minha expressão calma, mesmo que sentisse tudo menos isso. Nosso tempo estava se esgotando e, pela primeira vez, praticamente podia ver os grãos de areia escorrendo na ampulheta.

— Ainda é mais de um ano, — disse ela.

— É isso? Quanto tempo você quer nos manter? Já decidiu a data?

Talvez eu devesse ser homem e parar o que tínhamos. Mas não queria. Em vez disso, esperei que Anna terminasse as coisas. Afinal, era seu compromisso com Clifford que determinaria nosso fim.

Ela hesitou, então desviou o olhar. — Nós não temos que parar…

Surpresa tomou conta de mim, então triunfo. Então percebi que ela não quis dizer isso da maneira que eu achava.

— Você quer que continuemos fodendo mesmo quando estiver casada com Clifford.

Anna fez uma careta, então rapidamente balançou a cabeça. — Não podemos. Eu… odeio que tenhamos que falar sobre isso. Não quero pensar nisso.

Mas eventualmente teríamos que encarar a verdade. E me perguntei se ela já havia considerado contar a seus pais sobre nós. Se já havia pensado em terminar as coisas com Clifford enquanto estava deitada em meus braços à noite, ou enquanto compartilhávamos uma boa risada. Passei horas acordado à noite imaginando um futuro com Anna.

Anna se inclinou para frente, seus olhos suplicantes. — Vamos fingir que não vou me casar. Vamos só aproveitar nosso tempo juntos. Ok?

Respirei fundo, então assenti.

Por Anna, faria isso. Não podia deixá-la ainda. Ainda não.



O cérebro humano é uma ferramenta poderosa. Consegui fingir o que Anna tinha me pedido, e assim continuamos aproveitando nossos dias até o verão quase como um casal.

Quando chegou o primeiro dia das férias de verão, Anna e eu caímos brevemente na melancolia.

Por sorte, no dia seguinte, pegamos um avião para Marselha para nossa viagem à Provence. Logo que pousamos, Anna e eu demos as mãos. Parecia natural.

O sol estava brilhando enquanto nos dirigíamos para a estação de aluguel de carros no aeroporto.

Assim que preenchemos toda a papelada e Anna recebeu as chaves, ela se dirigiu para um pequeno Fiat 500 Cabrio azul.

— Por favor, me diga que esse não é o nosso veículo. — Não poderia chamar essa coisa de carro. Seria um insulto ao meu Camaro e a todos os outros carros com um pouco de orgulho.

Anna revirou os olhos enquanto contornava o carro como se fosse um cachorrinho fofo. — É perfeito. — Ela sorriu. Porra. Poderia viver com esse carro caixa de fosforo se isso fizesse Anna sorrir assim.

— Estou dirigindo! — Anna gritou antes que pudesse ir para o lado do motorista. Afundei no banco do passageiro, observando com diversão enquanto Anna inspecionava o câmbio do Fiat. Eu estava acostumado a mudar de marcha, mas Anna nunca tinha feito isso. Ela não tinha dirigido muito nos últimos dois anos e meio. Se íamos a qualquer lugar de carro em Paris, eu sempre dirigia.

Vendo minha expressão, a dela se encheu determinação.

E, eventualmente, ela conseguiu fazer o motor funcionar e saímos do estacionamento. Anna soltou uma risada encantada. — Esta será uma viagem mágica.

Eu ri e relaxei no banco. Anna apertou o botão que abria a capota do carro.

Seu cabelo esvoaçou ao redor de sua cabeça descontroladamente e ela riu novamente.

Enfiei a mão dentro de sua bolsa e peguei um elástico. Anna me deu um sorriso agradecido quando prendi seu cabelo em um rabo de cavalo bagunçado enquanto ela dirigia o carro por uma estrada costeira estreita.

— Adoro quando você faz isso.

Normalmente só segurava o cabelo dela para trás quando ela me chupava, mas isso também era bom. Adorava a sensação de seu cabelo sedoso entre meus dedos.

— Só não quero cair do penhasco porque seu cabelo prejudicou sua visão.

Não podia ver seus olhos por causa de seus enormes óculos de sol, mas sabia que ela os estava revirando.

— Não seja mal-humorado. Este será o verão de nossas vidas.

Sabia que sempre me lembraria deste verão. O primeiro verão que Anna realmente parecia minha mulher...

… e o último.

ANNA

Alugamos um pequeno Fiat 500 azul bebê e percorremos com ele as ruas sinuosas do sul de Provença até chegarmos ao nosso objetivo final, uma pequena cidade litorânea, uma antiga vila de pescadores, entre Nizza e Antibes. A vila tinha duas praias, uma praia de fácil acesso perto do calçadão, e outra que só podia ser alcançada de barco ou descendo uma escada estreita e íngreme que foi esculpida nas falésias há mais de um século.

Santino carregava nossa mochila enquanto descíamos a escada. Poderíamos facilmente alugar um barco ou até um iate para chegar à praia. Dinheiro dificilmente seria um problema, mas durante todo o nosso tempo em Paris, além do apartamento central e caro, Santino e eu tentamos levar uma vida

básica, como uma estudante como eu faria.

Gostava da simplicidade e isso me fez apreciar ainda mais as pequenas coisas. Sabia que Santino não esperava que eu pudesse viver sem luxos. Apesar de serem apenas dez da manhã, a praia já começava a se encher de visitantes. Alguns só desceram para algumas fotos espetaculares para o Instagram, mas outros estenderam suas toalhas ou até barracas de praia.

Santino e eu nos acomodamos em toalhas perto das falésias à direita. Como esta parte da praia ainda estava nas sombras, não estava tão cheia quanto o resto e assim Santino e eu pudemos desfrutar de um toque de privacidade.

Tirei minha saída de praia e comecei a desabotoar o top do meu biquíni.

— O que você está fazendo? — Santino rosnou.

— Estou fazendo o que muitas garotas francesas fazem quando vão à praia, estou mostrando meus peitos.

Santino olhou ao redor. Mulheres de todas as idades tomavam sol de topless. Algumas garotas até jogavam pingue-pongue, seus seios empinados subindo e descendo a cada salto.

— Não tenho certeza se gosto de outros homens olhando para seus peitos.

Ri e me estiquei na toalha. — Você vai sobreviver.

Ignorei a vozinha dizendo que em breve ele teria que me compartilhar com Clifford. Não era bem-vinda agora.

— Vê-la seminua assim me faz arrepender da minha escolha de shorts.

Santino usava short curto apertado que acentuavam sua bunda musculosa e seu pau impressionante, que estava crescendo. Ele se sentou perto de mim com uma expressão que eu conhecia muito bem.

Sorri. Então meus olhos registraram um casal na praia que estava se beijando muito apaixonadamente, ela na verdade deitada em cima dele. E outro casal no oceano definitivamente estava se dando bem.

Santino seguiu meu olhar, um sorriso torcendo seu rosto. — Estou realmente começando a amar a França.

— Só levou dois anos e meio, — provoquei.

Ele se esticou ao meu lado, a cabeça apoiada na palma da mão. Seu sorriso prometia problemas. Rolei ficando de lado. — O que?

Ele se aproximou e me beijou, devagar, mas com propósito. Eu conhecia esse beijo. Meus olhos tremeram, entregando-me à sensação. Beijar Santino sempre me dava vida. Depois de um tempo, meus mamilos enrugaram e a umidade se acumulou entre minhas pernas.

Santino se afastou um pouco, seus olhos percorrendo meus mamilos em busca de atenção. — Vê-los e não poder chupá-los é uma tortura.

Mordi o lábio, a ideia da boca quente de Santino em torno de minha carne sensível só aumentando minha necessidade. Olhei ao longo da praia para ver se alguém estava olhando, mas as pessoas estavam ocupadas consigo mesmas.

Santino chegou ainda mais perto, em seguida, deslizou a mão entre as minhas pernas, a princípio apenas descansando na parte interna da minha coxa. Então seu polegar roçou minha fenda sobre o tecido e seus lábios reivindicaram os meus mais uma vez. Enquanto sua língua brincava com minha boca, seu polegar me agraciou levemente. O simples toque e seu beijo com a emoção adicional de estar em um lugar público logo me deixou encharcada.

Minha respiração se tornou mais profunda e mais rápida. Nosso beijo se intensificou, e a estática entre nós causou arrepios por todo o meu corpo. O dedo de Santino não acelerou, mas ele aumentou a pressão.

— Eu preciso de mais, —sussurrei contra seus lábios. — Eu preciso de você.

Santino assentiu então se afastou e fechou os olhos brevemente enquanto tentava posicionar sua ereção para que não fosse tão óbvio. — Vamos entrar na água.

Sorri e me sentei. Antes de me levantar, verifiquei rapidamente se a parte de baixo do meu biquíni não mostrava nenhuma pista do que estávamos fazendo. Santino levantou-se. Se você olhasse para sua virilha, ainda era óbvio que nosso beijo não tinha sido inocente. Era uma coisa boa que estávamos na beira da praia.

Entramos na água e Santino imediatamente me puxou contra ele. Pendurei minhas pernas ao redor de sua cintura, então me abaixei até que pudesse sentir sua ereção pressionando contra mim. Eu gemi, já muito pronta para ele. Santino deslizou a mão entre nós, se atrapalhando um pouco antes de empurrar meu biquíni para o lado e pressionar sua ponta contra minha abertura. Me abaixei sem hesitar. Quando seu pau me esticou, meu corpo começou a tremer. Santino imediatamente capturou meus lábios, engolindo meu gemido quando gozei em torno de seu pau. Ele me empurrou para baixo até que estivesse completamente dentro de mim.

— Isso foi rápido, — ele rosnou, seus lábios traçando minha garganta.

— Eu já estava bem preparada.

— Hum. — Ele mordeu levemente meu ombro. Ele estava incrivelmente quente dentro de mim, talvez por causa do frio do oceano ao redor.

Santino nos afundou ainda mais na água, então apenas nossas cabeças estavam de fora e comecei a girar meus quadris lentamente. Logo Santino ofegou contra meus lábios. Adorava o gosto de sal em sua pele, o som das ondas e das gaivotas, o sol brilhante.

Santino e eu nos olhamos nos olhos enquanto nossos corpos se moviam lentamente juntos. Cada golpe de Santino dentro de mim fazia o fogo em minha barriga queimar mais forte. O mundo ao nosso redor tornou-se um borrão de sons e luz do sol brilhante.

Desta vez gozei ainda mais forte e Santino engoliu meus gemidos, mesmo quando seu próprio corpo convulsionou com o clímax e ele gozou em mim. Fechei os olhos, minhas paredes internas sensíveis enviando novas ondas de prazer através de mim enquanto Santino gozava dentro de mim.

Envolvi meus braços ao redor de seu pescoço ainda mais apertado e coloquei minha cabeça em seu ombro. — Quero que este momento dure para sempre.

— Perderia significado e intensidade se isso acontecesse, — Santino murmurou, acariciando minha espinha.

Balancei a cabeça, porque isso também era verdade. Eu queria mais momentos como este, não reviver o mesmo momento novamente, mas eventualmente isso era tudo que eu teria.

Engoli a tristeza. Ainda tínhamos três semanas de férias e mais seis meses em Paris antes que nosso tempo acabasse. Precisávamos aproveitar ao máximo, absorver cada momento de riso, luxúria e alegria.



Caminhamos ao longo da calçada, nossos braços roçando de vez em quando por andar tão perto. De repente, os dedos de Santino roçaram os meus e quando não me afastei ele uniu nossas mãos e continuamos andando assim. Além de dar as mãos debaixo da mesa em um restaurante de vez em quando ou na escuridão segura de um cinema, nunca arriscamos em público, nem mesmo a milhares de quilômetros de casa.

Meus olhos ardiam e meu coração se encheu de uma espécie de satisfação que não conseguia explicar. Depois de um tempo arrisquei um olhar para cima, mas Santino estava usando óculos escuros e seu rosto era a máscara vigilante de sempre. Ele apertou minha mão brevemente e sufoquei um sorriso, então só aproveitei andar ao seu lado com sua mão na minha. Isso era bom, bom demais, mas eu não queria que o medo do futuro arruinasse o momento. Eu queria viver o momento. Este momento pertencia a nós, somente a nós.

Nós nos instalamos em um pequeno restaurante de frutos do mar com vista para o pequeno porto de pesca para jantar.

O garçom apontou para o celular de Santino sobre a mesa. — Querem que eu tire uma foto de vocês?

Santino e eu trocamos um olhar, a incerteza enchendo o ar entre nós. Eu queria dizer sim, queria capturar este momento em uma foto para que pudesse olhar para ele no futuro e me lembrar da felicidade absoluta que senti. Mas uma

foto significava prova. Prova que poderia arruinar nossas vidas. Prova da coisa sem nome que havia entre nós.

— Não, obrigada, — disse, minha voz um pouco áspera.

O garçom pareceu surpreso e deu um sorriso encorajador para Santino. Ele provavelmente achou que nosso relacionamento estava com problemas, que tínhamos brigado. Nada poderia estar mais longe da verdade. Nem tínhamos um relacionamento, nem brigamos há algum tempo.

O garçom voltou com uma garrafa de vinho branco que cairia bem com a nossa refeição e encheu nossos copos muito generosamente.

Agradeci, mas fiquei feliz quando ele desapareceu. — Sabe o que acabei de perceber?

Santino balançou a cabeça com uma expressão que me deu calafrios.

— Nós não brigamos há um bom tempo. Estamos nos dando muito bem.

Ainda brincávamos, principalmente quando estávamos com tesão porque eram nossas preliminares favoritas, mas uma briga de verdade? Isso não acontecia há muitos meses. Gostávamos de estar juntos.

— Nós nos tornamos um bom time.

Time. Nós dois sabíamos que éramos mais do que isso, mas não podíamos admitir porque não podia ser.

— Especialmente entre os lençóis, — acrescentei porque este era um terreno mais seguro.

Capítulo 24

ANNA

Sentei-me no meu quarto e olhei para a minha bagagem. Por semanas fingi que ainda tínhamos tempo, fingi que o fim não estava próximo, mas agora, enquanto olhava para minhas roupas arrumadas em três malas, lágrimas queimavam em meus olhos. Em cima de minhas roupas repousava meu diploma. Realmente terminei meus estudos de moda em Paris, vivi meu sonho por três anos, experimentei a liberdade desenfreada, me apaixonei.

E amanhã voltaria a Chicago para retomar minhas funções. Em oito meses, me casaria com Clifford. Os próximos meses da minha vida seriam cheios de planejamento de casamento, é claro que mamãe e Dolora já tinham começado, e eventos sociais.

Teria que descobrir uma maneira de encontrar meu caminho de volta para a vida mais restrita em Chicago. E teria que descobrir como deixar de amar Santino, precisava impedir que meu estômago se enchesse de borboletas toda vez que ele entrasse em uma sala, o que ainda acontecia depois de quase três anos dividindo a cama.

Não podia imaginar deixá-lo ir, mas quanto mais pensava em como as coisas seriam entre nós quando voltássemos, mais percebia que não tinha escolha. Se não terminasse as coisas entre nós agora, talvez não o fizesse nunca. E isso não era uma opção. O futuro da Outfit dependia dos meus ombros, e de jeito nenhum decepcionaria meus pais assim.

Levantei-me e fui para o quarto de Santino. Ele fechava a mala quando entrei e olhou para cima.

— Tudo pronto? — Perguntei. Minha voz soou fora, quase hesitante.

Santino assentiu lentamente, suas sobrancelhas se unindo enquanto olhava

para o meu rosto, então um sorriso estranho apareceu em seus lábios. Ele assentiu com uma risada amarga. — Está na hora, não é?

Engoli em seco, sem ter certeza se ele realmente sabia o que precisava acontecer. Ele podia me ler tão facilmente?

É claro. Passamos todos os dias e noites juntos nos últimos três anos. Ele conhecia cada centímetro da minha pele, tinha beijado e tocado tudo, conhecia cada imperfeição e todos os lugares que me davam prazer. Mas como ele descobriu meu corpo, também viu tudo o que estava abaixo. Ele me conhecia como ninguém, nem mesmo minha família.

Procurei as palavras certas, algo que tornasse isso mais fácil. — Não podemos continuar fazendo isso.

Não conseguia nem colocar um nome no que tínhamos por que nunca o definimos. Dormimos juntos. Partilhamos uma cama e brincamos, relaxamos e conversamos sério. Talvez fôssemos amigos com benefícios, mas Santino e eu nunca fomos amigos. Não realmente, e não parecia que erámos agora. Poderíamos nos tornar amigos? Alguma parte de nossa conexão poderia sobreviver em Chicago? Era inteligente sequer considerar isso?

— Fazendo sexo? — Santino perguntou em voz baixa, aproximando-se. Meu corpo ansiava por seu toque como se eu já estivesse sem ele por meses. — Dividindo uma cama? Passando tempo juntos como um casal?

Casal. Ele tinha acabado de nos comparar a um casal?

Meu coração parecia pesado demais para minhas costelas, como se pudesse cair no chão e quebrar a qualquer momento.

— Nós sempre soubemos que não duraria. Sabíamos como isso terminaria.

— Você se casando com Clifford.

— Sim, — disse sem emoção.

Ele parou na minha frente, tocando minha bochecha. Olhei para seu peito, com medo de encontrar seu olhar. Eu sabia que isso me consumiria inteira.

— Você já pensou por um segundo em seguir seu coração? Já se permitiu considerar cancelar seu noivado e nos dar uma chance real?

Não podia acreditar no que ele estava dizendo, não podia acreditar que ele quebrou nosso acordo tácito de não considerar um futuro juntos. Por que ele tinha que tornar isso mais difícil do que era?

Eu tinha considerado isso?

Sim claro. Todas as noites que adormecia nos braços de Santino e todas as manhãs quando acordava ao lado dele.

Mas nunca permiti que a ideia criasse raízes, e não permitiria agora.

— Não, — disse com firmeza.

Santino cutucou meu rosto para cima, seus olhos castanhos travando nos meus. Endureci. — Você é uma boa mentirosa, mas eu te conheço.

— Você me conhece bem, Santino, mas não conhece tudo, principalmente meu coração. Em primeiro lugar, sou leal à minha família, e eles precisam que eu case com Clifford. Não vou decepcioná-los.

— Casar com um guarda-costas certamente seria uma decepção.

O encarei. — Nós sempre soubemos que isso não levaria a nada! Não aja como se estivesse prestes a me propor.

— Você tem razão. Acho que foi uma coisa boa, então, ter pedido ao seu pai, três anos atrás, para me deixar voltar ao trabalho de Executor depois de Paris. Assim não nos veremos mais. Uma ruptura limpa, como você quer.

Congelei. Achei que pelo menos ainda veria Santino, ainda seria capaz de falar com ele. — Você nunca me disse isso.

Ele encolheu os ombros. — Como você, muitas vezes esqueci que havia um momento depois de Paris.

Forcei um sorriso. — Você nunca gostou de ser meu guarda-costas, então agora realizará seu desejo.

Santino olhou para o relógio. — Nós deveríamos ir dormir. Nosso voo sai cedo.

Apertei meus lábios. — Não vamos passar nossa última noite juntos? — Forcei meus lábios em um sorriso tímido, não querendo parecer sentimental.

A expressão de Santino era sem emoção. — Não acho que seria sábio.

Devemos passar a noite em nossas camas.

— Você está certo, — disse resoluta. — Um ruptura limpa é o que precisamos.

Me virei e voltei para o meu quarto, enxugando os olhos brutalmente.



Ficamos em silêncio no voo de volta para casa. Santino assistindo a um filme de ação na pequena TV e eu olhando pela janela. Não tinha dormido muito na noite passada e me sentia cansada, mas meus pensamentos rodopiantes me mantinham acordada.

Eu não via Clifford desde sua visita surpresa em Paris, quase três anos atrás. Nós sempre nos desencontramos com ele estudando alguns semestres em Oxford e viajando para eventos políticos com seu pai, e eu estando em Paris. E tinha a sensação de que ele tinha me evitado. E não me importei. Vê-lo só teria aberto feridas, feridas que ainda nem tinham acontecido. Desde então muita coisa havia mudado. Eu tinha mudado. Santino e eu tínhamos mudado. Nós nos aproximamos ainda mais. O que tínhamos ia muito além do físico. O que tínhamos…

Santino e eu, não podíamos existir mais. Esta manhã nossa interação foi desapegada e profissional.

Eu odiei cada segundo disso. Provavelmente era melhor que ele não servisse mais como meu guarda-costas.

Estava nervosa. Nervosa por como voltaria à minha antiga vida, como conseguiria permitir a proximidade com Clifford. Como convenceria a todos que estava bem. Leonas era o único que sabia sobre Santino, mas ele não era a pessoa a quem falaria sobre um coração partido. Porque parecia um coração partido. Deixar de amar alguém exigia mais do que uma conversa sobre uma ruptura limpa.

Talvez pudesse falar com Luisa e Sofia... Mas praticamente menti para elas nesses últimos três anos também. Nem sabia por que não tinha lhes contado nada nas poucas festas em que nos vimos pessoalmente. Talvez tenha pensado que seria mais fácil terminar as coisas se ninguém soubesse. Mas agora gostaria de ter alguém que me encorajasse. Nos últimos três anos, Santino tinha sido o incentivador, principalmente me dizendo para parar com a festa de pena sempre que algo não saía como planejado ou tivesse uma nota medíocre, mas por razões óbvias, ele não podia mais ocupar esse papel.

— Pare de se preocupar. Ninguém vai notar nada. Você me enganou ao acreditar que tinha experiência há três anos, e isso é notável. Você é uma mentirosa maravilhosa.

Esta não era a brincadeira que compartilhávamos antes do sexo, esta era a voz irritada do passado.

Odiava que Santino pudesse tão facilmente voltar a ser um idiota.

— Agora que estamos voltando, você voltará a atender as esposas solitárias em Chicago? — Perguntei, tentando soar casual.

Santino levantou uma sobrancelha. — Você voltará a beijar Cliff?

— Ele é meu noivo.

O sorriso sardônico que Santino me deu me deixou furiosa. Como ele poderia ser tão blasé sobre isso? Nós dormimos junto, comemos junto, fizemos praticamente tudo juntos por anos e ele não parecia se importar.

— E eu obviamente não sou, — ele murmurou. — Sou seu guarda-costas. Como tal, não sou obrigado a lhe contar sobre minhas parceiras sexuais, ou perdi uma cláusula do meu contrato?

— Você não tem um contrato. Fez um juramento eternamente obrigatório ao meu pai, seu Capo, para me proteger que obviamente não está honrando. Se estivesse honrando, pelo menos continuaria como meu segurança até eu me casar.

O sorriso de Santino tornou-se perigoso. — Touché. Quase esqueci que você é filha do meu Capo. Mas meu juramento não é eternamente obrigatório,

apenas até eu ser morto protegendo sua bunda feliz.

— Não quero que você seja morto por minha causa.

— Oh, Anna, tenho a sensação de que não cabe a você decidir. Você será minha morte de uma forma ou de outra.

O encarei. — Você está sendo melodramático.

— Aprendi com a melhor.

Suspirei e olhei pela janela. Quase havíamos chegado a O'Hare. — Não quero ter que me acostumar com um novo guarda-costas agora.

O que eu estava fazendo?

Santino não disse nada.

— Então você terá uma festa do pijama com a Sra. Clark esta noite?

Por que não conseguia me calar? Fui aquela que quis acabar com as coisas e agora estava me agarrado a Santino.

— Ela provavelmente encontrou um substituto. Terei que encontrar uma nova esposa solitária para servir.

— Há muitas para escolher.

— Em alguns anos, você será uma delas e poderei ser seu amante do armário.

— Não quero estourar sua bolha, Sonny, mas se procurar um amante quando for uma mulher casada, será um homem mais jovem e menos cansado.

Odiava isso. Mas era o melhor.

Mal podia esperar que as portas do avião se abrissem. Queria fugir. Não aguentava mais isso.

Mamãe e papai esperavam no aeroporto e eu corri na direção deles. Mamãe me abraçou com muita força e papai me examinou da cabeça aos pés como se quisesse determinar que eu estava realmente inteira. Ele fez isso durante cada uma das minhas visitas. Ele acenou para Santino como se estivesse o elogiando silenciosamente por me manter segura. Se papai soubesse metade das coisas que Santino e eu fizemos...

Era melhor se eu não pensasse nisso. Acabou agora.

Santino me deu um aceno frio antes de dizer ao papai: — Estou indo para casa agora para recuperar o sono.

— Estou aqui para protegê-las, vá em frente, — papai disse.

Sem outra palavra, Santino partiu. Engoli em seco, forçando meu olhar para longe de seu corpo saindo. Este era o nosso adeus?

SANTINO

Papai me pegou no aeroporto. Um olhar para o meu rosto e sua expressão se encheu de preocupação.

Afundei no banco do passageiro, sentindo como se alguém tivesse me usado como seu saco de pancadas mental. Sempre fui bom em sexo casual, em manter as emoções fora da mistura, mas Anna me mostrou as limitações do meu controle.

— Você pode me dizer qualquer coisa, filho, sabe disso. Tenho que me preocupar?

Suspirei. — Acho que você não precisa mais se preocupar.

Papai desviou o olhar da rua. Ele geralmente era um motorista muito vigilante e não deixava nada distraí-lo, então isso significava que eu o tinha realmente preocupado.

— Anna e eu estamos juntos há três anos.

Podia ver a cor sumir do rosto de papai, mas ele não me interrompeu, pelo que estava grato. Precisava tirar isso do meu peito.

Precisava compartilhar isso com alguém. Talvez porque tornava mais real, fazia parecer mais do que uma invenção da minha imaginação. Às vezes, os últimos três anos pareciam um sonho. Eu não tinha uma única foto de Anna e eu juntos, nem uma única prova, o que era o melhor, mas ao mesmo tempo, fazia parecer que os últimos três anos não tinham acontecido, como se estivesse acordando de um coma e a vida passara por mim.

— Mas agora acabou.

Papai limpou a garganta, provavelmente tentando se impedir de me dar uma bronca. — Essa é a decisão certa.

— Não foi minha, — disse.

— Anna terminou tudo?

— Ela terminou, porque é leal à sua família e à Outfit.

Papai parou na frente do meu prédio, mas não saímos do carro. Ele me olhou em silêncio. — Você nunca quis que eu procurasse uma esposa para você, mas há muitas famílias que de bom grado lhe dariam suas filhas.

— Você nunca namorou sério depois que mamãe morreu.

Papai procurou meus olhos, em seguida, tocou meu ombro. — Filho, sempre temi que um dia você perdesse seu coração para uma mulher casada.

— Veja, sou mais esperto e escolhi uma mulher noiva.

Papai não sorriu. — Você tem que aceitar a decisão de Anna pelo bem de ambos.

— Eu sei, — disse. E eu sabia pra caralho.

No dia seguinte, Dante me chamou para uma conversa final sobre minha missão em Paris. Eu já tinha combinado com Arturo uma reunião à noite para conversar sobre trabalharmos juntos novamente. Anna seguiria em frente com sua vida, e eu também.

Entrei pela entrada da guarita e segui pelo corredor subterrâneo em direção à mansão. Me sentia ansioso pra caralho.

No segundo em que entrei na casa, sabia por quê. Anna estava no corredor em frente ao escritório de Dante. Isso definitivamente não era uma coincidência.

Andei em sua direção, tentando manter a calma, mas meu coração acelerou como sempre fazia quando a via. Ela usava o último vestido que criou em Paris, um minivestido justo de mangas compridas com decote assimétrico. Era a

primeira vez que o via nela. Ela parecia maravilhosa nele.

Nossos olhos se encontraram. — Pronto para renunciar? — Ela disse baixinho.

Não disse nada, apenas passei por ela e bati na porta do escritório. Anna saiu sem outra palavra. Precisei de todo meu autocontrole para não persegui-la e beijá-la.

Durante nossa reunião, Dante expressou sua gratidão e satisfação pelo trabalho que fiz em Paris. Eu não podia negar. Senti-me culpado por trair meu Capo, mas sabia que faria tudo de novo, mesmo sabendo o resultado final. Não perderia um único momento que passei com Anna.

Dante folheou alguns papéis em sua mesa, só olhando brevemente para cima para perguntar: — Suponho que você ainda queira largar sua posição como guarda-costas e voltar a trabalhar como Executor?

— Por que você pergunta?

— Não vou mentir. Prefiro tê-lo como guarda-costas de Anna. Confio em você. Mas vou honrar minha promessa, então se quer ser Executor, o trabalho é seu novamente.

— Na verdade, estive pensando em permanecer como guarda-costas de Anna. Dessa forma, posso continuar trabalhando junto com meu pai.

O que acabei de dizer? Tinha perdido a porra da cabeça?

Dante me deu um pequeno sorriso, não mais interessado em seus papéis, sua atenção agora totalmente em mim. — Fico feliz em ouvir isso. — Ele contornou a mesa e estendeu a mão. Depois de me levantar, a apertei, sabendo que tinha acabado de cometer um grande erro.

— Você precisa de mais alguns dias de folga antes de voltar ao trabalho? Percebi que você não tira férias de verdade há três anos.

— Alguns dias de folga seria ótimo.

Precisava me controlar. Trabalhar com Anna era um risco do caralho. Eu só podia esperar que ela cumprisse sua palavra e mantivesse distância de mim porque sabia que não seria capaz de manter minhas mãos para mim mesmo se

ela fizesse um movimento.



Depois de quatro dias de folga, entrei na mansão Cavallaro como guarda costas de Anna. Ela desceu as escadas e parou brevemente quando me viu antes de prosseguir. Ela parou a alguns passos de mim e cruzou os tornozelos. Ela só parava assim quando estava nervosa. — Meu pai me disse que você não se demitiu.

— Vou continuar como seu guarda costas pelo tempo que precisar de mim.

Anna sorriu, e foda-se, minhas entranhas se iluminaram como a árvore em frente à Trump Tower em Nova York antes do Natal.

— Estou feliz, — disse ela suavemente, dando um passo em minha direção, em seguida, parando.

— Vamos trabalhar juntos em um nível profissional.

Anna assentiu. — É claro. Como discutimos.

— Bom, — disse, então olhei para o meu relógio. — Você tem alguma reunião marcada para o dia?

— Almoço com Luisa, só isso. A próxima semana será mais movimentada. Vou compartilhar minha agenda com você via Airdrop mais tarde.

— Apreciaria isso.

Anna assentiu, então fez um gesto em direção à porta. Ela cruzou os tornozelos novamente, seus dedos elegantes brincando com uma pulseira de ouro que ganhou de Clifford no Natal. Sua mãe a entregou a Anna porque ele estava fora com seu pai. Era a primeira vez que Anna a usava desde aquele dia e era uma lembrança dolorosa do homem a quem ela realmente pertencia. Nunca tinha a presenteado com nada duradouro porque isso como fotos poderia ser uma prova. Cada um dos meus presentes era perecível, flores, comida, uma atividade. Perecível como o que tínhamos.

— Devemos sair agora. Luisa chega sempre no horário.

Levei Anna até a Mercedes na frente da mansão e abri a porta de trás para ela. Era a primeira vez em três anos que Anna não estaria na frente comigo.

Ela me deu um sorriso educado e deslizou no banco de trás. Fechei a porta e respirei fundo antes de entrar.

Andamos em silêncio por um tempo. Parecia sufocante. Meus dedos no volante apertavam a cada segundo que passava. Por que não aceitei a promessa de Dante? Por que estava me torturando assim?

Realmente queria proteger Anna nos encontros com Clifford? Ou enquanto ela escolhia flores para o casamento? Ou experimentasse seu vestido de noiva?

— Pare.

Olhei para Anna pelo espelho retrovisor.

— Pare! — Ela gritou.

Dirigi o carro para o estacionamento de um restaurante e parei. Soltei meu cinto e me virei. — O que há de errado?

Anna desafivelou o cinto, inclinou-se para mim e agarrou meu colarinho.

Então ela me puxou para um beijo.

Meu corpo ganhou vida imediatamente. Sem hesitação. Sem profissionalismo. — Preciso de você. Agora, — Anna sussurrou entre beijos.

Ela puxou com mais força a minha camisa. Inclinei meu corpo e meio que caí pelo espaço entre os bancos da frente. Subi em cima de Anna. Começamos a tirar nossas roupas, precisando sentir a pele nua.

Apenas os vidros escuros protegiam nosso segredo do mundo exterior. Era muito arriscado, mas nenhum de nós se importava.

Quando mergulhei em Anna, nossos corpos colados, sabia que aceitaria o que Anna estivesse disposta a me dar, por mais tempo. Talvez fosse o suficiente.

Capítulo 25

ANNA

Depois de nosso momento no carro, cheguei para almoçar com Luisa quinze minutos atrasada. Prometi a mim mesma que a aventura no carro era uma coisa única, um último adeus.

Ficou claro muito rapidamente que Santino e eu não podíamos ficar longe um do outro. Nossa conexão era como uma atração magnética que nenhum de nós podia resistir. Por que mais ele havia concordado em ficar como meu guarda-costas?

Apenas um dia depois, nos encontramos novamente no banco de trás do carro. Nós dois estávamos sem fôlego e minha pele suada estava grudada no couro, mas não conseguia tirar o sorriso do meu rosto.

Estava pressionada ao lado de Santino, saboreando a sensação de seu calor e seu perfume único. Era um perfume que associava à segurança.

— E agora? — perguntou Santino.

— Continuamos fazendo o que fizemos em Paris.

— Em Paris não tínhamos dezenas de olhos atentos em nós. Podíamos ficar juntos relativamente imperturbáveis. Tudo o que fizermos em Chicago é um risco. Não poderemos estar próximos em público e até nos encontrarmos em segredo será difícil. Não podemos foder no seu quarto. E não podemos continuar fodendo no carro em estacionamentos públicos.

Me recostei com um sorriso provocante, querendo dispersar o peso da nossa conversa. Não queria dar espaço para as preocupações que me incomodaram desde que nosso retorno a Paris se aproximava e agora se manifestava desde que voltamos a Chicago. — Por que não? O risco tornará mais quente. Eu gosto da safadeza do carro, e fazer isso no meu quarto será

ainda mais safado.

Os olhos de Santino me cortaram com sua intensidade. Ele passou as mãos pelo meu cabelo. — Isso adicionará outra camada à nossa traição.

— Isso realmente importa? — Sussurrei. Mamãe e papai ficariam desapontados de qualquer forma se descobrissem, o que não aconteceria. — Vamos ser o segredo um do outro pelo tempo que pudermos.

— Nunca me importei em ser o segredo sujo de alguém, mas realmente gostaria de não ser o seu.

— É tudo o que podemos ter.



Minhas mãos estavam suadas quando entrei na mansão Clark com mamãe, papai e Leonas. Dolora estava comemorando seu cinquentenário e, claro, fomos todos convidados. Era a primeira vez que via Clifford novamente, o que me fez sentir uma ansiedade irracional, especialmente porque papai escolheu levar Santino conosco e não Enzo.

Clifford e sua mãe nos cumprimentaram enquanto seu pai estava ocupado conversando com alguns senadores. Dolora me abraçou brevemente, o que foi estranho, especialmente quando seu olhar foi para Santino logo depois. Ela achava que ele lhe daria um presente especial de aniversário?

Ele não daria.

Certo?

Ainda éramos exclusivos? Ou nossa ruptura em Paris mudou as coisas?

O simples pensamento de que Santino poderia tocar outra mulher me fez ficar vermelha. Clifford parou na minha frente, forçando minha atenção para ele. Seguiu-se um breve momento de constrangimento, que Clifford interrompeu inclinando-se e beijando minha bochecha. Foi um beijo breve, nada que gritasse casal, mas ainda me fez sentir culpada porque Santino teve que assistir.

Pelo canto do meu olho, o vi atravessar a sala para tomar posição ali, sua expressão de pedra, mas seus olhos queimavam de ciúmes.

— Como estão as coisas? — Clifford perguntou com um sorriso educado. Ele parecia menos infantil do que me lembrava, mais calmo e confiante, e não apenas porque estava usando um terno elegante.

— Bem, — disse, aceitando seu cotovelo estendido. Ele me levou em direção ao bufê.

— Ele vai causar problemas?

Ele não teve que elaborar, estava claramente claro a quem se referia. Permiti-me um breve olhar para Santino, que examinava a sala de maneira profissional.

— Não, por que causaria?

— Alguma das garotas que você namorou nos últimos anos causará algum problema?

— Dificilmente.

— Veja, — disse com um sorriso firme. — Está tudo bem.

SANTINO

Nunca pensei que gostaria de voltar a Paris. Sentia falta de Chicago e estava feliz por estar de volta à minha cidade, mas estar aqui significava que não podia mais ficar com Anna. Agora tínhamos que nos esgueirar pelas costas de todos para ter um momento de privacidade.

Eu sempre gostei da emoção de ser pego. Gostava de quão sujo o sexo parecia quando era proibido. Mas por algum motivo confuso, não queria que o sexo com Anna parecesse sujo e proibido. Queria que as pessoas soubessem que ela era minha e que eu transei com ela.

Claro, o que eu queria e o que faria eram duas coisas muito diferentes,

então fiquei de lado em uma festa na mansão dos Clark e observei Anna. Felizmente, ela e Clifford não estavam presos pelo quadril. Vê-los juntos sempre me fazia sentir um assassino. Anna estava ocupada conversando com as irmãs de Clifford enquanto ele conversava com a filha de outro político.

— Santino, — disse uma voz familiar e Dolora apareceu ao meu lado. — Sairei para os jardins em um pequeno passeio. Por que não pega um pouco de ar fresco também?

Não olhei para ela. — Estou bem aqui. Você precisa encontrar outra pessoa para pegar ar fresco. Não estou mais no mercado.

— Você tem alguém?

— Sim.

A palavra saiu dos meus lábios sem hesitação. Mesmo sabendo que não poderia manter Anna a longo prazo, a tinha agora e não queria mais ninguém. Por quanto tempo a tivesse, seria fiel.

— Bom para ela, — disse ela com um encolher de ombros, em seguida, saiu.

Peguei o olhar de Anna do outro lado da sala. Claro, ela me viu conversando com Dolora. Deu-me satisfação saber que ela estava com ciúmes.

Ela me deu um sorriso rápido antes de voltar seu foco para sua conversa. Arrastei meus olhos para longe e notei Clifford saindo da sala. A garota com quem ele estava falando havia sumido também.

Vinte minutos depois, a garota voltou e alguns minutos depois Clifford a seguiu. Andei em sua direção quando notei que sua braguilha ainda estava aberta e uma pitada de maquiagem manchava sua camisa branca. — Que tal você ir ao banheiro se limpar antes que alguém perceba alguma coisa? — Rosnei. Ele olhou para sua camisa e me deu um sorriso tenso antes de sair.

Anna apareceu ao meu lado com um sorriso muito brilhante. Odiava esses sorrisos falsos que ela colocava sempre que estava perto da família de Clifford. Claro, ela notou que Clifford desapareceu com aquela garota. Não gostei de como ele a desrespeitou abertamente, o que nem fazia sentido, considerando que

Anna estava transando comigo também.

Anna apontou para as portas francesas. — Preciso de um pouco de ar fresco.

Balancei a cabeça e a segui para fora. Quando se virou para mim, sabia que ela tinha outras coisas em mente além de tomar ar fresco. Ela deu um passo mais perto e me deu um sorriso tímido. — Que tal fazermos travessuras na casa da piscina?

— Isso é para castigar Clifford ou porque você está com tesão?

— Isso importa?

Importava. O pensamento de que Anna sentia o tipo de ciúme por Clifford que eu sentia por ela me fez sentir uma merda. Caramba. Quando não disse nada, ela sussurrou: — Estou com tesão, ok? Não tivemos tempo um para o outro há quase uma semana.

Lhe dei um sorriso, embora ainda estivesse refletindo sobre suas razões para querer foder agora. — Então mostre o caminho.

Anna sorriu antes de seguir por um caminho pavimentado mais distante do pátio. A segui como um bom guarda-costas. Ela sabia exatamente para onde ir. Claro, me lembrava da casa da piscina também. Dolora me trouxe aqui também.

Anna empurrou a maçaneta da porta, mas a casa da piscina estava fechada. Peguei minha faca e a enfiei na fechadura até a porta se abrir. O sorriso de Anna tornou-se francamente travesso. Ela estendeu a mão e depois de uma breve varredura do nosso entorno, a peguei e a deixei me levar para dentro.

O lugar ainda era como me lembrava. Anna não hesitou e me arrastou propositalmente para o quarto.

— Sério? O quarto de Cliff? — Murmurei.

Anna deu de ombros. — Ele não está mais morando aqui. Sinto falta de dividir uma cama com você. Essa parece confortável.

— Você não testou com Cliff?

Não tinha certeza porque falei isso quando sabia que Anna não esteve com ele. Não podia evitar meu ciúme.

— Não estrague o clima. Não sabemos quanto tempo temos. Talvez Clifford ou Dolora precisem do local para suas atividades em breve.

A agarrei pelos quadris. — Eu odeio a ideia de você me usar para se vingar de Clifford, mas te quero muito para deixar isso me parar.

Anna ficou na ponta dos pés e me beijou com firmeza, mas ainda estava chateado. Me afastei com um sorriso áspero.

— Seja uma boa menina e fique de joelhos.

Anna se ajoelhou lentamente, sem tirar os olhos de mim. Será que ela percebia o quão louco me deixava com essa expressão?

Anna abriu o zíper da minha calça. Enfiei minha mão em seu cabelo, puxando-a em direção ao meu pau esperando. Ela separou o lábio e me levou em sua boca, seus olhos presos nos meus e aquele sorriso provocante ainda torcendo seus lábios. Olhei para ela, sentindo uma forte sensação de possessividade que não conseguia banir. Anna era minha, era para ser minha. Eu cerrei meus dentes contra um gemido, meus dedos apertando o cabelo de Anna. Ela arrastou sua língua ao redor da minha ponta antes de me levar profundamente em sua boca.

Gemi, meus dedos se contraindo. Precisava de mais, mais de Anna. Agarrei seus ombros e a puxei para seus pés.

Eu a beijei duramente, ainda com raiva, mas me recusei a me concentrar nisso agora. Deslizei a mão sob a saia de Anna e empurrei sua calcinha para baixo, em seguida, a empurrei de costas antes de subir em cima dela e meter em um impulso duro.

Anna arqueou com um gemido, em seguida, mordeu o lábio, abafando o som. — Precisamos ficar quietos, certo? — Ela riu.

Estendi a mão entre nós, encontrando seu clitóris e belisquei, querendo arrancar outro gemido.

Anna me deu um olhar indignado, apertando os lábios com força. — Você quer que sejamos pegos?

Empurrei mais forte, mais fundo, meus dedos trabalhando mais rápido nela. Se alguém nos encontrasse, Dante me puniria severamente. Mas valeria a

pena.

Anna beliscou a pele sobre meu bíceps em advertência.

Eu colidi nossas bocas, engolindo seu próximo gemido.

Eu não espalharia rumores sobre Anna assim, não por minhas próprias necessidades egoístas. Se quisesse impedir o casamento, teria que descobrir outra maneira.

Depois do sexo, endireitamos nossas roupas.

Anna reaplicou o batom. Batom que esfregou em todo o meu pau.

— Você vai garantir que Cliff saiba o que aconteceu?

Anna me lançou um olhar confuso por cima do ombro. Então suas sobrancelhas se juntaram. — Por que deveria?

Não disse nada, apenas fechei meu cinto e me certifiquei de que meu coldre estava no lugar. Não queria voltar a essa farsa de festa e ficar parado enquanto Anna conversava com os Clark, especialmente Clifford.

Anna percebeu, é claro, e veio em minha direção. Ela passou os braços em volta da minha cintura. Nós não nos abraçávamos assim desde Paris. Dei um beijo em seus lábios, sem me importar se manchasse seu batom novamente.

— Por que você está zangado? — Ela sussurrou entre beijos. — Você sempre soube que eu estava prometida a Clifford. Nada mudou. Você sabe que podemos ficar juntos em segredo. Como meu guarda-costas, terá que me ver interagir com Clifford. Isso não vai mudar.

Provavelmente só iria piorar.

— Estou chateado porque no passado sempre era eu quem conseguia separar sexo e emoções. Era eu que tinha que dizer às mulheres que isso só poderia ser diversão e que não corresponderia aos sentimentos delas. É uma experiência nova estar do outro lado pela primeira vez, e não muito agradável.

Eu tinha acabado de admitir que não podia fazer o que precisava ser feito, enfiar meus sentimentos no canto mais escuro do meu coração e trancá-los.

Anna engoliu. — Santino, você não é o único que tem dificuldade em separar sexo e emoções, ok? Mas nós dois sabemos que temos que lutar contra o

que achamos que estamos sentindo. — Anna desviou o olhar.

— Eu sei disso. Mas quanto mais tempo fazemos isso, mais difícil fica. Talvez devêssemos ter seguido o plano e parado de foder quando voltamos para Chicago.

Era pouco mais do que isso neste momento. Não podíamos sair em encontros. Tínhamos que nos encontrar em cantos escuros com desculpas esfarrapadas. O que parecia algo mais, como... porra... como namorar em Paris agora parecia um caso obscuro.

Anna fechou os olhos. — Não quero parar o que temos, já sinto falta do que tínhamos e não podemos ter em Chicago.

Inclinei-me e enterrei meu nariz em seu cabelo. — Mais seis meses, então você será de Clifford.

— Mas ainda não sou dele, não agora. Sou sua.

— Minha, — repeti. — Mas só por pouco tempo.

— Não é melhor do que nunca ter o que tínhamos e ainda temos?

Eu não tinha certeza.

Capítulo 26

SANTINO

Arranjar tempo um para o outro era quase impossível agora que as responsabilidades sociais de Anna aumentaram até o casamento. Nas últimas quatro semanas desde a nossa chegada em Chicago, conseguimos foder no carro quatro vezes e uma vez na festa. Era isso.

Raramente tínhamos tempo para conversar. Nunca pensei que sentiria falta de conversar com uma mulher, mas realmente sentia falta da nossa conversa quando estávamos acordados em Paris.

Depois de outra rapidinha no carro a caminho de uma floricultura para o casamento, Anna e eu nos permitimos alguns minutos da companhia um do outro no banco de trás.

— Você tem planos para o futuro? — Anna perguntou de repente. Olhei para sua cabeça onde descansava contra o meu peito.

— Que tipo de planos? — Eu tinha desistido de fazer planos desde que as coisas com Anna começaram, mas mesmo antes disso preferia viver o momento, o que era sábio considerando minhas escolhas de vida.

Anna inclinou a cabeça para olhar para mim. — Você nunca quer se casar e ter filhos? Você tem mais de trinta agora.

Ela estava falando sério? Eu a encarei. — Talvez quando você estiver casada. Enquanto estiver te fodendo, parece insensato procurar uma esposa para mim. Minha vida está em espera por você.

Anna empurrou em uma posição sentada, seu rosto se contorcendo. — Como se uma esposa fosse impedi-lo de me foder.

— Se eu tiver uma esposa, serei fiel.

Anna pareceu surpresa. — Você transformou várias mulheres em traidoras.

— Não as transformei em nada. Elas estavam procurando diversão fora do casamento e lhes ofereci diversão.

Anna assentiu, mas ainda parecia confusa. — Então você está adiando o casamento por minha causa?

Ela estava se fazendo de boba de propósito? Minha vida inteira esteve em espera nestes últimos três anos. Tudo girava em torno dela, seu futuro. Eu rolei em cima dela novamente. — Cada merda que fiz nestes últimos anos foi por sua causa Anna. Você é o maldito sol que estou circulando.

Os olhos de Anna suavizaram. — Você não pode colocar sua vida em espera por mim. Vou me casar com Clifford. Não posso ser sua. Talvez devesse começar a procurar alguém para se casar.

Isso era realmente algo que ela queria? Que eu encontrasse outra pessoa? Me acomodei entre suas pernas e lentamente entrei nela. Seus lábios se separaram quando ela exalou.

— Você é minha por enquanto. É o bastante.

Não era, e esse triste fato se tornava mais evidente a cada dia que passava.

Eu queria Anna.



Era minha noite de folga e decidi me encontrar com Arturo, cancelando um jantar de última hora com papai e Frederica. Sabia que eles tentariam me questionar sobre meu caso com Anna. E não queria ouvir seus conselhos. Desisti de ser razoável no que dizia respeito a Anna.

Arturo era o homem para ser irracional e quando queria evitar perguntas sobre minhas emoções.

Fui com meu Camaro até a casa de Arturo. Sentia falta enquanto estava em Paris e mesmo agora raramente tinha a chance de dirigi-lo. Quando parei na frente da casa de Arturo, ele já estava do lado de fora no beco abandonado.

Saí e me juntei a ele. — Olá, como vai? — Bati em seus ombros, o que só

me rendeu um breve olhar espantado e nenhuma resposta.

Arturo apontou para uma pilha de pacotes esperando ao lado da porta. Peguei um, que era surpreendentemente pesado. Segui Arturo, que carregava uma caixa menor, até os fundos de seu loft – na verdade era apenas um armazém que ele escolheu como habitação, provavelmente porque aqui no distrito industrial ninguém dava ouvidos a ocorrências estranhas. Coloquei o pacote no balcão da cozinha, todo de aço inoxidável. Não tinha certeza se Arturo já tinha usado para cozinhar. Isso me lembrava um necrotério. — O que você pediu? Tijolos?

Arturo abriu seu pacote, revelando coleiras pontiagudas e algo que parecia uma máquina para etiquetar orelhas de vaca. O meu tinha kettlebells. Não admira que estivesse tão pesado. — Suponho que você não encomendou isso porque vai adquirir um cachorro, começar a trabalhar em uma fazenda ou instalar uma academia em casa?

Arturo ergueu os olhos das coleiras. — Decidi mudar um pouco.

— Então você invadiu uma loja de animais?

— Humanos torturam animais de muitas maneiras. Acho apropriado usar alguns desses dispositivos para torturar certos humanos.

Uma imagem de Cliff com tal coleira me veio à mente. — Você tem cerveja?

Artur deu de ombros. — Olhe na geladeira.

Passei por ele e abri a geladeira. Estava abastecida com cerveja, cachorros-quentes, mostarda e pepinos em conserva. Sempre ficava feliz quando encontrava apenas comida e bebida na geladeira de Arturo. Peguei uma cerveja, abri e tomei um grande gole.

— Tenho pensado em matar Cliff.

Arturo me deu um olhar vazio.

Sorri. Esse era Arturo. Ele apagava coisas sem importância assim que passavam por seus ouvidos.

— Clifford Clark.

Isso finalmente chamou sua atenção. Ele pegou uma cerveja para si, então se inclinou contra o balcão na minha frente. — Qual é o plano?

Ri. Claro, Arturo estava pronto para entrar em ação. — Ainda não cruzei a linha fazendo planos detalhados.

— Se veio até mim para falar sobre isso, obviamente não quer ser desencorajado.

Ele tinha um ponto. Se quisesse que alguém me incutisse bom senso, Arturo era a escolha errada. Ele era muito ansioso por sangue.

— Podemos fazer com que pareça um acidente.

— Ninguém vai acreditar nisso. A família dele vai culpar a Outfit e Dante vai procurar possíveis suspeitos, e tenho a sensação de que, no final das contas, isso será ligado a mim.

Sem mencionar que Anna provavelmente suspeitaria. E duvidava que ela ficaria feliz comigo se matasse Cliff. Ela o escolheu. Ela queria ir adiante com este casamento. Ninguém realmente a forçou. Se dissesse a seus pais que não poderia continuar com isso, eles não a forçariam. E se alguém tentasse forçá-la, eu seria o primeiro a colocar uma bala na cabeça de Clifford para impedir o casamento.

Se Anna achava que eu não valia o risco, então com certeza não a forçaria a me escolher.

ANNA

Santino me viu interagir com Clifford como um leão à espreita. Seu corpo inteiro estava explodindo de tensão e em seus olhos o desejo de pulverizar Clifford era inconfundível.

Clifford e eu demos as mãos e sorrimos para as câmeras, interpretando o casal feliz que não éramos e provavelmente nunca seríamos.

— Um beijo para a câmera? — Um jornalista gritou e, antes que pudesse

reagir, Clifford se inclinou e me beijou. Foi apenas um beijo nos lábios, definitivamente nada indecente, mas mais longo do que eu gostaria, e fez coisas à expressão de Santino que teriam alertado a todos sobre nosso relacionamento se alguém tivesse prestado atenção.

Limpei a garganta e sorri de volta para a câmera. A culpa se instalou no meu estômago. Senti como se estivesse traindo Santino, mas ele e eu não estávamos... não podíamos estar. Mesmo que o que tínhamos agora parecesse uma coisa real, tipo mais do que apenas uma aventura, não tinha chance contra o que estava à nossa frente. Eu me casaria com Clifford, então deveria me sentir culpada por ele, porque o que Santino e eu fazíamos era definitivamente mais do que um beijo inocente nos lábios.

Clifford e eu ficamos de mãos dadas o tempo todo. Faltando apenas cinco meses para o nosso casamento, precisávamos começar a agir como se estivéssemos apaixonados. Nenhuma de nossas famílias precisaria de boatos desagradáveis na imprensa.

Eventualmente, fingi que precisava ir ao banheiro, mas na verdade fui procurar Santino, que encontrei no saguão, sentado na escada e olhando para o telefone.

— Você não deveria estar me vigiando? — Perguntei com um sorriso provocante enquanto me dirigia para ele.

— Os guarda-costas de Clifford estão lá, para não mencionar seu pai. Prefiro ficar aqui, longe da loucura.

Parei ao lado dele, encostada no corrimão. — Você está louco?

— Por que estaria? Hum? — Ele murmurou com uma voz mortal. — Por que você e Cliff estão todo amorzinhos?

— Ele me pegou de surpresa. Eu não o teria beijado.

— Por que não? Vocês estão noivos e são o futuro casal dos sonhos de Chicago.

— Você sabia de tudo isso quando começamos a dormir juntos, — disse baixinho.

Era uma discussão que tivemos muitas vezes nas últimas semanas. As coisas estavam ficando mais tensas a cada dia. Brigávamos constantemente, e só nunca discutíamos quando fazíamos sexo.

— Dormindo juntos. Isso é tudo que estamos fazendo? Porque se você acha que é, podemos chamar de foda.

Pisquei e minha garganta ficou mais apertada. Não tinha certeza do que estava acontecendo entre nós. Embora, isso não fosse verdade. Talvez estivesse prestes a acontecer, talvez precisasse acontecer para que nosso eventual adeus não doesse tanto. — Você sabe que é mais. — Afundei ao lado dele no degrau, mas deixei um pouco de distância entre nós, caso alguém nos pegasse.

Santino agarrou meu pescoço, me atordoando. — Eu sei. Eu sei o que quero. Eu sei o que sinto. E você?

Engoli em seco. — Tenho que me casar com Clifford. É pela Outfit, você sabe disso. Não me faça duvidar da minha escolha.

Ele assentiu e me soltou. — Talvez seja sobre a Outfit, ou talvez seja sobre outra coisa. Se você ainda não está duvidando de sua escolha, provavelmente é melhor não se incomodar agora.

— O que você quer dizer?

A porta se abriu e nos afastamos, mas não antes que a pessoa nos visse. Por sorte era apenas Sofia. Seus olhos se arregalaram de surpresa. — Me desculpe por incomodá-los.

Levantei. — Você não está. Nossa conversa acabou. — Andei até Sofia. Podia ver em sua expressão que ela se preocupava comigo. Dei-lhe um sorriso rápido. — Você está indo para o banheiro?

— Uhhh, — disse ela, olhando para Santino, obviamente ainda sem saber o que viu. Santino e eu não estávamos muito próximos, mas acho que o que quer que estivesse acontecendo entre nós nos entregou a Sofia. — Sim. E você?

— Preciso ir ao banheiro também. — Nós demos os braços e fomos para o banheiro de hóspedes, onde nós duas nos espremos no reservado. Sofia esperou que eu fechasse a porta antes de dizer: — Ok, há quanto tempo isso está

acontecendo?

Sorri me desculpando, embora sentisse um pouco de vontade de chorar depois da minha discussão com Santino. — Desde Paris.

Sofia soltou a respiração. — Desde o início.

— Sim.

—Ah Anna. Por que não me contou?

— Teria sido muito perigoso por telefone.

— E as vezes que nos encontramos em festas?

Dei de ombros, me sentindo horrível. — Eu só... eu não queria te contar sobre algo que realmente não significava nada.

Sofia me deu um olhar que deixou claro que achava que eu era completamente louca.

Passos soaram bem na frente da porta e ficamos em silêncio. Este foi um bom lembrete de que esta era a casa dos Clark. Não estávamos seguras aqui, especialmente não com um tema tão delicado como este.

— Podemos nos encontrar para o brunch amanhã? — Perguntei.

— É claro. Danilo estará ocupado com a reunião de qualquer maneira. Mas chega de mentiras, está bem?

Eu a abracei. — Prometo.



Sofia veio na manhã seguinte. Danilo tinha uma reunião com papai em seu escritório então poderíamos ir juntas ao restaurante. Estava feliz que ela ficaria na cidade por mais alguns dias. Precisava do apoio dela. Considerei convidar Luisa para se juntar a nós, mas teria sido muito difícil enfrentar as duas inquisições ao mesmo tempo. Me encontraria com ela outra hora para falar sobre Santino. Ela estava ocupada com os preparativos do casamento de qualquer maneira, então não queria sobrecarregá-la com meus problemas sobre Santino.

Sofia e eu fomos tomar um brunch no meu restaurante preferido onde serviram os melhores waffles belgas. Claro, Santino nos levou até lá, então a viagem até o restaurante transcorreu em silêncio, exceto pela interação profissional ocasional entre Santino e o guarda-costas de Sofia, que estava sentado de carona.

Santino foi esperto o suficiente para nos dar algum espaço e se acomodou longe da nossa mesa ao lado da entrada do bistrô.

Bebi meu café preto e belisquei minha salada de frutas. Na próxima semana iria comprar o vestido de noiva, então não queria arriscar ganhar peso. Sem mencionar que eu raramente sentia muita fome. O estresse com Santino e o casamento iminente estavam cobrando seu preço.

Sofia me observou por cima de seus waffles, em seguida, lançou um olhar rápido para Santino, que estava sentado em uma mesa com seu guarda-costas do outro lado da sala para nos dar privacidade.

— Você realmente acha que pode continuar com o casamento?

A cada dia tinha um pouco menos de certeza de que conseguiria, mas estávamos a apenas cinco meses do casamento. O local havia sido reservado, os convites foram enviados, o bufê encomendado, até as flores, o bolo e as decorações. A única coisa que faltava era meu vestido de noiva, que tinha evitado comprar até agora.

Cancelar o casamento agora causaria uma grande reação. Os Clark ficariam muito ofendidos e possivelmente descontariam na Outfit. Mesmo que suas opções de vingança fossem limitadas, não queria causar problemas à minha família ou à Outfit. Sem falar que Santino e eu teríamos que admitir nosso relacionamento. Papai e mamãe ficariam muito descontentes, para dizer o mínimo.

Sofia suspirou. — Essa é uma pausa muito longa, Anna.

— Eu preciso. Não posso voltar atrás agora. Clifford não é ruim. Ele é bonito, inteligente, determinado. Essas são todas as boas qualidades que apreciarei em um casamento.

— Pode ser. Ou talvez se ressinta dele porque lhe custou o amor da sua vida.

Revirei os olhos. — Isso é um pouco melodramático. Nunca disse que estava apaixonada por Santino. Dormimos juntos nos últimos três anos, mas não estamos em um relacionamento real. — Então dei de ombros. — Talvez Clifford se divorcie de mim depois de alguns anos, então estarei livre.

— Duvido que ele arrisque sua carreira se divorciando cedo, e entrar em um casamento esperando um divórcio rápido não é uma boa opção. E Santino provavelmente estará casado até lá também.

O pensamento de Santino casado com alguém me cortou. Claro, eu queria que ele fosse feliz, mas perdê-lo para outra mulher seria incrivelmente doloroso. Ainda assim, não podia continuar segurando-o. Isso não seria justo com ele.

Sofia suspirou. — Pense nisso. Não se apresse nas coisas por causa de uma compreensão errada do dever. Seus pais entenderiam.

Levantei uma sobrancelha. — Você realmente acha que meus pais seriam compreensivos quando lhes dissesse que Santino e eu estamos transando há anos pelas costas deles?

Sofia soltou uma risada sufocada. — Eles provavelmente ficarão um pouco zangados, especialmente com Santino.

— Não tenho certeza se quero arriscar tudo. Quem disse que Santino e eu seríamos felizes se pudéssemos ficar juntos? Não há garantia. Seria egoísta da minha parte arriscar um grande escândalo pela pequena chance que Santino e eu deveríamos estar juntos.

Sofia deu de ombros, ainda não convencida. — Talvez então seus sentimentos por ele realmente não sejam fortes o suficiente e é melhor se lhe der a chance de seguir em frente, para que também possa seguir em frente com Clifford.

Capítulo 27

ANNA

Santino ficou no carro em frente à loja quando fui ao meu primeiro compromisso na loja de noivas com mamãe, Sofia e Luisa. Só o guarda-costas de Sofia se juntou a nós lá dentro porque Danilo estava sempre particularmente vigilante.

— Achei que você desenharia seu próprio vestido, — disse Sofia enquanto eu navegava pelos vestidos expostos.

Sempre achei isso também, mas por alguma razão, não conseguia fazê-lo. Não me sentia nem um pouco inspirada.

Mamãe se juntou a mim e apontou para um lindo vestido clássico com renda. — Acho que você ficaria linda nesse.

Na verdade, era um dos meus favoritos dos vestidos que tinha visto até agora.

— Vou experimentar.

Trinta minutos depois, saímos da loja de noivas, e escolhi o vestido que mamãe havia sugerido. Era lindo, elegante e me fazia sentir bonita.

A vendedora me perguntou ‘Se eu senti o vestido’.

Não tinha certeza do que ela queria dizer. Era bonito e faria as pessoas me admirarem. Mas fui inundada por sentimentos quando o coloquei?

Não. Não que eu esperasse. Este casamento não era sobre emoções, e tinha perdido a esperança de que pudesse ser.

Santino e eu nunca conversamos sobre o vestido de noiva ou o casamento. Desde a nossa última discussão, ignoramos o assunto completamente, mas mesmo nossos encontros sexuais se tornaram poucos e distantes entre si. Isso parecia um rompimento prolongado que estava magoando a ambos.



Fui ao meu último compromisso na loja sozinha. Esta era a minha penúltima prova, e simplesmente não estava com vontade de compartilhá-la com minha mãe ou qualquer outra pessoa. Odiava quando todas olhavam para o meu rosto e esperavam ver algo que não estaria lá.

Santino esperou na frente da loja. A montagem ocorreu em um vestiário separado na parte de trás.

Quando a vendedora me ajudou a colocar o vestido, pedi que me deixasse um pouco. Mal podia suportar sua tagarelice constante. Sabia que ela tinha boas intenções, e provavelmente seria exatamente o que uma noiva animada e feliz precisava, mas eu queria silêncio.

Olhei para mim mesma no espelho do vestiário. A costureira tinha feito um trabalho maravilhoso. O vestido me serviu perfeitamente. Passei meus dedos sobre a parte do espartilho. Tentei me imaginar andando pelo corredor em direção a Clifford naquele dia, mas minha mente sempre mudava o homem esperando na frente para Santino. Odiava meu cérebro por brincar comigo assim.

Podia ouvir passos pesados.

A porta se abriu e Santino entrou no vestiário. Ele e eu congelamos. Seus olhos me examinaram da cabeça aos pés.

— Você não deveria me ver, — rebati quando ele fechou a porta atrás dele, nos trancando.

Ele levantou uma sobrancelha sarcástica. — Não sou o noivo.

— Certo. — Dei de ombros. Minha garganta ficou apertada. Um sentimento do qual queria me livrar o mais rápido possível. — Ainda assim. Quero que seja uma surpresa para todos no dia do meu casamento.

Seus olhos me consumiram de uma forma que me fez sentir incrivelmente quente. — Você está linda, mas deveria ter desenhado seu vestido. Você é talentosa demais para usar o design de outra pessoa.

Surpresa tomou conta de mim. Essa foi a coisa mais legal que Santino me disse em semanas e me acertou em cheio. Eu ainda estava autoconsciente sobre meus designs de moda, especialmente algo tão importante quanto um vestido de noiva.

— Teria demorado muito. E não acho que Clifford teria notado a diferença.

Ele se inclinou contra a porta e enfiou as mãos nos bolsos. — Eu notaria. Seus designs sempre têm um toque especial. Sensualidade sofisticada.

Soltei uma risada. — Sensualidade sofisticada? Nunca pensei que chegaria o dia em que meu guarda-costas taciturno e sarcástico falaria assim.

— Nunca pensei que chegaria o dia em que você escolheria o vestido para o seu casamento com Cliff.

O silêncio se espalhou entre nós como uma camada sufocante de cinzas após a erupção de um vulcão. — Por que não? — Minha voz estava estranhamente tensa.

Seu olhar parecia me despir. Meus próprios olhos viajaram sobre seu peito musculoso. Meu corpo explodiu com arrepios e um calor familiar se reuniu entre minhas pernas. Concentrei-me na reação do meu corpo a ele, tentando desesperadamente ignorar meu coração. Eu desejava Santino. O desejo era fácil de lidar. Fácil de satisfazer. Muito mais fácil do que o desejo de um coração.

Eu não queria desejar Santino. Ele foi concebido como uma maneira de diversão antes do casamento. Uma maneira descomplicada e segura de me divertir.

E maldição eu tinha me divertido.

Santino me deu um sorriso lento e confiante que sugeria que ele sabia exatamente o que eu estava pensando. Era o sorriso que sempre me deixava com os joelhos fracos e me irritava infinitamente ao mesmo tempo. Só Santino podia fazer isso.

— Você quer alguns últimos orgasmos antes de ter um coito medíocre com Cliffy?

Suas palavras doeram, mas não lhe daria a satisfação de demonstrar isso.

Talvez ele estivesse chateado por me casar com Clifford. Mas nunca menti para ele. Ele sabia as regras do nosso vínculo desde o início. Ou talvez fosse sua maneira de lidar com essa situação impossível que estava afetando a nós dois.

— Você realmente foderia a noiva de outro homem em seu vestido de noiva?

Santino se afastou da porta e andou em minha direção. Minhas entranhas se apertaram de desejo pelo fogo em seus olhos. — Já fiz muito pior, Cheri.

O francês de Santino ainda era horrível e eu sabia que ele mantinha assim para me irritar. — Não duvido.

Ele parou bem na minha frente e olhou para mim. Ele estendeu a mão por baixo da bainha do meu vestido curto até encontrar minha calcinha. Pedi para a costureira encurtar um pouco o vestido na frente para deixá-lo um pouco mais exclusivo, agora dava a Santino melhor acesso.

Enrijeci. — Santino, preciso usar essa calcinha no dia do meu casamento.

Seu sorriso tornou-se pecaminosamente desafiador. — E você não quer que o pobre Cliff abaixe a calcinha que seu desejo por mim manchou antes? Lave-a. Ele não vai saber.

Eu o encarei.

— Você tem razão. Não devemos insultar Cliff desse jeito.

— Se dependesse de você, colocaria uma bala na cabeça dele.

— Se dependesse de mim, — ele murmurou enquanto se ajoelhava. Ele agarrou minha calcinha e lentamente a puxou para baixo, seus olhos me desafiando a dizer pare.

Em vez disso, o ajudei levantando meus pés. Ele cuidadosamente dobrou a peça de roupa frágil e colocou-a no chão ao lado dele. Então deslizou a mão sob o meu vestido novamente, agarrando minha bunda e enfiando sua cabeça sob a saia. Sua língua mergulhou entre minhas dobras.

Afundei meus dentes em meu lábio inferior, minhas mãos pousando em sua cabeça através das camadas da minha saia. A vendedora não voltaria a menos que eu pedisse, mas isso ainda era arriscado, pura loucura, e parecia

errado em um nível que não conseguia colocar em palavras.

Me observei no espelho, a luxúria nebulosa em meus olhos, meu peito arfante e bochechas rosadas. Então meu olhar caiu para a forma semioculta de Santino, escondido debaixo do meu vestido de noiva. Um sorriso amargo torceu minha boca. Muitos anos atrás, havia condenado Santino e as esposas traidoras pelo que faziam, e hoje deixava Santino me comer em meu vestido de noiva, apenas um mês antes do meu casamento. Eu era realmente muito diferente?

Talvez ele não se importasse se eu tivesse outros homens antes do nosso casamento, mas duvidava que ficasse feliz em descobrir que fodi outro homem com a calcinha e o vestido que escolhi para o nosso casamento. Afastei o pensamento. Não queria pensar nisso agora.

Santino agraciou meu clitóris com os dentes, me fazendo suspirar. — Não me diga que está pensando em Cliff enquanto lambo sua boceta.

Não da maneira que ele sugeria. Provavelmente imaginaria Santino pelo resto da minha vida enquanto Clifford e eu fossemos íntimos.

— Não pare, — disse suavemente, quase suplicante.

Santino expirou antes de deslizar a língua ao longo da minha fenda mais uma vez. Não conversamos mais e a boca e a língua de Santino foram quase cuidadosas e reverentes em sua exploração. Isso parecia um adeus. Todo sexo seria um adeus agora? Cada toque embebido em melancolia?

O dedo de Santino roçou meus lábios inferiores enquanto seus lábios seguravam meu clitóris suavemente. Apenas a ponta de seu dedo provocava minha abertura, circulando lentamente. Agarrei sua cabeça desesperadamente, mas nunca tirei os olhos do meu reflexo.

— Santino, —sussurrei. Ele respondeu ao meu apelo ofegante com um impulso profundo de seu dedo e logo estabeleceu um ritmo lento e constante que combinava com seus lábios ao redor do meu clitóris.

— Por favor, — sussurrei. Nunca implorei por um orgasmo, e isso parecia que eu estava pedindo muito mais.

Santino deslizou um segundo dedo em mim ao mesmo tempo em que

chupava meu clitóris com força.

Gozei com um pequeno estremecimento, meus quadris balançando levemente.

— Esta não foi a explosão que planejei, — Santino disse enquanto saia debaixo do meu vestido. Seu cabelo estava desgrenhado, seus lábios brilhantes e o rosto vermelho pela falta de oxigênio.

Santino se levantou e se inclinou pressionando um beijo em meus lábios, permitindo-me provar a mim mesma. Comecei a afundar para retribuir, mas as mãos de Santino em meus braços me detiveram.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Vou fazer uma bagunça no seu vestido, e acho que devemos parar agora. Porra, você está quase casada e neste vestido, já poderia estar.

— Ainda não sou casada, Santino. Clifford e eu sempre concordamos que tudo o que acontecesse antes de nos casarmos não seria traição. Ele teve muitas garotas, então definitivamente não pode ficar com raiva de mim por estar com você.

Santino balançou a cabeça, seus olhos escuros me fixando. — Nunca poderia compartilhá-la se tivesse sido prometida a mim. Eu queimaria de ciúmes. Teria que matar todos os homens que te tocassem.

— Mas em quatro semanas, vai me dividir com Clifford. — Não tinha certeza porque disse isso. Nunca quis me tornar uma traidora, e não achava que teria isso em mim. Talvez Clifford concordasse em um relacionamento aberto onde ambos tivéssemos outros parceiros, mas traição?

Santino balançou a cabeça novamente. — Não, não vou.

— Não?

— Isso vai parar quando você estiver casada, Anna. Talvez até antes disso, se eu conseguir parar de te querer mais do que o ar. Não posso mais fazer isso. Você quer Clifford. Isso é bom. Você está tentando fazer o que é melhor para sua família, e farei o que é melhor para mim. Clifford tem seus próprios guarda-costas e seu pai concordou em escolher outra pessoa para sua proteção adicional.

— Você não será mais meu guarda-costas? — Frio se instalou em meus ossos e um pânico que eu não conseguia explicar. De alguma forma esperava que ele continuasse me protegendo porque desistiu de seu trabalho como Executor por mim. Fui ingênua e talvez tenha tentado proteger meu coração da dura realidade do nosso futuro.

— Não.

A palavra ecoou entre nós. Santino olhou nos meus olhos e pude sentir sua determinação, mas também uma dor profunda que conhecia muito bem.

Balancei a cabeça e toquei seus ombros. Nós olhamos um para o outro. — Você tem razão. Talvez devêssemos parar agora.

— Deveríamos. — Santino deu um passo para trás e meu peito se apertou com tanta força que tive medo de desmaiar.

Limpei a garganta, tentando me livrar do nó na garganta. — Preciso me arrumar agora.

Santino assentiu, sua expressão tornando-se a que eu lembrava do passado. Um pouco condescendente e dura. — Não se esqueça de lavar bem a calcinha antes do casamento.

Reagi por sua vez. — Tenho certeza que Clifford não vai se importar se eu não usar calcinha.

Santino virou-se e saiu.

A porta se fechou atrás dele. Agarrei a moldura do espelho, precisando me equilibrar. Sentia como se um buraco tivesse se aberto na minha frente e quisesse me sugar. Estava meio que pensando em deixar isso acontecer.



Uma barreira invisível foi construída entre Santino e eu desde nossa conversa na loja de noivas uma semana atrás. Nós não tínhamos dormido juntos novamente. Mantivemos a distância com a qual concordamos, mas até agora eu

não ansiava menos por ele. Uma semana era muito pouco tempo para esquecer o que tivemos. Concentrei-me no meu aborrecimento em relação a ele.

Santino andava alguns passos atrás de mim. Não conseguia nem olhar para ele. Eu me sentia culpada porque ele tinha que me acompanhar a um almoço com Clifford, mas ao mesmo tempo com raiva porque ele queria que eu me sentisse culpada. Ele me culpava por algo que sabia desde o início. Nunca menti para ele. Nós dois sabíamos que nosso relacionamento tinha uma data de validade. Três semanas. Ou talvez já tivesse expirado. Definitivamente me sentia assim.

Entrei no restaurante. Clifford e dois guarda-costas já estavam lá.

— Claro, Cliffy precisa de dois guardas para proteger sua bunda mimada, — Santino murmurou baixinho.

Suas palavras acenderam o fogo da minha raiva dele, de mim, da situação, até mesmo de Clifford. Virei-me para ele, assobiando: — Pare de insultar Clifford. Cresça e supere seu orgulho ferido. Vou me casar com ele, aceite e siga em frente.

A expressão de Santino tornou-se pedra, mas seus olhos enviaram outra pontada de culpa através de mim antes que também se tornassem duros e frios.

Ele assentiu uma vez. — Estarei no canto fazendo meu trabalho.

Com um sorriso rígido, fui até Clifford e o cumprimentei com um beijo rápido na bochecha antes que ele pudesse me beijar nos lábios, então me sentei na frente dele.

Seus olhos azuis voaram entre mim e Santino.

— Está tudo certo?

— É claro. Meu guarda-costas está apenas contando os dias até se ver livre de mim. Ele odeia o trabalho.

Clifford estreitou os olhos em pensamento. — Você é uma mentirosa muito boa, mas ele carrega suas emoções na manga. Ele vai causar problemas?

Meu sorriso ficou mais estreito. — Você pode parar de me perguntar isso. Já disse que ele não vai. Vamos falar sobre o motivo desta reunião.

— Surgiram algumas preocupações de segurança em relação ao casamento, então podemos ter que mudar o local para evitar um incidente.

Minha boca se abriu. — Você quer mudar de local três semanas antes do nosso casamento?

— É necessário. Meu pai está muito preocupado com a segurança dele e possivelmente com a minha.

— Essa é a razão para os dois guardas? — Ele assentiu.

Me inclinei para frente. — Isso é por causa da postura pró escolha de seu pai?

— É. Ele recebeu várias ameaças a sua vida desde então e porque estou do lado dele sobre isso, também as recebi.

— Você está se casando com a máfia. Este casamento será seguro, não se preocupe. Meu pai providenciou as medidas de segurança mais altas possíveis.

— Ainda assim, o local é de conhecimento público há muito tempo. Uma mudança de última hora tornará os planos de ataque ainda mais difíceis.

— Se alguém quer matar seu pai e você, não escolherão um casamento da máfia para isso. Mesmo um fanático escolherá uma opção mais bem-sucedida.

— Seria uma declaração muito pública.

— Toda vez que alguém te atacar ou a ele será uma declaração pública.

Peguei Santino se movendo pela sala. Ele estava correndo como um louco, sua arma em punho.

Nossos olhos se encontraram e nos dele, notei pura determinação, mas também medo em branco. Um tiro atravessou a sala, e sangue espirrou no meu rosto. Santino colidiu comigo, me jogando no chão, derrubando minha cadeira. Caí no chão, meus ouvidos e cabeça zumbindo com o impacto. Santino me protegeu com seu corpo, me cobrindo completamente e tentando me arrastar para longe.

Mais tiros ecoaram. Santino assobiou.

Estava desorientada, confusa. Calor se espalhou pelo meu estômago e coxa. Por um segundo me perguntei se tinha feito xixi nas calças de medo, mas

não estava com tanto medo. Eu estava... eu nem sabia.

Santino continuou me arrastando e atirando. Meus ouvidos zumbiam dolorosamente. Olhei para baixo e vi minha blusa branca completamente vermelha.

Eu tinha sido baleada? Então vi a camisa de Santino, que estava encharcada de sangue.

Outro tiro soou e ele estremeceu novamente e gemeu. O sangue agora pingava de um tiro em seu ombro também. Com um grunhido, ele se ergueu e apontou para algo.

Um homem com vários ferimentos de tiro escondido atrás do bar. Ele atirou e a cabeça do homem foi jogada para trás antes que caísse morto no chão.

Santino respirava pesadamente. Lentamente, ele se virou para mim, o rosto pálido e os olhos ligeiramente desfocados. — Você está machucada? — Ele disse rouco.

Balancei a cabeça, tentando me sentar, mas Santino me empurrou de volta para baixo. Então teve que apoiar seu peso em um braço, obviamente fraco demais para se endireitar. — Fique abaixada caso haja mais.

— Você precisa de uma ambulância! Você foi baleado!

Ele sorriu ironicamente. — Eu disse que morreria te protegendo.

— Não diga isso! — Sussurrei asperamente. Mais sangue escorria sobre mim. Ele não parecia bem.

— Dê um último beijo em um moribundo para que eu possa fingir que você é minha?

— Santino, — resmunguei, mas ele me silenciou com seus lábios nos meus. Espalmei suas bochechas, beijando-o de volta, mas então ele lentamente escorregou dos meus braços e caiu ao meu lado.

— Santino? — Gritei, ajoelhando-me ao lado dele. Eu o balancei, mas ele não se moveu.

— Chamamos uma ambulância, — disse um dos seguranças. O outro ainda estava protegendo Clifford e pressionando um ferimento em seu ombro.

Eu só escutava pela metade. Peguei meu telefone e liguei para o celular do meu pai, meus dedos deixando marcas de sangue na tela.

No segundo que papai atendeu, comecei a falar: — Pai, Santino foi baleado. Várias vezes. Não parece bom.

— Onde você está? Você está segura? — Papai perguntou. No fundo, podia ouvi-lo se mover. — Valentina, alerte todos os seguranças!

— Santino foi baleado, pai.

— Calma, Anna. Você está segura? — Mamãe falou ao fundo, e um motor soou.

— Sim, — sussurrei. — Estou no Lincoln Café.

— Fique calma, vou enviar os homens mais próximos de você.

— Pai, acho que Santino está morrendo, — sussurrei baixinho enquanto acariciava o cabelo escuro rebelde de Santino. Seu rosto estava tão tranquilo, sem raiva, sem frustração, sem alegria ou amor.

— Nós estaremos aí em breve. Fique no telefone comigo, tudo bem? — A voz de papai era calma e controlada.

— Ok, — disse baixinho, pressionando o telefone com mais força no meu ouvido.

— Ajude-o, ele parece pior do que eu, — murmurou Clifford.

Um de seus guarda-costas ajoelhou-se ao lado de Santino e sentiu seu pulso, então pegou um guardanapo de pano e o pressionou sobre um ferimento nas costas de Santino.

Apenas sentei lá e acariciei o rosto de Santino enquanto ele estava deitado de lado quase pacificamente.

O tempo parecia ter parado. As sirenes interromperam o silêncio. E então mãos fortes me agarraram. Era um dos nossos homens tentando me puxar para cima.

— Vou ficar! — Rosnei como um gato selvagem.

Ele assentiu e se posicionou ao meu lado. Os paramédicos caíram de joelhos ao lado de Santino, me empurrando para o lado. Me arrastei um pouco

para trás, mas não saí como se minha presença pudesse mantê-lo aqui.

— Anna, — papai disse. Olhei para cima quando ele se inclinava sobre mim, agarrando meus braços e me puxando para cima. Ele me examinou e beijou minha bochecha. Então mamãe me pegou em seus braços.

— Vamos leva-la para casa.

— Não. Preciso ficar com ele.

Papai se moveu para Santino e foi quando vi Enzo ajoelhado ao lado da cabeça de Santino enquanto os paramédicos tentavam ressuscitá-lo. Os braços de mamãe ao meu redor se apertaram. Enzo acariciava o cabelo de Santino como eu tinha feito. Meu coração se partiu. Os paramédicos colocaram Santino em uma maca e Enzo não saiu do seu lado enquanto o levavam.

Segui em um ritmo mais lento, o braço de mamãe ainda em volta de mim. Vários soldados da Outfit estavam invadindo a área agora. Papai estava conversando com Clifford e seus guarda-costas enquanto dois outros paramédicos cuidavam do ombro de Clifford.

— Podemos segui-los até o hospital? — Perguntei a mamãe enquanto a ambulância partia.

A expressão da mãe era gentil.

— Querida, devemos levá-la para casa primeiro e ter certeza de que está tudo bem. Depois de se limpar, vamos visitar Santino, ok?

Papai apareceu ao nosso lado. Ele acenou para uma limusine preta avançar e vir em nossa direção. — Vão para casa. Sem paradas. Direto para casa. Estarei em casa assim que falar com todos os envolvidos.

— Se você visitar Santino, quero ir junto, por favor.

Papai assentiu e beijou minha bochecha antes de guiar mamãe e eu para dentro da limusine.

O caminho passou em um borrão e quando entramos em nossa mansão, Leonas imediatamente veio em nossa direção. Ele tinha duas armas no coldre. — Bea está na biblioteca com Riccardo e Rocco. A área está tranquila.

Leonas me puxou para um abraço e me examinou da cabeça aos pés. — Eu

queria ir também, mas papai me pediu para proteger Bea com RJ e Riccardo. — Balancei a cabeça, afundando nele. — E o Santino?

Seus olhos queimaram nos meus. Minha garganta entupiu. O que eu queria dizer não podia ser dito na frente da mamãe.

Leonas passou um braço em volta dos meus ombros. — Vou levá-la para o quarto dela, mãe. Você pode verificar Bea, ela está pirando.

Mamãe hesitou, mas me inclinei contra Leonas, tomando a decisão por ela. Ele meio que me arrastou para cima porque minhas pernas pareciam pesadas demais para levantar. Entramos no meu quarto e Leonas fechou a porta. Me vi no espelho de maquiagem. Meu rosto estava coberto de respingos de sangue. Não tinha certeza se eram de Clifford de seu ferimento no ombro ou de Santino. Mas o sangue encharcando minha blusa branca... era todo de Santino.

— Banheiro! — Resmunguei. Leonas me arrastou para o banheiro e segurou meu cabelo enquanto eu vomitava no vaso sanitário.

Quando parei de vomitar, ele deu a descarga.

— Essa é a primeira vez que estou fazendo isso por você. Normalmente é Rocco vomitando depois de muito álcool e maconha.

Sorri fracamente quando peguei a toalha molhada dele e limpei meu rosto. Não me incomodei em levantar. Leonas afundou na minha frente com as costas contra a banheira.

— Anna, o que aconteceu?

Lhe contei, minha voz falhando quando cheguei à parte sobre Santino deitado sem vida na maca. Leonas estendeu a mão para mim e me apertei contra ele, deixando-o me abraçar.

— Ele é um filho da puta forte e teimoso. Ele não vai morrer.

Estremeci. — Ele arriscou sua vida por mim.

— Esse é o trabalho dele, Anna. Não se sinta culpada. Não sobre isso. Sinta-se culpada por fazer o pobre homem se apaixonar por você e se casar com outra pessoa.

Fiz uma careta. — Isso é um golpe baixo.

Leonas sorriu. — Prefiro você com raiva que chorando mana. Canalize essa raiva.

— Você acha que eu não deveria me casar com Clifford?

— Acho que a Outfit não deveria se meter com a política, e você também não deveria. Mas sei que sou o único nesta família que pensa assim. Não vou lhe dizer o que fazer, mas você deve se decidir antes de ver Santino da próxima vez para que ele possa seguir em frente. Não deixe-o te acompanhar até o último dia.

Engoli em seco. Deveria ter largado Santino muito antes. Sabia que parte dele sempre esperou que eu o escolhesse e talvez tivesse jogado com isso, mas simplesmente era fraca demais para ficar sem ele.

Leonas estava certo. Não podia continuar fazendo isso. Santino precisava viver por si mesmo. Ele não podia continuar me protegendo e esperando por mim. Ele precisava encontrar alguém que o merecesse mais do que eu. Fui egoísta por muito tempo. Se ele sobrevivesse, finalmente o libertaria, mesmo que isso esmagasse meu coração.

Capítulo 28

ANNA

Limpei meus olhos e assenti resolutamente. Me preparei e fui para o hospital com mamãe e Leonas. Não ousei considerar que Santino não sobreviveria. Ele era forte. Nada poderia detê-lo.

Mamãe pegou minha mão e apertou. — Ele fez o que deveria fazer. Serei eternamente grata por isso.

Ela quase fez soar como se não fosse capaz de dizer isso a ele. Quanto mais nos aproximávamos do hospital, mais forte meu medo se tornava. Engoli em seco, lágrimas brotando em meus olhos.

Leonas me enviou um olhar preocupado. — Ele vai ficar bem.

Quando chegamos ao hospital, fomos conduzidos a uma sala de espera onde as pessoas se sentavam enquanto seus entes queridos estavam em cirurgia. Enzo estava sentado em uma das desconfortáveis cadeiras de plástico azul-bebê, os braços apoiados nas coxas e a cabeça baixa. Ao lado dele estava sentada uma garota que presumi ser a irmã mais nova de Santino, Frederica. Ela estava com os braços em volta de si mesma e olhava para a porta que dava para as salas de cirurgia. Pairei incerta na entrada. Mamãe foi direto até Enzo e se sentou ao lado dele, colocando a mão em seu ombro. Ele olhou para cima com os olhos turvos. Respirei resolutamente e segui em direção a eles, então afundei na cadeira vazia ao lado de Frederica. Ela usava a roupa que todas as noviças tinham que usar, um véu branco e um vestido preto. Ela devia estar no último estágio antes de fazer seu voto final. Nunca a tinha visto, mas pelas histórias que Santino compartilhava de vez em quando, ela parecia familiar.

Ela apenas olhou brevemente na minha direção, mas seus olhos estavam vagos, olhando através de mim. Agi por impulso e peguei sua mão, apertando-a.

Era estranho dar conforto a uma freira, mas me lembrei de que ela era humana como eu. Um pedaço de uma cruz apareceu em sua outra mão.

— Perdão, — disse baixinho.

Ela finalmente olhou para mim. — Pelo que?

— Santino está lá por minha causa, porque queria me proteger.

— Santino vive pelo trabalho dele, por você. — Ela disse essa última parte quase inaudível e meu coração se apertou com força. O que eu estava fazendo?

A porta se abriu e um médico saiu. Enzo levantou-se imediatamente e dirigiu-se ao homem. O resto de nós seguiu alguns passos atrás.

— Ele está estável. Tivemos que remover o baço e ele sofreu uma hemorragia interna. Estamos monitorando-o de perto.

Dei um suspiro de alívio. Mamãe me deu um sorriso aliviado.

Enzo e Frederica desapareceram no corredor que levava à sala de recuperação. Eu queria ir com eles, queria estar lá quando Santino acordasse, mas ninguém sabia de nosso vínculo, exceto Frederica, talvez, se não tivesse julgado mal suas palavras enigmáticas. Talvez seu status de freira tenha deixado Santino confortável para compartilhar nosso vínculo com ela, embora ele nunca tenha falado gentilmente de seu objetivo de se tornar uma freira.

Não tinha certeza do que fazer agora. Mamãe conversava com o médico em voz baixa, provavelmente certificando-se de que Santino recebesse o melhor tratamento possível. A Outfit cuidava dos seus.

Eu queria tanto ver Santino. Não queria ir embora sem vê-lo. Não podia. Quando mamãe terminou de falar com o médico, voltou para o meu lado. Ela apertou meu ombro. — Ele vai ficar bem.

Balancei a cabeça entorpecida. Não conseguia explicar a sensação ruim que sentia.

— Vamos, vamos para casa.

Hesitei. As sobrancelhas da mamãe se juntaram. — Não há nada que possamos fazer por ele ou sua família agora. Eles estão ao seu lado. Ele precisa de seus entes queridos, isso é o mais importante agora.

Me senti doente e culpada. Santino me amava. Sabia disso com cada fibra do meu ser. E eu o amava, mas às vezes o amor não era suficiente. Às vezes tínhamos que fazer a escolha difícil para o bem de outra pessoa.

Mamãe e eu nos viramos.

— Anna! — Frederica chamou. Me virei para ela.

— Talvez você devesse estar lá também. Eu sei como é importante para Santino te proteger. Ele te conhece há tanto tempo.

A surpresa cruzou o rosto de mamãe, em seguida, mudou para uma expressão tocada. Mamãe assentiu, apertou minha mão mais uma vez e corri em direção a Frederica.

— Obrigada, — sussurrei.

— Estou fazendo isso por Santino, Anna. Eu sei que você e ele estão em um caminho muito destrutivo.

Não disse nada, por que o que havia para dizer? Ela falou a verdade. E não importava porque me permitiu ver Santino, apenas que o fez.

Quando entrei no quarto de Santino, máquinas apitando e um cheiro de antisséptico me atingiram. Enzo estava sentado ao lado de Santino.

Congelei quando vi Santino. Ele parecia terrivelmente pálido. Dois IV’s fluíam para seus braços, e máquinas monitoravam suas funções corporais. Sua forma alta ofuscava a cama, mas, ao mesmo tempo, parecia desaparecer no colchão. Era um paradoxo que eu não conseguia explicar.

Aproximei-me da cama lentamente e toquei sua mão. Não sabia o que dizer, o que fazer.

Enzo me olhou e a vergonha tomou conta de mim. Ele também sabia. Acusação silenciosa permaneceu em seus olhos, e eu sabia que não era porque Santino tinha levado um tiro por mim.

— Sinto muito pelo que aconteceu.

— Mas não sente muito pelo que você deveria sentir, — Enzo disse friamente.

Endureci. Enzo sempre foi gentil comigo, fazia piadas e até brincava

comigo quando eu era mais jovem. No entanto, sua lealdade estava com Santino como deveria.

— Pai, Santino é tão culpado quanto Anna. Ele poderia ter terminado as coisas. Ele é um adulto que tem que assumir a responsabilidade por suas ações.

Enzo balançou a cabeça, olhando cansado para o filho. — Não. Seu coração não o deixaria.

Afastei-me da cama, longe de Santino. Ele estava certo.

— Não devemos discutir isso agora. Não sabemos o quanto Santino pode ouvir, — advertiu Frederica.

— Seu noivo também está neste hospital. Talvez você devesse ver como ele está, — disse Enzo.

Balancei a cabeça, engolindo em seco. — Espero que Santino acorde logo. Não vou incomodá-lo ou ele novamente.

Dei meia-volta e saí. Enzo estava certo. Leonas estava certo. Eu tinha que ser forte e deixá-lo ir. Santino não terminaria as coisas entre nós, nem mesmo depois que eu casasse, apesar do que disse. Ele seria meu amante e lentamente murcharia sob a amargura que me compartilhar com Clifford causaria a ele. Nosso vínculo se tornaria cada vez mais tóxico até que toda a beleza que existia no começo morresse.

Mamãe esperava por mim na sala de espera e sua expressão se tronou preocupada quando me viu. — O que há de errado?

— Nada. Espero que Santino acorde em breve, e provavelmente deveria ir até Clifford. Ouvi dizer que ele está aqui também.

Mamãe definitivamente sabia que algo estava acontecendo, mas não pressionou. Mamãe sempre respeitou meus limites e sabia que eventualmente a procuraria se quisesse conversar. Sempre foi assim, exceto pelo meu vínculo com Santino. Perguntei-me se algum dia seria capaz de falar com ela sobre isso, talvez em alguns anos quando fosse casada e o tempo suavizasse o golpe dessa verdade chocante.

Juntas, pedimos informações até que uma enfermeira prestativa nos levou

até a sala onde Clifford foi tratado. Nossos dois guarda-costas ficaram na frente da porta com os dois guarda-costas de mamãe e Clifford enquanto eu entrava no quarto.

Clifford estava sozinho. Ele estava empoleirado na beirada da cama, olhando para seus pés descalços. A parte superior do corpo estava nua, mas um curativo cobria o peito, o ombro e o braço esquerdos, que estavam presos na frente do peito. Ele olhou através de seu cabelo loiro rebelde. Nem tinha notado que ele usava por um tempo novamente. Então ele sorriu estranhamente. — Outra pessoa na minha vida para quem sou uma segunda escolha.

Afundei ao lado dele. Como estávamos sozinhos, não me incomodei em beijá-lo, e me perguntei quando precisar beijá-lo acabaria se transformando em querer beijá-lo. — O que você está falando?

— Papai está do lado de fora na frente do hospital com seu primeiro amor, publicidade, dando uma coletiva de imprensa, falando como está chocado e abalado com o ataque, mamãe está com seu terapeuta porque não conseguiu lidar com o trauma.

Ele soltou uma risada irônica.

— E você estava com seu guarda-costas, o homem com quem preferiria se casar.

— Isso não é verdade, — disse fracamente.

— Você não tem que mentir para mim. Odeio mentirosos. Estou cercado por eles.

— Como você está se sentindo? — Fiz um gesto para o seu braço.

— Os remédios para dor são decentes. As duas balas causaram apenas danos moderados. — Ele encontrou meu olhar e novamente sorriu estranhamente. — Agora levei um tiro. Me pergunto se isso vai me dar o crédito de rua para fazê-la me ver como um homem.

— Eu te vejo como um homem, — protestei.

— Temos apenas duas semanas e meia até o casamento.

Ele estava certo. Duas semanas e meia. Eu sempre arredondava para três

semanas na minha cabeça porque parecia menos assustador.

— Eu sei. Está tudo preparado. Papai provavelmente já está aumentando a segurança. Você está preocupado que não vai caber em seu terno por causa das bandagens?

— Você quer casar comigo?

— Nós concordamos com isso. Nossos pais prepararam tudo. Centenas de pessoas foram convidadas.

— Eu sei. Mas você quer se casar comigo?

— E você? Sou a mulher dos seus sonhos?

Clifford balançou a cabeça sem hesitar. — Você é linda e inteligente, mas tenho a sensação de que tem uma veia manipuladora e é uma boa mentirosa, o que nunca é uma boa base para um casamento.

Ai. Claro que ele estava certo. Se quisesse algo, poderia ser manipuladora, e que era uma boa mentirosa estava fora de questão. Ambos eram talentos úteis em um mundo tão duro quanto a máfia, especialmente se você fosse a filha de um Capo, mas não eram muito úteis em um casamento.

Ele continuou imperturbável: — Mas entrarei em nosso casamento sem bagagem.

— Não se preocupe com minha bagagem. — Pulei da cama. — Você precisa de algo?

Clifford pareceu achar minha pergunta estranha.

— Você é a primeira pessoa que pergunta. Meu pai só me falou como tínhamos que lidar com a situação. Obrigado.

— De nada. — Hesitei. — Vou tentar ser uma boa esposa, Clifford.

— E tentarei ser um bom marido. Talvez da próxima vez eu leve um tiro por você.

Dei-lhe um sorriso tenso, meus pensamentos voltando para o homem que levou não apenas um, mas três tiros por mim.

Eu saí. Não permiti que meu pensamento se demorasse em Santino. Todos faríamos o que era melhor para o futuro de nossas famílias e da Outfit.



Quando mamãe me acordou na manhã seguinte, sabia que algo ruim havia acontecido.

— O que houve? — Perguntei, tropeçando para fora da cama, sonolenta e desorientada. Sonhei que estava novamente em Paris, deitada nos braços de Santino.

Mamãe tocou meu ombro, seus olhos suavizando. — Santino sofreu uma sepse e tiveram que colocá-lo em coma induzido.

Meu mundo inteiro se despedaçou. — Ele vai ficar bem?

— Os médicos não podem dizer agora. Eles estão fazendo o possível.

Me senti vazia, especialmente porque meu corpo ainda podia sentir seu toque fantasma do meu sonho. — Eu deveria ir vê-lo.

Mamãe tocou meu braço. — Enzo ligou para nos informar sobre o estado de Santino e pediu para dar espaço a ele e sua família. Ele pediu que lhe dissesse que você deveria se concentrar nos preparativos do casamento, pois é isso que Santino gostaria.

— Sim, — disse baixinho. — Ele provavelmente está certo.

A família de Santino queria que eu liberasse Santino, para seguir em frente. Eu tinha que honrar o desejo deles. Eles conheciam Santino, e se minha visita só causasse tumulto e o colocasse em risco de acordar, então precisava ser altruísta. Santino merecia felicidade.

SANTINO

Estava desorientado pra caralho quando abri meus olhos. Minha visão estava turva e meus arredores desconhecidos, mas reconheci o som de um hospital, o bipe familiar que tinha escutado quando visitei outros homens feitos

depois que se feriram no trabalho.

— Filho, — papai disse. Virei minha cabeça lentamente. Ele estava sentado ao meu lado, parecendo uma merda como eu me sentia. Sua barba castanho-acinzentada havia crescido e estava desalinhada. Atrás dele Frederica se levantou de uma cadeira, seu hábito amassado e ela não estava usando o véu por uma vez.

— Ei pai, ei Freddy, vocês parecem tão ruim quanto me sinto. — Ouvir minha própria voz me fez estremecer. Estava rouca e áspera, como se eu não a usasse há muito tempo.

Frederica se aproximou da minha cama e beijou minha testa como se eu fosse uma criança. Quando ela não me corrigiu por não usar seu novo nome oficial de freira, sabia que as coisas estavam ruins.

Vasculhei o resto da sala. — Onde está Anna? Ela está segura?

Papai olhou para suas mãos. Suas unhas também poderiam ser aparadas.

— Não aqui. Ela está perfeitamente segura, não se preocupe com ela.

Tentei me sentar, mas meu corpo puniu a tentativa com uma onda de náusea e tontura.

— Tenho que vê-la, — disse. — Agora.

E lhe diria cada merda que sentia por ela, quando minha vida passou diante dos meus olhos, cada momento foi um que passei com ela, e quando sonhei com meu futuro enquanto estava drogado foi ao seu lado. Não a deixaria se casar com Clifford. Não me importava se tivesse que matá-lo, mas ela não se casaria com ele. Ela não se casaria com ninguém além de mim. Não me importava quantas vezes teria que dizer isso para colocar em sua cabeça teimosa, mas eventualmente ela concordaria.

Papai e Frederica trocaram um olhar, um que eu odiava e raramente recebia, piedade.

— O que está acontecendo? — Perguntei. Minha garganta estava incrivelmente áspera e seca. Mesmo depois de uma noite ruim de festa, nunca me senti assim. Estendi a mão para a minha garganta e senti um curativo em

volta dela. Congelei. — Estive em coma?

Papai assentiu. — Você sofreu sepse logo após sua cirurgia. Teve vários ferimentos de bala. Eles tiveram que remover seu baço.

Forcei meu corpo a sentar, embora quase desmaiasse. Papai se levantou e rapidamente ajustou a cama para que eu pudesse me apoiar nos travesseiros.

— Quanto tempo fiquei fora?

Papai suspirou. A julgar por sua barba e unhas, foi definitivamente mais de uma semana, talvez até perto de duas. Porra.

— Pai?

— Duas semanas e dois dias. — Pisquei.

— Que dia é hoje?

Papai não era estúpido. Ele sabia o que eu estava perguntando. Frederica se aproximou da cama e colocou a mão na minha. — Hoje é o dia do casamento de Anna.

Tentei jogar minhas pernas para fora da cama, quase arrancando o soro da minha mão e caí para frente quando outra onda de tontura me atingiu. Papai me pegou, ou eu teria caído de cara.

— O que você está fazendo? Você acabou de acordar. Precisa ficar na cama!

— Tenho que impedir o casamento. Não me importo se tiver que correr pelo corredor e arrastar Anna antes que ela possa dizer sim, mas tenho que impedi-la de se casar com ele.

— São três da tarde, Santino, — Frederica disse gentilmente.

Meu cérebro confuso levou um momento para processar suas palavras. Havia memorizado a programação do casamento por causa dos detalhes de segurança. A cerimônia estava marcada para as duas da tarde. Anna já estava casada.

Balancei a cabeça lentamente e afundei contra os travesseiros.

— Porra. — Fechei meus olhos. — Porra.

— Você vai encontrar outra pessoa, — Frederica disse.

— Eu a quero. Você não entenderia. Deus não pode realmente deixá-la, então não precisa se preocupar em ter seu coração arrancado.

Frederica assentiu, mas ainda tocou minha mão.

— Desculpe, — gritei. Tentei ficar de pé mais uma vez. — Talvez não seja tarde demais para uma anulação.

— Filho, Anna escolheu Clifford. Não vale a pena lutar por ela.

Eu não queria acreditar. Talvez papai estivesse certo. Anna havia escolhido Clifford em vez de mim, ou melhor, achava que precisava fazer a coisa virtuosa e cumprir seu dever para com a Outfit e sua família. Mas uma coisa era certa, ela não tinha me escolhido.

— Nós vamos encontrar uma boa esposa para você, — papai me assegurou.

— Não preciso de uma esposa.

— Não cobice a esposa de outra pessoa, — Frederica me lembrou.

Não tinha problemas em ser o segundo homem, o amante ocasional. Com outras mulheres, não tinha sido um problema no passado. Com Anna? A mera ideia de que Clifford a tocaria me deixou louco de raiva.

Fiquei de pé. Papai teve que segurar meu braço para me firmar. — Vou matá-lo. Isso vai resolver o problema. Não é pecado se cobiçar uma viúva.

— Não se a fez viúva em primeiro lugar, — Frederica disse.

— Qualquer coisa que fizer contra este casamento agora levará a graves punições, filho. Dante não aceitará se você fizer algo estúpido.

— Não me importo, porra.

— Ela não te merece. Você merece alguém que te escolha! — Papai gritou.

Capítulo 29

VALENTINA

— Vou verificar Anna mais uma vez, — disse a Dante. Ele apertou minha mão brevemente, uma rara demonstração pública de afeto, o que significava ainda mais por sua raridade. Podia dizer que ele estava um pouco nervoso. Para um pai dar sua filha em casamento era um passo importante, e para alguém tão protetor quanto Dante particularmente.

— Convença-a a não fazer isso, — Leonas murmurou baixinho. Dante lhe deu um olhar de advertência.

Leonas deixou sua opinião descaradamente clara. Ele achava que era um erro Anna casar com Clifford. Ele e Dante brigaram várias vezes por causa disso. Ele era contra o casamento desde o início. A princípio, pensei em me opor à decisão de Dante. Como a maioria dos filhos em nosso mundo, ele tentou se rebelar contra a autoridade de seu pai, pelo menos em particular.

Balancei minha cabeça para ele. Agora não era a hora nem o lugar para ele se expressar. Eu conhecia meninos, contradiziam seus pais por princípio, mas ele precisava saber seus limites. Ele já tinha dezoito anos e tinha que aprender a aceitar as decisões de seu pai.

Virei-me e saí pela porta lateral antes de entrar no corredor atrás dela que levava à sala onde Anna poderia reunir seus pensamentos mais uma vez antes da cerimônia.

Sofia saiu da sala. Como uma das melhores amigas de Anna, ela ajudou Anna a se preparar. A preocupação me inundou quando vi sua expressão. Ela rapidamente mudou quando me viu, mas eu já tinha visto a preocupação dela.

— Sofia, — disse com um pequeno sorriso. — Qual é o problema? Anna está se sentindo mal?

— Não, não, — Sofia disse rapidamente. — Ela está perfeitamente bem. Apenas um pouco preocupada com Santino ainda. Ela se sente culpada.

Claro, isso era sobre Santino. Senti vibrações cada vez mais estranhas entre ele e Anna desde seu retorno a Chicago.

Anna estava muito calada, o que me deixou ainda mais desconfiada. Algo havia acontecido entre eles, mas ambos sabiam que era melhor não demonstrar. Eu não tinha mencionado minhas preocupações a Dante. Ele teria interrogado Santino e possivelmente tirado conclusões que lhe custariam a vida.

Ao longo dos anos, às vezes questionei minha decisão de colocar Santino como guarda-costas de Anna. Ele cumpria seu dever e o fazia bem, mas estava certa que não sabia tudo que havia acontecido.

Como mãe, era uma pílula amarga de engolir que sua filha não confiava em você. Isso me fazia duvidar de mim mesma e do meu relacionamento com Anna. Sempre achei que tínhamos um vínculo muito próximo. Talvez estivesse sendo muito sensível, o que provavelmente era ligado ao fato de minha filha mais velha se tornaria uma esposa hoje.

— Santino cumpriu seu dever, — disse a Sofia.

Sofia assentiu, mas percebi que minhas palavras não causaram impacto. Esperava que Anna tivesse compartilhado o que a incomodava com sua amiga.

— Eu vou até Anna agora, e seu marido provavelmente já está procurando por você.

Sofia me deu um sorriso rápido antes de levantar a bainha do vestido de dama de honra verde e correr de volta para a igreja.

Fui em direção à porta no final do corredor e bati. Demorou quase um minuto para Anna responder. — Entre!

Entrei, meu coração batendo mais rápido ao ver Anna em seu vestido de noiva. Ela estava incrivelmente linda. Mas então meus olhos pousaram em seu rosto, e ele estava vazio. Ela estava sorrindo para mim, mas era um sorriso que nunca quis ver da minha filha, especialmente no dia do seu casamento.

Era forçado e cuidadoso.

— Você está linda, — disse lentamente enquanto fechava a porta para que pudéssemos conversar em particular.

— Obrigada. O vestido é muito bonito.

— É impressionante.

Fiquei um pouco decepcionada quando Anna escolheu não desenhar seu próprio vestido, nem os vestidos das damas de honra. Ela tinha tanto talento e isso tornaria seu dia especial ainda mais especial.

Andei até o lado de Anna e toquei seu ombro.

— Tem alguma coisa que você queira falar?

Anna me deu um olhar divertido.

— Por favor, não me venha com essa conversa, mãe. É um pouco tarde demais para isso.

Dei uma risada rápida. Não estava presa em uma fantasia antiquada de que Anna não tinha tido certas experiências enquanto estava no exterior. Realmente esperava que ela tivesse, considerando que Clifford também não se conteve.

— Eu sei. Não foi isso o que quis dizer. Talvez você tenha outra coisa sobre a qual queira falar.

A expressão de Anna não revelava nada. Ela me lembrou Dante nesse momento. Ela podia ser cabeça-quente e teimosa como eu, mas quando realmente importava, ela se tornava Dante. Seus olhos suavizaram com a expressão no meu rosto. Ela não deveria ser a única a sentir que precisava me consolar.

— Vou ficar bem, mãe. Hoje cumprirei meu dever como todos os membros de nossa família sempre fizeram.

Criamos Anna e Leonas com um forte senso de dever e responsabilidade. Anna aceitava externamente, determinada a nos deixar orgulhosos. Leonas era mais vocal em seu protesto e muitas vezes lutava contra qualquer tipo de regra. Com Bea, permitimos mais liberdade, e às vezes me perguntava se deveríamos ter feito o mesmo com Leonas e Anna.

Mas o dever era uma parte tão grande da nossa existência… — Quero que

você seja feliz, mais do que tudo.

— Quando você concordou em se casar com papai, não achou que poderia ser feliz.

Ri. — Não use minha história como sua. — Fiz uma pausa. — Eu não estava emocionalmente atraída por mais ninguém. Essa é uma grande diferença.

Anna me deu um olhar curioso. — Nem eu. Não tenho sentimentos por ninguém. Tenho certeza de que Clifford e eu encontraremos um entendimento mútuo que tornará nossa vida agradável.

— Falando como a esposa de um verdadeiro político.

— Eu pratiquei.

Balancei a cabeça, mas me senti ainda mais triste depois das palavras de Anna. Anna era uma mulher tão apaixonada. Não tinha certeza se as limitações com as quais estava concordando em um casamento com Clifford realmente combinavam com ela. — Encontrei Sofia no corredor. Ela me disse que você ainda se sente culpada por causa de Santino.

— Não posso evitar, mas posso lidar com isso, mãe, — Anna disse suavemente.

Suspirei. — Sempre estarei do seu lado, Anna. Não importa o que. Sei que você sente que não pode compartilhar certas coisas comigo, mas nada que pudesse fazer ou dizer me faria te amar menos. Desde o segundo em que me tornou mãe, meu amor por você é incondicional e sempre será.

— Mamãe. Não posso chorar agora. — Ela me abraçou brevemente. — Vou ficar bem. Mas obrigada. — Ela não me soltou imediatamente.

— Eu também te amo.

Engoli em seco, querendo dizer muito mais, mas Anna estava certa. Não deveria fazê-la chorar. Uma batida soou.

— Entre, — Anna disse, soando mais composta do que eu me sentia.

Dante enfiou a cabeça para dentro, parecendo levemente preocupado quando encontrou Anna e eu abraçadas, e a sensação de calor em meus olhos provavelmente também não passou despercebida.

— A cerimônia está prestes a começar. Está tudo bem aqui?

Seus olhos procuraram os meus, tentando encontrar uma resposta silenciosa para sua pergunta. Me afastei de Anna. Ele finalmente registrou o vestido de Anna e deu mais um passo. Para quem não o conhecia, parecia que ele não estava tocado pela visão, mas seus olhos me contaram uma história diferente. Anna era uma noiva linda. Ela era como eu a imaginava. A única coisa que faltava era estar apaixonada. Era algo que sempre desejei para ela, mas em nosso mundo se tornava incrivelmente difícil.

— Está tudo bem, — Anna o assegurou com o sorriso que ela só tinha para ele. Isso me lembrou de seus sorrisos de menina.

— Você está muito bonita.

— Vocês deveriam ir agora, ou este casamento nunca vai começar, — ela me disse com um sorriso provocante.

— Eu gostaria de outra palavra rápida com sua mãe, — Dante disse.

Dei-lhe um beijo rápido na bochecha antes de seguir Dante para fora. Ele fechou a porta, então me deu um olhar inquisidor.

— Qual é o problema, Val? Não gosto da expressão em seu rosto.

— Isto é um erro. Posso sentir isso.

Dante levantou uma sobrancelha. — Val, você sugeriu um vínculo com os Clark, e acho que é uma boa jogada.

Balancei a cabeça lentamente, porque naquela época estava convencida disso, e ainda considerava uma conexão com a elite política de Chicago uma jogada vantajosa, mas não conseguia ver Anna em um vínculo com Clifford.

— Anna disse alguma coisa? Ela não quer continuar com o vínculo?

— Não, não, ela não disse nada.

Eu queria que ela tivesse dito. Nós não a teríamos forçado se ela alguma vez se opusesse ao casamento.

Dante pegou minha mão. — Você deveria voltar para o seu lugar, Val.

Ele provavelmente achava que estava sendo emocional porque hoje marcava o dia em que realmente teria que deixar Anna ir, aceitar que ela era

adulta e não mais nossa garotinha, mas não era isso, pelo menos não só isso.

— Você quer que eu te acompanhe de volta ao seu lugar?

Bufei. — Estou bem. Não estou doente, apenas preocupada e emocionada.

Dante beijou meus lábios, algo que ele nunca faria se estivéssemos em público. Protegemos algo que era precioso demais para compartilhar com pessoas que, em grande parte, não eram amigas. — Vá em frente.

Voltei para a igreja onde afundei ao lado de Bea e Leonas. O último ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. Ele me lembrava mais de Dante a cada dia, mesmo que suas personalidades fossem diferentes, embora não tão diferentes quanto Leonas gostava de fingir. Logo depois, a música começou a tocar.

Clifford esperava na frente, uma expressão agradável no rosto. Ele, como os homens em nosso mundo, foi criado para manter uma máscara em público, embora por razões diferentes, e a dele era menos hostil. Como político, ele queria parecer acessível, não um mau presságio como um homem feito, mas apesar disso, podia sentir as altas barreiras que ele construiu em torno de si. Anna havia mencionado isso uma vez, que temia que ele nunca a baixasse para ela também porque em sua família ninguém o fazia. Considerávamos nossa família nosso lugar seguro, mas Clifford não.

Enquanto Anna andava pelo corredor em direção a Clifford com o sorriso público que eu detestava, minha preocupação só aumentou. Os olhos de Clifford e Anna se encontraram brevemente quando Dante a entregou a ele. O sorriso do público nunca vacilou.

Esfreguei minha aliança de casamento enquanto ouvia o padre, sentindo-me cada vez mais desconfortável. O rosto de Anna não revelava nada. Ela estava deslumbrante e seu sorriso era o que todos esperavam de uma noiva no dia do casamento, mas a conhecia muito bem. A verdadeira felicidade não refletia em seus olhos.

Tentei pegar os olhos de Anna, para mais uma vez deixá-la saber com minha expressão que estava bem se ela decidisse. Mas ela não olhou na minha

direção, talvez porque sabia o que veria e não queria enfraquecer em sua determinação.

Clifford não hesitou quando o padre lhe perguntou. Seu sim carregava convicção. Não o conhecia bem o suficiente para avaliar a verdade por trás de seu comportamento. Quando foi a vez de Anna pegar o anel de Clifford, eu queria falar, acabar com esse vínculo, mas essa era a decisão de Anna, e a apoiaria não importa o que acontecesse.

Capítulo 30

ANNA

Quando mamãe e papai saíram, levei um momento para me recompor. As palavras de mamãe circulavam em meu cérebro. Ela queria que eu fosse feliz. Nunca duvidei disso, mesmo quando mamãe e papai decidiram me prometer a Clifford muitos anos atrás.

Eu seria feliz com Clifford?

Podia ser.

Talvez pudesse ter sido feliz com ele se não tivesse sido estúpida o suficiente para achar que manteria as emoções fora da mistura quando dormi com Santino.

Esquecer Santino? Bem neste segundo, não podia ver isso acontecendo. Talvez as memórias eventualmente desaparecessem. Ou ampliariam pelas frustrações da minha vida diária com Clifford.

— Controle-se, — rosnei.

Isto era pela Outfit e minha família.

Cancelar o casamento agora? Um escândalo de proporções ridículas se seguiria. E como poderia explicar que esperei tanto tempo para mudar de ideia. Não havia como recuar agora.

Respirei fundo e me forcei a sair do quarto. Papai estava esperando por mim no final do corredor estreito. Ele sorriu quando segui até ele. Podia ver orgulho em sua expressão, algo que sempre aspirei, não importa minha idade.

Cheguei ao seu lado e sorri. Ele se abaixou para beijar minha têmpora. — Você está belíssima. Sabe que estarei sempre a apenas uma ligação de distância se precisar de ajuda.

Ri. — Não acho que você terá que se preocupar com Clifford sendo do

tipo abusivo. Ele e eu vamos descobrir um entendimento mútuo para viver em paz.

As sobrancelhas de papai se juntaram. — Sua mãe diria que isso é algo que eu teria dito antes de me casar com ela.

— E ainda deu certo.

— Deu, — papai concordou em voz baixa. Seus olhos procuraram os meus antes que ele perguntasse. — Preparada?

Balancei a cabeça rapidamente antes que minha coragem me deixasse.

Papai estendeu o braço e nos dirigimos para as amplas portas duplas. No momento em que passamos por elas, mantive minha cabeça erguida e sorri friamente. O nervosismo que esperava não veio. Nada de estomago agitado ou borboletas esvoaçantes. Estava calma, quase assustadoramente. Me sentia desapegada, como se não fosse eu prestes a me casar.

Surpresa brilhou no rosto de muitas pessoas com a minha escolha de vestido. Não era a peça clássica que muitos esperavam. A Sra. Clark parecia positivamente ofendida, como se uma saia terminando acima do joelho pudesse acabar com o mundo.

Me diverti muito com isso.

Clifford parecia elegante em seu terno escuro e sorria suavemente. Era impossível avaliar seus sentimentos em relação ao vestido. Ele não só cresceu em estatura e não era mais tão esguio, ele também aprendeu a mascarar suas emoções. Ele não era mais o garoto peculiar, mas não era Santino. Meus olhos vasculharam a igreja rapidamente, como se Santino pudesse ter milagrosamente acordado de seu coma e vindo até aqui. E para quê, mesmo? Ele odiaria cada segundo da cerimônia e eu desejaria a cada segundo que ele impedisse a maldita coisa.

Afastei esses pensamentos e voltei meu foco para Clifford quando cheguei na frente e papai me entregou a ele. Clifford fechou levemente sua mão em torno da minha. Parecia mais suave que a de Santino, não áspera por anos de treinamento com pesos e manuseio de armas. E seu toque era desconhecido. Não

pude deixar de me perguntar como seria esta noite, mas o pensamento de realmente ser íntima me deixou em pânico brevemente e então o afastei também.

— Você está linda, — disse Clifford em apreço.

— Obrigada. Você ficou bem em seu terno.

Nós nos viramos para o padre, e tentei me livrar da sensação desconfortável que nossa breve conversa tinha me dado. Esse tipo de prazer público poderia muito bem ser a maneira como interagiríamos em particular também. Talvez pudesse aguentar por um ano ou dois, mas eventualmente explodiria. Eu tinha um temperamento que simplesmente nem sempre podia ser domado. Um fato que Santino adorava em mim.

Clifford olhou na minha direção e sorri rapidamente.

Bea carregou a almofada com as alianças em nossa direção, parecendo absolutamente adorável com seu cabelo loiro em tranças francesas e em um lindo vestido cor de menta. O padre me fitou com seus velhos olhos e apontou para a almofada. Peguei a aliança.

Quando Clifford disse sim, alto e claro, fiquei tensa, percebendo que seria a minha vez. Empurrei a aliança em seu dedo e o frio se instalou em meus ossos. Evitei seus olhos, incerta se conseguiria manter a mentira.

Era a minha vez e assisti com apreensão enquanto Clifford pegava minha aliança da almofada.

O padre assentiu e me fitou novamente.

— Você Anna Cavallaro aceita Clifford Maximo Clark como seu legítimo esposo?

Clifford me deu um sorriso. Era agradável. Ele era legal. Também era ambicioso e inteligente. Ele era tudo que eu deveria querer. Engoli em seco. Deveria dizer sim.

Olhei para meus pais. Eu os amava tanto. Queria deixá-los orgulhosos, mas também precisava seguir meu coração. A expressão do meu pai mudou como se ele pudesse ver algo no meu rosto.

Deus. Este seria o escândalo do ano.

Mas os olhos de mamãe me ancoraram. Eles estavam cheios de compreensão. Eles me deram permissão para seguir meu coração antes que fosse tarde demais.

E então outro pensamento passou pela minha cabeça. E se Santino não me quisesse mais? Eu o enrolei por tanto tempo...

E se ele nunca acordasse?

Não importava. Não amava Clifford, e nunca amaria. Não poderia viver uma vida assim.

O padre repetiu sua pergunta, uma pitada de impaciência tingindo suas palavras.

Abri minha boca. — Não.

— Ela não quer, — mamãe disse ao mesmo tempo, sua voz clara ecoando na igreja.

Capítulo 31

ANNA

O silêncio reinou na igreja. Todos olharam para mim e mamãe.

Não podia acreditar que mamãe pararia o casamento se eu não tivesse dito não. Ou talvez ela tenha visto no meu rosto que estava prestes a dizer não e queria mostrar seu apoio.

Uma pedra pareceu cair dos meus ombros e não pude deixar de sorrir, pela primeira vez hoje, realmente.

Então meus olhos encontraram os de Clifford e a culpa me esmagou. Ele ainda segurava a aliança de casamento, mas lentamente baixou a mão e depois a deixou cair ao seu lado, fechando a mão em um punho.

— Sinto muito, Clifford. Sinto muito. Eu deveria ter dito algo mais cedo, mas realmente achei que poderia me casar com você.

Ele sorriu amargamente. — Você faz parecer como se eu fosse um castigo.

— Não! Não foi isso que quis dizer, mas estou apaixonada por outra pessoa.

— É claro. Santinho.

Engoli em seco. Os sussurros chocados aumentando ao nosso redor.

— Você não tem sentimentos por mim, e tenho certeza que não refletirá mal em você que nosso casamento foi cancelado. Acho que ser deixado no altar caberá melhor em seu currículo do que um divórcio, especialmente entre eleitores conservadores. — Disse com um sorriso provocante, mas Clifford não sorriu. Ele parecia muito sério e seus pais também.

— Você não poderia ter decidido isso antes do dia do nosso casamento? — Ele perguntou. — Achei que Santino era apenas uma aventura.

Ele deveria ter sido apenas uma aventura. Mas ele era tudo. E deveria ter

percebido isso antes e ser corajosa o suficiente para agir de acordo com meus sentimentos. Afinal, o visitava todos os dias, apesar da expressão de desaprovação de Enzo, e passava quase todos os momentos me preocupando com ele e não com meu casamento.

— Com licença, — disse Clifford em uma voz entrecortada. — Meu pai exige minha presença. Suponho que ele precise me informar sobre como poderemos destruir sua família da maneira mais pública.

Não tive a chance de dizer mais por que nós partimos. Meu coração afundou. Os Clark sem dúvida causariam grandes problemas, a menos que os detivéssemos. A julgar pela expressão calculista de papai, ele já estava bolando um plano.

Gostaria de poder ajudá-lo, mas minha mente estava uma bagunça. Mamãe surgiu ao meu lado e me conduziu pela entrada lateral, e então de volta para a sala onde eu estava esperado antes.

— Não posso acreditar que você parou o casamento, — sussurrei com uma risadinha atordoada.

Mamãe balançou a cabeça como se também não pudesse acreditar. — Seu pai não está feliz conosco, e não posso nem culpá-lo. Ele terá muitas noites sem dormir tentando descobrir uma maneira de sair dessa bagunça.

Balancei a cabeça. Apesar da minha culpa, um sorriso aliviado mais uma vez puxou meus lábios. Eu queria dançar de alegria. Nunca me senti mais aliviada em minha vida, como se de repente o futuro fosse promissor novamente.

— A expressão em seu rosto é o de uma noiva feliz, — mamãe disse com um pequeno sorriso, tocando minha bochecha.

Mordi meu lábio. Mal podia conter minha felicidade, mesmo que hoje marcasse o dia em que minha reputação seria destruída. Talvez as coisas não fossem tão ruins porque muitos homens feito eram contra o vínculo com um político. Ainda assim, eles provavelmente não ficariam felizes pela forma como as coisas haviam acontecido.

— Sei que isso é por causa de Santino, e quero que você saiba que não

aprovo seu vínculo. Impedi este casamento porque sabia que você seria infeliz nele.

— É realmente tão ruim que Santino e eu tenhamos sentimentos um pelo outro? Ele levou vários tiros por mim, mãe. Ele faria tudo por mim. Você não deveria sentir raiva dele. Fui eu quem o colocou no inferno.

Mamãe franziu os lábios. — Veremos.

Santino era muito respeitado, especialmente entre os soldados. Eu sabia que ele eventualmente conquistaria minha mãe também. Pai, no entanto... Estava ansiosa para enfrentá-lo. — Papai suspeita de alguma coisa?

— Sobre você e Santino? Mesmo que não suspeitasse de nada antes, certamente chegará às suas próprias conclusões agora, e um casamento fracassado sempre faz as pessoas suporem que há outra pessoa.

— Farei o que for preciso para proteger a Outfit dos danos que causei, ok?

Mamãe beijou minha têmpora. — Vamos todos lidar com isso juntos como uma família. Agora espere aqui enquanto tento falar com seu pai.

Balancei a cabeça rapidamente, e mamãe saiu.

Me encarei no espelho. Eu brilhava. Brilhava como uma noiva deveria no dia do casamento. Brilhava porque meu casamento havia sido cancelado.

A porta se abriu e eu esperava papai ou Leonas, mas Sofia e Luisa entraram, seus rostos flácidos de choque.

Dei as minhas melhores amigas um sorriso tímido.

— O que diabos aconteceu lá? — gritou Sofia. Luisa parecia incapaz de encontrar palavras.

Dei de ombros, mas um sorriso aliviado dividiu meu rosto. Não conseguia expressar em palavras quão feliz estava por não me casar com Clifford, o que era totalmente injusto com ele.

— Mamãe tinha algo contra eu me casar com Clifford, e eu também não pude.

Sofia arregalou os olhos comicamente. — Anna! A imprensa está toda aqui. Amanhã todo mundo falará sobre isso.

— É ruim, não é? — Perguntei, mas não conseguia sentir arrependimento. Culpa por trazer isso para mamãe e papai? Sim. Mas não se arrependimento.

Eu deveria ter acabado com meu vínculo com Clifford há muito tempo. Me apeguei ao nosso casamento arranjado por algum senso de dever equivocado, querendo ser a filha boa e virtuosa que todos achavam que eu era.

Luísa tocou meu braço. — Você realmente ama Santino, não é?

Mordi meu lábio. Nunca disse isso a ele e mal ousei admitir para mim mesma. — Sim.

— Quero dizer, se ele estivesse presente, isso poderia ter saído direto de uma comédia romântica. Com ele no hospital em coma, tem mais potencial para drama.

Balancei a cabeça para minha amiga romântica e amante de filmes.

— Aposto que os Clark não estão rindo, Luisa, — disse com uma pequena risada.

Sofia bufou. — Eles não pareciam muito felizes, é verdade.

Luisa assentiu com uma expressão preocupada. — Maximo Clark vai garantir que a Outfit e sua família paguem por essa humilhação pública. Ele não é alguém que apresenta a outra face.

Balancei a cabeça, preocupada. — Talvez possa endireitar as coisas com Clifford. Preciso falar com ele em particular.

Sofia me deu um olhar duvidoso. — Talvez você devesse deixar seu pai lidar com isso. Este pode ser um caso em que apenas ameaças funcionam.

Uma batida soou e um segundo depois Leonas enfiou a cabeça para dentro. Ele me deu um sorriso malicioso que me fez querer abraçá-lo e socá-lo.

— Nós provavelmente deveríamos sair. Este é um negócio de família, — disse Luisa a Sofia. Depois de me abraçar, elas saíram, me deixando sozinha com meu irmão que ainda sorria largamente.

Ele se aproximou de mim e deu um tapinha no meu ombro. — Obrigado, irmã.

— Pelo que?

— Por fazer todos os meus erros passados parecerem um pedaço de bolo.

Fiz uma careta. — Tão ruim?

— Muito ruim, sim. Quer dizer, poderia ter sido pior se você tivesse matado Clifford para escapar do casamento com ele, ou se tivesse sido pega fodendo Santino em um armário durante a festa de casamento, mas fora isso você realmente escolheu o pior momento possível para decidir que não podia casar com Clifford.

— Você realmente sabe como levantar meu humor, — murmurei.

— Estou tentando, — disse ele com um sorriso, mas podia ver a tensão em seus olhos. Leonas sempre fingia que não se importava com nada, mas nossa família e a Outfit significavam muito para ele, e eu poderia ter machucado ambos hoje.

Engoli em seco, a culpa pesando sobre mim. — Não é que não suporte Clifford. Ele não é ruim. Ele é legal, com uma grande carreira pela frente.

Leonas fez uma careta como se duvidasse. — Só se os eleitores lhe derem votos de piedade depois de hoje, mas ser deixado no altar não significa realmente um futuro líder durão do estado.

Realmente arruinei a carreira de Clifford hoje? Não queria acreditar nisso. — Ele é realmente ambicioso e inteligente. Vai transformar hoje em uma grande história e vantagem para ele.

— Que seja. Não dou a mínima para ele, mas devemos realmente quebrar a cabeça para ter certeza que a Outfit saia deste show de merda como a vencedora.

— Estou surpresa que você acha que ainda podemos vencer depois da bagunça que fiz.

Leonas deu de ombros. — Podemos ter que jogar sujo, mas isso é ainda mais divertido.

Capítulo 32

DANTE

Ao longo dos anos, minha esposa me surpreendeu e até me chocou em várias ocasiões, um feito que poucas pessoas conseguiram.

Hoje, minha filha e minha esposa me deram o maior choque da minha vida, e não apenas a mim.

Sabia que elas não tinham combinado fazer disso um assunto tão público, mas ambas compartilhavam um temperamento turbulento que às vezes escolhia momentos infelizes para explodir.

— Valentina, o que está acontecendo? — Murmurei sob a minha respiração. O silêncio chocado foi rapidamente se transformando em sussurros incrédulos. Precisava controlar a situação antes que ela piorasse ainda mais.

— Sinto muito, Dante. Não podia deixar Anna se casar com Clifford. Ela não seria feliz.

Me levantei com um sorriso tenso.

Máximo Clark parecia prestes a explodir e sua esposa já estava se abanando com o programa do casamento de uma forma muito chamativa.

Limpei a garganta audivelmente, então esperei o silêncio descer na igreja. — Devemos pedir-lhe para sair agora. Temos assuntos a resolver e este casamento não vai acontecer.

Então voltei meu foco para os Clark. Máximo fez sinal para que o filho se aproximasse deles. Valentina, por sua vez, já estava correndo em direção a Anna, que ainda estava na frente com os olhos arregalados.

Não permiti que minha frustração tomasse as rédeas. Tinha que lidar com Maximo e Clifford primeiro. Eles poderiam causar um escândalo para o qual eu não tinha a paciência necessária. Uma vez feito isso, lidaria com minha esposa e

filha erráticas. E tinha a sensação de que havia mais em jogo aqui.

Uma suspeita havia me infestado desde que vi Anna ao lado de Santino quando ele foi baleado, mas escolhi desconfiar do meu instinto, porque não gostava do que eles estavam me dizendo.



Valentina e eu sempre achamos que arranjando um casamento com Clifford, teríamos certeza de que Anna teria mais liberdade do que outras garotas em nosso mundo. Tínhamos nosso próprio casamento como garantia. Nosso amor se desenvolveu com o tempo, e achamos que Anna teria a mesma experiência.

Se soubesse que ela estava apaixonada por Santino, eu mesmo teria cancelado o casamento. Qualquer vínculo estaria fadado ao fracasso se uma das partes entrasse nele enquanto apaixonada por outra pessoa. Meu casamento com Valentina quase desmoronou porque me apeguei ao meu amor pela minha falecida esposa, não importa o quão desesperador fosse esse amor.

O amor de Anna não era impossível. Ou não seria. Neste exato momento, minhas emoções estavam muito complicadas para decidir sobre o destino de Santino.

Entrei na pequena sala onde Anna estava. Sua expressão se tornou apologética no momento em que seu olhar encontrou o meu, mas antes da mudança, vi o evidente alívio e alegria em seu rosto. Alegria por ter parado o casamento.

— Sinto muito, pai. Sei que causei uma confusão.

— Você causou, — concordei.

Ela engoliu em seco, torcendo as mãos na frente de seu corpo. Ela lançou seu olhar para o teto. — Tentei me convencer todos os dias nas últimas semanas, meses até, que casar com Clifford seria bom. Que podia fazer isso, que tinha que fazer isso por meu dever com a Outfit e para não decepcioná-lo e a mamãe, mas

hoje a única coisa em que conseguia pensar enquanto estava ao lado de Clifford no altar era como Santino estava e que queria estar ao lado dele. Se eu tivesse seguido com o casamento, eventualmente teria tentado escapar e causado um escândalo ainda maior.

O divórcio da filha de um Capo teria causado grandes danos.

Se Anna pedisse um em algum momento, muitos dos meus soldados me pediriam para proibi-la de continuar com isso. Eu teria defendido Anna, é claro, porque a felicidade dela era meu objetivo principal, mas isso teria criado um conflito desnecessário na Outfit.

— Você está muito desapontado? — Ela perguntou.

— Sim. — Estava desapontado. Com ela, mas principalmente comigo, por não ter visto o que estava acontecendo há muito tempo. Eu me orgulhava da minha visão da natureza humana, e era isso que garantia minha posição como Capo ao longo dos anos, mas com minha própria filha, não consegui ver os sinais. — Estou desapontado porque você não me falou sobre suas dúvidas antes, que não discutiu sua decisão com sua mãe e comigo, e em vez disso sofreu com a dúvida sozinha simplesmente para oprimi-la hoje, no mais momento inoportuno.

— Não queria te sobrecarregar ou a mamãe. Eu sei que você prefere lidar com as coisas por conta própria também. Você é sempre responsável e eu queria ser assim também.

Balancei a cabeça. Tentei ser responsável, mas no passado, de vez em quando, deixei meu dever com a Outfit de lado por Valentina. Meu amor pela minha família sempre superaria meu senso de dever. Era meu maior fracasso como Capo e meu maior orgulho como marido e pai. Hoje Valentina tinha escolhido seu amor por nossa filha também, e eu sabia que ela faria isso de novo. É por isso que nunca esperaria desculpas dela, e ela não pediria.

— Ser responsável é admirável, mas não à custa de sua felicidade, Anna. Sua mãe e eu queríamos que você fosse feliz, que vivesse uma vida cheia de liberdades que um vínculo em nosso mundo não poderia lhe dar.

Anna franziu a testa. — Isso é tudo? Achei que era para fortalecer a Outfit.

— De fato. Isso era o que esperávamos. Mas poderíamos ter fortalecido a Outfit por um vínculo com a União da Córsega também, pelo preço de arriscar sua segurança. E nunca teria considerado isso.

— Eu sei, — disse Anna com um pequeno sorriso. — Sei que você e mamãe tiveram boas intenções quando concordaram com o noivado. Você até me perguntou novamente quando aceitei, e realmente achei que não teria problemas para continuar com isso, mas então... — Ela parou, obviamente considerando o que deveria me dizer, mas ela não precisava se preocupar.

Hoje as escamas caíram dos meus olhos. Escolhi a ignorância por muito tempo, queria me apegar a uma imagem de Anna que não refletia a verdade. Anna não era mais uma garotinha. Ela era uma mulher adulta. — Então você se apaixonou por Santino.

A raiva se expandiu em meu peito, me forçando a respirar fundo para manter a calma.

Anna suspirou. Ela veio em minha direção e passou os braços em volta da minha cintura. Eu a abracei de volta e a senti relaxar como se estivesse preocupada que a empurraria para longe em minha raiva. Raiva que nem era dirigida a ela, mas mesmo que fosse. A raiva nunca me impediria de demonstrar afeto por Anna. Não podia imaginá-la fazendo qualquer coisa que me fizesse empurrá-la para longe.

— E ele? Ele tem sentimentos por você? — Perguntei, minha voz firmemente controlada.

Anna apertou os lábios. — Você está preocupado que ele tenha brincado comigo? Que me enganou?

Me preocupava com muitas coisas agora que sabia que o relacionamento de Anna e Santino estava longe de ser profissional.

— Santino te conhece há muito tempo, e poderia ser fácil para ele direcionar a paixão de uma jovem em uma direção que o beneficiaria.

A expressão de Anna ficou ofendida. — Você realmente acha que eu seria

tão ingênua e estúpida?

— Você é tudo menos estúpida, — disse com firmeza. — Mas a ingenuidade vem com a tenra idade e sua mãe e eu sempre nos preocupamos que sua forte empatia fosse um obstáculo em nosso mundo.

— Pai, sou boa em ler as pessoas, talvez isso me torne uma empata, mas confie em mim quando digo que também usei isso a meu favor no passado. Não sou a boa menina que você acha que sou. Se alguém foi enganado, então foi Santino. Eu lhe dei momentos difíceis, realmente.

Estreitei meus olhos. — Há quanto tempo isso está acontecendo entre você e Santino? — Não queria colocar um nome nisso, e para ser honesto, não tinha certeza se tinha alguma intenção de deixar se tornar algo que valesse a pena nomear. Deixando de lado os sentimentos de Anna, restava o fato de que Santino era meu soldado, um soldado a quem confiei a segurança da minha filha, e ele me traiu da maneira mais pessoal que eu poderia imaginar. Não me sentia inclinado a perdoá-lo por essa transgressão.

— Começou em Paris, — disse ela. — Eu tenho sentimentos por Santino há muito tempo, mas ele sempre ignorou meu flerte.

— Então ele sabia sobre seus sentimentos em relação a ele quando concordou em morar com você em Paris sem supervisão.

A expressão de Anna se contorceu com a compreensão, depois se arrependeu de ter falado demais. Anna era esperta e certamente poderia escapar de uma verdade desagradável sem uma mentira real, mas eu tinha décadas de experiência com ela quando se tratava de manipulação e coerção. Um dia ela seria tão boa quanto eu, talvez até melhor, mas agora ainda precisava perceber que não sabia tudo o que havia.

— Ele sabia. Mas nunca teve nenhuma intenção de ceder aos meus avanços, por isso ele disse com total confiança que poderia me proteger na França. Ele estava certo disso. Ele não mentiu.

Sorri amargamente. — Admiro sua tentativa de proteger Santino, mas não posso ver como seu comportamento não constitui traição. Se ele suspeitava que

você tinha sentimentos por ele, deveria ter me dito durante nossa conversa antes de eu permitir que você partisse. Eu sou seu Capo e seu pai, deveria ser minha decisão se eu estava disposto a lhe confiar sua segurança, apesar de seus sentimentos por ele, e eu definitivamente teria dito não. Não me resta outra conclusão a não ser que Santino já nutria sentimentos por você e tinha toda a intenção de persegui-los e por isso se omitiu de me dizer sobre o risco que uma viagem compartilhada a Paris representaria.

Anna se afastou. Podia ver que ela estava pesando suas opções. Eu suspeitava que havia mais na história que ela não queria compartilhar. Sua hesitação me dizia que eu estava certo e que ela tentava decidir se divulgar mais da verdade ajudaria Santino ou não. Tinha que admitir que me deixou furioso ver Anna escolhendo a dedo a verdade que queria me contar. Como pai, você não quer ser enganado.

— Você também mentiu para mim por anos, e acho que é hora de ser honesta comigo. Você não vai proteger ninguém omitindo parte da verdade. Isso só me fará assumir a pior opção, e essa definitivamente não é uma versão a favor de Santino. Não mereço a verdade?

Anna fechou os olhos brevemente. — Nem tenho certeza se estou protegendo Santino por não te contar o que aconteceu antes de Paris, porque eu agi como uma real... — Ela procurou a palavra certa, então deu de ombros. — Cadela. Desculpe, pai, realmente não há outra maneira de colocar isso.

Valentina sempre se ofendia mais com palavrões do que eu. No entanto, ouvir Anna chamar a si mesma por um termo que me faria punir severamente qualquer outra pessoa se o usassem com qualquer uma das minhas filhas ou minha esposa ainda me fazia encolher por dentro.

— Deixe-me ser o juiz, — disse neutro.

Anna assentiu, mas eu ainda percebi sua hesitação. — Eu chantageei Santino, ou ele não teria ido para Paris. Ele não queria, confie em mim, mas não teve escolha.

— Suponho que o que você sabia sobre ele deve ser uma grande traição ou

ele não teria escolhido o risco de ficar sozinho com você em Paris.

Anna corou. — Bem, não foi realmente uma traição a você, pai. Peguei Santino com a Sra. Alfera.

Levantei minhas sobrancelhas. Não era incomum que os homens traíssem suas esposas, e rumores sobre isso muitas vezes chegava aos meus ouvidos. Era algo tolerado em nosso mundo, naturalmente, já que éramos um mundo voltado para os homens. Eu não era ingênuo, então sempre soube que muitas mulheres também não eram fiéis, apenas mais espertas para manter isso escondido. Em um mundo de casamentos arranjados e maridos infiéis, era natural que as esposas procurassem atenção em outro lugar. Mas esperava que meus soldados não dormissem com a esposa de outro homem feito. Acrescentava conflito a Outfit que achava absolutamente desnecessário. — Isso é tudo? — Perguntei, meu instinto me dizendo que Anna ainda não havia divulgado tudo o que havia para mim.

Anna fez uma careta. — Bem, também o peguei com a Sra. Clark.

Balancei minha cabeça. — Embora este seja um comportamento preocupante quando se trata do bem da Outfit, acho ainda mais preocupante quando se trata de ele ser o homem por quem você obviamente tem sentimentos.

Anna merecia ser respeitada e amada. Um homem que considerava a traição um hobby válido também não era alguém que eu considerava capaz.

— Santino tem sido fiel desde que começamos… a namorar. — As bochechas de Anna ficaram vermelhas, e decidi que preferia o termo namoro a qualquer outra coisa que ela pudesse ter chamado.

Balancei a cabeça. — Entendo. Ainda assim, devo dizer que o comportamento de Santino exige uma punição.

— Santino me protegeu com sua vida. Ele está em coma porque me protegeu. Não importa o que você possa pensar dele, ou seu comportamento no passado, ele é o homem que faria tudo por mim. Não tenho uma única dúvida sobre isso.

Gostaria de poder compartilhar sua convicção, mas Santino e eu tínhamos

muito a discutir antes que pudesse decidir sobre seu futuro, uma vez que sua saúde permitisse isso naturalmente. Eu lhe daria uma chance justa de se defender, por Anna e por Enzo.

Anna pressionou sua bochecha contra meu peito. — Pai, por favor, não castigue Santino, não por me amar.

— Como você descreveu, há muitas outras más condutas pelas quais posso puni-lo.

— Pai! — Anna disse com um beicinho. Ela, como sua mãe, tinha um talento milagroso para conseguir sua vontade. E há muito desisti de lutar contra isso. — Prometa que não punirá muito Santino. Por favor.

Beijei o topo de sua cabeça. — Não posso prometer nada ainda, mas certamente terei em mente que seu bem-estar também está em jogo. Por enquanto, temos que esperar que Santino melhore.

— Espero que ele acorde logo.

Ainda não tinha lhe contado sobre ele ter acordado, achei mais prudente falar com ela antes que sua mente estivesse ocupada com Santino. — Ele acordou. Enzo me enviou uma mensagem alguns minutos atrás.

Os olhos de Anna se arregalaram em descrença, então pura felicidade refletiu em seu rosto. Para um pai ver esse tipo de emoção no rosto de uma filha por causa de um homem que deveria punir duramente era um pesadelo. Não seria a primeira vez que as mulheres da minha vida me faziam borrar as linhas do que deveria ser feito pelo bem da Outfit. No entanto, ainda não estava convencido de que Santino era alguém que queria perto de Anna.

— Posso vê-lo? Por favor, pai, preciso vê-lo e dizer que não me casei com Clifford. Ele provavelmente acha que já sou casada.

— Tudo bem.

Anna gritou de alegria, jogando seus braços em volta de mim. Apesar da minha intenção de segurar minha raiva, sua felicidade me encheu de alívio. Dei um tapinha nas costas dela, então me afastei e disse severamente. — Você pode visita-lo, mas vou precisar falar com ele. E depois disso, todos nós precisamos

descobrir uma solução com os Clark.

Anna mordeu o lábio. — Eles vão querer nos arruinar, suponho.

— Maximo Clark definitivamente, mas posso lidar com ele. Não será agradável, no entanto. Talvez Santino possa ajudar. Dessa forma, ele pode me provar que está disposto a expiar sua traição.

Capítulo 33

SANTINO

— Ela não te merece. Você merece alguém que te escolha! — Papai gritou.

A porta se abriu e Anna entrou aos tropeções, usando um vestido de noiva. Um pouco de seu rímel estava borrado e suas bochechas estavam coradas.

Ela congelou quando me viu. Afundei na cama, minhas pernas de repente muito fracas para me carregar. Porra. Nunca fui um maldito fracote.

Ela não se moveu de seu lugar na porta. — Você está realmente acordado.

Forcei um sorriso. — Sim. Perdi o seu casamento.

Ela interveio. — Eu não casei. Não podia.

Fiz uma careta, esperança florescendo em mim. — Você não podia o quê?

— Não podia dizer sim. Sabia que seria melhor para a Outfit e que estava sendo egoísta, mas não podia dizer sim a Clifford. Eu não me casei.

— Você deixou Clifford no altar no dia do seu casamento e saiu correndo em seu vestido como uma noiva fugitiva? — Sorri, mas minhas entranhas estavam explodindo de emoção. Porra. Anna tinha me escolhido.

Anna revirou os olhos e bufou. Ela ainda não tinha se movido de seu lugar na porta.

— Por que você não pôde se casar com ele?

Anna me deu um olhar suplicante. — Você sabe por quê.

Não tinha absolutamente nenhuma intenção de tornar isso fácil para ela. Não depois do que ela me fez passar. — Me esclareça.

— Por sua causa, Sonny. Porque eu te amo mesmo que você me irrite mais do que qualquer outra pessoa jamais o faria.

Ri e abri meus braços. Anna correu para mim e meio que caiu em meus braços. Ela passou os braços em volta da minha cintura, me abraçando com

força. Levei um momento para perceber o que Anna tinha dito. Ela admitiu seu amor por mim. Me afastei alguns centímetros, examinando seu rosto.

Papai limpou a garganta. Tanto ele quanto Frederica nos observavam embaraçados. — Vamos dar-lhes algum tempo para conversar.

Papai deu um passo para trás, trocando um olhar com Frederica antes que os dois saíssem do quarto e fechassem a porta.

Passei a mão pelo cabelo de Anna. Ela deve ter feito um penteado para o casamento, mas a maioria dos grampos já tinha caído. — Sinto muito por ter demorado tanto para cancelar o casamento. Eu deveria ter feito isso muito antes.

— Você deveria. Claro que escolheu o pior momento possível. Tenho certeza de que seu pai já está planejando minha decapitação.

Não que me importasse. Saber que Anna poderia finalmente ser minha valia a pena morrer cedo.

Ela levantou a cabeça, seus olhos suaves e realmente vítreos. — Achei que te perderia. Estava apavorada. A ideia de que você poderia não estar mais aqui... não podia suportar.

— Estou vivo e não tenho intenção de morrer tão cedo.

— Nunca, — disse ela com firmeza.

— Definitivamente pretendo morrer antes de você, porque com certeza não quero viver sem você.

Anna balançou a cabeça com um pequeno sorriso. — Isso é macabro.

Segurei sua bochecha e a puxei para um beijo, querendo saboreá-la sem medo de ser pego, sem saber que nossa união estava fadada a ser temporária. Não havia mais data de validade para o nosso amor. Nenhum casamento que pairasse sobre nossas cabeças como uma espada de Dâmocles.



Não tinha certeza de quanto tempo havia passado, não o suficiente quando uma batida soou.

— Temo que possa ser minha mãe, — disse Anna com um sorriso de desculpas.

Valentina entrou como se seguisse a deixa. Ela ainda estava usando um vestido de noite verde escuro, com um elegante penteado e salto alto. Ela estava vestida para comemorar o casamento de sua filha, mas em vez disso, me visitava no hospital para o que eu sabia seria uma conversa muito desagradável.

O rosto de Valentina deixava seu desagrado muito claro. Não podia acreditar que ela havia parado o casamento ao lado de Anna. Uma coisa era certa, ela não tinha feito isso porque queria Anna e eu juntos.

— Deixe-me ter uma conversa com Santino, — disse ela, e sua voz era puro aço, não tolerando uma discussão.

— Mamãe.

— Anna, — Valentina disse bruscamente. — Você e Santino estão enganando seu pai e eu há muito tempo, e acho que é meu direito falar com Santino agora. Quero ouvir a versão dele sobre as coisas.

Dei a Anna um sorriso encorajador. Eu era um menino grande. Poderia lidar com a mãe dela.

Anna se esgueirou para fora, mas não antes de lançar um olhar suplicante para sua mãe. Duvidava que tivesse causado muita impressão.

Tinha que admitir, teria preferido um confronto com Dante neste momento. Valentina parecia uma leoa determinada a proteger seus filhotes e tinha toda a intenção de me rasgar.

— Você mentiu?

Levantei minhas sobrancelhas, tentando descobrir a qual instância ela estava se referindo.

— Quando falei com você pouco antes de voarmos para Paris, você disse que não tinha absolutamente nenhum interesse em minha filha e só a via como um trabalho. Você estava mentindo? Já tinha um caso com minha filha naquele momento? Talvez mesmo antes de ela ser maior de idade?

— Não havia nada entre mim e Anna antes de ela completar dezoito anos,

— disse imediatamente, o que era principalmente verdade. — E estava determinado a manter um relacionamento profissional com ela, então não menti naquele dia.

— Mas sabia que ela estava interessada em você, e você não estava completamente desinteressado.

Meu primeiro instinto foi mentir, e provavelmente teria feito isso se o pensamento de que Valentina poderia se tornar minha sogra um dia não tivesse passado pela minha cabeça.

Se Dante não me matasse por dormir com sua filha e arruinar o vínculo com os Clark. Não queria começar um possível vínculo familiar com uma mentira. — Sim eu sabia. Mas tinha certeza de que era forte o suficiente para permanecer profissional.

— Você não era, — Valentina disse em uma voz entrecortada.

— Anna é uma mulher muito forte. Ela sabe o que quer e como conseguir.

— Então você está dizendo que não pôde resistir aos avanços dela e que não tem culpa?

— Ah, foi minha culpa. Me apaixonei por Anna e a persegui assim que percebi. Gostei do tempo que passamos juntos em Paris e odiava a ideia de ela se casar com Clifford.

— Você ama minha filha?

— Eu a amo mais do que tudo. Se tivesse acordado a tempo, eu mesmo teria impedido o casamento. Inferno, teria jogado Clifford para o lado e me casado com ela.

Valentina me olhou em silêncio por um momento antes de dar um aceno satisfeito. Então um pequeno sorriso se espalhou em seu rosto. — Se meu marido não te matar, tenho certeza de que eventualmente posso perdoá-lo.

— Obrigado?

A porta se abriu novamente, mas desta vez era papai. A tensão em seu corpo me disse que ele não estava sozinho. Ele deu a Valentina um rápido aceno de cabeça em saudação antes de se mover para o meu lado e afundar na cadeira

que ocupou por incontáveis horas nas últimas semanas. Dante entrou atrás dele. Sufoquei um gemido.

Valentina foi em direção ao marido e sussurrou algo em seu ouvido antes de sair. A expressão de Dante era absolutamente ilegível.

— Você tem muito que explicar, — Dante disse enquanto entrava na sala. — Dê-me um momento com seu filho.

Papai não se mexeu. Nunca o vi desobedecer a uma ordem direta de seu Capo.

Toquei seu braço. — Pegue um café. Você parece o inferno.

Papai se levantou da cadeira, mas ainda não saiu.

Dante não disse nada, mas sua mandíbula se apertou.

— Pai, eu vou ficar bem.

Papai deu um passo para trás e andou lentamente em direção à porta. Dante acenou para ele, então disse: — Sou um homem honrado, Enzo. Não tenho intenção de machucar seu filho.

Um pouco da tensão deixou papai, e depois de outro olhar para mim, ele finalmente saiu.

— As últimas semanas foram esclarecedoras. E os últimos dias em particular também.

Tive que reprimir um sorriso. Realmente gostaria de ter testemunhado Anna dizendo não na igreja. Esse era o meu maior arrependimento agora.

Dante estreitou os olhos como se pudesse ver minha excitação.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — Dante perguntou em uma voz que tinha ouvido durante interrogatórios antes. Estava pisando em gelo fino, mas não tinha intenção de negar meus sentimentos por sua filha.

— Nunca a toquei antes que ela fosse maior de idade.

— Então você esperou o aniversário dela para tocá-la?

— Não, nunca pretendi estender nosso relacionamento além do profissional, mas Paris mudou as coisas.

Se tivesse que morrer por esse amor, faria isso. Eu queria Anna.

Subestimei meus sentimentos por essa mulher por muito tempo. Levei vários tiros por ela e não me arrependo de nenhum, nem me arrependeria de um único momento com ela. Sonhei com eles enquanto estava em coma, se é que se pode chamar de sonho ou alucinações, e esses momentos preciosos me ajudaram a sobreviver. E queria adicionar mais memórias com ela à minha vida.

— Gostaria de saber o que aconteceu. Chega de mentiras, e devo dizer que já falei com Anna.

Ele estava tentando me encurralar e me deixar preocupado com o que Anna poderia ter compartilhado. Anna podia guardar um segredo, se achasse mais seguro fazê-lo, mas sua mente funcionava bem diferente da minha. Ela poderia muito bem ter decidido que compartilhar tudo seria a opção mais segura para mim.

Olhei Dante nos olhos. — Não vou compartilhar detalhes íntimos com você.

— E vou te agradecer por isso, — Dante falou lentamente, mas não perdi o subtom ameaçador. Não podia culpá-lo. Se Anna fosse minha filha e eu descobrisse que o seu guarda-costas transou com ela, provavelmente esmagaria o rosto dele. Tinha sorte de Dante estar controlado, embora isso só pudesse significar uma punição mais tarde, mas mais dura para mim.

— Anna e eu compartilhamos um vínculo especial. Ela é uma mulher que não aceita merda. Ela não hesita em me dizer a dura verdade ou dizer que estou cheio de merda.

— Tenho certeza de que ela teve muitas oportunidades para fazê-lo.

Não tinha certeza se Dante disse isso como uma piada. Sua voz estava dura e áspera, mas por alguma razão achei que ele realmente tinha sido um pouco irônico.

— Muitas, — concordei com um sorriso, lembrando de todas as vezes que Anna me jogou no fogo por algo que eu tinha feito. Ela nunca recuou. — Ela me fez perceber o que estava faltando na minha vida. Eu precisava de uma mulher com uma coluna de aço e confiança e objetivos próprios. Uma mulher que não

aceitaria merda nenhuma de mim. Sei que Anna nunca vai me deixar tratá-la mal e nunca faria isso. Ela é uma mulher que me faz querer adorá-la e isso é realmente uma experiência nova para mim. Não posso imaginar estar com mais ninguém, e não estive desde que pusemos os pés em Paris. Anna é a única mulher com quem quero estar. Eu quero que ela seja minha, verdadeira e abertamente. Eu quero que todos na Outfit saibam que ela me pertence.

Dante caminhou até a janela, um olhar pensativo em seu rosto. — Você percebe que isso seria igual ao casamento.

Sorri. — Oh sim. — Mal podia esperar para finalmente transar com uma mulher casada com a qual deveria transar. Não expressei meus pensamentos muito inapropriados e decidi mantê-los para Anna em nossa noite de núpcias. Mal podia esperar por sua reação certamente ardente e o sexo incrível depois. — Quero casar com ela.

A expressão de Dante não parecia muito sociável. Isso provavelmente era um pouco cedo demais, e definitivamente demais para ele, considerando que o casamento de Anna com Clifford havia fracassado hoje.

— Nossa família é baseada na confiança. Você percebe que não teve um grande começo se pretende se tornar parte disso. Você vem mentindo para mim e minha esposa há anos.

— Eu sei. E acredite em mim, gostaria que a situação tivesse sido diferente. Odiei cada momento de segredo, de fingir que Anna não era nada além de um trabalho quando era meu tudo. Nunca entendi por que meu pai não namorou uma mulher anos depois da morte da minha mãe, porque se recusa até hoje a se casar novamente. E não entendia o amor que ele sentia por minha mãe e que ainda sente por ela. Mas agora que tenho Anna, entendo o que significa perder alguém que você ama. Quando achei que Anna se casaria com Clifford por dever para com a Outfit, tive certeza de que nunca mais me apaixonaria por outra mulher.

Fiz uma pausa, percebendo que Dante também havia perdido sua primeira esposa e se casou com Valentina. Será que coloquei os pés pelas mãos de novo?

Anna dizia que era meu maior talento, e eu estava começando a acreditar que ela estava certa.

Dante estava me observando atentamente, seus frios olhos azuis me fazendo sentir muito contra a parede. Eu raramente dava a mínima para o que as outras pessoas pensavam de mim. Mas Dante tinha o futuro de Anna e meu em suas mãos. — Você e Anna poderiam ter fugido juntos enquanto estavam na França. Levaria um tempo para eu suspeitar e até lá poderiam ter encontrado um esconderijo.

Não pude deixar de rir. Anna nunca deixaria sua família, nem mesmo por mim, e nunca lhe pediria para fazer isso. E também não deixaria meu pai e minha irmã. Nossa família já havia sofrido o suficiente e não acrescentaria nada a isso. Sem mencionar que eu era absolutamente leal à Outfit. — Isso nunca foi uma opção, — disse com firmeza. — Anna e eu temos uma grande coisa em comum, nosso amor por nossa família e nosso orgulho pela Outfit.

Eu poderia dizer que Dante acreditou em mim e que minha resposta o acalmou um pouco. Talvez ele estivesse preocupado que eu fosse arrancar Anna dele e da família.

— Quero continuar cumprindo meu dever com a Outfit. Eu nunca fugiria. E quero me tornar parte de sua família. Não importa o que me peça, farei isso. Provarei minha lealdade a você, Anna, e a Outfit uma e outra vez, se for preciso.

— Não espero nada menos, — disse Dante. — Primeiro, você pode me ajudar a conter o dano que foi causado hoje. Acho que seus esforços anteriores podem ser úteis a esse respeito.

Anna deve ter contado a seu pai sobre meu caso com Dolora. — Pode ser.

Capítulo 34

ANNA

— Talvez você possa falar com ele, — Enzo me cumprimentou quando entrei no quarto de hospital de Santino dois dias depois que meu casamento explodiu.

Santino estava tentando puxar um moletom sobre a cabeça, mas suas bandagens e os ferimentos cobertos por elas dificultavam. Entreguei a Enzo uma xícara de café, que também lhe trouxe ontem. — O que está acontecendo?

— Santino decidiu sair do hospital contra as ordens explícitas dos médicos.

Santino finalmente conseguiu enfiar um braço em uma manga e deu a seu pai um olhar irritado. — Santino é adulto e prefere se curar em casa. — Fui até ele e lhe dei um selinho. Beijá-lo na frente dos outros ainda parecia estranho, mas ao mesmo tempo tão maravilhosamente libertador.

— Não é muito arriscado?

Santino acenou para mim. — Posso lidar com isso.

O ajudei a vestir o moletom, sabendo muito bem que era inútil discutir com ele se estivesse decidido. Ele era teimoso como uma mula.

— Sem mencionar que Dante precisa da minha ajuda para conter o escândalo que Anna e sua mãe causaram, — ele disse com uma piscadela para mim.

— Com licença? Você também está envolvido no escândalo.

— Mas eu teria escolhido um momento melhor para interromper o casamento.

— Duvido, — Enzo e eu dissemos simultaneamente. Trocamos um olhar e um sorriso. Meu coração se expandiu, feliz por ele e eu termos finalmente feito

as pazes.

— O que quer dizer com meu pai precisa de você? — Perguntei. Papai não havia mencionado nada para mim, o que provavelmente significava que era arriscado ou algo que ele considerava desonroso.

Mas os Clark ficaram furiosos e se recusaram a conversar, então precisávamos agir.

Clifford ignorou todas as minhas ligações e mensagens.

Santino me deu um sorriso sombrio. — Vou ajudá-lo a lidar com os Clark.

A expressão de Enzo se contraiu em desaprovação.

— Como? — Perguntei. — Você não pode matar todos eles.

Santino beliscou levemente minha bunda. Felizmente o ângulo escondeu de Enzo ou eu teria morrido de vergonha. Lancei a Santino um olhar de advertência, que ele respondeu com um sorriso. — Eu poderia, mas não vou.

— Então o que você vai fazer?

— As fotos que você tirou quando me pegou com Dolora Clark, as baixei para minha nuvem caso precisasse delas.

— Pervertido.

Ele sorriu, mas rapidamente ficou sério novamente.

A percepção me fez arregalar os olhos. — Você vai chantageá-la?

Ele assentiu. — Ela fará qualquer coisa para evitar esse escândalo.

— Mas ela não me parece uma mulher que tem poder suficiente sobre o marido para dissuadi-lo de uma vingança.

— Ela não é, mas vou tentar a minha sorte.

— Se ela não conseguir convencer Máximo, ainda podemos chantageá-lo com as fotos. Ele não pode arriscar um divórcio neste momento de sua carreira, especialmente após um escândalo como esse.

— Você é tão astuta quanto linda.

— E você está propenso a causar escândalos.

— Assim como você, chérie. — Ele deu de ombros, então me puxou contra ele e me beijou novamente. — Deixe-me falar com Dolora agora.

Enzo se desculpou, obviamente incomodado com a demonstração de afeto de Santino. Minhas bochechas aqueceram. Limpei minha garganta.

— Não me deixe te parar. Se meu pai acha que vale a pena seguir esse plano, então devemos tentar.

— Você não está com ciúmes, certo?

Fiz uma careta. — Por favor. Você pode jogar na Liga dos Campeões ou na Taça da Aldeia.

— A vida na Europa deixou suas cicatrizes. Nunca vou me acostumar com suas referências de futebol e não tenho certeza de que elas sejam precisas.

Ele olhou no seu relógio. — Preciso ir ao clube de campo onde Dolora passa a maior parte de suas tardes agora.

— Você vai dirigir?

Ele me beijou novamente. — Sou um menino grande, Anna.

— Pelo menos leve seu pai com você. — Ainda odiava que Santino tivesse transado com a mãe de Clifford, mas pelo menos agora isso poderia salvar nossas bundas. Quem teria pensado que os modos de destruição de lares de Santino seriam tão úteis?

SANTINO

Dolora saiu do clube de campo. Todos os Clark eram membros, é claro. Já fazia uma hora do seu horário de saída habitual e quase perdi a paciência. Sem mencionar que meus ferimentos doíam como uma cadela e não tinha tomado analgésicos suficientes. Estacionei meu carro no meio-fio na esperança de chamar sua atenção. Seus olhos registraram meu carro, então eu e ela rapidamente olhamos ao redor com preocupação. Abaixei a janela e me inclinei para fora. — Nós precisamos conversar.

Ela correu em minha direção e quase saltou ao entrar. — Você não pode

simplesmente vir aqui. Se alguém nos vê juntos, haverá um inferno a pagar. Tive que me esconder nos banheiros por sua causa.

Liguei o carro e dirigi até estacionamento de um Starbucks próximo. — Como fiz isso?

— Você causou um escândalo e agora todo mundo está comentado pelas minhas costas. Não posso nem mostrar meu rosto no clube sem as pessoas me dando sorrisos condescendentes. Simplesmente não aguento mais.

— Suponho que então não gostaria de ter outro escândalo em suas mãos.

Ela congelou. — O que você está falando?

— Preciso que você convença seu marido a manter suas conexões com a Outfit, e o dissuada de qualquer plano de vingança que possa estar arquitetando agora.

— Não posso fazer isso.

Mostrei-lhe as fotos de nós no meu telefone. Seus olhos azuis se arregalaram. — Estarei arruinada se isso vazar. Máximo não vai me perdoar se eu arruinar sua carreira com algo assim.

Era meio apropriado que ele se preocupasse mais com sua carreira do que com seu casamento. Suponho que esse navio tenha partido há muito tempo.

— Então fale com ele e faça-o ver a razão.

— Isso é chantagem.

— Você foi para a cama com um mafioso, Dolora.

Ela apertou os lábios. — Maximo não me ouve. Não vou conseguir convencê-lo.

— Tente o seu melhor.

Ela me deu um olhar suplicante, mas simplesmente olhei de volta. Ela fechou os olhos, então assentiu.

Dois dias depois, ela me ligou para dizer que seu marido não a quis ouvir.

Isso significava que tínhamos que convencê-lo nós mesmos.



Dante, Leonas e eu esperamos em um restaurante da Outfit pela chegada dos Clark. Com um minuto de sobra, Maximo, Clifford e Dolora entraram no restaurante. Seus guarda-costas ficaram do lado de fora sob suas ordens. Eles obviamente queriam menos ouvidos para ouvir.

A expressão de Máximo deixava bem claro que ele não queria nada com a gente. Clifford parecia surpreendentemente blasé com a situação. Ele nunca pareceu terrivelmente investido em seu vínculo com Anna de qualquer maneira. Agora que não se casaria mais com ela, eu o achava muito mais tolerável. Suponho que a opinião dele sobre mim não melhorou.

Dante se levantou com um sorriso profissional. — Vocês chegaram.

Como se eles tivessem uma escolha. Máximo ignorou a mão estendida de Dante e afundou na cadeira à sua frente. — Espero que isso não demore muito. Tenho outra ligação com meus advogados.

Se ele achava que isso impressionaria alguém aqui, ainda não entendia o que significava um acordo com o diabo. Apenas Dolora parecia completamente assustada, o que quase me fez sentir pena dela. Mas, novamente, ela dormiu com um mafioso então deveria prever as repercussões.

— Tenho certeza que podemos resolver o assunto rapidamente e satisfatoriamente, — Dante falou lentamente. Tive que reprimir um sorriso.

Ele empurrou as fotos impressas sobre a mesa. Eu não estava orgulhoso de minhas ações, especialmente porque Anna me pegou. Meus sentimentos por ela me mudaram, mas agora que meus modos de Casanova eram nossa passagem para chantagear os Clark, não podia realmente me arrepender de minhas ações. O rosto de Clifford se contorceu com desgosto e depois raiva. Ele balançou a cabeça e deu um passo para trás. Ele provavelmente reconheceu sua cama, que em retrospectiva foi um lugar realmente horrível para se deitar, mas Dolora a escolheu, e ele era filho dela, não meu.

A mandíbula de Máximo se apertou e seu rosto ficou vermelho. Ele olhou para sua esposa, que parecia querer desaparecer.

— Foi uma coisa única, Máximo, — disse ela. Uma mentira, sem dúvida. Dolora não hesitou sobre suas ações quando flertou comigo. Sem mencionar que ela tinha um segundo telefone, que a maioria das pessoas usava para seus amantes secretos. — Fiquei magoada porque você escolheu sua estagiária para me trair e precisava me sentir validada.

— Isso não é sobre mim, — ele rosnou, olhando para Dante com cautela. Claro, meu Capo estaria arquivando essas informações para uso posterior. — Quem escolhe o guarda-costas da noiva de seu filho?

— E usa sua cama, — Clifford murmurou.

— Essa é a cama do nosso filho?

Claro que Máximo não a reconheceria. Duvidava que ele passasse muito tempo nos quartos de seus filhos ou com eles. Ele parecia alguém que tinha filhos porque ficavam melhor em seu currículo e faziam bons figurantes em fotos de campanha.

Ela deu de ombros.

— No meu aniversário, mãe? — Clifford perguntou com um aceno de cabeça enojado.

— Foi um momento difícil para mim.

— E a discrição? Você e papai sempre me disseram que as atividades extraconjugais precisavam ser tratadas com cuidado.

— Elas devem. Sua mãe obviamente esqueceu.

Dante assistia com um olhar calculista. Pegamos os Clarks. Ele sabia disso.

— Não tenho intenção de tornar públicas suas atividades extraconjugais, — ele falou lentamente. — Se pudermos chegar a um acordo.

Máximo fez um gesto para mim. — Provavelmente foi você quem armou para esse cara foder minha esposa.

— Posso garantir que acredito na santidade do casamento e não armaria com meus homens para incentivar a traição.

Máximo bufou. — Pare com isso. Nós dois sabemos que você não tem

moral.

A expressão de Dante ficou ainda mais fria. — Tenho mais do que você, parece.

— O que você quer? Não foi meu filho que quebrou o acordo. Foi sua filha.

— De fato, mas isso não precisa ser o fim de nossa cooperação. Tenho certeza que podemos encontrar outra opção. Nós temos muitas garotas bonitas que estão em idade de casar, — Dante disse diplomaticamente, mas podia dizer que ele estava perdendo a paciência. Se estivesse no lugar dele, já teria jogado Maximo Clark da ponte mais próxima. Algo sobre esse homem simplesmente me deixava no limite. Ele parecia muito mais relacionável e agradável em suas campanhas. Seus gerentes de campanha deveriam ser verdadeiros mágicos.

Máximo levantou, o que foi outro ato de desrespeito. — Nós não queremos que você jogue um osso para Clifford como se ele fosse um cachorro.

Tinha uma piada sobre o cachorro Clifford em meus lábios e tive dificuldade em me controlar. Em vez disso, rosnei: — Sente-se. A conversa não acabou.

Maximo corou, mas não perdi a breve expressão de satisfação que passou pelo rosto de Clifford. Máximo voltou a sentar.

— É uma maneira de proteger um vínculo do qual ambos nos beneficiaríamos, — disse Dante.

— Não tenho tanta certeza de que nos beneficiaríamos desse vínculo. Meu filho não precisa de outro escândalo.

Dante olhou para Leonas, que tinha escutado em silêncio até agora, mas como seu pai, ele arquivava tudo para uso posterior. Anna definitivamente compartilhava sua astúcia.

— Eu poderia me casar com uma de suas filhas, — Leonas sugeriu com um encolher de ombros. — Aposto que você poderia dispor uma delas.

A pele de Maximo Clark ficou um tom ainda mais escuro de vermelho, o que não achava possível, mas em seus olhos, podia ver que ele estava

considerando isso.

Não ouvia rumores com muita frequência, mas sabia que uma das gêmeas Clark esteve envolvida em um incidente desagradável que causou alguns danos menores na imprensa.

Máximo trocou um olhar com sua esposa e depois com Clifford, mas este não parecia nada entusiasmado com a sugestão. Maximo, por outro lado, parecia aliviado por ter encontrado uma maneira de se desfazer de sua escandalosa prole.
— Quando você sugeriria um casamento?

Capítulo 35

ANNA

— Você realmente quer se jogar na frente do ônibus por mim? Você sempre foi contra um vínculo com os Clark e agora quer se casar com a gêmea Clark má?

Leonas sorriu. — Eu era contra, ainda sou contra, mas a situação é diferente agora. Você teria que bancar a esposa do político, deixando nossa vida para trás em partes, mas se me casar com uma gêmea Clark, ela terá que se curvar ao nosso modo de vida.

— Charlotte não parece gostar de se curvar a ninguém.

Leonas tinha um sorriso sombrio no rosto. — Depende dos rumores que você ouve.

Revirei os olhos. — Ninguém ficará feliz com esse vínculo.

— Talvez a Clark Má fique feliz em se livrar de sua família.

— O nome dela é Charlotte.

Só troquei algumas gentilezas sem sentido com as irmãs de Clifford no passado, então não as conhecia, exceto pelas fofocas ocasionais.

— Não consigo distingui-las. Eles parecem praticamente iguais e seus nomes são quase clones um do outro.

Elas costumavam ser idênticas, mas desde que Charlotte mudou seu estilo, era fácil diferenciá-las. — Você pode ser um idiota.

— Hoje sou o herói que salvou o dia.

Balancei a cabeça. — Você realmente tem certeza disso? Duvido que os Clark fiquem muito felizes se outro casamento explodir porque um Cavallaro decidiu que não quer o vínculo.

— Mana, tenho uma vantagem sobre você.

Fiz uma cara de dúvida.

— Não estou apaixonado por outra pessoa, e nunca estarei. Este coração é frio como gelo.

— Você é cheio de merda. — Inclinei-me e beijei sua bochecha. — Mas obrigada por se jogar na frente do ônibus por mim.

Leonas deu de ombros. — Por você e pela Outfit. É melhor do que ser apanhado em um vínculo com pessoas de fora. Dessa forma, posso controlar como será.

Balancei minha cabeça com um sorriso. Leonas já estava planejando com antecedência, para quando tivesse mais voz na Outfit, embora papai já tivesse lhe dado mais e mais responsabilidades. Os conservadores estavam ganhando força, especialmente entre os jovens Mad Mans e Leonas tinha boa posição entre eles. Muitos nunca quiseram um vínculo com intrusos, nada que se estendesse a suborná-los, e foi por isso que muitos não me condenaram por escolher não me casar com Clifford. Era como Leonas havia dito. Eu teria que deixar a Outfit em parte para me tornar parte do mundo de Clifford. O mesmo não aconteceria agora que Leonas se casaria com Charlotte. Ela teria que se submeter ao nosso mundo e regras, ou seria engolida por ele.



O som de um motor chegou à sala onde eu estava sentada com Bea, esperando Santino chegar.

O rosto de Bia se iluminou. — É Santino?

Balancei a cabeça, me sentindo muito feliz. Só tive vislumbres dele nas últimas duas semanas desde sua alta do hospital. Mamãe e papai exigiram que mantivéssemos distância enquanto lidavam com os Clark e as primeiras ondas do escândalo diminuíam. Foi difícil não falar com ele ou vê-lo, especialmente agora que não precisávamos mais nos esconder, pelo menos de nossas famílias.

O público ainda não sabia do nosso relacionamento, embora isso provavelmente mudasse esta noite. Papai também sabia que ninguém acreditaria se disséssemos que Santino e eu encontramos nosso amor depois do casamento fracassado e, felizmente, ele queria lidar com o assunto de forma ofensiva.

Me levantei, sorrindo, e corri para o saguão. A campainha tocou e estava prestes a abrir a porta quando a voz de papai soou: — Deixe-me abrir.

Parei. Ele caminhou em minha direção com um olhar severo.

— Pai, isso é realmente necessário? Por que Santino não pode entrar pela porta da guarita e me pegar como fazia no passado?

— Porque desta vez ele não te pegará como seu guarda-costas. Ele está aqui para buscá-la para um encontro, e isso exige que espere na porta e cumprimente seus pais.

— Você não vai enviar um acompanhante, certo?

Papai não disse nada enquanto passava por mim.

— Passamos três anos sozinhos em Paris, — o lembrei.

Papai abriu a porta e cumprimentou Santino com uma expressão severa. Mamãe veio até nós também.

— Você também não, mãe, por favor.

Ela tocou meu ombro ao passar. — Temos certas regras, e mesmo que você e Santino tenham feito um desvio por um tempo, isso vai mudar agora.

Revirei os olhos. Eu tinha vinte e dois anos e praticamente namorava Santino a três anos e meio. Era tarde demais para proteger minha virtude. E ninguém na Outfit acreditaria que Santino e eu tínhamos acabado de começar a nos ver. Eles somariam dois mais dois assim que aparecêssemos em público e ligariam meu noivado rompido a Santino.

Mamãe e papai barraram minha visão da entrada e de Santino. Aproximei-me deles para ter certeza de que não lhe dariam muito trabalho. Meus olhos se arregalaram de surpresa quando vi mamãe aceitar um lindo buquê de flores de Santino, que lhe deu um sorriso encantador antes de entregar ao papai uma garrafa do que parecia ser uma garrafa muito boa de Barolo. Sufoquei um

sorriso. Mamãe finalmente deu um passo para trás para que eu pudesse tomar seu lugar. Ela esfregou minhas costas com um sorriso conhecedor.

Meus olhos encontraram os de Santino e ele rapidamente examinou minha roupa. Era um vestido que eu tinha usado em Saint Tropez. Tive que modificar minha roupa para o outono mais frio em Chicago, no entanto, e acrescentei um blazer cropped e botas acima do joelho.

— Saint Tropez, — Santino disse sem hesitar, então lançou um olhar para meu pai, que ergueu uma sobrancelha.

— Lembrar te dá pontos de bônus, mas onde estão minhas flores? — Perguntei com um sorriso provocante.

Papai balançou a cabeça com um pequeno sorriso antes de lançar outro olhar de advertência para Santino.

— Eu sabia que você pediria, — Santino disse e se abaixou para pegar outro lindo buquê de flores, rosas e outra linda flor com muitas pétalas pequenas que não conhecia em vermelho e laranja. Peguei as flores dele, resistindo à vontade de beijá-lo. Não queria que papai visse.

Ele ainda estava com raiva de Santino, e provavelmente o teria punido severamente se não fosse pelo fato de eu o amá-lo. Santino estava em uma espécie de liberdade condicional, por assim dizer, com uma possível punição ainda pairando sobre sua cabeça, e ele não podia mais trabalhar como meu guarda-costas. Seu pai havia aceitado o emprego por enquanto até que encontrasse um substituto adequado para Santino.

Passos soaram e Leonas apareceu, usando uma camisa preta, calça preta e sapatos pretos Budapeste.

Meu rosto caiu. — Oh não. Não me diga que ele será nosso acompanhante.

— De fato, mana, — disse Leonas. — E vou levar meu trabalho a sério.

Dei a papai um olhar incrédulo. — Pai.

— Santino não é o único que precisa recuperar a confiança perdida. Espero você de volta em casa às onze.

— Onze? — Já eram sete. — Pai, tenho vinte e dois.

Papai inclinou a cabeça. — E Santino é um homem com quem você não é casada, então vocês não deveriam ter um encontro.

Apertei meus lábios. Mamãe e papai não eram muito conservadores. Ele estava fazendo isso como uma espécie de punição para mim.

Respirei fundo e fiquei na ponta dos pés para beijar suas bochechas. — Obrigada por nos permitir passar um tempo juntos.

Ele assentiu e trocou um olhar com Leonas antes de desaparecer de vista. Virei-me para Santino com um sorriso, incapaz de contê-lo. Senti tanto a falta dele nas últimas semanas. Mas agora que nada estava em nosso caminho, nem um coma, um casamento ou a palavra de papai, queria passar cada segundo com ele. Minha mente e meu corpo ansiavam por ele. Só precisava descobrir uma maneira de me livrar de Leonas para que Santino e eu pudéssemos realmente nos divertir em todos os sentidos da palavra.

SANTINO

Não precisava ser um leitor de mentes para saber o que Anna estava pensando. Provavelmente era a mesma coisa que eu no momento em que a vi no vestido justo e botas. Porra, sentia tanta falta dela. Meus ferimentos ainda doíam como o inferno, mas eu com certeza não deixaria que isso me impedisse de tomar Anna esta noite.

O que poderia, no entanto, me impedir era Leonas. Seu sorriso de comedor de merda não era um bom presságio.

— Então, onde você vai nos levar para jantar? — Ele perguntou. — Espero não estar mal vestido para a ocasião.

Como se ele e seus pais não soubessem exatamente para onde eu levaria Anna. Dante quis saber cada detalhe do nosso encontro para antecipar como a imprensa e a Outfit descobririam e poderiam reagir. Não me importei, ou melhor, não discordaria. Já estava mais do que grato por ele não ter colocado uma bala

na minha cabeça no momento em que descobriu sobre Anna e eu. Supunha que quase morrer por Anna tinha feito a diferença. Ou talvez o anel que daria a Anna mais tarde.

Dei um sorriso duro para Leonas. — Eu deveria ter te dado uma boa surra anos atrás.

Leonas abriu os braços. — Você pode tentar me dar uma agora.

Estendi minha mão para Anna pegar e a levei em direção ao meu Camaro. Depois que a ajudei a sentar no banco do passageiro, me virei para Leonas mais uma vez.

— Prefiro ficar longe da sua bunda.

— Funciona para mim.

Sentei-me atrás do volante e peguei a mão de Anna antes de ligar o motor.

— Esta é a primeira vez que ando no seu Camaro.

— Demorou muito. — Levei a mão dela aos meus lábios e a beijei.

Leonas fez um barulho de campainha. — Tenho que lembrá-lo que meu dever como acompanhante da noite será limitar suas demonstrações públicas de afeto, então não use tudo agora.

— Isto não é público, — Anna sibilou.

— Você também deve reconsiderar seu tom em relação à pessoa que pode decidir fazer uma longa pausa para fumar mais tarde hoje.

Balancei minha cabeça com uma risada. — O que há com vocês Cavallaros e chantagem?

— Está em nosso DNA, — disse Leonas.

Anna riu. — Ah, cale a boca. Deixe-me pelo menos fingir que você não está aqui.

Anna e eu comemos em um restaurante requintado que era de propriedade da Outfit e que servia cozinha tradicional de Roma. Leonas realmente nos deu algum espaço e ficou no bar conversando com o proprietário, enquanto Anna e eu nos instalamos em um recanto aconchegante. A equipe foi informada sobre nossa vinda para que não fosse um choque, mas alguns dos clientes nos lançaram

olhares curiosos. Nosso jantar repercutiria e seria a principal fofoca nas próximas semanas, mas não era como se já não houvesse certas especulações. Minha reputação como uma espécie de Casanova era amplamente conhecida entre as mulheres da Outfit.

— Adoro que não tenhamos mais que nos esconder, — disse Anna. Ela tomou um gole de seu Pinot Grigio, parecendo relaxada e feliz. Era uma das minhas expressões favoritas em seu rosto. Isso e seu rosto torcido pela luxúria, que eu tentaria ver esta noite.

— Estou feliz que seus pais estejam dispostos a considerar um mero guarda-costas para você. Muitos pais em seu lugar gostariam de uma combinação melhor.

— O que poderia ser melhor do que alguém que me faz feliz e que está disposto a arriscar sua vida por mim?

— Então você não se importaria de ser casada com um soldado?

Anna apertou os lábios. — Não preciso de um subchefe, capitão ou capo para me sentir validada. Quero um homem que me ame, só isso.

— E esse homem na sua frente te ama com cada centímetro de seu corpo cheio de cicatrizes.

— Eu também te amo.

Apertei a mão dela. Mal podia esperar para ficar sozinho com ela. Talvez agora fosse um bom momento para fazer o pedido, mas não queria fazer isso em público. Queria que fosse apenas Anna e eu.

Eram nove e quarenta quando nós três saímos juntos do restaurante. Leonas apontou para um bar do outro lado da rua.

— Vou tomar uma bebida. Me peguem em uma hora, para chegarmos em casa a tempo.

Bati na sua mão. — Obrigado.

Anna abraçou o irmão. — Você é o melhor.

— Sim, sim. Limpe o banco de trás antes que eu tenha que sentar nele, está bem?

Ela bateu no ombro dele e ele atravessou a rua com um aceno. Peguei sua mão e gentilmente a empurrei em direção ao carro.

— Entre. Não temos muito tempo.

— Nós temos uma hora, — Anna disse com uma risada enquanto se sentava no banco do passageiro.

— Isso não é o suficiente para compensar o tempo perdido, — murmurei. Acelerei, determinado a encontrar um bom lugar para estacionar o mais rápido possível. Entrei no estacionamento de um restaurante que havia fechado para reformas recentemente. Exceto pelas luzes fracas perto do prédio para evitar arrombamentos, o estacionamento estava escuro. Pisei no freio e desliguei o motor para que as luzes se apagassem.

Anna deu uma risadinha. — Você está muito ansioso. Como vai conseguir fazer alguma coisa neste espaço estreito com seus ferimentos?

Ela tinha um ponto. Eu era ágil para minha estrutura alta, mas com meus ferimentos, não seria capaz de me contorcer o suficiente. — Droga.

Anna olhou ao redor.

— Nós faremos funcionar, — falei e empurrei meu assento todo para trás, em seguida, movi o encosto para uma posição meio deitada. Anna se virou para mim e imediatamente começou a trabalhar no meu zíper, liberando meu pau, e então seus lábios já se fecharam em volta da minha ponta, me fazendo assobiar por entre os dentes. Eu não era o único ansioso por isso. Entrelacei meus dedos no cabelo de Anna, desejando poder vê-la, mas o escuro era nosso amigo.

Anna me levou cada vez mais fundo em sua boca até que realmente tive que me concentrar em não gozar tão cedo. Porra, ainda estava em má forma.

— Pare, — resmunguei, e puxei seu cabelo levemente então mais forte quando ela não parou. Ela me soltou e sua boca encontrou a minha em um beijo confuso. Empurrei a porta, mas não parei de beijá-la, simplesmente não conseguia parar.

Finalmente, me desvencilhei e saí do carro. Contornei o capô e abri a porta de Anna. Agarrei suas pernas e as puxei para fora do carro para que sua bunda

descansasse na borda do assento. Ajoelhei-me no asfalto frio, não para fazer o pedido, mas para adorar a boceta de Anna. Meu corpo doía, mas ignorei. Nada me impediria do que eu queria fazer por semanas. Deslizei as mãos sob seu vestido e puxei sua calcinha para baixo, em seguida, abaixei minha cabeça. Meus lábios encontraram a parte interna de sua coxa, em seguida, lentamente se arrastaram para dentro até que escovei suas dobras escorregadias. Anna respondeu com um gemido, seus dedos agarrando meu cabelo. Eu não provoquei, não joguei. Mergulhei direto, chupando seu clitóris em minha boca. Não tínhamos muito tempo e queria dar a Anna o máximo de prazer possível.

Ela gritou e pressionou sua boceta com mais força contra o meu rosto. Empurrei dois dedos na boceta de Anna e ela me recompensou com um orgasmo rápido. — Vamos trocar de lugar.

Anna se levantou e eu tomei seu lugar, então a virei e a puxei para o meu colo. Nós dois gememos quando a preenchi completamente. Por um momento, nos permitimos saborear a sensação antes de eu agarrar os quadris de Anna e começar a guiar seus movimentos enquanto ela me montava de costas para mim. Alcancei seu clitóris, pressionando meus dedos contra ele. Anna gemeu alto. Se alguém estivesse no estacionamento, ou apenas passando, definitivamente ouviriam, mas não me importei. Era o meu som favorito no mundo. Nada mais importava. Logo nossos movimentos se tornaram erráticos, mais famintos, desesperados pela libertação um do outro. Eu me segurei, esperando Anna cair do penhasco primeiro e quando ela finalmente caiu, toda a tensão desapareceu e me perdi nela.

Ela caiu para trás, inclinando-se contra o meu peito. Dei um beijo sem fôlego em sua bochecha. Nós rapidamente nos limpamos e arrumamos nossas roupas antes de eu puxar Anna para baixo no meu colo e passar meus braços ao redor dela.

— Não quero parar com isso mesmo quando estivermos casados, — ela sussurrou.

— Fazer sexo? Posso garantir que não vai parar mesmo quando estivermos

velhos e cinzentos.

Seu corpo vibrou com o riso. — Não, Sonny, o sexo sorrateiro em estacionamentos, os beijos roubados e rapidinhas no banheiro.

— Não precisam parar.

Anna assentiu e apontou para seu relógio de pulso.

— Nós precisamos ir.

Pegamos Leonas cinco minutos depois e voltamos para a mansão Cavallaro. Ainda não tinha pedido Anna em casamento. Não pareceu certo, mas quando estacionei na frente da mansão, sabia exatamente a hora e o lugar certo para fazer o pedido.

Segurei a mão de Anna enquanto caminhávamos até a porta da frente. Leonas deu alguns passos para trás como se pudesse sentir que eu tinha algo planejado. Ele foi surpreendentemente tolerável no caminho de volta para casa de qualquer maneira, sem fazer perguntas irritantes. Dante e Val abriram a porta para nós.

— Posso entrar por um segundo? — Perguntei, me sentindo nervoso.

Dante bloqueou o olhar com o meu e suas sobrancelhas se juntaram, então ele deu um pequeno aceno de cabeça. Ele sabia o que eu tinha planejado e aprovava? Ou eu estava lendo mais sobre isso porque sabia que era um movimento arriscado logo após o casamento fracassado de Anna. Mas os pais dela ficaram no escuro por muito tempo, eles mereciam fazer parte da nossa jornada a partir de agora. Mas quem disse que ela não diria não para mim também? Essa mulher tinha largado Clifford na frente de um padre e centenas de convidados.

Anna inclinou a cabeça com curiosidade. Dante, Val e Leonas ficaram de lado, mas também tinham um ar de expectativa em torno deles.

Limpei a garganta e peguei as duas mãos de Anna nas minhas antes de me ajoelhar.

Os lábios de Anna formaram um O, e seus pais e irmão trocaram olhares. Tirei do bolso o anel de noivado que havia comprado ontem e o apresentei a

Anna. — Meu coração nunca quis mantê-la em segredo porque sabia o tempo todo que você era a mulher para mim. Você me controla, mas nunca me fez sentir preso. Seu humor afiado e sua língua ainda mais afiada me mantêm na ponta dos pés. Eu quero passar o resto da minha vida com você. Você quer se tornar minha esposa?

Meu coração batia forte no meu peito enquanto esperava Anna dizer alguma coisa. Seu olhar disparou brevemente para seus pais e no segundo que levou para Dante assentir e Val sorrir meu pulso atingiu níveis preocupantes. Minhas feridas doíam a cada batida do coração, mas sofria com prazer pela resposta de Anna.

Ela sorriu para mim e apertou minha mão. — Sim, definitivamente sim. E desta vez direi sim na igreja também.

Me levantei e passei meus braços ao redor dela para um beijo, oprimido pelo alívio, então coloquei o anel no dedo de Anna. E pela primeira vez, ela parecia oficialmente minha.

Capítulo 36

ANNA

— E? — Mamãe perguntou com um pequeno sorriso. — Você está nervosa?

Mamãe me fez a mesma pergunta no dia do meu casamento cancelado com Clifford e eu disse ‘não’ sem hesitar. Hoje a situação era muito diferente. Meu estomago estava agitado pelo nervosismo, meu coração acelerado.

— Sim.

Não estava nervosa porque duvidava da minha decisão de casar com Santino. Não havia dúvida em minha mente. Eu amava Santino e ele me amava. Ele me enlouqueceria até a eternidade e eu continuaria pressionando todos os seus botões, e o conhecimento me deixava ridiculamente feliz. Minha falta de nervosismo no meu casamento cancelado deveria ter sido um sinal de alerta. Eu me sentia estranhamente calma. Não era a calma que vinha da certeza. Eu estava me protegendo enterrando minhas emoções. Não me importava naquele momento porque era a única maneira de continuar com o casamento.

Mamãe tocou minha bochecha. — Posso dizer que é o bom tipo de nervosismo.

Sorri. — Oh sim.

Mamãe assentiu. — Hoje vou vê-la subir ao altar com um bom pressentimento.

— E papai? — Perguntei. Papai sempre apreciou Santino, como meu guarda-costas e até que descobriu que ele e eu estávamos transando.

— Seu pai gosta mais de Santino do que de Clifford, isso é certo, mas ele definitivamente terá que compensar por ter passado tanto tempo o traindo. Isso não é algo que seu pai tolera. Pedir sua mão na nossa frente foi o primeiro passo

e ele vem provando a si mesmo todos os dias desde então.

— Mas também o traí, então não só Santino é culpado.

— Oh, não se preocupe, querida. Você também tem muito que compensar.

Beijei sua bochecha. Estava tentando ser o mais aberta possível com meus pais nos oito meses desde que Santino pediu minha mão.

— Não vou mentir para vocês de novo. — Então sorri. — E tenho certeza que em breve você terá o suficiente para se preocupar com Leonas.

Mamãe suspirou. — Veremos. — Ela olhou para seu elegante relógio de ouro. — Temos que nos apressar. Está quase na hora.

Ela me ajudou a colocar meu vestido.

Mamãe balançou a cabeça com um olhar de admiração.

— Este vestido é absolutamente deslumbrante. Estou feliz que tenha decidido desenhar seu próprio vestido de noiva desta vez.

— Desta vez significa o suficiente para mim que eu queria me esforçar.

— E da última vez você provavelmente sabia no fundo que não seguiria com o casamento no final.

Balancei a cabeça, no fundo eu provavelmente sempre soube disso.

Amei tudo no vestido. Encontrei inspiração na natureza, como sempre fazia com meus designs recentes. Para o meu vestido de noiva, me inspirei em um lírio de calla. Olhei para a linda flor por dias enquanto desenhava meu vestido e depois toquei as flores até encontrar o tecido de seda certo para imitar a sensação das pétalas.

Meu vestido era como um lírio de cabeça para baixo. A saia era mais curta na frente e atrás tinha uma cauda levemente pontiaguda como a pétala da flor. O vestido parecia tão macio quanto a pétala, e ainda mais suave ao toque, mas não tão liso quanto a seda. Havia uma qualidade aveludada nele. Mas minha parte favorita era a suave progressão de cores. Era um efeito degrade sutil com a cauda do vestido sendo branca e, em seguida, no nível dos meus joelhos, uma mudança tornava-se lentamente visível aos olhos de branco perolado para um tom azulado sutil. Encontrei um cultivo raro de calla com um gradiente de cor

branco-azulado e imediatamente me apaixonei. Meu corpete era de um azul claro com fios prateados e rendas. Eu havia escolhido joias de ouro branco, com os brincos e o pingente em forma de lírio de calla. O azul do vestido acentuava o azul dos meus olhos, e meus sapatos também tinham uma sutil mudança de cor do branco para o azul. Meu buquê de noiva era cheio composto apenas de lírios brancos.

Era fora do comum e certamente causaria um pouco de agitação. Mas eu queria fazer uma declaração. Como disse a Santino uma vez, não queria seguir uma tendência. Queria criar uma.



Quando encontrei papai na frente das portas duplas da igreja, sua expressão era terna.

— Hoje você se parece com a Anna que eu mais amo.

Lágrimas brotaram em meus olhos. — Pai, não me faça chorar!

Apertei seu braço com força e dei um beijo leve em sua bochecha.

— Eu também te amo, e hoje me sinto a Anna que mais gosto. Eu me sinto eu mesma.

— Então vale a pena.

Dei-lhe um sorriso agradecido. Seu apoio significava muito para mim. Queria agradar o papai. Ele era um modelo para mim e seu apoio contínuo, mesmo depois de não ter seguindo em frente com o casamento com Clifford, só aumentou meu amor e admiração por ele.

— Preparada? — Ele perguntou baixinho.

— Hoje eu estou.

As portas se abriram e papai e eu entramos na nave.

Meus olhos se concentraram em Santino e nada mais importava. Todos os outros sons ao meu redor desapareceram no fundo. Meu coração batia forte em

meus ouvidos e tive que reprimir um sorriso largo, mas meu sorriso era definitivamente mais largo do que normalmente permitia que fosse em público.

Santino estava maravilhoso em um terno de linho azul sob medida com uma camisa branca e um lírio branco no bolso do peito. Ele não estava usando gravata normal ou borboleta. Eu lhe pedi que não usasse porque sabia que ele odiava. Seus olhos nunca deixaram os meus e tudo se encaixou.

Quando cheguei ao lado de Santino, ele deu um beijo curto em meus lábios, quebrando o protocolo, outra razão pela qual o amava.

Não me importava se os outros aprovavam nosso amor ou como o demonstrávamos.

Nós demos as mãos enquanto encaramos o padre. Era outro padre. Não queria que nenhuma parte do meu quase casamento com Clifford estragasse este dia.

Desta vez o meu ‘sim’ saiu sem hesitação e encheu a grande igreja com a sua certeza.

Santino colocou o anel de sua falecida mãe no meu dedo e pude ver em seu rosto o quanto isso significava para ele. Seu pai lhe deu logo após nosso noivado porque Frederica não precisava dele. Eu realmente gostaria de ter conhecido a mãe de Santino.

— Você pode beijar a noiva.

Santino segurou minhas bochechas e baixou seus lábios nos meus.

Mal podia acreditar que finalmente estávamos autorizados a ficar um com o outro, que finalmente tínhamos a bênção de nossas famílias. Talvez pudéssemos ter conseguido antes se tivéssemos tentado. Se eu tivesse a coragem de romper meu casamento com Clifford mais cedo, mas talvez a longa jornada para ficarmos juntos nos fizesse apreciar muito mais um ao outro e nosso vínculo.

De mãos dadas, passamos por nossos convidados aplaudindo. Bea andava na nossa frente, jogando pétalas de rosas brancas no chão. Sofia e Luisa me deram um polegar para cima, e até Frederica sorriu brilhantemente para mim.

Mamãe estava chorando, algo que nunca tinha visto em público e ela rapidamente enxugou os olhos e deu a papai um sorriso envergonhado. Ele esfregou o braço dela. Leonas piscou para mim. Seria a sua vez a seguir.

Lá fora, nuvens escuras estavam subindo e uma gota de chuva ocasional explodiu em meus braços nus.

— Espero que não chova, então não poderemos fazer nossa recepção lá fora.

Santino apertou minha mão. — Não importa se chover ou cair uma tempestade, nada pode estragar este dia.

Mordi meu lábio. — Mas planejamos nossa recepção para um tempo bom, conforme a previsão. Precisamos de sol.

— Não. Para sempre com você é tudo que eu preciso, — ele murmurou antes que seus lábios encontrassem os meus novamente e eu fechei meus olhos.

A chuva suave caiu sobre nós, mas sorri contra seus lábios.

— Para sempre.

FIM

Notes

[←1]
Meme de gatinho mal-humorado.

[←2]

MILF/Mom I'd Like to Fuck. Mãe que eu gostaria de foder. Nesse caso o Arturo fez uma brincadeira em que chama o Santino de Exterminador de MILF's.